UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

MARIE-THÉRÈSE CÉCILE LÉVÊQUE E O INSTITUTO DE SERVIÇO SOCIAL (1935-1946). HISTÓRIA E MEMÓRIA

(Apêndices e Anexos)

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de Doutor em Serviço Social

Por

Maria Isabel Rodrigues dos Santos

Faculdade de Ciências Humanas

Novembro de 2021

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

MARIE-THÉRÈSE CÉCILE LÉVÊQUE E O INSTITUTO DE SERVIÇO SOCIAL (1935-1946). HISTÓRIA E MEMÓRIA

(Apêndices e Anexos)

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de Doutor em Serviço Social

Por

Maria Isabel Rodrigues dos Santos

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação do
Prof. Doutor Francisco José do Nascimento Branco e
co-orientação do Prof. Doutor Paulo Fernando de Oliveira Fontes

Novembro de 2021

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A	Sequência de pesquisa e recolha das fontes documentais
Apêndice B	Fontes documentais: locais de pesquisa; tipologia e descrição da documentação coligida
Apêndice C	Elenco de recortes de imprensa, 01/01/1935 a 31/12/1945. Temas: Instituto de Serviço Social; Marie-Thérèse Lévêque
Apêndice D	Projecto "Ao encontro da memória" – guião de entrevista, CESSS/UCP (2005)
Apêndice E	Transcrição de entrevista a Maria Helena de Medeiros e Albuquerque Teixeira Beltrão (2005)
Apêndice F	Guião de entrevista às primeiras alunas formadas no Instituto de Serviço Social (2011)
Apêndice G	Transcrição de entrevista a Maria Helena de Medeiros e Albuquerque Teixeira Beltrão (2011)
Apêndice H	Ascendentes e irmãos de Marie-Thérèse Cécile Lévêque (1901-1974)
Apêndice I	Quadro comparativo dos planos de estudos do Instituto de Serviço Social (1935, 1939, 1944)

LISTA DE ANEXOS

Anexo A "Querida amiga Maria Leonor, aqui lhe envio […]. Pôrto, 8 Fev. 1974" (carta de Maria Celeste Cardoso a Maria Leonor Botelho). Documento manuscrito com duas páginas. *In* Pasta "Apontamentos sobre a memória da Mlle. Lévêque". L.d.: Espólio pessoal de Maria Leonor Corrêa Botelho (Escalos de Cima), sem tratamento arquivístico

Anexo B "Cópia do Livro de Ouro oferecido como homenagem a Mlle. Marie-Thérèse Lévêque pelas alunas finalistas do Instituto de Serviço Social de Lisboa. 4 de Junho de 1942". Documento dactilografado com sessenta e seis páginas. L.d.: Arquivo Histórico e Biblioteca do Patriarcado de Lisboa, Fundo Arquivístico de D. Manuel Gonçalves Cerejeira, PT/AHPL/PAT14-SP/S-04/01/07

Anexo C "Bedford College for Women (University of London). Social Studies Department. Form of Entrance. Marie-Thérèse Cécile Lévêque [1932]". Documento dactilografado e manuscrito com uma página. L.d.: Archives, Royal Holloway, University of London. BC AL 200/72, file 5682

Anexo D "École des Surintendantes. Livret appartenant à Mlle. Lévêque M. Thérèse [1925-26]". Documento dactilografado e manuscrito com dezasseis páginas. L.d.: ETSUP (Paris), Depósito de Arquivo ASUSS / Dossier d´Élève, 16ème cours (sem tratamento arquivístico)

Anexo E "Association des Surintendantes d´Usines et de Services Sociaux. Programme des Cours et Stages [1925]". Documento dactilografado com três páginas. L.d.: ETSUP (Paris), Depósito de Arquivo ASUSS (sem tratamento arquivístico)

Anexo F "This is to certify that Mlle. Marie T. C. Lévêque […]. 23rd June, 1933". Documento dactilografado com uma página. L.d.: Archives, Royal Holloway, University of London. BC AL 200/72, file 5682

Anexo G "Relation du séjour de Mlle. Lévêque à Londres". *Union des Femmes de France. Bulletin Mensuel*, 14ème année, n.º 4, avril 1933, pp. 436-447. L.d.: Croix-Rouge Française / Département des Archives Historiques (Paris)

Anexo H "Union Catholique Internationale de Service Social. 1re conférence. Milan 17-19 octobre 1925" – quadro comparativo das escolas sociais católicas, por país. Documento dactilografado com quatro páginas. L.d.: CARHOP (Bruxelas), Fundo UCISS, Fardo 289

Anexo I "Extraits d´une lettre de Madame da Comtesse de Rilvas. 5 Juin 1934". Documento dactilografado com uma página. L.d.: CNAEF (Paris), Fundo UCSS / 5 LA 49, Dossier 287

Anexo J "Chère amie, il y a 5 jours je vous ai fait envoyer […]. Le 1er juillet [1934]". Apenso dactilografado, com uma página (Bibliothèque-type). L.d.: CNAEF (Paris), Fundo UCSS / 5 LA 49, Dossier 287

Anexo K "[Projet de contrat]. Monsieur X. représentant le Patriarcat et Mlle. Lévêque ou Le Comité d´organisation […]. [Paris, Décembre 1934]". Documento dactilografado com uma página. L.d.: CNAEF (Paris), Fundo UCSS / 5 LA 49, Dossier 287

Anexo L "Début de projet d´un règlement de l´école de service social. [Paris, Décembre 1934]". Documento dactilografado com uma página. L.d.: CNAEF (Paris), Fundo UCSS / 5 LA 49, Dossier 287

Anexo M "Madame, vous avez bien fait […]. Paris, le Janvier 1935". Apenso dactilografado, com três páginas (Projet de contrat – notas explicativas). L.d.: CNAEF (Paris), Fundo UCSS / 5 LA 49, Dossier 287

Anexo N "Madame, vous avez bien fait […]. Paris, le Janvier 1935". Apenso dactilografado, com uma página (Début de projet d´un règlement de l´école de service social – notas explicativas). L.d.: CNAEF (Paris), Fundo UCSS / 5 LA 49, Dossier 287

Anexo O s/a (1935), *Instituto de Serviço Social*, Lisboa: Imprensa Lucas e C.ª. L.d.: CNAEF (Paris), Fundo UCSS / 5 LA 49, Dossier 287

Anexo P *Novidades*, 1935, Ano L, n.º 12.377, 18 de Março (2.ª feira). *A Voz*, 1935, Ano IX, n.º 2.901, 18 de Março (2.ª feira). L.d.: ETSUP (Paris), Depósito de Arquivo ASUSS / Dossier d´Élève, 16ème cours (sem tratamento arquivístico)

Anexo Q Estatutos da Associação de Serviço Social, 1935. Documento dactilografado e manuscrito com oito páginas. L.d.: UCP (Lisboa), CRC-W / Centro de Documentação Margarida Abreu, PT/UCP/CRCW/CDMA/E/013

Anexo R "Instituto de Serviço Social. Sob a égide de Sua Eminência […]. [1936]". Documento dactilografado com sete páginas. L.d.: ANTT (Lisboa), Fundo do Ministério do Interior / Gabinete do Ministro, Mç. 483, [pt. 3/1] (NP 355), ANTT//PT/TT/MI-GM/4-3/99

Anexo S "Ex.ma Senhora Condessa de Rilvas […]. Cascaes, 30 de Agosto de 1941" (carta de Maria Lenor Botelho à condessa de Rilvas). Documento dactilografado com uma página. L.d.: Espólio pessoal de Maria Leonor Corrêa Botelho (Escalos de Cima), sem tratamento arquivístico

Anexo T "Ex.ma Senhora D. Maria Leonor Correia Botelho […]. Lisboa, 1 de Setembro de 1941". Documento dactilografado com uma página. L.d.: Espólio pessoal de Maria Leonor Corrêa Botelho (Escalos de Cima), sem tratamento arquivístico

Anexo U "Ex.ma Senhora D. Maria Leonor Correia Botelho […]. Lisboa, 13 de Setembro de 1941". Documento dactilografado com uma página. L.d.: Espólio pessoal de Maria Leonor Corrêa Botelho (Escalos de Cima), sem tratamento arquivístico

Anexo V "Ex.ma Senhora Condessa de Almoster […]. Escalos de Cima, 3/X/1941". Documento manuscrito com uma página. L.d.: Espólio pessoal de Maria Leonor Corrêa Botelho (Escalos de Cima), sem tratamento arquivístico

Anexo W Decreto-lei n.º 30.135, de 14 de Dezembro de 1939

Anexo X Planos de estudos do Instituto de Serviço Social, 1944. *In* "Exposição acerca do Instituto de Serviço Social entregue ao Ministro da Educação Nacional em Outubro de 1944". Documento dactilografado com sessenta páginas, pp. 321-325. L.d.: ANTT (Lisboa), Fundo da Presidência do Conselho de Ministros / Arquivo Salazar / Correspondência Oficial / Educação / Educação-diversos (1928-1968), AOS/CO/ED-1G, Pasta 7, Fls. 303-362

Anexo Y *A Voz*, 1935, Ano IX, n.º 3.151, 27 de Novembro (4.ª feira)

Anexo Z Pedidos de colaboração e de orientação social de entidades oficiais e particulares, 1935-44. *In* "Exposição acerca do Instituto de Serviço Social entregue ao Ministro da Educação Nacional em Outubro de 1944". Documento dactilografado com sessenta páginas, pp. 342-343. L.d.: ANTT (Lisboa), Fundo da Presidência do Conselho de Ministros / Arquivo Salazar / Correspondência Oficial / Educação / Educação-diversos (1928-1968), AOS/CO/ED-1G, Pasta 7, Fls. 303-362

Anexo AA "Minhas queridas alunas do Instituto […]. Lisboa, 4 de Fevereiro de 1942". Documento manuscrito com quatro páginas. L.d.: Espólio pessoal de Maria Leonor Corrêa Botelho (Escalos de Cima), sem tratamento arquivístico

Anexo AB "Exm.º Senhor Sub-Secretário da Assistência Social […]. Lisboa, de Agosto de 1942". Documento dactilografado e manuscrito com quatro páginas. L.d.: Espólio pessoal de Maria Leonor Corrêa Botelho (Escalos de Cima), sem tratamento arquivístico

Anexo AC Corpo docente do Instituto de Serviço Social – Professores, [1944]. Documento dactilografado com cinco páginas. L.d.: Arquivo Histórico e Biblioteca do Patriarcado de Lisboa, Fundo Arquivístico de D. Manuel Gonçalves Cerejeira, PT/AHPL/PAT14-SP/S-04/02/005

Anexo AD Personalidades estrangeiras em visita ao Instituto de Serviço Social, 1935-44. *In* "Exposição acerca do Instituto de Serviço Social entregue ao Ministro da Educação Nacional em Outubro de 1944". Documento dactilografado com sessenta páginas, p. 341. L.d.: ANTT (Lisboa), Fundo da Presidência do Conselho de Ministros / Arquivo Salazar / Correspondência Oficial / Educação / Educação-diversos (1928-1968), AOS/CO/ED-1G, Pasta 7, Fls. 303-362

Anexo AE Lévêque, Marie-Thérèse (1937), "Le service social est-il une profession?", UCISS, *Compte Rendu des Journées Internationales d'Études pour les Auxiliaires du Service Social*. Paris, 11-13 juillet 1937, Anvers: S.C. Lux Imprimerie, pp. 58-79. L.d.: CARHOP (Bruxelas), Fundo UCISS, Fardo 304

Anexo AF "Réponse au R.P. Riquet (séance du 12 juillet matin). Mlle. M. Th. Lévêque: Directrice du Instituto de Serviço Social, Lisbonne - Portugal. [1937]". Documento manuscrito com nove páginas. L.d.: CARHOP (Bruxelas), Fundo UCISS, Fardo 336

Anexo AG Estatutos da Associação das Assistentes Sociais e Educadoras Familiares do Instituto de Serviço Social, 1943. *In Candeia*, n.º 7, Novembro de 1943, pp. 6-8. L.d.: Espólio pessoal de Maria Leonor Corrêa Botelho (Escalos de Cima), sem tratamento arquivístico

Anexo AH "Eminentíssimo Senhor, cumpre-me comunicar […]. Lisboa, 19 de Janeiro 1944" (texto de Eugénia de Moura Borges Magalhães ao cardeal patriarca de Lisboa). Documento dactilografado com uma página. L.d.: Arquivo Histórico e Biblioteca do Patriarcado de Lisboa, Fundo Arquivístico de D. Manuel Gonçalves Cerejeira, PT/AHPL/PAT14-SP/S-04/01/011

APÊNDICES

Apêndice A

Sequência de pesquisa e recolha das fontes documentais

Sequência de pesquisa e recolha das fontes documentais

«[…] dada a ausência em Portugal de alguém com formação profissional em Serviço Social e de programas curriculares, foi contactada a **'*Union Catholique des Services de Santé et des Services Sociaux*' de Paris**, que enviará a técnica da empresa Citroën, Mlle. Maria Thérese Lévêque para instalar a escola […]. 'A Sr.ª D. Marie Thérese Lévêque nasceu em França em 1901 […]. Fez em França os seus estudos e lá obteve sucessivamente os diplomas de Enfermeira da Cruz Vermelha, o de 'Intendente de Fábricas' e o diploma de Serviço Social, foi terminar como aluna delegada, a sua formação mental e profissional, no **Bedford College for Women, da Universidade de Londres** onde seguiu um curso internacional de Serviço Social'» (Henriquez, 1991: 18-19)

Paris, Nov. 2011
Centre National des Archives de l´Église de France: Fundo UCSS

Paris, Nov. 2011
Françoise Collantier, antiga presidente da UCSS **(espólio pessoal)**

Correspondência entre a UCSS e o Patriarcado de Lisboa, sobre o ISS, via condessa de Rilvas

Lisboa, Dez. 2011
Arquivo Histórico e Biblioteca do Patriarcado de Lisboa: Fundo D. Manuel G. Cerejeira

Menção à possível entrega da direcção do ISS à Sociedade das Filhas do Coração de Maria

Lisboa, Dez. 2011
Sociedade das Filhas do Coração de Maria, Arquivo Histórico

Londres, Out. 2010
Royal Holloway, University of London, College Archives & Special Collections (Bedford College for Women)

Naturalidade e data de nascimento de Marie-Thérèse Lévêque

Aisne, Jul. 2011
Mairie de Charly-sur-Marne

Archives Départementales de l´Aisne

Família ANORGA, descendência colateral de Marie-Thérèse Lévêque

Lisboa, 2011
Hemeroteca Municipal de Lisboa

Menção a Maria Leonor Corrêa Botelho, em vários recortes de imprensa sobre o ISS

Castelo Branco, 2011
Maria Leonor Corrêa Botelho, assistente social formada no ISS, 1939 **(espólio pessoal)**

Menção à condecoração de Marie-Thérèse Lévêque, tida em Portugal, 1943

Lisboa, Mai. 2011
Chancelaria das Ordens Honoríficas Portuguesas, Arquivo

Correspondência com a Union Catholique Internationale de Service Social, sobre o ISS

Bruxelas, Jul. 2011
Centre d´Animation et de Recherche en Histoire Ouvrière et Populaire: Fundo UCISS

Percurso de formação de Marie-Thérèse Lévêque, 1901 a 1933

Paris, Nov. 2010 — Pensionnat de la Croix, 1910-1914
Archives Municipales de Soissons

Association Scolaire Saint-Rémy

Paris, Nov. 2010 — Institut Jeanne d´Arc, 1916-1918
École Privée Sainte Jeanne d´Arc, Gagny

Paris, Mar. 2011 — Curso de enfermagem da UFF, 1924-1925
Croix Rouge Française, Département des Archives Historiques

Paris, Mar. 2011 — Curso de surintendante d´usines, 1925-1926
École Supérieure de Travail Social: Fond Association des Surintendantes d´Usines et des Services Sociaux

Recortes de imprensa dos jornais *Novidades* e *A Voz*, 1935

Paris, Mar. 2011 — Estudos psicotécnicos no Hôpital Henri Rousselle, 1928
Bibliothèque Médicale Henri Ey

Paris, Mar. 2011 — Estudos em História da Arte na École du Louvre, 1929
Bibliothèque de l´École du Louvre

Paris, Nov. 2010 — Estudos em Filosofia na Sorbonne, 1930-1931
Rectorat de l´Académie de Paris, Service des Archives

Archives de France, Centre d´Accueil et de Recherche

Genebra, Dez. 2010 — Estudos sociais no Bedford College for Women, 1932-1933
Fédération International des Sociétés de la Croix-Rouge et du Croissant-Rouge, Bibliothèque et Archives

Percurso profissional de Marie-Thérèse Lévêque, 1927 a 1932

Paris, Nov. 2010 — Société de Secours Mutuels de la ville de Paris, 1927-1929
Centre de Ressources Documentaires Multimédia du Ministère du Travail, de l´Emploi et de la Santé

Paris, Jan.-Fev. 2011 — Société Anonyme André Citroën, 1929-1934
Centre d´Archives de Terre Blanche

INCURSÕES ISOLADAS

Centre d´Études, de Documentation, d´Information et d´Action Sociales – Musée Social — Paris, Jul. 2011

Cruz Vermelha Portuguesa, Biblioteca e Arquivo histórico

UCP, CRC-W – Centro de Documentação Margarida Abreu

Biblioteca Nacional de Portugal

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Pistas emanadas das fontes documentais, que encaminharam para novos locais de pesquisa

Apêndice B

Fontes documentais: locais de pesquisa; tipologia e descrição da documentação coligida

Fontes documentais: locais de pesquisa; tipologia e descrição da documentação coligida

Bélgica: Bruxelas				
Entidade	**Recolha doc.**		**Documentação coligida**	
	Sim	**Não**	**Tipologia**	**Descrição**
Centre d´Animation et de Recherche en Histoire Ouvrière et Populaire (CARHOP) **Fundo:** Union Catholique Internationale de Service Social (UCISS)	×		Estatutos e outros documentos da UCISS	**1927:** estatutos; ~ **1933:** folheto informativo (inclui: "comité de patronage"; objectivo e constituição; membros; congressos e reuniões do comité; actividade do secretariado; composição do "bureau"); **1933:** dossier documental (historial; membros)
			Actas e outros documentos das conferências internacionais da UCISS	**1925, Milão:** publicações *Les écoles sociales catholiques* e *Discours de clôture de la première conférence internationale de travail social*; listagem de escolas católicas de serviço social **1926, Bruxelas:** folheto de divulgação da II conferência; publicação *La IIe conférence catholique internationale de travail social*; publicação do discurso de encerramento, *La préparation à l´action sociale catholique* **1927, Aix-la-Chapelle:** folheto de divulgação da III conferência; publicação *La IIIe conférence catholique internationale de service social* **1929, Paris:** folheto de divulgação da IV conferência; publicação *La IVe conférence catholique internationale de service social. L´aide du service social a la famille* **1935, Bruxelas:** publicações *Rapports généraux* e *Travaux des Séances*
			Actas e outros documentos das Journées Internationales d´Études pour les Auxiliaires du Service Social	**1937, Paris:** discurso de abertura; actas da sessão "Le secret professionnel du service social"; actas da sessão "Service social et profession" (inclui prelecção de Marie-T. Lévêque, "Le service social est-il une profession?"); actas da discussão, com reacções à prelecção de Marie-T. Lévêque; conclusão; discurso de encerramento **1937:** resposta de Marie-T. Lévêque à intervenção de R. P. Riquet
			Actas das reuniões do "Bureau" da UCISS	**(A DESTACAR) 03/02/1927:** "Le diplôme de capacité"; **04/04/1927:** "Négociations avec l´internationale de charité – attitude à prendre vis-à-vis du congrès de Paris"; "Changement de nom de l´Union"; "Les catholiques peuvent-ils adhérer à la conférence internationale neutre de service social organisée par la Croix Rouge?"; **17/12/1928:** "Association internationale (neutre) des écoles de service social"; **23/04/1931:** "Conférence internationale de service social de Frankfort. Participation

				des auxiliaires sociales"; **23/03/1932:** "Propagande pour la fondation de nouvelles écoles catholiques de service social"; **04-05/01/1933:** "Notions du service social et de l´auxiliaire sociale"; "Associations d´A.S."; **08-09/02/1936:** "Extension de l´Union Catholique Internationale de Service Social"; "Les suites du congrès – propagande- nouvelles écoles"; "Préparation de la conférence internationale de service social à Londres"; "L´étude du secret professionnel – journées internationales de Paris 1937"; **31/03/1937:** "Journées d´études internationales a Paris"; **08-09/01/1938:** "Rapport d´activité de l´Union Catholique Internationale de Service Social"; **05-06/01/1939:** "Le problème des directrices"; "Prochain congrès de l´Union Cath. Internationale de Service Social"; "Conférence internationale neutre de service social"; "Formation des personnes employées dans le service social"; "Comité de Patronage"
			Actas das reuniões do "Comité" da UCISS	**(A DESTACAR) 22-23/03/1930:** "Les méthodes de formation dans les écoles catholiques de service social"; **08-10/07/1932:** "Participation à la conférence de service social de Francfort"; "Création de nouvelles écoles"
			Boletim de informação da UCISS	**Primeira série:** n.º 1, Dez. 1930; n.º 2, Mar. 1931 **Segunda série:** n.º 1, Out. 1936; n.º 2, Mai. 1937; n.º 3, Out. 1937; n.º 4, Fev. 1938; n.º 5, Jun. 1938; n.º 6, Out. 1938; n.º 7, Fev. 1939; n.º 8, Jun. 1939; n.º 9, Out. 1939; n.º 10, Fev. 1940; n.º 11, Mar. 1946; n.º 12, Jun. 1946; n.º 13, Set. 1946; n.º 14, Dez. 1946
			Textos não publicados	**[s.d.]:** "Programme type pour le cours de philosophie morale catholique à donner dans les écoles sociales catholiques" **[s.d.]:** "Programme type pour le cours de religion à donner dans les écoles sociales catholiques"
			Candeia – Boletim da Associação das Assistentes Sociais e das Educadoras Familiares do ISS	N.º 12, [s.d.]; n.º 16, Jan.-Fev. 1947; n.º 17, Mar.-Abr. 1947
			Correspondência	**Mar. 1946 a Jul. 1951:** entre a UCISS e a Associação das Assistentes Sociais e das Educadoras Familiares do ISS

França: Charly-sur-Marne; Soissons; Paris				
Entidade	**Recolha doc.**		**Documentação coligida**	
	Sim	**Não**	**Tipologia**	**Descrição**
Mairie de Charly-sur-Marne	✕		Cartas postais Livro de registo de nascimentos, casamentos e óbitos Registo de campa familiar	~ **1900-1910:** quotidiano em Charly-sur-Marne; farmácia Lévêque **1901 e 1974:** registos de nascimento e óbito de Marie-T. Lévêque **2007:** levantamento de defuntos na campa familiar Lévêque/Demarly
Archives Départementales de l´Aisne	✕		Livro de registo de nascimentos, casamentos e óbitos	**1890, 1935 e 1982:** registo de nascimento, casamento e óbito de Maurice Lévêque (irmão de Marie-T. Lévêque) **1901 e 1974:** registo de nascimento e óbito de Marie-T. Lévêque
Família ANORGA (descendência de Léon Marcel Lévêque, irmão de Marie-T. Lévêque)	✕		Escritos pessoais Carta postal Fotografia	**[s.d.]:** história da família Lévêque, por Maurice Lévêque (irmão de Marie-T. Lévêque) **[s.d.]:** papelaria de Berthe-Jeanne Demarly (mãe de Marie-T. Lévêque) **1918:** Marie-T. Lévêque, aos 17 anos
Archives Municipales de Soissons (sobre: Pensionnat de la Croix)		✕[1]	----------	----------
Association Scolaire Saint-Rémy (sobre: Pensionnat de la Croix)		✕[2]	----------	----------
École Privée Sainte Jeanne d´Arc, Gagny (sobre: Institut Jeanne d´Arc)		✕[3]	----------	----------
Croix Rouge Française (CRF): Département des Archives Historiques (sobre: Union des Femmes de France)	✕		Manual de formação Publicação Boletim da Union des Femmes de France	**1917:** *Manuel de l´Infirmière Hospitalière*, CRF, UFF **1939:** *Court Aperçu sur les Origines de la Croix-Rouge et l´Organisation de la Croix-Rouge Internationale*, CRF **1933:** artigo "Relation du séjour de Mlle. Lévêque à Londres" **1933:** divulgação dos "cours internationaux pour infirmières" no Bedford College for Women, 1933/34
École Supérieure de Travail Social: **Association des Surintendantes d´Usines et des Services Sociaux (ASUSS): Fonds d´Archives**	✕		Folhetos de divulgação da École des Surintendantes d´Usines et des Services Sociaux Dossier de aluna de Marie-T. Lévêque	**1925 e 1926:** criação da escola; objectivos da "surintendante"; saídas profissionais; requisitos de admissão; programa de estudo dos cursos **Década de 1930 (?):** apelo às jovens para as carreiras sociais **1925:** formulário de candidatura à École Sociale de Surintendantes d´Usines; **1925:** correspondência entre Marie-T. Lévêque e a escola; **1925:** declaração de desempenho de funções como "infirmière sociale"

			Relatórios anuais da Association des Surintendantes d´Usines et des Services Sociaux	numa fábrica; **1925-1926:** caderneta de aluna; **1926:** correspondência entre Marie-T. Lévêque e a escola; **1926:** declaração de aceitação de Marie-T. Lévêque em estágio, num hospital; **1927 (?):** ficha-síntese do percurso escolar; **1927 (?):** correspondência entre a Caisse de Compensation de la Région Parisienne (Citroën) e a escola; **1928, 1932 e 1935:** correspondência entre Marie-T. Lévêque e a escola (inclui recortes de imprensa dos jornais *Novidades* e *A Voz*, sobre o ISS, e um folheto de divulgação do ISS); **1950 e 1966:** certificado de estudos **1928, 1929, 1930, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938, 1939, 1940, 1944, 1947, 1948:** composição do conselho de administração da Associação; historial e divulgação da escola; postos ocupados pelas "surintendantes"; "rapport moral"
Centre Hospitalier Sainte-Anne: **Bibliothèque Médicale Henri Ey** (sobre: Hôpital Henri Rousselle)	✕		Boletins periódicos (artigos)	***La Prophylaxie Mentale*, 1926:** "Le caractère social de l´hygiène et de la prophylaxie mentales"; **1927:** "Le service social à l´hôpital psychiatrique"; **1928:** conferências no Hôpital Henri Rousselle ***L´Hygiène Mentale*, 1926:** "L´actualité psychiatrique"; **1926:** "L´évolution de l´hygiène et de la prophylaxie mentale"
Bibliothèque de l'École du Louvre[4]	✕		Publicação	**1932:** *L´École du Louvre (1882-1932)*
Rectorat de l´Académie de Paris: Service des Archives (sobre: Université de Paris, Sorbonne)		✕[5]	----------	----------
Archives de France: **Centre d'Accueil et de Recherche des Archives Nationales (CARAN)** (sobre: Université de Paris, Sorbonne)		✕[6]	----------	----------
Centre de Ressources Documentaires Multimédia du Ministère du Travail, de l'Emploi et de la Santé (sobre: Société de Secours Mutuels des Garçons de Caisse et de Recette de la ville de Paris)		✕[7]	----------	----------
Centre d´Archives de Terre Blanche (sobre: Société Anonyme André Citroën)		✕[8]	----------	----------

Centre National des Archives de l´Église de France (CNAEF) **Fundo 5 LA:** Union Chrétienne des Professions de Santé et des Professions Sociales (UCSS), 1922-1972	×		Correspondência (5 LA 49, dossier n.º 287: Fondation de l´École Sociale au Portugal, Lisbonne, 1934-1935)	**05/06/1934 a 24/03/1935:** entre a condessa de Rilvas, Marie de Liron d´Airolles e Marie-T. Lévêque (inclui: esboços do plano geral de estudos do ISS; "bibliothèque-type"; contrato de trabalho celebrado entre o Patriarcado de Lisboa e Marie-T. Lévêque, e respectivo processo de negociação; projecto inicial de regulamento da escola de serviço social; recibo de vencimento de Marie-T. Lévêque)
Françoise Collantier, antiga presidente do Mouvement Chrétien des Professions Sociales, ex-UCSS. **Espólio pessoal**	×		Publicações	**1947:** *1922-1947. 25 Ans de Travail Social*, UCSS **1948:** *Mademoiselle d´Airolles. Fondatrice de l´UCSS*, Geneviève Duhamelet
Centre d'Études, de Documentation, d'Information et d'Action Sociales (CEDIAS) - Musée Social	×		Actas das conferências internacionais "neutras" de serviço social Actas das conferências internacionais católicas de serviço social (da UCISS)	**1928:** I conferência, Paris **1932:** II conferência, Frankfurt **1936:** III conferência, Londres **1948:** IV conferência, Atlantic City & Nova Iorque **1947:** VI conferência, Lucerna

Inglaterra: Londres				
Entidade	**Recolha doc.**		**Documentação coligida**	
	Sim	**Não**	**Tipologia**	**Descrição**
Royal Holloway, University of London: College Archives & Special Collections (sobre: Bedford College for Women)	×		Acta de reunião de direcção do Bedford College for Women Dossier de aluna de Marie-T. Lévêque Calendário escolar do Bedford College for Women	**1932:** "Reconsideration of students whose acceptance was deferred from the May meeting" **1932:** formulário de entrada no Social Studies Department; **1932-1933:** correspondência entre a Ligue des Sociétés de la Croix Rouge e a direcção do Bedford College for Women; **1933:** correspondência entre a direcção do Bedford College for Women e Marie-T. Lévêque; avaliação trimestral de Marie-T. Lévêque; certificado de estudos **1932:** mapa de disciplinas do curso de "social studies, sociology, economics", ano lectivo de 1932/33"

Portugal: Castelo Branco; Lisboa				
Entidade	**Recolha doc.**		**Documentação coligida**	
	Sim	**Não**	**Tipologia**	**Descrição**
Universidade Lusíada (UL) – Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa (ISSSL): Mediateca		×[9]	----------	----------
Arquivo Histórico e Biblioteca do Patriarcado de Lisboa **Fundo arquivístico:** Dom Manuel Gonçalves Cerejeira (sobre: Instituto de Serviço Social)	×		Nunciaturas ou legações estrangeiras (PT/AHPL/PAT14-SP/A-04/02) Correspondência (PT/AHPL/PAT14-SP/S-04/01) Relatórios e contas (PT/AHPL/PAT14-SP/S-04/02)	**15/12/1941:** cópia de carta de recomendação de Marie Huille, que colaborou no ISS, remetida ao delegado apostólico de Rabat **08/11/1941, 09/01/1942 e 06/03/1942:** cartas da condessa de Rilvas ao cardeal patriarca, sobre o ISS **04/06/1942:** cópia do livro de ouro oferecido como homenagem a Marie-T. Lévêque, pelas alunas finalistas do ISSL **16/06/1942:** carta da condessa de Rilvas ao cardeal patriarca, sobre o ISS (inclui texto sobre "situação actual") **09/11/1943:** carta de Maria Carlota Lobato Guerra ao cardeal patriarca (inclui texto "inconvenientes graves da subvenção solicitada para o ISS ser dada pela OMEN") **19/01/1944:** carta de Eugénia Moura Borges ao cardeal patriarca, solicitando a aprovação da direcção da Associação das Assistentes Sociais e Educadoras Familiares do ISS **09/07/1945:** folheto informativo sobre o ISS **20/07/1950:** conjunto de documentos sobre o empréstimo do espólio da extinta Associação das Assistentes Sociais e Educadoras Familiares do ISS, pelo Patriarcado de Lisboa, à comissão organizadora do Sindicato Nacional das Assistentes Sociais, Educadoras Familiares e Outras Profissionais do Serviço Social **[1942]:** parecer sobre o ISS **28/06/1943:** carta de Maria Carlota Lobato Guerra ao cardeal patriarca, sobre o ISS (inclui relatório de contas de 1942/43) **01/02/0944:** acta de reunião da assembleia-geral ordinária da Associação de Serviço Social **05/08/1944:** declaração de Maria Carlota Lobato Guerra, sobre empréstimo do Arcebispo de Mitilene ao ISS **??/11/1944:** dívidas do ISS em Novembro de 1944 e orçamento para 1944/45; listagem de pessoal no ISS em 1944/45 **??/??/1944:** corpo docente do ISS

				09/08/1945: declaração de Maria Carlota Lobato Guerra, sobre verba atribuída pelo cardeal patriarca ao ISS **??/07/1947:** relatório da viagem de estudo feita por quatro membros da direcção do ISS à França, Bélgica e Suíça, em Ago.-Set. 1946 **[1936]:** relatório "Resultados do 1.º ano de acção prática do ISS"
Sociedade das Filhas do Coração de Maria: Arquivo Histórico	×		Histórico	"Sociedade das Filhas do Coração de Maria em Portugal. 1932 a 1985" (Tomo I)
Hemeroteca Municipal de Lisboa (sobre: Instituto de Serviço Social / Marie-T. Lévêque)	×		Jornais diários (recortes de imprensa periódica[10])	*Novidades*; *A Voz* (pesquisa exaustiva entre 01/01/1935 e 31/12/1945, e em 1960, ano das comemorações dos 25 anos do ISS) *Diário de Notícias*; *Diário de Lisboa* (incursões a partir das notícias encontradas nos jornais *Novidades* e *A Voz*: +/- 3 dias, relativamente à data de referência)
Maria Leonor Corrêa Botelho, assistente social formada pelo Instituto de Serviço Social, em 1939 **Espólio pessoal**	×		Pasta "Cartas relativas a convites para palestras, conferências, etc. – anos 1941 a 1953"	**30/08/1941:** carta de M.ª Leonor Botelho OMEN, a informar que recebeu um convite para leccionar no ISS no ano lectivo 1941/42, junto de Marie-T. Lévêque; **01/09/1941:** carta da OMEN a M.ª Leonor Botelho, a informar sobre a atribuição de uma licença temporária do cargo de assistente social, que desempenhava no Centro Social de Cascais; **03/09/1941:** carta da condessa de Rilvas a M.ª Leonor Botelho, sobre o ISS; **13/09/1941:** carta da direcção do ISS (condessa de Rilvas) a M.ª Leonor Botelho, a formalizar o convite para trabalhar na direcção técnica do ISS em 1941/42, a fim de substituir Marie-T. Lévêque no ano lectivo 1942/43; **03/10/1941:** carta de M.ª Leonor Botelho à direcção do ISS (condessa de Almoster), em que aceita o convite para trabalhar na direcção técnica do ISS; **04/02/1942:** carta da condessa de Rilvas às antigas alunas do ISS, incitando-as a colaborar com a compra de mobília para as novas instalações do ISS, conseguidas pela D. Lídia Cabeça
			Correspondência	**??/08/1942:** carta de M.ª Leonor Botelho ao sub-secretário de Estado da Assistência Social, sobre a pretensão do ISS criar um centro social
			Texto não publicado	**??/??/1960:** "Às que vieram depois – Artigo de Maria Leonor Corrêa Botelho. Festa das bodas de prata do Instituto de Serviço Social"
			"Pasta n.º 1: Notas, apontamentos e trabalhos sobre assuntos diversos	**01/02/1974:** carta de Michel Boulnois a M.ª Celeste F. Cardoso, a informar sobre o falecimento de Marie-T. Lévêque; **08/02/1974:** carta de

			(Separador "Apontamentos sobre a memória de Mlle. Lévêque")	M.ª Celeste F. Cardoso a M.ª Leonor Botelho, a comunicar o sucedido; **09/02/1974:** carta de M.ª Teresa de Jesus às antigas alunas do ISS, lamentando o falecimento de Marie-T. Lévêque; **11/02/1974:** "Discreta Pioneira – Testemunho de Fé. 11 de Fevereiro de 1974", texto evocativo da memória de Marie-T. Lévêque; **30/03/1974:** carta de M.ª Leonor Botelho a Mme. Bourdon, a agradecer a atenção prestada a Marie-T. Lévêque
			Candeia – Boletim da Associação das Assistentes Sociais e das Educadoras Familiares do ISS	N.º 1, Jan. 1943; n.º 2, Fev. 1943; n.º 3, Mar. 1943; n.º 4, Abr. 1943; n.º 5, Mai. 1943; n.º 6, Jun. 1943; n.º 7, Nov. 1943; n.º 8, Dez. 1943; n.º 10, Mai. 1944; n.º 11, Jun. 1944; n.º 13, Dez. 1945; n.º 14, Jan.-Fev. 1946; n.º 15, Abr.-Mai. 1946
Chancelaria das Ordens Honoríficas Portuguesas: Arquivo	×		Processo de condecoração de Marie-T. Lévêque (Processo n.º 120-E)	**22/05/1942 a 15/12/1943:** documentos constantes do processo de agraciamento de Marie-T. Lévêque com o grau de Oficial da Ordem de Instrução Pública
			Diploma numerado, publicado no *Diário da República*, I Série	**Decreto n.º 16.449, de 04 de Fevereiro de 1929:** altera parte da legislação referente às Ordens Portuguesas e reúne em um diploma todas as disposições legais concernentes a este assunto
Cruz Vermelha Portuguesa (CVP): Biblioteca e Arquivo Histórico	×		Actas da Comissão Central da CVP	**1926-1928:** deliberação de convite ao Marquês de Faria para delegado da CVP no estrangeiro, em eventos da Cruz Vermelha Internacional
			Copiador de Cartas – Geral	**1926-1927:** convites remetidos ao Marquês de Faria, para representar a CVP no estrangeiro, em eventos da Cruz Vermelha Internacional
			Correspondência: Comité Internacional da Cruz Vermelha com a CVP	**1928:** convite para a CVP participar na XIII Conferência Internacional da Cruz Vermelha, em Haia
			Correspondência da Liga das Sociedades da Cruz Vermelha com a CVP	**1928:** convite para CVP participar na Quinzaine Sociale Internationale e na Conférence Internationale du Service Social, em Paris **1932-1934:** sobre os cursos internacionais para enfermeiras da Liga das Sociedades da Cruz Vermelha, no Bedford College, em Londres
UCP, CRC-W: Centro de Documentação Margarida Abreu	×		Estatutos da Associação de Serviço Social (PT/UCP/CRCW/CDMA/E/013)	**1935:** Estatutos assinados, com indicação dos sócios organizadores, e dos membros constituintes da Mesa da Assembleia Geral, do Conselho Fiscal e do Conselho de Direcção e Administração

Biblioteca Nacional de Portugal	×		Publicações	**1925:** *Serviço Social no Hospital. Um Processo Moderno de Assistência* (Branca Rumina) **1929:** *A Mulher e as Misericórdias* (Branca Rumina) **1932:** *Algumas Considerações sobre o Serviço Social* (José Beleza dos Santos) **1932:** *Em Redor do Serviço Social* (José Lopes Dias) **1935:** *I Congresso da União Nacional* (União Nacional) **1945:** *Instituto de Serviço Social* [s.a.]
Arquivo Nacional da Torre do Tombo (sobre: Instituto de Serviço Social) **Fundo:** Presidência do Conselho de Ministros / **Sub-fundo:** Arquivo Salazar **Fundo:** Ministério do Interior / **Sub-fundo:** Gabinete do Ministro	×		Correspondência particular (Pe. Abel Varzim, AOS/CP-275, Pasta 7.275-5) Correspondência oficial (Educação / Educação – Diversos, Pasta 7) Mç. 483, [pt. 3/1] (NP 355)	**18/08/1937:** carta do Pe. Abel Varzim a Oliveira Salazar (inclui relatório de actividades do ISS nos anos de 1935 e 1936) **06/11/1937:** carta do Pe. Abel Varzim ao Presidente do Conselho, sobre o Instituto Nacional do Trabalho e Previdência (menciona a Escola Normal Social, em Coimbra) **??/10/1944:** exposição acerca do ISS, elaborada pela Associação de Serviço Social e entregue ao ministro da Educação Nacional, tendo em vista a solicitação de auxílio financeiro urgente **??/??/[1936]:** balanço da acção do ISS em 1935 e 1936 elaborado pela direcção da Associação de Serviço Social

Suíça: Genebra				
Entidade	**Recolha doc.**		**Documentação coligida**	
	Sim	**Não**	**Tipologia**	**Descrição**
Fédération International des Sociétés de la Croix-Rouge et du Croissant-Rouge: Bibliothèque et Archives (sobre: Bedford College for Women, 1933)	×		Boletim *"Internationals". News Letter*	**1933:** artigo "Report of proceedings at the presentation of certificates, Bedford College, June 23rd, 1933"

[1] Excerto de *email* remetido pelos Archives Municipales de Soissons (08/11/2010): «Le Pensionnat a fusionné avec un autre établissement catholique dans les années 1960. L'établissement est aujourd'hui un lycée, dépendant de l'Association Saint Rémy. Les archives du Pensionnat peuvent avoir été récupérées par l'Association Saint Rémy, si par chance elles n'ont pas été détruites durant la Guerre 14-18 qui a fait de grands ravages à SOISSONS. Vous pouvez contacter le secrétariat de l'Association, qui ne manquera pas de vous aider dans votre recherche».

[2] Excerto de *email* remetido pela Association Scolaire Saint-Rémy (22/11/2010): «Nous sommes désolés de ne pouvoir vous aider. Suite aux différents déménagements, nous n'avons pas traces des archives de La Croix».

[3] Excerto de *email* remetido pela École Privée Sainte Jeanne d´Arc (22/11/2010): «Désolée, nous a´avons plus d´archives concernant ces années-là».

[4] Excertos de *emails* remetidos pela Bibliothèque de l'École du Louvre – (03/11/2010): «Nous n'avons pas d'élève à ce nom dans le fichier des élèves de l'École du Louvre»; (04/11/2010): «Nous avons un livre sur l'École du Louvre entre 1882 et 1932 avec la liste des anciens élèves classés par cours. Mais il n'y a pas de Lévêque pour l'année 1929. Elle a sans doute suivi un cours sans avoir de diplôme ou en auditeur libre».

[5] Excertos de *emails* remetidos pelos Services des Archives du Rectorat de Paris – (04/11/2010): «Le service des archives ne conserve pas ses documents anciens mais les verse aux Archives nationales après les avoir classés et munis d'un instrument de recherche (inventaire). (...) L'université de Paris regroupait, jusqu'en 1970, 5 facultés dont deux étaient implantées en Sorbonne - Lettres et Sciences - et dont les trois autres, très proches géographiquement, étaient les facultés de Droit, Médecine et Pharmacie»; (16/11/2010): «Je vous transmets ci-joint un extrait des sources disponibles aux Archives Nationales. (...) Nous transmettons ce jour votre demande aux services concernés».

[6] 22/03/2011: efectuada pesquisa nas fontes documentais do CARAN indicadas pelos "Services des Archives du Rectorat de Paris" (AJ16 4745-5119 Faculté de Lettres / 4959-5025 Fiches individuelles classées par ordre alphabétique des étudiants nés entre 1880 et 1925). Não foram encontrados registos sobre Marie-T. Lévêque.

[7] Excerto de *email* remetido pelo Centre de Ressources Documentaires Multimédia du Ministère du Travail, de l'Emploi et de la Santé (12/11/2010): «Veuillez trouver en pièce - jointe une liste de références bibliographiques sur les secours mutuels. Il s'agit documents anciens, uniquement consultables sur place».

[8] Excertos de *emails* remetidos pelo Centre d´Archives de Terre Blanche – 16/10/2010: «Les archives Citroën sont en plein aménagement puisque le groupe PSA Peugeot Citroën vient d'inaugurer un magnifique Centre historique de ses archives, à Terre Blanche, dans le Doubs (près de Sochaux). Le centre est en train de s'organiser, donc bien des documents sont encore non inventoriés. (...) C'est là qu'il faut faire votre demande»; (12/01/2011): «Concernant votre recherche, à l'heure actuelle, nous n'avons pas pu encore trouver de documents en rapport avec votre sujet. Il nous reste certaines sources à regarder, nous vous tiendrons au courant de nos avancées»; (21/02/2011): «Malgré un long travail de recherches, nous n'avons malheureusement pas trouvé d'archives correspondant à votre demande. En effet, nous avons très peu de documents concernant cette période, et ce ne sont pas des archives sociales».

[9] *Email* enviado ao director da Mediateca da Universidade Lusíada (UL) (08/11/2010 e 21/11/2010), solicitando a marcação de uma reunião para averiguar da acessibilidade ao acervo documental do ISS, no período de 1935 a 1944. Reunião realizada a 16/12/2010 nas instalações da UL, tendo sido revelado que a documentação mais remota do ISS ainda estava encaixotada, não havendo garantias de que contemplasse documentação de 1935-1944. Menção à existência de questões legais em curso, que impediam o livre acesso ao acervo documental. Compromisso, por parte do director da Mediateca da ULL, em expor o pedido de consulta à direcção do ISSSL-UL. *Email* enviado ao director da Mediateca da UL (31/12/2010 e 11/01/2011), solicitando o ponto de situação sobre o pedido à direcção do ISSSL-UL. A 11/01/2011, contacto telefónico por parte do director da Mediateca da UL, a informar que o acesso ao acervo documental do ISS não seria concedido, até resolução das questões legais em curso. 20/12/2011: envio de carta registada, com aviso de recepção, ao Reitor da UL, à direcção do ISSSL-UL, e ao director da Mediateca da UL, solicitando autorização para aceder ao acervo histórico do ISS (1935-1944) e nele realizar pesquisa e recolha de fontes documentais, no âmbito da tese de doutoramento. Ausência de resposta.

[10] *Vide* Apêndice H: Elenco de recortes de imprensa, 01/01/1935 a 31/12/1945. Temas: Instituto de Serviço Social; Marie-Thérèse Lévêque.

Apêndice C

Elenco de recortes de imprensa, 01/01/1935 a 31/12/1945.
Temas: Instituto de Serviço Social; Marie-Thérèse Lévêque

Órgão de imprensa: *Novidades*

Ano	Título e subtítulo do artigo	Referência
1935	Instituto de Serviço Social	Ano L, n.º 12.372, 13 de Março (4.ª feira): p. 1
1935	O Instituto de Serviço Social será inaugurado no próximo Domingo sob o alto patrocínio do Senhor Cardial Patriarca	Ano L, n.º 12.373, 14 de Março (5.ª feira): p. 1
1935	O Instituto de "Serviço Social" em Lisboa. A fundação é da iniciativa de S. Em.ª o Senhor Cardal Patriarca e viverá sob o seu alto patrocínio	Ano L, n.º 12.374, 15 de Março (6.ª feira): p. 6
1935	Coisas novas na nossa terra… Inaugura-se já amanhã o Instituto de "Serviço Social". Dois minutos de entrevista com a sua ilustre directora D. Maria Teresa Levéque	Ano L, n.º 12.375, 16 de Março (Sábado): p. 1
1935	Instituto de Serviço Social. Inaugura-se hoje sob a presidência do Senhor Cardial Patriarca	Ano L, n.º 12.376, 17 de Março (Domingo): p. 6
1935	Estudo e Acção. Sob a presidência do Senhor Cardial Patriarca, inaugurou-se ontem solenemente o Instituto de Serviço Social. Fez conferência inaugural a directora técnica do Instituto sr.ª D. Maria Teresa Levèque	Ano L, n.º 12.377, 18 de Março (2.ª feira): p. 1
1935	Instituto de Serviços Sociais	Ano L, n.º 12.444, 26 de Maio (Domingo): p. 1
1935	"O papel social e educativo da mulher em matéria de higiene". Conferência pela dr.ª D. Branca Rumina	Ano L, n.º 12.446, 28 de Maio (3.ª feira): p. 1
1935	Instituto de Serviço Social. A sua directora, m.elle Levêque fala às "Novidades" sôbre o que se fêz e o que se pensa fazer, nesta admirável instituição, a bem da sociedade	Ano L, n.º 12.449, 31 de Maio (6.ª feira): pp. 1-2
1935	Instituto de Serviço Social	Ano L, n.º 12.565, 16 de Junho (Domingo): p. 4
1935	Instituto de Serviço Social. Conferências	Ano L, n.º 12.467, 18 de Junho (3.ª feira): p. 1
1935	No Instituto de Serviço Social. "Origem, acção e finalidade do Escutismo", conferência do sr. dr. Avelino Gonçalves	Ano L, n.º 12.468, 19 de Junho (4.ª feira): p. 6
1935	Instituto de Serviço Social	Ano L, n.º 12.471, 22 de Junho (Sábado): p. 6
1935	No Instituto de Serviço Social. "O papel do assistente social" foi o tema da substanciosa lição proferida ontem pela sr.ª dr.ª D. Branca Rumina	Ano L, n.º 12.474, 25 de Junho (3.ª feira): p. 2
1935	Instituto de Serviço Social	Ano L, n.º 12.558, 18 de Outubro (6.ª feira): p. 6
1935	Instituto de Serviço Social	Ano L, n.º 12.630, 29 de Novembro (6.ª feira): p. 1
1935	Instituto de Serviço Social. Continua aberta a matrícula	Ano L, n.º 12.644, 14 de Dezembro (Sábado): p. 1
1935	Instituto de Serviço Social. Continua aberta a matrícula	Ano L, n.º 12.645, 15 de Dezembro (Domingo): p. 12

1935	Instituto de Serviço Social. Continua aberta a matrícula	Ano L, n.º 12.646, 16 de Dezembro (2.ª feira): p. 6
1936	Instituto de Serviço Social. Secção de ensino doméstico	Ano LI, n.º 12.687, 28 de Janeiro (3.ª feira): p. 6
1936	Instituto de Serviço Social. Secção de ensino doméstico	Ano LI, n.º 12.688, 29 de Janeiro (4.ª feira): p. 2
1936	Instituto de Serviço Social. Secção de ensino doméstico	Ano LI, n.º 12.689, 30 de Janeiro (5.ª feira): p. 2
1936	Instituto de Serviço Social. Secção de ensino doméstico	Ano LI, n.º 12.690, 31 de Janeiro (6.ª feira): p. 2
1936	Instituto de Serviço Social. É inaugurada a secção "Ensino Familiar e Doméstico" – Uma entrevista	Ano LI, n.º 12.715, 27 de Fevereiro (5.ª feira): pp. 1-2
1936	Instituto de Serviço Social	Ano LI, n.º 12.716, 28 de Fevereiro (6.ª feira): p. 1
1936	Instituto de Serviço Social. Sua Eminência assistiu à abertura da nova secção de ensino familiar e doméstico	Ano LI, n.º 12.718, 1 de Março (Sábado): p. 1
1936	Instituto de Serviço Social	Ano LI, n.º 12.725, 8 de Março (Sábado): p. 1
1936	Instituto de serviço social e ensino familiar e doméstico	Ano LI, n.º 12.828, 21 de Junho (Domingo): p. 6
1936	Instituto de Serviço Social	Ano LI, n.º 12.955, 27 de Outubro (3.ª feira): p. 1
1936	Instituto de Serviço Social	Ano LI, n.º 12.959, 31 de Outubro (Sábado): p. 1
1936	Abriram ontem as aulas do Instituto de Serviço Social	Ano LI, n.º 12.963, 4 de Novembro (4.ª feira): p. 1
1936	Instituto de Serviço Social	Ano LI, n.º 12.972, 13 de Novembro (6.ª feira): p. 1
1936	Instituto de Serviço Social. Secção familiar e doméstica	Ano LI, n.º 12.983, 24 de Novembro (3.ª feira): pp. 1-2
1936	Instituto de Serviço Social	Ano LI, n.º 12.985, 26 de Novembro (5.ª feira): pp. 1, 4
1936	Instituto de Serviço Social	Ano LI, n.º 12.990, 1 de Dezembro (3.ª feira): p. 1
1936	Instituto de Serviço Social. Reabrem hoje as aulas	Ano LI, n.º 12.992, 3 de Dezembro (5.ª feira): p. 6
1937	Instituto de Serviço Social	Ano LII, n.º 13.066, 20 de Fevereiro (Sábado): p. 1
1937	Acção Social Católica. O sr. Ministro do Interior visitou ontem o Instituto de Serviço Social	Ano LII, n.º 13.067, 21 de Fevereiro (Domingo): pp. 1, 6
1937	Instituto de Serviço Social	Ano LII, n.º 13.172, 8 de Junho (3.ª feira): p. 1
1937	Acção e Cultura. S. Eminência o Senhor Cardial Patriarca presidiu à sessão de encerramento do ano lectivo do Instituto de Serviço Social	Ano LII, n.º 13.175, 11 de Junho (6.ª feira): pp. 1, 3
1937	Instituto de Serviço Social	Ano LII, n.º 13.181, 17 de Junho (5.ª feira): p. 6
1937	Instituto de Serviço Social	Ano LII, n.º 13.301, 16 de Outubro (Sábado): p. 1

1937	Instituto de Serviço Social. Inauguração do novo ano lectivo	Ano LII, n.º 13.322, 7 de Novembro (Domingo): pp. 1-2
1938	Instituto de Serviço Social	Ano LIII, n.º 13.651, 10 de Outubro (2.ª feira): p. 1
1939	Instituto de Serviço Social	Ano LIV, n.º 13.918, 11 de Julho (3.ª feira): p. 6
1940	Instituto de Serviço Social	Ano LV, n.º 14.179, 3 de Abril (4.ª feira): p. 1
1940	Exposição de trabalhos das alunas do Instituto de Serviço Social	Ano LV, n.º 14.282, 16 de Julho (3.ª feira): p. 1
1941	Instituto de Serviço Social	Ano LVI, n.º 14.700, 14 de Setembro (Domingo): p. 1
1941	Instituto de Serviço Social	Ano LVI, n.º 14.743, 28 de Outubro (3.ª feira): p. 1
1942	Instituto de Serviço Social. Visita dos professores à nova sede	Ano LVII, n.º 14.917, 26 de Abril (Domingo): p. 1
1942	Instituto de Serviço Social. Consagração a Nossa Senhora	Ano LVII, n.º 14.947, 27 de Maio (4.ª feira): p. 1
1942	Instituto de Serviço Social. Homenagem e despedida de Curso	Ano LVII, n.º 14.957, 6 de Junho (Sábado): p. 1
1942	Instituto de Serviço Social. Curso de donas de casa	Ano LVII, n.º 14.983, 2 de Julho (5.ª feira): p. 1
1942	Instituto de Serviço Social. Curso de donas de casa	Ano LVII, n.º 14.993, 12 de Julho (Domingo): p. 1
1942	Instituto de Serviço Social. Estão abertas as matrículas para os cursos do ano escolar 1942-43	Ano LVII, n.º 15.010, 29 de Julho (4.ª feira): p. 4
1942	Instituto de Serviço Social. Sede: Largo do Mitelo, n.º 1, 1.º esq. – Lisboa	Ano LVII, n.º 15.049, 6 de Setembro (Domingo): p. 1
1943	Instituto de Serviço Social	Ano LVIII, n.º 15.247, 28 de Março (Domingo): p. 6
1943	Instituto de Serviço Social	Ano LVIII, n.º 15.341, 2 de Julho (6.ª feira): p. 6
1943	Instituto de Serviço Social	Ano LVIII, n.º 15.420, 19 de Setembro (Domingo): p. 1
1943	Instituto de Serviço Social	Ano LVIII, n.º 15.421, 20 de Setembro (2.ª feira): p. 1
1943	Instituto de Serviço Social. Curso de Donas de Casa	Ano LVIII, n.º 15.427, 24 de Setembro (6.ª feira): p. 1
1943	Abertura solene das aulas no Instituto de Serviço Social. Uma conferência sôbre canto gregoriano, pela sr.ª D. Júlia Almendra	Ano LVIII, n.º 15485, 24 de Novembro (4.ª feira): p. 1
1943	Instituto de Serviço Social	Ano LVIII, n.º 15.508, 18 de Dezembro (Sábado): p. 1
1944	Problemas e aspectos técnicos da vida rural. Dias de aperfeiçoamento para Assistentes Sociais e Educadoras Familiares – Instituto de Serviço Social (de 23 a 27 de Fevereiro de 1944)	Ano LIX, n.º 15.571, 22 de Fevereiro (3.ª feira): p. 6
1944	Continua, no Instituto de Serviço Social, a série de conferências sôbre “Problemas e técnicas da Vida Rural”	Ano LIX, n.º 15.574, 26 de Fevereiro (Sábado): p. 1
1944	Instituto de Serviço Social. Sessão de encerramento dos dias de aperfeiçoamento	Ano LIX, n.º 15.577, 29 de Fevereiro (3.ª feira): p. 6

1944	Instituto de Serviço Social de Lisboa. Curso de Donas de Casa	Ano LIX, n.º 15.699, 2 de Julho (Domingo): p. 6
1944	Instituto de Serviço Social	Ano LIX, n.º 15.727, 30 de Julho (Domingo): p. 6
1944	Instituto de Serviço Social	Ano LIX, n.º 15.728, 31 de Julho (2.ª feira): p. 4
1944	Instituto de Serviço Social	Ano LIX, n.º 15.733, 5 de Agosto (Sábado): p. 6
1944	Instituto de Serviço Social	Ano LIX, n.º 15.734, 6 de Agosto (Domingo): p. 6
1944	Instituto de Serviço Social	Ano LIX, n.º 15.738, 10 de Agosto (5.ª feira): p. 4
1944	Instituto de Serviço Social	Ano LIX, n.º 15.741, 13 de Agosto (Domingo): p. 6
1944	Instituto de Serviço Social	Ano LIX, n.º 15.746, 18 de Agosto (6.ª feira): p. 6
1945	Instituto de Serviço Social	Ano LX, n.º 16.070, 16 de Julho (2.ª feira): p. 6
1945	Instituto de Serviço Social	Ano LX, n.º 16.071, 17 de Julho (3.ª feira): p. 6
1945	O Instituto de Serviço Social. O que é – como funciona – resultados práticos	Ano LX, n.º 16.077, 23 de Julho (2.ª feira): pp. 1-2
1945	Última Hora. O Senhor Cardeal Patriarca presidiu à inauguração do novo ano de trabalhos do Instituto de Serviço Social	Ano LX, n.º 16.171, 26 de Outubro (6.ª feira): p. 6

Órgão de imprensa: *A Voz*

Ano	Título e subtítulo do artigo	Referência
1935	Instituto de Serviço Social. Conferência de Mademoiselle Levêque	Ano IX, n.º 2.897, 14 de Março (5.ª feira): p. 1
1935	Criação fecunda. O Instituto de Serviço Socia	Ano IX, n.º 2.900, 17 de Março (Domingo): p. 1
1935	Instituto de Serviço Social. O sr. Cardial Patriarca presidiu ontem à sessão inaugural, em que foi conferente mademoiselle Levêque	Ano IX, n.º 2.901, 18 de Março (2.ª feira): p. 1
1935	Instituto de Serviços Sociais	Ano IX, n.º 2.967, 26 de Maio (Domingo): p. 1
1935	Instituto de Serviço Social. O sr. dr. Manuel Vicente Moreira realizou ontem a sua segunda lição naquele Instituto	Ano IX, n.º 2.989, 16 de Junho (Domingo): p. 3
1935	Sôbre a acção das enfermeiras visitadoras falou ontem a sr.ª dr.ª D. Branca Rumina	Ano IX, n.º 2.998, 25 de Junho (3.ª feira): p. 6
1935	Instituto de Serviço Social	Ano IX, n.º 3.112, 19 de Outubro (Sábado): p. 1
1935	Instituto de Serviço Social. Está aberta a matrícula	Ano IX, n.º 3.151, 27 de Novembro (4.ª feira): p. 1

1935	Instituto de Serviço Social. Os professores deste organismo cumprimentos o Sr. Cardial Patriarca	Ano IX, n.º 3.153, 29 de Novembro (6.ª feira): p. 1
1935	Instituto de Serviço Social. Continua aberta a matrícula	Ano IX, n.º 3.167, 14 de Dezembro (Sábado): p. 6
1935	Instituto de Serviço Social. Continua aberta a matrícula	Ano IX, n.º 3.169, 16 de Dezembro (2.ª feira): p. 1
1935	Instituto de Serviço Social. Continua aberta a matrícula	Ano IX, n.º 3.173, 20 de Dezembro (6.ª feira): p. 6
1936	Instituto de Serviço Social. Secção de ensino doméstico	Ano X, n.º 3.209, 27 de Janeiro (2.ª feira): p. 6
1936	Educação Feminina. Uma carta da senhora Condessa de Rilvas	Ano X, n.º 3.210, 28 de Janeiro (3.ª feira): p. 3
1936	Educação Feminina. À Ex.ma Senhora Condessa de Rilvas	Ano X, n.º 3.216, 4 de Fevereiro (3.ª feira): p. 3
1936	Donas do nosso tempo. Uma Escola Feminina de Vida Prática. Em que consiste o Ensino Familiar e Doméstico – A poesia do "ménage" – O verdadeiro anjo do lar – Um novo tipo de mulher – a pedagogia do encanto – A Igreja, Mãi disvelada e grande inspiradora de sempre – A obra duma fada caseira	Ano X, n.º 3.240, 29 de Fevereiro (Sábado): pp. 1, 6
1936	Obras Sociais. Realizou-se ontem a abertura da secção do Ensino Familiar e Doméstico do Instituto de Serviço Social. À cerimonia presidiu Sua Eminencia o sr. Cardial Patriarca, tendo a directora técnica da secção realizado uma conferencia de alto significado moral e social	Ano X, n.º 3.241, 1 de Março (Domingo): p. 1
1936	Acção Social. A notavel conferencia realizada por M.elle Huille na inauguração da secção do Ensino Familiar e Doméstico do Instituto de Serviço Social	Ano X, n.º 3.242, 2 de Março (2.ª feira): pp. 1-2
1936	O Instituto de Serviço Social e o seu curso de Ensino familiar e doméstico. Uma "Ordeira Revolução"	Ano X, n.º 3.257, 17 de Março (3.ª feira): p. 3
1936	O Instituto de Serviço Social e o seu curso de ensino familiar e doméstico	Ano X, n.º 3.271, 31 de Março (3.ª feira): p. 3
1936	Instituto de Serviço Social	Ano X, n.º 3.478, 27 de Outubro (3.ª feira): p. 2
1936	Instituto de Serviço Social. Secção familiar e doméstica	Ano X, n.º 3.506, 24 de Novembro (3.ª feira): p. 6
1936	Instituto de Serviço Social	Ano X, n.º 3.509, 27 de Novembro (6.ª feira): pp. 1, 6
1936	Acção Social Católica. O sr. ministro do Interior visitou, ontem, a sede do Instituto de Serviço Social	Ano X, n.º 3.590, 21 de Fevereiro (Domingo): p. 1
1937	Instituto de Serviço Social	Ano XI, n.º 3.693, 5 de Junho (Sábado): p. 6
1937	Instituto de Serviço Social	Ano XI, n.º 3.696, 8 de Junho (3.ª feira): p. 6
1937	Instituto de Serviço Social	Ano XI, n.º 3.697, 9 de Junho (4.ª feira): p. 2

1937	No Instituto de Serviço Social. Sua Eminencia o Senhor Cardial Patriarca presidiu ontem á sessão de encerramento dos trabalhos escolares do ano lectivo	Ano XI, n.º 3.699, 11 de Junho (6.ª feira): pp. 1, 6
1937	Instituto de Serviço Social	Ano XI, n.º 3.705, 17 de Junho (5.ª feira): p. 6
1937	Instituto de Serviço Social	Ano XI, n.º 3.823, 16 de Outubro (Sábado): p. 6
1937	Instituto de Serviço Social. Foi ontem inaugurado o novo ano escolar dêste estabelecimento da Acção Católica. À cerimonia presidiu o sr. Arcebispo de Mitilene	Ano XI, n.º 3.847, 7 de Novembro (Domingo): pp. 1-2
1938	Instituto do Serviço Social. A adaptação do indivíduo ao meio	Ano XII, n.º 3.939, 11 de Fevereiro (6.ª feira): pp. 1, 6
1938	Instituto de Serviço Social	Ano XII, n.º 4.177, 11 de Outubro (3.ª feira): p. 6
1940	A O.M.E.N.	Ano XIV, n.º 4.805, 15 de Julho (2.ª feira): p. 4
1940	Acção Católica. O sr. Ministro da Educação Nacional visitou ontem a Exposição de trabalhos do Instituto de Serviço Social da A.C.	Ano XIV, n.º 4.806, 16 de Julho (3.ª feira): p. 2
1941	Instituto de Serviço Social	Ano XV, n.º 5.222, 15 de Setembro (2.ª feira): p. 2
1942	Instituto de Serviço Social. Visita dos professores às novas instalações	Ano XVI, n.º 5.438, 28 de Abril (Domingo): p. 2
1942	Instituto de Serviço Social. Consagração a Nossa Senhora	Ano XVI, n.º 5.468, 27 de Maio (4.ª feira): p. 4
1942	Instituto de Serviço Social. Homenagem e despedida de curso	Ano XVI, n.º 5.479, 7 de Junho (Domingo): p. 2
1942	Instituto de Serviço Social	Ano XVI, n.º 5.504, 2 de Julho (5.ª feira): p. 2
1942	Instituto de Serviço Social. Curso de Donas de Casa	Ano XVI, n.º 5.515, 13 de Julho (2.ª feira): p. 2
1942	Instituto de Serviço Social	Ano XVI, n.º 5.531, 29 de Julho (4.ª feira): pp. 1, 4
1942	Instituto de Serviço Social	Ano XVI, n.º 5.570, 6 de Setembro (Domingo): p. 1
1943	Instituto de Serviço Social	Ano XVII, n.º 5.862, 3 de Julho (Sábado): p. 1
1943	Instituto de Serviço Social. Estão abertas as inscrições para os seguintes cursos	Ano XVII, n.º 5.939, 19 de Setembro (Domingo): pp. 1, 6
1944	Problemas e aspectos técnicos da vida rural	Ano XVIII, n.º 6.089, 22 de Fevereiro (3.ª feira): p. 1
1944	Instituto de Serviço Social. Começaram ontem as conferencias dos “Dias de Aperfeiçoamento”	Ano XVIII, n.º 6.091, 24 de Fevereiro (5.ª feira): p. 2
1944	Instituto de Serviço Social. Prosseguiram as palestras sobre problemas rurais e fez-se uma visita á Estação Agronomica Nacional	Ano XVIII, n.º 6.092, 25 de Fevereiro (6.ª feira): p. 4
1944	Conferencias sôbre problemas e tecnicas da vida rural no Instituto de Serviço Social	Ano XVIII, n.º 6.093, 26 de Fevereiro (Sábado): p. 8

1944	No Instituto de Serviço Social. Os aspectos e problemas da vida rural constituem os temas do ciclo de conferencias promovido, recentemente, por êste organismo	Ano XVIII, n.º 6.094, 27 de Fevereiro (Domingo): p. 6
1944	Instituto de Serviço Social. Terminaram as palestras dos Dias de Aperfeiçoamento para assistentes sociais e educadoras familiares	Ano XVIII, n.º 6.095, 28 de Fevereiro (2.ª feira): p. 4
1944	Instituto de Serviço Social	Ano XVIII, n.º 6.254, 7 de Agosto (2.ª feira): p. 4
1945	Instituto de Serviço Social. Conferência e recital	Ano XIX, n.º 6.517, 4 de Maio (6.ª feira): p. 6
1945	No Instituto de Serviço Social. A sr.ª D. Maria Joana Mendes Leal fez uma brilhante conferência sôbre "A poesia da bondade"	Ano XIX, n.º 6.519, 6 de Maio (Domingo): p. 6
1945	Instituto de Serviço Social	Ano XIX, n.º 6.590, 17 de Julho (3.ª feira): p. 5
1945	Instituto de Serviço Social. O que é esta obra e como funciona	Ano XIX, n.º 6.680, 18 de Outubro (3.ª feira): pp. 3, 5

Órgão de imprensa: *Diário de Notícias*

Ano	Título e subtítulo do artigo	Referência
1935	Instituto de Serviço Social	Ano 71.º, n.º 24.822, 14 de Março (5.ª feira): p. 7
1935	Instituto de Serviço Social. Está para breve a sua inauguração	Ano 71.º, n.º 24.823, 15 de Março (6.ª feira): p. 1
1935	À Sessão Inaugural do Instituto de Serviço Social presidiu o sr. Cardial Patriarca e assistiu o sr. ministro da Instrução	Ano 71.º, n.º 24.826, 18 de Março (2.ª feira): p. 2
1935	Instituto de Serviço Social	Ano 71.º, n.º 24.894, 26 de Maio (Domingo): p. 2
1935	"O papel da mulher na educação da higiene"	Ano 71.º, n.º 24.895, 28 de Maio (3.ª feira): p. 4
1935	Instituto de Serviço Social. 43, Campo dos Mártires da Pátria. Conferências	Ano 71.º, n.º 24.916, 17 de Junho (2.ª feira): p. 2
1935	Instituto de Serviço Social	Ano 71.º, n.º 25.038, 18 de Outubro (6.ª feira): p. 3
1935	Instituto de Serviço Social	Ano 71.º, n.º 25.080, 29 de Novembro (6.ª feira): p. 2
1935	Instituto de Serviço Social	Ano 71.º, n.º 25.094, 14 de Dezembro (Sábado): p. 2
1935	Instituto de Serviço Social. Continua aberta a matrícula	Ano 71.º, n.º 25.096, 16 de Dezembro (2.ª feira): p. 2
1936	Instituto de Ensino Familiar e Doméstico	Ano 72.º, n.º 25.165, 27 de Fevereiro (5.ª feira): p. 2
1936	Instituto de Ensino Familiar e Doméstico. Realiza-se hoje a sua inauguração	Ano 72.º, n.º 25.167, 29 de Fevereiro (Sábado): p. 7
1936	O Instituto de Serviço Social inaugurou a secção do Ensino familiar e doméstico	Ano 72.º, n.º 25.168, 1 de Março (Domingo): p. 2

1937	Instituto de Serviço Social	Ano 73.º, n.º 25.517, 20 de Fevereiro (Sábado): p. 2
1937	O Instituto de Serviço Social foi ontem visitado pelo sr. ministro do Interior	Ano 73.º, n.º 25.518, 21 de Fevereiro (Domingo): pp. 1-2
1937	Instituto de Serviço Social. A sessão ontem realizada sob a presidencia do sr. Cardial Patriarca	Ano 73.º, n.º 25.627, 11 de Junho (6.ª feira): p. 6
1937	Instituto de Serviço Social	Ano 73.º, n.º 25.754, 17 de Outubro (Domingo): p. 4
1938	Instituto de Serviço Social	Ano 74.º, n.º 26.106, 11 de Outubro (3.ª feira): p. 4
1940	Instituto de Serviço Social	Ano 76.º, n.º 26.634, 3 de Abril (4.ª feira): p. 5
1940	Instituto de Serviço Social	Ano 76.º, n.º 26.736, 15 de Julho (2.ª feira): p. 4
1940	O Instituto de Serviço Social inaugurou ontem, com a presença do Ministro da Educação Nacional, a sua exposição de trabalhos	Ano 76.º, n.º 26.737, 16 de Julho (3.ª feira): p. 2
1942	Instituto de Serviço Social	Ano 78.º, n.º 27.465, 28 de Julho (3.ª feira): p. 2
1942	Instituto de Serviço Social	Ano 78.º, n.º 27.507, 8 de Setembro (3.ª feira): p. 2
1943	Instituto de Serviço Social	Ano 79.º, n.º 27.703, 29 de Março (2.ª feira): p. 3
1944	Problemas e Aspectos Tecnicos da Vida Rural	Ano 80.º, n.º 28.028, 24 de Fevereiro (5.ª feira): p. 2
1944	Instituto de Serviço Social. Conferencias sobre aspectos tecnicos e problemas da vida rural	Ano 80.º, n.º 28.031, 27 de Fevereiro (Domingo): p. 2
1944	Instituto de Serviço Social	Ano 80.º, n.º 28.186, 1 de Agosto (3.ª feira): p. 4
1945	O Instituto de Serviço Social iniciou ontem em ciclo cultural para as suas alunas	Ano 81.º, n.º 28.458, 7 de Maio (2.ª feira): p. 4
1945	Instituto do Serviço Social. Abertura do ano lectivo com a assistência do sr. Cardial Patriarca	Ano 80.º, n.º 28.629, 26 de Outubro (6.ª feira): p. 5

Órgão de imprensa: *Diário de Lisboa*

Ano	Título e subtítulo do artigo	Referência
1935	Inaugurou-se hoje no Patriarcado o Instituto de Serviço Social	Ano 14.º, n.º 4.427, 17 de Março (Domingo): p. 3
1936	Instituto de Serviço Social	Ano 15.º, n.º 4.769, 27 de Fevereiro (5.ª feira): p. 6
1936	Instituto de Serviço Social	Ano 16.º, n.º 5.012, 30 de Outubro (6.ª feira): p. 9
1937	"Serviço Social"	Ano 17.º, n.º 5.227, 9 de Junho (4.ª feira): p. 6
1938	Uma iniciativa interessante. A adaptação do individuo ao meio é um dos fins que tem em vista o Instituto de Serviço Social	Ano 17.º, n.º 5.468, 10 de Fevereiro (5.ª feira): p. 4

Apêndice D

Projecto “Ao encontro da memória” – guião de entrevista

CESSS/UCP (2005)

Projecto "Ao encontro da memória" – guião de entrevista

CESSS/UCP (2005)

Instituto de Serviço Social: escolha do curso

- motivações e influências
- havia divulgação do curso? Se sim: em que moldes?

Percurso no Instituto de Serviço Social

- como e por quem era realizada a gestão do curso?
- quantos eram os anos curriculares? Como estavam organizados? Que disciplinas?
- quantas eram as alunas no curso?
- fileira teórica de serviço social (conteúdos, obras, autores mais referenciados)
- estágios (locais, objectivos, papel e funções dos estagiários)
- como vivenciou o curso? (interessante/desinteressante; fácil/difícil, …)
- ao longo do curso, houve mudanças na perspectiva sobre o serviço social?
- na iminência de entrar no mundo de trabalho, quais as expectativas em relação ao exercício da profissão?
- àquela data, qual a representação generalizada sobre as alunas de serviço social?

Percurso profissional

- percurso profissional nas organizações (trabalho desenvolvido; dificuldades enfrentadas; cargos de chefia assumidos e respectiva jurisdição)

Áreas de acção profissional e respectivos públicos

- saúde? (prevenção sanitária; recuperação da saúde; …)
- educação? (analfabetismo; absentismo; insucesso escolar; …)
- emprego? (integração laboral; bem-estar dos trabalhadores; …)
- abandono familiar? (crianças; velhos; doentes; deficientes; …)
- vagabundagem? (sem-abrigo; delitos penais ou sociais; …)
- habitação? (melhorias habitacionais; realojamento; …)
- (…)

Âmbitos de intervenção em contexto de trabalho

- indivíduo, família, grupos, zonas residenciais, comunidades

Organizações de assistência privadas e públicas

- predominância, na sociedade, de instituições privadas ou públicas?
- principais diferenças e semelhanças entre organizações privadas e públicas
- relações estabelecidas entre organizações privadas e públicas
- papel do Estado em relação a essas organizações (contribuição financeira; …)

Inserção das assistentes sociais nas organizações

- termos em que era efectuada a selecção e contratação
- autonomia/dependência em termos funcionais e de decisão
- formas de recompensa (remuneração; carreira; prestígio; …)
- peso relativo (face ao número de contratados; em termos salariais)

Trabalho das assistentes sociais e sua relação com profissionais afins

- como se fundamentava, teórica e metodologicamente, para intervir?
- trabalho independente? Existência de equipas interdisciplinares? Outro?
- representação dos assistentes sociais feita pelos profissionais afins

Avaliação do trabalho desenvolvido pelos assistentes sociais

- auto-avaliação? (descrição)
- utilização de instrumentos de avaliação? (autoria; descrição; periodicidade)
- momentos de supervisão? (que supervisores; descrição; periodicidade)
- avaliação externa? (que responsáveis; descrição; periodicidade)

Deontologia e princípios éticos no exercício do serviço social

- o tema era abordado ao longo do curso de serviço social?
- momentos de reflexão conjunta sobre o tema: existiam?; quem organizava?
- existência de um conjunto de princípios do serviço social, ou eram tidos por referência os princípios da organização em que trabalhava?
- principais questões éticas com que se deparava no exercício do serviço social

Como era vivido o espírito associativo entre as assistentes sociais?

À luz do presente, como vê o passado da profissão?

Quais os maiores problemas com que se confrontam, hoje, as assistentes sociais?

Durante a entrevista: coligir nomes de assistentes sociais susceptíveis de revelar interesse para o projecto de investigação e, se possível, os respectivos contactos pessoais

Apêndice E

Transcrição de entrevista a Maria Helena de Medeiros e Albuquerque Teixeira Beltrão (2005)

Maria Helena de Medeiros e Albuquerque Teixeira Beltrão

Lisboa. Entrevista em 4 sessões:
15/06/2005, 23/06/2005, 13/07/2005, 26/07/2005

Transcrição adaptada
(com omissão dos elementos idiossincráticos do discurso)

Formação no Instituto de Serviço Social, 1935-1938

Naquela altura, não se podia de facto escolher o curso de serviço social, pois ninguém sabia o que era… não havia escolha possível. Até se tornava um pouco misterioso: "O que será isto!?". Não só não se sabia o que era o curso de serviço social e o que era a profissão de assistente social, como também não se sabia o que era o serviço social. Havia a assistência, havia muitas obras de assistência, havia o socorro aos pobres, a ajuda aos pobres, mas não havia propriamente um serviço social organizado. Isso não existia, portanto ninguém escolhia a profissão de serviço social, porque ninguém sabia o que era.

Associação de Serviço Social
Importa referir que o Instituto de Serviço Social não nasceu autónomo. Dependia de uma organização que nasceu sob a égide do Cardeal Patriarca de Lisboa, que era nessa altura D. Manuel Gonçalves Cerejeira, uma pessoa extraordinária. Criaram uma comissão, a Associação de Serviço Social, com uma Direcção composta por muitos membros, pessoas que estavam ligadas a diversos sectores e que neles se tinham distinguido, desde a medicina à advocacia. Também havia sacerdotes, e pessoas que se tinham dedicado à assistência oficial ou particular. Havia nesse tempo muita assistência particular.

Um dos membros da Associação era uma senhora francesa casada com um português, a Condessa de Rilvas, que se interessou extraordinariamente pelo Instituto de Serviço Social, porque antes de casar e vir para Portugal esteve em contacto com o serviço social francês, que já estava em pleno desenvolvimento. Quando a Condessa de Rilvas chegou a Portugal e se deparou com as condições que cá existiam, ficou com um grande desejo de criar qualquer coisa nesse sentido. Penso que ela contactou o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, no sentido de criar a Associação de Serviço Social, e contactaram mais pessoas para posteriormente criarem uma escola de serviço social. A Condessa de Rilvas também já tinha criado em Portugal uma instituição, no Campo de Santana, chamada Florinhas da Rua. Essa instituição ainda existe. Destinava-se a raparigas em risco moral ou que não tinham família. Era para a protecção de raparigas, crianças, com problemas de conduta. A Condessa de Rilvas ingressou na Direcção da Associação de Serviço Social como presidente executiva. Foi uma pessoa com muita influência e lutou muito para a criação do Instituto de Serviço Social. Penso que foi a Condessa de Rilvas que convidou ou, pelo menos, contribuiu para que fosse contratada a primeira directora técnica do Instituto de Serviço Social, e essa foi a primeira assistente social a pisar o solo português, Mlle. Marie-Thérèse Lévêque, a grande impulsionadora e dinamizadora do serviço social em Portugal.

Alguns nomes que faziam parte da Associação de Serviço Social eram a senhora D. Lídia Cabeça, que também trabalhou nas Florinhas da Rua, e que ficou sempre na Associação. Era uma grande protectora, e proprietária do edifício do Largo do Mitelo, onde hoje funciona o Instituto de Serviço Social. Antigamente não era ali que funcionava. Era ela que conseguia todas as facilidades ao Instituto, uma vez que este não tinha muitos meios económicos. Protegeu sempre o Instituto e sempre se interessou muito por ele. O professor Francisco Gentil, o professor Marcelo Caetano, o professor Paulo Cunha… professor de Direito, o professor Vítor Fontes… fundador do Instituto Aurélio da Costa Ferreira, o Pe. Abel Varzim… que trabalhou na Juventude Operária Católica, também faziam parte da Associação. Eram muitos os membros da Associação e tinham várias formações de base. Eram professores de Direito, de medicina, de filosofia, vários sacerdotes e pessoas que trabalhavam em instituições oficiais ou particulares de assistência, visto que ainda não existia o serviço social.

A Associação de Serviço Social não se destinava unicamente a formar profissionais de serviço social. Pretendia também divulgar o que era o serviço social e criar instituições de serviço social. Os primeiros centros sociais que existiram em Portugal foram criados pela Associação e estavam ligados ao Instituto de Serviço Social. Eram o centro social da Bempostinha, o centro social do Beato, e ainda havia outro. Estes centros foram criados depois do curso de serviço social começar. Ainda não tinham sido criados na altura do meu curso. Penso que tenham sido criados nos anos quarenta. Sei que o centro social da Bempostinha foi o primeiro e situava-se perto do Instituto. Contudo, o Instituto de Serviço Social foi a obra fundamental, e a que perdurou mais tempo. A Associação destinava-se ainda à divulgação da doutrina social da Igreja e do que era o serviço social em geral… não era só referente à profissão, e também pretendia ser um centro de divulgação e investigação social, e promover uma cultura social. Estes últimos, penso que não tenham sido conseguidos porque a actuação foi centrada essencialmente na escola e nos centros sociais que fundaram, e que mais tarde desapareceram.

Conferência de serviço social, 1935

Como é que comecei… recebi um convite para assistir a uma conferência sobre serviço social e perguntei-me o que seria aquilo. Não fazia ideia do que seria o serviço social. A minha primeira reacção foi a de não ir à conferência. Eu tinha uma vida bastante animada, de rapariga nova. Ia a muitas festas. Lembro-me que, num Domingo, nessa altura era aos Domingos que havia as festas, fui para uma festa e disse aos meus amigos que as nossas conversas eram sempre idênticas, que falávamos sempre do mesmo, e que então ia a uma conferência de serviço social. Caíram-me todos em cima, riram imenso e perguntaram o que era isso.

Antes de começar o curso de serviço social, Mlle. Lévêque visitou rapidamente Portugal e constatou quais eram as maiores necessidades, e percebeu como devia actuar o serviço social neste contexto. Foi ela que fez essa primeira conferência a que eu assisti. Depois disso foram feitas por Mlle. Lévêque outras conferências. Essas conferências eram dirigidas a raparigas, de início no curso só havia raparigas, contudo destinavam-se também a um público maior. Quando decidi ir à conferência, aceitei-a como um desafio. Era ao lado do Patriarcado de Lisboa, no número 43, que pertencia à mesma ao Patriarcado, nos Mártires da Pátria. Havia lá várias obras de assistência, viveu lá o Arcebispo de Mitilene… estava tudo ligado ao Patriarcado. Tudo aquilo que ouvi na conferência foi uma novidade.

A informação da conferência chegou através de um convite da Juventude Escolar Católica, em 1935. O Instituto viria a arrancar pouco depois, com o primeiro curso ainda em 1935. Nessa altura existia a Juventude Escolar Católica, a Juventude Agrícola Católica, a Juventude Independente Católica, a Juventude Operária Católica e a Juventude Universitária Católica. Esse convite foi distribuído em larga escala e por diferentes entidades. O objectivo dessas divulgações e depois o das palestras era o de informar acerca do que era o serviço social e acerca do curso de serviço social. Nessa altura, até fizeram umas brochuras com muito boa apresentação, em que dizia: "O serviço social procura a adaptação do indivíduo à sociedade, e colaborar com o desenvolvimento das condições económicas e sociais, para ir ao encontro das necessidades do indivíduo…". Era esta a ideia. No fim de cada palestra, que eram todas proferidas por Mlle. Lévêque, em francês, o que dificultava o acesso, até porque os contactos pessoais eram todos feitos com ela, havia duas pessoas que tomavam nota, inscreviam pessoas do público que queriam falar pessoalmente e individualmente com ela. Deste modo, qualquer pessoa que estivesse presente na palestra e quisesse saber mais informações para ingressar no curso, ou se tivesse apenas interesse pelo assunto, podia inscrever-se e depois recebia a confirmação do dia para falar com Mlle. Lévêque. Comigo aconteceu o mesmo. Fiquei com muita vontade de saber mais e marquei um dia para falar com Mlle. Lévêque. Também havia a Direcção, mas ela era a pessoa que sabia. Ou outros não estavam tão por dentro do espírito do serviço social.

Não fiz o Liceu cá. Fiz na Suíça. Tinha feito o correspondente ao Liceu de cá, estive lá até aos 16 anos. O que acontece é que em Portugal eu era considerada analfabeta, não tinha equivalência, mas mais tarde reconheceram-me o diploma. O que era exigido para entrar no curso de serviço social, como havia muitas raparigas sem o Liceu, era uma cultura que se equiparasse ao Liceu, alguém que tivesse um certo credencial para dizer que éramos uma pessoa com cultura semelhante à do Liceu, alguém que se responsabilizasse pela nossa conduta moral, atestado médico em como não se sofria de qualquer doença contagiosa e tínhamos boa saúde física, e idade entre os 19 e os 38 anos. Se uma rapariga terminasse o Liceu com 17 anos não podia entrar logo para o Instituto. Como a Associação de Serviço Social queria divulgar a doutrina social da Igreja e o curso de serviço social, permitia a inscrição, como ouvinte, a quem só queria assistir a algumas cadeiras.

Quando falei com Mlle. Lévêque disse-lhe do que mais tinha gostado na palestra. Falei com ela durante muito tempo, mas também lhe disse que não queria tirar o curso de serviço social porque devia ser muito absorvente e eu não queria perder a minha vida de sair, de me divertir, e não queria estar totalmente absorvida por um curso que era muito exigente. Estava, sim, interessada em assistir a algumas cadeiras. Mlle. Lévêque falou mais um pouco comigo, perguntou o que tinha sido a minha vida e perguntou então quais eram as cadeiras a que eu queria assistir. Eu queria psicologia infantil, puericultura… no fundo, queria aquilo que preparasse o meu futuro de mãe e de mulher, pois não tinha intenção de trabalhar. Depois de falarmos mais um pouco, Mlle. Lévêque propôs-me que seguisse o curso durante um mês, como se tivesse ingressado como aluna. Pediu-me para fazer esse sacrifício. Tinha de estar às 8h30 no estágio. Ela disse-me tudo o que eu tinha de fazer. Disse-me também que só tinha de pagar a inscrição daquelas cadeiras a que no início eu disse que queria assistir, não pagava mais nada, e depois ao fim de um mês dizia-lhe se queria, ou não, continuar no curso.

Nesse mês tivemos aulas com Mlle. Lévêque e falámos sobre o que era o serviço social. Tivemos ainda aulas com o professor Marcelo Caetano, de direito administrativo, e o professor Paulo Cunha, de direito civil. Tivemos filosofia moral e fizemos um estágio de observação em hospital logo a partir do primeiro mês. Esse estágio em hospital não fazia parte de nenhuma cadeira. Falávamos com Mlle. Lévêque sobre o que observávamos, sobre as nossas constatações, sobre aquilo que nos parecia mais susceptível de ser trabalhado. Era tudo completamente diferente, estava tudo a nascer, ninguém sabia o que era o serviço social a não ser Mlle. Lévêque. Nessa observação nós, enquanto alunas e em conjunto com Mlle. Lévêque, reflectíamos sobre o que podia vir a ser trabalhado, tentávamos delimitar o nosso campo de actuação. Mlle. Lévêque ajudava-nos a perceber e a descobrir isso. Escusado será dizer que ao fim de um mês estava tão interessada que me inscrevi mesmo! Isto só mostra a inteligência que era Mlle. Lévêque. Percebeu que eu procurava qualquer coisa e que talvez viesse a ser uma assistente social, como depois se veio a confirmar.

Percurso no Instituto de Serviço Social

No curso de serviço social as aulas podiam ser frequentadas por qualquer pessoa, mesmo que ela não quisesse fazer o curso, pois o que se pretendia era fazer uma divulgação geral do que era o serviço social, e da doutrina social da Igreja. Foram dadas várias palestras antes de abrir o curso, mas depois disso não houve mais. O que acontecia depois do curso abrir era a inscrição nas cadeiras. Facilitava-se a frequência de aulas a pessoas que não tinham como intenção seguir o curso. Essas aulas eram pagas. Acho que o pagamento do curso era feito trimestralmente e era pouco dinheiro que tínhamos que dar. Para compensar essa situação o Instituto criou pequenas actividades, como os cursos de preparação para raparigas que estavam noivas, e que queriam aprender a cozinhar.

A duração do curso era de dois anos e meio. Fazíamos estágios durante os dois anos de curso e depois, durante seis meses, um estágio mais prolongado. Depois, já mais tarde, o curso passou para três anos. Não se ganhava nada nos estágios. Trabalhei muito tempo sem ganhar nada, mas nessa altura estava casada e não trabalhava a tempo inteiro.

Havia ainda os cursos de preparação familiar e depois criaram-se outros cursos, e para isso vieram mais duas francesas, Mlle. Rouver e Mlle. Huille, que davam cursos de cozinha, de costura, de corte, e isso ajudava na manutenção do Instituto, porque às alunas do curso de serviço social não se pedia uma participação económica muito grande, pois era um curso completamente desconhecido, ninguém sabia o que ia fazer. A gestão do curso era feita por Mlle. Lévêque, que também dava aulas de serviço social. Mlle. Lévêque, antes de vir para Portugal, foi professora num curso de serviço social em Paris. Ela trabalhou na Citroën e em Inglaterra com estágios.

<u>Primeiro ano do curso</u>

O primeiro ano assentava sobretudo na medicina e no direito. Também tínhamos psicologia e doutrina social da Igreja. Os estágios eram realizados unicamente em hospitais, no Hospital Escolar, que nessa altura era o Hospital de Santa Marta. No hospital dividíamo-nos em pequenos grupos e transitávamos por vários serviços. Foi um período muito complicado pois todos os dias, durante o primeiro ano, tínhamos que estar às 8h30 no hospital e lá ficávamos até a hora das aulas, que começavam às 14h. Eu não ia almoçar a casa: levava qualquer coisa para comer e ia a correr para o Instituto. Era um sacrifício

muito grande, por isso é que houve tantas desistências. Não me lembro a que horas terminavam as aulas. Cada professor tinha as suas horas estipuladas, mas quando as aulas… não se pode chamar aulas, eram conversas… eram com Mlle. Lévêque, que eram sempre as últimas do dia, era imprevisível quando terminavam porque ela esquecia-se das horas. Muitas vezes saíamos muito tarde, por volta das 19h. Nessas conversas falávamos sobre as nossas angústias no estágio e Mlle. Lévêque complementava essas conversas com a parte teórica… não é bem teórica, ou melhor, as respostas do serviço social para essas angústias, para os problemas e dificuldades. Não sei se Mlle. Lévêque se baseava em autores. Ela era uma pessoa extraordinária, mas não tinha muito método, não tinha as coisas programadas. Como era uma pessoa com muita experiência e muito inteligente, improvisava muito.

Nós, enquanto alunas, e em conjunto com Mlle. Lévêque, é que fomos delimitando o que era o campo de actuação do serviço social, principalmente na área dos hospitais e serviços de saúde. Penso que Mlle. Lévêque terá concebido assim o curso para nós termos contacto com todo o tipo de pessoas e problemas, e penso que isso era o essencial. Penso que o objectivo seria nós aprendermos a olhar, a ver, a descobrir e a depois falar com Mlle. Lévêque sobre isso, pois esse contacto era muitas vezes angustiante porque nós não podíamos fazer nada, nem ajudar.

Quem muito contribuiu nos estágios foi o professor Francisco Gentil, ainda não havia a escola de enfermagem Rockefeller, por ele criada no Instituto Português de Oncologia. O professor Francisco Gentil dedicou-se e demonstrou muito interesse pelas assistentes sociais. O nosso trabalho era muito difícil, até porque não éramos muito bem aceites pelas enfermeiras. Nessa altura só existia uma escola de enfermagem em Lisboa, que funcionava no Hospital de São José, porque a grande maioria das enfermeiras não tinham curso, foram subindo porque tinham jeito. Não fomos muito bem aceites porque vínhamos de fora. Nós também conhecíamos os médicos porque eram nossos professores e eles tratavam-nos de forma especial. Por alguns médicos também não fomos muito bem recebidas porque íamos dar trabalho, e eles tinham que nos explicar tudo. Foi um tempo difícil mas muito enriquecedor. Só fomos bem aceites pelos doentes porque falávamos com eles. Foi um período difícil porque a nossa relação era complicada com médicos e enfermeiras. Estávamos ali um pouco à ordem de todos e isto porque não tínhamos o nosso papel bem definido. As enfermeiras também pediam para fazermos coisas… coisas impensáveis nos dias de hoje. Por exemplo, de manhã colocavam-nos na varanda a partir gelo para as borrachas. Não eram todas assim, mas havia uma certa animosidade. Nós vínhamos de um meio e com uma cultura diferentes e outra preparação… e não éramos muito bem aceites, achavam que éramos muito protegidas, porque o professor Francisco Gentil distribuiu cada uma de nós a um médico. Nós ficávamos ligadas àquele médico, mas isto no serviço do professor Francisco Gentil. Ele era director de vários serviços. O nosso trabalho também dependia muito do médico a que estávamos entregues. O meu médico era o Dr. Ernesto Moreira, que mais tarde veio a ser o director do Hospital das Caldas da Rainha. Era extraordinário comigo e ensinou-me imenso, era uma pessoa muito humana. Ensinava-me não só do ponto de vista médico, porque nós também tínhamos que aprender porque tínhamos muitas cadeiras de medicina, mas também na ligação e contacto com o doente… e compreendia perfeitamente, embora não soubesse o que era o serviço social, pois sentia que era necessário num hospital haver um intermediário, como ele lhe chamava, entre os médicos, a medicina e os doentes. Houve outras alunas que não tiveram tanta sorte com os

seus médicos, mas eu tive. Cada uma de nós estava muito dependente do médico, fazíamos a consulta com ele, o que já nos dava perante o doente alguma confiança. Os médicos falavam quase de igual para igual para as alunas, o que também gerava mau estar com as enfermeiras, pois o médico parecia dar-nos mais importância.

O nosso trabalho não era com as famílias dos doentes, a não ser que os doentes nos pedissem, mas só podíamos fazer isto se o serviço permitisse e se as famílias aceitassem, porque havia uma certa desconfiança relativamente a nós, porque ninguém sabia o que estávamos ali a fazer e ninguém estava habituado àquele tipo de trabalho, porque não havia serviço domiciliário, nem a própria assistência tinha serviço domiciliário. As famílias não estavam habituadas a ser procuradas, e havia sempre a questão: "O que será isto?". Começavam-se nessa altura a fazer operações com anestesia raquidiana, até essa altura faziam-se com éter. A pessoa ficava acordada e era um choque muito grande para ela, ficar ali a pensar na sua operação. Então o professor Francisco Gentil pensou que seria um bom trabalho para as assistentes sociais, fazer anestesia moral dos doentes, era assim que ele dizia, era uma invenção dele, ir conversar com o doente, e isso confortava-o. Propriamente, serviço social, não fazíamos. O primeiro ano foi muito duro e prova disso foi o facto de haver tantas desistências. Começámos dezasseis, três desistiram logo, por isso conto treze. Dessas, só seis é que continuámos, uma desistiu no último ano, foi para fora, era francesa.

Segundo ano do curso

No segundo ano os estágios já eram mais diversificados e não eram todas as manhãs. Já eram mais espaçados, já tínhamos mais tempo para a teoria.

Também tínhamos estágios em hospitais. Tivemos no Hospital D. Estefânia, em pediatria, também tivemos no Instituto de Oncologia, o director era o professor Francisco Gentil, que já estava por dentro do serviço social. No Instituto de Oncologia, os médicos nessa altura já percebiam melhor e sabiam um pouco mais, até porque alguns eram nossos professores e então punham-nos em contacto com as famílias dos doentes. Esse trabalho já era mais do âmbito social. Foi o primeiro sítio onde tivemos contacto e fizemos trabalho com famílias.

Fizemos estágio nas tutorias de infância, que eram os tribunais infantis, não só junto das crianças que podiam ter sido presas ou estavam em casas de correcção, mas também com as famílias. Aí já havia um cunho mais social. Eu trabalhei com duas crianças, rapazes, e com as suas famílias. Nós não tivemos estágios nos internamentos: trabalhávamos com as crianças que já tinham saído do internamento e que viviam com a família, mas que eram vigiadas. Eram-nos atribuídos casos, já havia aqui muito o espírito do serviço social. Íamos à casa das famílias ver como é que as crianças estavam, se estavam integradas, etc.

Fizemos estágio no Instituto António Aurélio da Costa Ferreira. O director era o professor Vítor Fontes, nosso professor no Instituto. Também fizemos trabalho com as famílias.

Estagiámos ainda em psiquiatria, no Hospital Miguel Bombarda. Também trabalhámos com prostitutas. Nessa altura, a prostituição era legalizada. As prostitutas tinham como obrigação apresentar-se uma vez por mês a uma inspecção médica para ver se tinham alguma doença contagiosa. Se tivessem, ficavam impedidas de exercer a profissão, o que não significava que elas cumprissem, mas sujeitavam-se a serem presas. Nós trabalhámos nessas consultas, o que nos abriu portas para conhecer uma série de coisas.

Experienciámos histórias horríveis acerca de raparigas que vinham da província para servir e as casas de prostituição iam esperá-las à estação do Rossio, prometiam ajuda e levavam-nas para as casas de prostituição. Nessa altura não fizemos serviço social, apenas ouvimos, mas deu-nos uma noção da realidade.

Também fizemos um pequeno estágio numa maternidade particular, que era gratuita e que estava ligada à Companhia dos Tabacos. O director da maternidade também foi nosso professor. Estagiávamos onde tínhamos contactos, as coisas eram feitas muito particularmente, através de conhecimentos. A Associação de Serviço Social era constituída por personalidades que tinham muita evidência em determinados sectores, e isso ajudou muito o Instituto, porque facilitava a nossa entrada nos serviços onde íamos estagiar. Os estágios de segundo ano eram muito menos absorventes que os de primeiro ano. Não eram tão frequentes, só tínhamos três vezes por semana e eram mais curtos. Era Mlle. Lévêque quem organizava tudo e a dada altura apercebeu-se que era impossível continuar naquele ritmo, pois chegava ao fim sem alunas… ninguém aguentava.

No segundo ano tínhamos cadeiras médico-sociais, que abarcavam problemas sociais. Tínhamos uma cadeira que se chamava doenças sociais, isto é, doenças que estavam relacionadas a grandes problemas sociais como a tuberculose, doenças venéreas… sífilis, doenças profissionais e prostituição… este último não é doença, mas sim problema social! Estas eram cadeiras pequenas, até se podem chamar cadeiras semestrais. As cadeiras duravam só o tempo necessário para trabalhar o tema. O tempo de duração era variável. Uma coisa que aprofundámos no segundo ano foi a doutrina social da Igreja. Tínhamos dois professores. Também tivemos uma cadeira de higiene dos esgotos, porque nesse tempo era um problema e era importante para nós termos uma noção. Hoje não faria sentido. Penso que isso é que foi a inteligência de Mlle. Lévêque: estudou o meio. Ela passava a vida a visitar sítios para saber como é que as coisas se passavam cá, e a partir daí fazer as cadeiras… não sei como é que ela conseguia. Penso que ela foi directora do Instituto durante dez anos e deu sempre aulas, não tenho a certeza.

Terceiro ano do Curso

No terceiro ano fizemos o estágio no Júlio de Matos, que estava no início, em 1937. O director do Júlio de Matos era o professor Barahona Fernandes. Pediu-me, depois de formada… como ele não tinha conseguido que considerassem a necessidade de haver uma assistente social no hospital, e para isso não havia verba… pediu-me para acompanhar casos especiais e eu acompanhei alguns casos. Fez-me este pedido a mim porque sabia que eu gostava muito de psiquiatria. Acabei por não trabalhar lá efectivamente porque casei.

Fizemos o estágio final… já era trabalho no campo. Foi num bairro de lata, havia muitos na altura. Era o Bairro das Minhocas, situava-se nos terrenos onde é hoje o IPO e era um bairro enorme! Nessa altura o presidente da câmara era o engenheiro Duarte Pacheco, e queria substituir esses bairros por bairros sociais. Lembro-me que no meu estágio das tutorias tive que ir a esse bairro e fiquei horrorizada, pois não sabia que existia um bairro daqueles em Lisboa e daquele tamanho! Pensei que aquilo não deveria ser assim. Falámos com Mlle. Lévêque, que apoiou a ideia. Falámos com o engenheiro Duarte Pacheco para serem criados centros sociais em todos os bairros. Foi-nos dito que isso não era fácil fazer nos bairros já existentes, mas que estava previsto para os novos bairros que iam ser construídos. O engenheiro Duarte Pacheco pediu-nos estão colaboração para fazer um

inquérito, para saber o que se passava no Bairro das Minhocas, primeiro a ser substituído. Os novos bairros construídos nessa altura não tinham nada a ver com os de hoje. Eram chamados bairros provisórios… mas duraram muito tempo, feitos de placas de lusalite, e substituíam os bairros de lata. Nós fomos as cinco… a francesa já não foi… fazer esse inquérito, que foi muito difícil. A minha mãe não soube, se não, não me deixava ir. Mas não tivemos qualquer problema. Contudo era um bairro muito difícil, nem a polícia lá entrava! Assemelhava-se ao Bairro da Cova da Moura de hoje, mas era muito pior no sentido das instalações, mas não pior do ponto de vista humano. Foi esse o nosso trabalho de estágio: víamos as condições higiénicas, o número de famílias… Os telhados e as paredes eram feitos a partir de latas de gasolina. Trabalhámos muito! Era suporto ser um estágio de seis meses, mas durou mais de um ano. Fizemos vários relatórios e depois construíram outro bairro, para fazer a substituição. O novo bairro chamava-se Bairro da Bela Vista, já com um centro social e com uma assistente social, que foi a Maria Helena Carreira, minha colega de curso. Esse inquérito continuou a ser feito para outros bairros, mas eu já não estava no Instituto de Serviço Social.

Quando iniciei o curso entrámos treze, mas só terminámos cinco. As minhas colegas eram: Madalena Regaleira, Maria Helena Carreira, Maria Eugénia Moura Borges… acho que ainda é viva, e Emília Pinto, e havia uma francesa que não terminou o curso. Todas as outras raparigas que se inscreveram desistiram porque achavam o curso muito difícil, porque tinham dificuldades no estudo, porque o curso era muito exigente, tínhamos que nos levantar muito cedo… eu muitas vezes saía à noite e só ia à casa de manhã para ir tomar banho e depois ia para o estágio, não abdicava da minha vida de rapariga… ou ainda porque se desinteressaram. Nos anos seguintes já havia muitas assistentes sociais.

Durante o curso tínhamos uma cadeira de serviço social, dada só por Mlle. Lévêque, e que se baseava no seu trabalho anterior, do que conhecia do serviço social e ela também já tinha trabalhado numa escola de serviço social. Mlle. Lévêque, nas aulas, falava-nos da realidade francesa. Era uma mulher com experiência, tinha cerca de 40 anos, era uma pessoa muito dinâmica, mas não era muito organizada. Como professora transmitia-nos muito entusiasmo e vontade de trabalhar, mas não tinha sistema, não era organizada. Não era a professora ideal.

Das minhas colegas formadas nenhuma ficou a dar aulas, mas do ano seguinte sim houve quem ficasse a dar aulas, para ajudar a Mlle. Lévêque. Relativamente a autores, não tínhamos nenhum como referência ao serviço social. Estudávamos autores em psicologia, filosofia e também não havia estágios em fábricas.

Achei o curso muito exigente porque tínhamos que nos dar demais, exigia muito de nós, tornava-se exaustivo. No entanto, adorei, achei todo o curso muito interessante. Era um trabalho muito cansativo, mas eu gostava. Durante o curso houve uma descoberta, porque eu não sabia o que era a profissão. Para mim, o serviço social é um serviço de adaptação, procurar adaptar cada um, dentro do seu meio, por exemplo, a família, ou tentar modificar as estruturas, que é muito mais difícil. Penso que o serviço social de hoje passou a ser uma questão de burocracia, os assistentes sociais passaram a ser funcionários.

No terceiro curso de serviço social o período lectivo já era de três anos.

Alguns nomes do segundo ano de curso eram: Maria Leonor Corrêa Botelho, falecida, Raquel Ribeiro, Irene do Carmo, Gabriela Sales, primeira a trabalhar no Júlio de Matos, Maria das Neves Rebelo de Sousa, do Instituto Aurélio da Costa Ferreira, carmelita.

Serviço social rural

Também tivemos uma cadeira, depois do último ano, porque com a continuação do Instituto descobriram que havia falhas, como o serviço social rural, que no primeiro curso não foi dado. Depois de terminarmos o curso é que vieram professores dar essa cadeira. Nós, como não tivemos essa cadeira, fomos chamadas ao Instituto para assistir às aulas. Isso também aconteceu em outras cadeiras, em serviço social, por exemplo. O professor que veio dar e orientar essa cadeira chamava-se António Sousa da Câmara. Depois tivemos ainda aulas esporádicas com outros professores do Instituto de Agronomia. Importa dizer que Mlle. Lévêque tinha uma grande simpatia pelo serviço social rural e puxava-nos muito para esta área e para nós vermos os problemas relacionados com o meio rural, pois nós não tínhamos esse contacto. Eu tinha bastante experiência no meio rural porque não nasci em Lisboa, mas a maioria das alunas do meu ano nasceu em Lisboa e por isso não tinha qualquer contacto com o meio rural. Mlle. Lévêque tinha muita esperança no serviço social de grupo e comunidade em trabalho rural. Mlle. Lévêque andou por Portugal, foi à província e constatou a necessidade de actuar nessa área. Nós tivemos no nosso ano, nos dois anos e meio que estivemos no Instituto, nada ou quase nada que nos preparasse para o serviço social rural. O que aconteceu depois foi que todas aquelas que tinham estado no Instituto no primeiro ano, e que tinham terminado o curso, à medida que se iam criando novas cadeiras, podiam frequentar essas aulas. Não era obrigatório e havia em vários campos. O serviço social rural foi uma dessas cadeiras.

Depois também vinham cá vários estrangeiros, sobretudo franceses e belgas, fazer pequenos cursos e conferência sobre serviço social.

Ingresso na Associação de Serviço Social

Entrei para a Associação de Serviço Social pouco tempo depois de terminar o curso. Eu e outras colegas de curso, e dos anos seguintes, fomos convidadas pela Direcção, pois queriam ter bastantes assistentes sociais profissionais. Já muito mais tarde estive na Direcção da Associação. No início, esta Associação não tinha pessoas da área do serviço social, mas sim pessoas muito influentes noutras áreas. O Dr. Martins de Carvalho fez parte da Associação e foi professor do Instituto, mas isso aconteceu já depois de eu terminar o curso. Pertenci à Associação de Serviço Social como presidente, directora do executivo. Fui a sucessora do Marcelo Caetano. Tinha como funções fazer reuniões com o conselho directivo, mas é importante dizer que nunca gostei da função de directora, sempre gostei de trabalhar em equipa, quanto muito ser coordenadora. Nunca me senti muito à vontade na Associação porque sempre achei que os objectivos não eram muito concretos, havia uma certa indefinição de funções e na finalidade, e isso sempre me desmotivou um pouco. Não estive muito tempo na Direcção, penso que foram dois anos.

Diploma do curso de serviço social

Depois de terminarmos o curso não tínhamos diploma oficial, porque era uma escola particular. Passados quatro ou cinco anos depois de eu terminar, o curso foi oficializado, e então nessa altura tivemos que fazer um exame de Estado, para nos podermos oficializar na

profissão. Tínhamos um júri nomeado pelo Ministério da Educação que vinha de vários pontos do país, até porque nessa altura já existia a escola de serviço social de Coimbra. Como o Instituto era particular, não dava diploma, e só passados quatro ou cinco anos o curso foi oficializado, porque todas nós enquanto profissionais sentíamos essa necessidade, pois tínhamos dificuldade em entrar para as instituições ao não sermos reconhecidas. Por exemplo, no Júlio de Matos, que era uma instituição oficial, como era possível uma aluna de serviço social entrar para lá se o curso não era reconhecido? Como é que um director de uma instituição podia requerer o serviço de uma assistente social, se ela não existia oficialmente enquanto profissional? Esse diploma foi conseguido através da influência dos professores da Associação. Esse diploma não era obrigatório. Do meu ano todas fizemos o exame e apresentámos uma tese. Eu fiz esse exame algum tempo depois, já era casada e já tinha um filho.

Percurso profissional

Casei em 1938, pouco depois de terminar o curso, e não pensava trabalhar de forma efectiva depois de casada. Ainda pensei em trabalhar em Setúbal, numa empresa belga de conservas… só os estrangeiros, na altura, é que sabiam o que eram as assistentes sociais. Quem fez um estágio nessa empresa foi a Maria Leonor Corrêa Botelho… mas acabei por pôr a hipótese de lado. Mas nunca abandonei totalmente o serviço social. Continuava a ir ao Instituto de Serviço Social, fazia parte dos júris de exames, sempre de forma voluntária, porque eu também sabia as dificuldades que o Instituto tinha. Tudo o que fiz profissionalmente foi feito de forma "pouco seguida".

Nos primeiros tempos ainda não tinha feito o exame de Estado e era sobretudo solicitada por alguns ex-professores meus, que não tinham verba para ter assistentes sociais nas instituições, e quando tinham um caso mais complicado telefonavam-me e pediam-me algum apoio. Alguns dos meus professores pediram-me para trabalhar com eles… estou a pensar no professor Vítor Fontes, que tinha o Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, que ainda hoje existe e destina-se a crianças com problemas comportamentais e psicológicos… nessa altura não se dizia assim, pois ainda não existia o curso de psicologia em Portugal e a assistente social funcionava um pouco como psicóloga. Depois disso teve sempre assistente social, porque mais tarde o professor Vítor Fontes conseguiu verba.

O professor Barahona Fernandes foi o primeiro director do Hospital Júlio de Matos. Eu trabalhei lá porque o Governo não lhe dava verba. O Estado não dava verba para uma coisa que não sabia o que era… para ter uma assistente social, e eu trabalhei gratuitamente. O professor pedia-me para eu colaborar em alguns casos.

Croix Saint Simon

Eu estive num centro social, relacionado com hospitais, em França, no Croix Saint Simon. Era um serviço geral, mas que tinha um hospital e um centro social. Estive lá antes da guerra de 1939… deve ter sido 38… 39. Mlle. Lévêque é que me encaminhou para lá, para eu conhecer o serviço social francês. Também fui ver o serviço de realojamento, porque havia nessa altura em França um bairro de lata muito grande à volta de Paris, a que chamavam “la zone”. Havia muitos imigrantes em Paris que viviam em condições muito difíceis. Alguns eram franceses e migravam para a cidade de Paris e outros, a grande

maioria, eram estrangeiros. O serviço social tinha vários centros que se ocupavam dessa problemática. A Mlle. Lévêque achou que tinha interesse conhecermos essa realidade. Fui eu e a Maria José Lencastre Viana. Não fui de propósito fazer este trabalho, mas aproveitei a oportunidade para observar como funcionava o serviço social francês. Foi através das assistentes sociais que trabalhavam em "la zone" que fui a Croix Saint Simon. Este local era polivalente, tinha muitos serviços e um pequeno hospital.

Cruz Vermelha Portuguesa

Também trabalhei nove anos na Cruz Vermelha, como voluntária. O meu cargo era o de presidente do gabinete de acção social. Fui para a Cruz Vermelha quando criaram uma secção que se chamava secção auxiliar feminina… não me lembro das datas. O gabinete de acção social era uma coisa pequena. Tinha três auxiliares sociais, eram profissionais pagas, e tinham várias estagiárias do Instituto de Serviço Social. O seu trabalho relacionava-se com um pequeno centro de saúde que existia lá e que se dirigia a mulheres grávidas, mães e crianças. O trabalho prendia-se com estas famílias e com todas as famílias que se dirigiam à Cruz Vermelha, que eram inúmeras. Quando os problemas eram do âmbito do serviço social, enviavam para o meu gabinete. Também tínhamos colónias de férias. Portanto, eu trabalhava com várias assistentes sociais que estavam a fazer estágio, com assistentes sociais efectivas e com auxiliares sociais.

Em 1961, quando foi a entrada na Índia portuguesa, houve uma ponte aérea para virem para cá mulheres que eram portuguesas, ou casadas com portugueses, ou ainda indianas que queriam fugir com os filhos. Os homens não vinham. Houve várias instituições, como a Cáritas e o Estado, que se ocuparam das mulheres que eram funcionárias do Estado ou casadas com funcionários portugueses do Estado. O ministro do Ultramar, o professor Adriano Moreira, convidou quatro assistentes sociais. Não sei porque foram estas as escolhidas, era uma situação de emergência e o ministro estava muito preocupado com a chegada dessas mulheres e dessas crianças, que já estavam em instituições portuguesas. Nessa altura eu trabalhava na Cruz Vermelha como voluntária. Como fui chamada para fazer este trabalho, não sei! Das quatro assistentes sociais que foram chamadas para fazer este trabalho, umas trabalhavam ao serviço do Estado e outras não. Uma delas chamava-se Maria Leonor Corrêa Botelho e trabalhava no Banco Ultramarino. Não me lembro do nome das outras assistentes sociais porque fomos trabalhar para sítios diferentes e não nos voltamos a reunir. Esse trabalho durou cerca de três, quatro meses, mas marcou-me muito. Havia uma grande dificuldade de adaptação e dificuldade de relação entre elas, e entre elas e as pessoas que as recebiam. O trabalho consistia em ir para essas quatro instituições… cada uma de nós ia para uma instituição diferente… para ver se conseguíamos melhorar a situação. Foi uma experiência muito rica. Elas chegaram em meados de Dezembro, durante a invasão do território português, muito perto do Natal. Eu já tinha estado na instituição, mas ainda tinha pouco contacto com elas. Penso que fui à instituição dia 20, 21 de Dezembro. Na manhã da véspera de Natal e no dia de Natal ficava a pensar naquelas mulheres… nem conseguia dormir muito bem, então tomei uma decisão! É preciso perceber que eu tinha seis filhos e o Natal de uma mãe de família é agitado, mas pensei que tinha mesmo que ir à instituição! Na manhã do dia de Natal levantei-me muito cedo e fui logo à instituição. Elas estavam divididas por vários quartos, cada mãe tinha os seus filhos no seu quarto. Se os filhos eram mais velhos, existiam duas camaratas, uma para rapazes e outra para raparigas. Entrei no primeiro quarto e disse: "Hoje é Natal, estou a pensar em vocês e venho cá dizer-vos que as quero ajudar. O que é que podemos fazer?". A

instituição já tinha feito um presépio mas elas não gostaram nada, porque não era assim que estavam habituadas a fazê-lo. Fui entrando em todos os quartos e repetindo estas palavras, mas estava cheia de pressa, pois tinha que voltar para casa. À medida que ia falando ia encontrando um muro à minha volta, porque nenhuma delas olhava para mim, estavam todas de olhos baixos. Quando cheguei ao quinto ou sexto quarto não tive coragem de continuar, sentei-me numa cama e comecei a chorar. Senti-me tão rejeitada… tinha deixado a minha casa, os meus filhos, e quando voltasse ia apanhar uma descompostura do marido por tê-los deixado no dia de Natal, e ainda por cima para nada, mas tinha sido mais forte do que eu. Mas enquanto eu estava a chorar disfarçadamente, sinto uma mão nas costas. Era uma indiana que estava sempre muito calada e que falava muito mal português e que me disse: "Hoje Natal, mas todas estamos tristes e ajudou-nos porque a sentimos triste também.". Esta senhora deu-me uma lição sobre ajuda aos outros e disse-me: "Não podemos ajudar ninguém se estamos com pressa!". Foi uma coisa espantosa. Ainda hoje, quando penso nisso e vejo a imagem daquela mulher diante de mim, lembro-me do que ela me disse: "Para ajudar temos que sentir e ter qualquer coisa de comum com os outros. Não podemos ajudar só com as palavras.". Foi uma grande lição de ajuda ao próximo. Eu, nesse momento, agarrei-me a ela e só disse: "Obrigada.". Acabei por não fazer nada e fui-me embora. Tenho a impressão que, depois disso, ou elas me aceitaram melhor, ou eu as percebi melhor, mas depois disto houve uma empatia e o meu trabalho foi mais fácil junto delas. O trabalho que fiz com elas foi um pouco difícil, mas o importante foi a compreensão e o trabalho feito por mim, sem sentimento de sabedoria, porque é juntos que devemos tentar fazer alguma coisa. Nessa altura, juntei-as todas e disse-lhes isto mesmo. Deparei-me com algumas situações, como o facto de elas não comerem. As pessoas que trabalhavam com elas diziam que elas só tiravam pão, e que não se queriam sentar à mesa. O que acontecia era uma questão de cultura, pela questão das castas… não sei se ainda hoje é assim. Elas não se sentavam à mesa com pessoas de outras castas. Foi muito fácil resolver esta questão: elas distribuíram os lugares na mesa como entenderam, e escolheram os lugares pelas castas. O que não foi tão fácil foi convencer os que dirigiam aquilo. Depois disso, passaram a sentar-se sempre à mesa. Outra situação foi a compra de sapatos. Lá estava muito calor e quando chegaram a Portugal estava muito frio, era Dezembro. Então a instituição comprou agasalhos e sapatos. Elas aceitaram tudo, menos os sapatos, e andavam com sandálias, e isto porque não estavam habituadas a usar sapatos e ficavam com os pés feridos. Estas foram pequenas coisas que, depois de compreendidas, foram muito fáceis de resolver.

Empresas

Ninguém sabia o que era o serviço social e depois de eu ter terminado o curso, o Dr. Couto dos Santos, correio-mor, que era administrador de uma macro-empresa pública, os CTT, conhecia-me, chamou-me e disse: "Olhe, é assistente social, não é? Eu não sei o que isso é, mas organizei uns cursos porque funcionários meus que estão em véspera de ser promovidos são da província e necessitam de uma grande cultura acerca da sua profissão. Então organizei esses cursos durante dois, três meses, para depois serem promovidos. Já houve cursos destes, mas os professores que davam o curso disseram que faltava qualquer coisa e o curso não correu bem. E então alguém propôs uma dessas senhoras que agora chamam assistentes sociais ou qualquer coisa assim, para que possa facilitar o desenvolvimento e para que as coisas corram melhor. Então convido-a para vir cá duas, três vezes por semana, enquanto funcionam esses grupos, para fazer qualquer coisa, que eu não sei o que é… não sei muito bem o que é a sua profissão, também não sei o que é que

tem que vir fazer e também não sei para que é que é precisa, mas venho convidá-la para isso.". Eu fiquei desnorteada e nessa altura lembrei-me de uma coisa que me tinha dito Mlle. Lévêque... Ela foi a primeira assistente social francesa a trabalhar na indústria, trabalhou na Citroën, e quando se deparou no meio daquela engrenagem toda, no meio daquela multidão, de gente e de máquinas, ficou completamente desfasada, não sabia o que tinha que fazer… nessa altura o curso de serviço social em França estava mais desenvolvido do que em Portugal, mas também não estava tão desenvolvido assim! Então Mlle. Lévêque observou tudo e começou a ver máquinas que não funcionavam bem, que faziam uns estalidos, e percebeu que uma pinguinha de óleo fazia com que as máquinas funcionassem melhor, e então pensou: "Eu, que sou uma pinguinha de óleo no meio desta engrenagem, talvez vá facilitar o funcionamento disto tudo!". Eu nessa altura lembrei-me do dito de Mlle. Lévêque e aceitei o trabalho, pensei que até poderia facilitar nalguma coisa. Não sabia o que ia fazer, mas depois correu muito bem. Trabalhei lá muitos anos e nesse trabalho era remunerada. Esses alunos já eram adultos e tinham diversas formações profissionais e também havia uns com mais cultura e outros nem tanta, mas sentiam que a matéria era despejada, não se sentiam à vontade, e eu acho que fui o tal pingo de óleo. Falei com eles e disse-lhes que não sabia o que iria fazer, e que isso iríamos decidir em conjunto… aquilo que seria mais importante fazer. Vimos em conjunto o que não correu bem. Esse foi o meu primeiro trabalho remunerado, mas era um trabalho que fazia esporadicamente. Não tinha contrato, foi apenas para fazer um trabalho específico.

Nunca perdi o contacto com o serviço social. Trabalhei em coisas muito diferentes. Aqueles professores que tinham instituições e não tinham dinheiro para pagar a uma assistente social, pediam-me para ir lá trabalhar em casos específicos.

Depois disto estive noutra empresa, nos anos 40, 50. Este contacto estabeleceu-se através do administrador da outra empresa que, ao falar com este outro administrador, disse que o trabalho feito por mim tinha corrido muito bem e o outro pediu-me para ir trabalhar na sua empresa. Essa empresa tinha um serviço de saúde muito bom e tinham vários médicos e chegaram à conclusão que os psiquiatras tinham uma afluência que não tinham os outros médicos. Como era uma empresa muito grande, tinha vários serviços, e em alguns desses serviços havia uma afluência aos psiquiatras, por parte das trabalhadoras, que não acontecia com outros médicos. Eu trabalhei nessa empresa, mas foi um falhanço. Nós temos muitas falhas. Pedi para falar com os dois psiquiatras e tentei perceber o que se passava. Juntei as trabalhadoras e falei com elas, disse-lhes que sabia que o serviço delas era muito stressante e que estava a tentar, em conjunto com elas, melhorar a situação e o ambiente, e tentar perceber o que seria melhor. Tive alguns encontros com elas e também falei com os chefes delas, e foi por isso que fui um falhanço, porque os chefes delas pediram à administração para que eu não continuasse com os encontros. Diziam que os encontros só traziam confusão e que as trabalhadoras passavam o tempo todo a falar nos encontros, e que isso não era bom para o seu trabalho e que eles sentiam a sua autoridade afectada. O administrador disse-me, então, que tinha muita pena, mas que o trabalho não podia continuar… mas senti alguma empatia no administrador. Mais tarde, o administrador enviou-me um cartão a pedir desculpas e enviou-me também uma carta que tinha recebido. Essa carta era das trabalhadoras, que perguntavam porque é que tinham acabado com os encontros, que elas se sentiam muito satisfeitas com aqueles encontros. Não foi um falhanço total, mas os resultados foram falhados.

Fundação Raquel e Martin Sine

Trabalhei na Fundação Sine, pouco tempo depois de esta ter sido criada, e este foi o meu primeiro trabalho remunerado e a tempo certo. Esta instituição foi fundada pelo senhor Sine, o senhor dos petróleos que estava cá em Portugal, e que criou a instituição para recuperação de cegos. O director era o Dr. Henrique Moutinho, e foi ele que me convidou para ir trabalhar para lá como assistente social. Eu disse-lhe que tinha a minha vida de casa com seis filhos, e que seria muito difícil. Então ficou combinado eu ir a meio tempo. Mas durante a conversa eu hesitei. Eu era muito amiga do Dr. Henrique Moutinho e disse-lhe que em breve iria para a Alemanha, onde o meu marido ia fazer um estágio, um trabalho de algum tempo, e que não sabia quando voltaria. Nesse momento, o Dr. Henrique Moutinho perguntou-me onde seria o trabalho e eu respondi que seria em Habsburgo. Nessa cidade existia uma instituição modelo para a recuperação de cegos. Era uma coincidência espantosa! Então o Dr. Henrique Moutinho perguntou-me se eu não me importava de a ir visitar, enquanto o meu marido estagiava na fábrica. O Dr. Henrique, como já tinha estado em contacto com o director dessa instituição, dava-me uma introdução… Ele entraria em contacto com o director para eu fazer lá um estágio, para conhecer a instituição e para trazer ideias para a Fundação Sine, que se estava a criar naquele momento. Eu concordei com o pedido. Nunca me esquecerei desta experiência, porque foi uma sensação extraordinária, eu nunca tinha estado em contacto com cegos. O director dessa instituição levou-me a uma sala muito grande, onde havia sobretudo cegos de guerra. Estavam dispostos em pequenas carteiras à volta da sala. O director apresentou-me e disse que eu era portuguesa. Eu falo um pouco de alemão… eles acharam muita graça. Fizeram perguntas sobre Portugal e pediram-me para falar português porque nunca tinham ouvido a língua, e também me pediram para cantar qualquer coisa… mas eu canto muito mal. Então pensei em recitar qualquer coisa e lembrei-me do pai-nosso. Na Alemanha, a maior parte da população é protestante, mas o pai-nosso é tanto para protestantes, como para católicos. Foi das sensações mais extraordinárias, eu estar a dizer muito devagar o pai-nosso, em português, e ver aquelas pessoas todas a olharem para mim sem me verem, a seguirem-me com os olhos que não viam e a repetirem baixinho, em alemão, aquilo que eu estava a dizer em português. Depois desta experiência decidi ir trabalhar com os cegos. Nessa instituição, na Alemanha, o trabalho feito com os cegos era muito prático. Por exemplo, cada pessoa dizia onde morava e então apresentavam uma planta da sua rua em relevo, e explicavam o que havia na rua: mercearia, pastelaria, casa. Eles iam aprendendo e conhecendo com as mãos a sua própria rua e mais tarde a sua cidade, não com muito pormenor, mas de forma a terem uma ideia geral. Nessa instituição notei que eles estavam contra uma medida do serviço social, porque o serviço social queria fazer um bairro para cegos. Dentro de um bairro social que se estava a construir, o serviço social queria fazer uma parte para cegos. Foi com a melhor das intenções, mas os cegos sentiam-se segregados, queriam era viver no meio das pessoas que conseguiam ver, e diziam que eram como os outros, não eram diferentes, simplesmente não conseguiam ver. Isso foi uma grande lição para mim, embora eu na altura também não concordasse com a medida. Durante o tempo que estive na Alemanha fiz muitas visitas a essa instituição. Esta experiência possibilitou-me trazer ideias para a Fundação Sine. Uma dessas ideias, que já estava a ser seguida pelo Dr. Henrique Moutinho, era a necessidade de haver uma grande colaboração entre os vários técnicos que estavam empenhados na recuperação e no ensino de pessoas cegas… não digo invisuais, porque acho que se tem de aceitar a palavra cego. A ideia era constituir uma equipa composta por um oftalmologista… era o director, o Dr. Henrique Moutinho, por um psicólogo… a Dr.ª Maria Borges, por um psiquiatra, pelos monitores responsáveis pela

recuperação e por um cego. Esta ideia tinha como objectivo integrar um cego na equipa, para que eles não sentissem que eram outros a trabalhar as suas situações e os seus problemas. Isto foi a ideia que eu trouxe da Alemanha e que foi aceite de imediato.

Trabalhei na Fundação Sine e gostei bastante. Foi um trabalho muito doloroso, porque tínhamos cegos recentes que se revoltavam imenso, mas foi ao mesmo tempo muito recompensador. O primeiro contacto dos cegos, nesta instituição, era feito com a assistente social. Muitos deles vinham sozinhos para se inscreverem na Fundação. Só alguns é que vinham acompanhados. Vinham à Fundação para fazer recuperação e podiam ser enviados pelas escolas, da província ou de outros locais, onde havia assistente social. A Fundação Sine, infelizmente, não conseguia receber todos aqueles que se inscreviam, que eram bastantes… existiam poucas instituições a receber cegos… por isso havia uma pré-escolha daqueles que precisavam mais. Nessa pré-escolha dava-se preferência àqueles que tinham menos idade e que conseguiam trabalhar. Os mais velhos podiam não ser seleccionados, porque o objectivo era integrar e reabilitar profissionalmente. Quem fazia essa selecção era eu, embora tivesse comigo uma auxiliar social. Eu também intervinha ao nível da adaptação, pois eles não tinham muita facilidade em adaptar-se. Fazia a ponte entre o trabalho, a instituição e os cegos. Trabalhava com problemas familiares, pois existiam muitos. Como por exemplo, quando intervinha em problemas relacionados com trabalho, contactava com os directores de serviço… aquelas pessoas que os contratavam, e com os chefes directos com quem eles trabalhavam… os chefes de trabalhos manuais, telefonistas…, e com os próprios cegos. Estes contactos tinham como objectivo perceber quais eram as dificuldades existentes, qual era a relação que se conseguia estabelecer com os outros e perceber como era a adaptação ao local de trabalho e ao próprio trabalho. Interessava saber não só as dificuldades dos cegos, mas também quais eram as dificuldades das pessoas que trabalhavam com eles, do ponto de vista da relação com os cegos. Uma das dificuldades, que não foi referida por eles, mas que foi sentida por mim, foi o facto de eles pensarem nos cegos como "coitadinhos" e, para isto, foi necessário dar-lhes a noção de que eles não podiam ter esse sentimento de protecção, de dó, de cima para baixo. Essa atitude não era boa para os cegos, porque não se sentiam bem face a esses comportamentos dos colegas.

Este trabalho na Fundação Sine marcou-me imenso como assistente social porque era um trabalho muito variado e houve casos extraordinários. Lembro-me de um caso que acho que foi o que me custou mais. Um dia, entrou um homem, 40 anos, que cheirava muito mal e que era muito inteligente. Tinha conseguido recuperar-se sozinho, tinha aprendido a ler e queria tirar o Liceu porque sentia que ia conseguir. Mas dizia também que as pessoas eram más porque não o aceitavam. Eu, ao ouvir isto, percebi o que se passava. Havia queixas de outros alunos de que ele cheirava mal. Pedi para ver a casa dele e era um buraco que cheirava muito mal. Então, com muito cuidado, decidi dizer-lhe que ele tinha que ter mais higiene porque era a sua falta de higiene que afastava os outros, e não o facto de ser cego. Foi horrível ter de dizer isto, só me lembrava de um anúncio da altura, que era uma rapariga que tinha muito sucesso com os rapazes, mas que cheirava mal e alguém dizia: "Tenho que lhe dizer!". Quando terminei, ele virou-se e disse-me: "Sua bruta, não ponho cá mais os pés! És igual aos outros!". Passado um mês ou dois, veio ter comigo e disse-me: "A senhora é uma bruta, malcriada e antipática, mas tem razão, porque eu comecei a observar.". Então tentou-se que ele fosse recebido numa casa, de arranjar alguém que lhe tratasse das roupas e conseguiu-se uma pensão, enfim, o trabalho habitual de uma

assistente social. Realmente fui bruta, mas penso que este foi o meu caso de maior sucesso. O senhor tirou um curso superior, embora a atitude que tenha tomado, a de lhe dizer que cheirava mal, tenha sido a que mais me custou!

Relativamente ao número de cegos que a Fundação acolhia, havia cegos que estavam permanentemente na instituição, eram 30, 40, e outros que só iam à Fundação por um tempo, para fazer uma pequena recuperação. Outros eram seguidos e encaminhados para trabalhos… telefonistas, em fábricas. Mas tarde, juntou-se à Fundação Sine o Centro Helen Keller.

Centro Helen Keller

O trabalho desenvolvido pelo Centro Helen Keller estava relacionado com a recuperação de crianças cegas ou amblíopes, que viam muito mal. Aqui trabalhei sobretudo com as famílias, porque muitos pais rejeitavam a cegueira dos filhos. Nessa instituição trabalhei muito com o Dr. João Santos, que era o psiquiatra infantil do Centro Helen Keller. Também trabalhei com ele, mas já como voluntária, em reuniões com pais de crianças com problemas psiquiátricos e dificuldades psicológicas. A Organização Mundial de Saúde criou uns cursos… eu fui a um só, não sei se houve mais… em que convidava pessoas de vários países, com um trabalho muito específico. Lembro-me disto, porque eu fui na área do Dr. João Santos, que era a psiquiatria infantil. Era um grupo representante de cada país, constituído por um assistente social, um psiquiatra, um psicólogo e um pediatra. De Portugal foi o psiquiatra Dr. João Santos, a pediatra Dr.ª Silva Nunes, uma psicóloga e eu, como assistente social. Este curso durou quinze dias, foi em Lausane, na Suíça, e foi muito interessante porque estivemos em contacto com muitos países: França, Bélgica, Itália... Depois disso é que eu fiquei a trabalhar com o Dr. João Santos nesse grupo de ajuda a pais de crianças com grandes dificuldades psicológicas. Mais tarde, o Centro Helen Keller e a Fundação Sine separaram-se e eu segui o Centro Helen Keller. Aqui passei a trabalhar muito menos do que na Fundação Sine, e trabalhava com as famílias das crianças cegas. O trabalho do serviço social era fazer o encaminhamento e trabalho com as famílias, para estas encararem a situação, a limitação dos filhos. O trabalho era ajudar na relação entre pais e filhos. Havia uma psicóloga que ia à instituição de vez em quando, e eu muitas vezes encaminhava-lhe situações. Com as famílias, podia acompanhá-las directamente, encaminhá-las para a psicóloga ou encaminhar para serviços que davam apoio económico, por exemplo, apoio escolar. Este tipo de ajuda podia ser muito variado. Também trabalhava com outros técnicos. Havia reuniões de todos os técnicos, em que eu trazia as dificuldades que a família tinha com as crianças e que era uma ajuda para conseguirmos uma visão global do caso.

Sindicato das Trabalhadoras Sociais

Fui presidente do Sindicato das Trabalhadoras Sociais de 1959 a 1964. Chamava-se assim porque as auxiliares sociais também ingressavam no Sindicato. O mandato era de cinco anos, e depois disso eu não quis continuar. A primeira presidente do Sindicato foi a Maria Luísa Ressano Garcia, assistente social que fez o curso a seguir ao meu. Todos os sindicatos estavam sob a autoridade do Governo e todos os presidentes tinham que ter ficha limpa para o Governo. Havia sempre, não de forma oficial, um inquérito sobre a vida da pessoa, para que do Ministério das Corporações fosse dada a permissão para se ser presidente do Sindicato. Era a presidente que escolhia as suas colaboradoras. Comigo no Sindicato trabalharam a Raquel Ribeiro, a Maria José Lencastre Viana, falecida, e a Maria

Leonor Corrêa Botelho. A minha sucessora foi a Eugénia Sequeira… o marido esteve implicado numa revolta que houve em Beja, antes do 25 de Abril, e foi preso. Ela também esteve presa. As dificuldades que senti enquanto estive no Sindicato foram sobretudo evitar que se chamassem "assistentes sociais" ou "trabalhadoras sociais" a pessoas que não tinham preparação para trabalhar em serviço social. Essas foram realmente as maiores dificuldades que eu senti, porque era junto de entidades que tinham muita força. Por exemplo, os tribunais criavam muitas vezes cursos de três meses e depois chamavam-lhes assistentes sociais. Quando as assistentes sociais começaram a ser conhecidas e a ser procuradas, começaram também a aparecer várias entidades que diziam ter trabalho social, porque criavam cursos dentro das próprias instituições… nem se pode chamar curso, não chegavam a ser nada, não tinham preparação…, e passavam a dizer que tinham trabalhadoras sociais, visitadoras, e houve mesmo quem dissesse que era assistente social, mas isto foi logo… Enfim, tivemos que intervir e ir falar, até tivemos que arranjar um advogado que nos indicou qual era o caminho a seguir, porque nós não sabíamos o que fazer, embora houvesse alguns cursos mais sérios, como os de educadoras sociais.

Union Catholique Internationale de Service Sociale, Conferência Internacional (1961)
Tive uma experiência muito interessante, num congresso, o décimo congresso internacional, em Roma, em 1961. Eram cerca de mil participantes de vários países. Não sei porque é que escolheram Portugal para centralizar a correspondência que vinha de vários países… França, Inglaterra, Bélgica, Suíça, Itália, etc. Essa correspondência continha as dificuldades expressas pelas assistentes sociais de vários países. Era feito um inquérito em cada país, que depois era enviado para Portugal. Nessa altura, como era eu que estava à frente do Sindicato, recebia essa correspondência. Tive que ler e fazer um apanhado daquilo que elas diziam, e na conferência fui transmitir o que tinha retirado das cartas que tinha recebido dos vários países. Foi muito interessante porque estabeleci contacto com assistentes sociais de vários países. Esta conferência realizava-se de 2 em 2, ou de 3 em 3 anos. Esse estudo era promovido pela Union Catholique Internationale de Service Sociale. É necessário explicar que tudo isto surgiu num período em que se começava a descobrir a psicologia profunda, o que trouxe um certo desequilíbrio nas escolas de serviço social, porque algumas aderiram de forma entusiástica e exagerada. Outras escolas, também de forma exagerada, combatiam essas tendências e novos métodos. O Instituto, nessa fase, aderiu a essas novas tendências, também de forma exagerada. Esta conferência durou uma semana e havia um dia reservado para todas as escolas de qualquer confissão, protestantes, laicas, católicas, etc. Os inquéritos que eu trabalhei e que depois apresentei na conferência pertenciam às assistentes sociais católicas.

Congresso Nacional de Protecção à Infância
Também estive num congresso nacional de protecção à infância, e tive uma pega com um senhor que intitulava "serviço social escolar". Lembro-me que isto foi no anfiteatro da Maternidade Alfredo da Costa… mas não tenho a certeza. Havia muitos professores, penso que não havia assistentes sociais, e houve um senhor que falou e que disse que lamentava que a senhora assistente social tivesse dito que não havia serviço social escolar, porque achava que estava na mão dele o serviço social escolar, e que não se chamavam assistentes sociais, mas sim visitadoras, e que também tinham um curso. Eu tinha andado a investigar e sabia que não existia nada, pedi desculpa por ignorar o facto e perguntei de quanto tempo era o curso, e quantas senhoras visitadoras tinha a trabalhar em Portugal. Ele ficou atrapalhado e disse-me que o curso era de seis meses e que havia três visitadoras em

Portugal. Eu respondi que pensava que era só Deus que tinha o poder de estar em todo o lado… foi gargalhada geral no anfiteatro.

Centro Social e Paroquial de São Tomás de Aquino
O último trabalho que tive como assistente social foi há 15, 20 anos, num centro de dia que pertencia à paróquia de São Tomás de Aquino. Eu trabalhava muito como voluntária na minha paróquia. Foi criado um centro de dia e tentámos ainda criar um esboço do que podia vir a ser o serviço social naquela instituição. O trabalho era para ser junto dos utentes, mas penso que o maior trabalho foi junto da Direcção das instituições, para as convencer a ter uma atitude de maior colaboração junto dos utentes, o que considerei ser muito difícil. As Direcções achavam que os utentes eram muito fraquinhos e não podiam fazer nada. Pensavam que os utentes não podiam colaborar e eu hoje, na mesma situação de utente, sinto que às vezes posso colaborar, e nessa instituição também havia pessoas com vontade de colaborar. Acho que na vida tenho tido uma atitude de assistente social, tenho ajudado muita gente pessoalmente.

Relação entre Sindicato e Associação dos Profissionais de Serviço Social
A relação do Sindicato e da Associação com o Instituto de Serviço Social, e com as outras escolas de serviço social, Coimbra e Porto, era muito boa. As outras pseudo-escolas de serviço social, não sei… porque o contacto era difícil e por isso não havia grande relação. Esta colaboração do Sindicato e da Associação com o Instituto era feita através dos professores das várias escolas, que estavam inscritos no Sindicato e na Associação, e havia muitas reuniões. Os sindicatos dessa época eram muito diferentes daqueles que hoje existem, porque nessa altura estavam sujeitos ao Ministério das Corporações, não havia grande autonomia. Hoje os sindicatos têm total autonomia. Mas nunca tivemos nenhum problema no Sindicato.

Organizações de assistência públicas e privadas
A primeira instituição privada a ter assistente social foi a Shell. As instituições públicas que tinham assistente sociais eram os hospitais, os ministérios… O Ministério das Corporações tinha assistente social… a Misericórdia já foi mais tarde. Não havia colaboração entre as instituições privadas e as públicas no âmbito do serviço social, mas na altura não éramos muitas assistentes sociais e todas nos conhecíamos, e por isso havia uma certa ligação familiar entre nós. Era muito diferente daquilo que se passa hoje… os olhos de hoje não podem ver o que se passava naquela altura. O Estado, nessa altura, intervinha em tudo, quer fosse instituição pública ou privada, e no caso do serviço social até dava um grande apoio. Não dava muito dinheiro, mas nunca tivemos problemas… mas tínhamos cuidado! Quando havia reclamações em relação a pessoas que exerciam a profissão, mas que não tinham formação, nisso tínhamos mais apoio.

Inserção das assistentes sociais nas organizações
Nós entrávamos nas instituições através de convites e de conhecimentos. No Sindicato, as assistentes sociais diziam que nas instituições onde trabalhavam não lhes era dado poder pela entidade patronal, e que havia falta de meios para fazer o seu trabalho. Por outro lado, os utentes diziam que as assistentes sociais queriam ser poderosas, e que achavam que sabiam tudo. Nas empresas, as assistentes sociais dependiam hierarquicamente do director da empresa, até porque a contratação das assistentes sociais era feita pelas chefias. Havia dificuldades nas empresas porque os trabalhadores achavam que as assistentes sociais

estavam demasiadamente ligadas às chefias. No que diz respeito ao prestígio das assistentes sociais, no Sindicato elas diziam que não tinham, mas penso que isso dependia da pessoa. A Eugénia Moura Borges sempre teve muito prestígio.

Relação entre assistentes sociais e enfermeiras

No início, as assistentes sociais tinham mais prestígio que as enfermeiras… era muito difícil gerir a relação quando se estagiava em hospitais. Mas esta situação inverteu-se quando surgiu a Escola de Enfermagem de São Vicente de Paulo, da Irmã Eugénia. Foi essa irmã que conseguiu dar um nível muito maior às enfermeiras. Também o professor Gentil criou a Escola de Enfermagem Rockefeller. O professor Gentil convidou-me para fazer o curso de enfermagem nos Estados Unidos. Foram escolhidas três raparigas pelo professor Gentil para fazer esse curso de enfermagem, e depois fundarem a escola cá. Essas escolas proporcionaram à enfermagem uma grande riqueza e vieram valorizar muito a profissão. A Escola Rockefeller formava enfermeiras técnicas, enquanto que a Escola de São Vicente de Paulo formava as enfermeiras tendo em conta o ponto de vista humano. Penso que isso determinou um encontro entre as profissões, enfermagem e serviço social, pois as profissões ficaram ao mesmo nível no que respeita à formação. Também as outras enfermeiras sem formação se viram obrigadas a subir o seu nível, e as outras escolas de enfermagem também subiram o seu nível. Já mais tarde, verificaram-se outros confrontos entre assistentes sociais e enfermeiras, mas já com níveis de formação semelhantes… em pé de igualdade. Houve ainda outro confronto, quando surgiram as escolas de psicologia, pois as assistentes sociais até essa altura trabalhavam muito no domínio da psicologia.

A psicologia no serviço social

Eu sempre me interessei muito pela psicologia, e sempre trabalhei muito como voluntária em psicologia e em psiquiatria, com o Dr. Barahona Fernandes e com o Dr. Eduardo Luís Cortesão, e depois com o Dr. João Santos. Sempre trabalhei muito na área de psicologia, e por isso sempre me identifiquei com essa área, mas nunca tomei posições extremas. Mesmo dentro da psiquiatria havia correntes diferentes, e eu trabalhei com dois médicos que adoptaram correntes antagónicas, eram o Dr. João Santos e o Dr. Eduardo Cortesão, e eu consegui trabalhar com os dois. Eu sempre consegui ser moderada nas minhas preferências, sempre tentei manter um meio-termo. O Instituto, em determinada fase, adoptou exageradamente uma corrente da psicologia, porque a influência do Dr. Cortesão fez com que essa corrente da psicologia profunda tivesse tal importância no Instituto. Mas o Dr. Cortesão era muito equilibrado, e sabia quais os limites, mas no Instituto seguiram essas influências de forma exagerada. O professor Vítor Fontes deu as cadeiras de psicologia infantil e psiquiatria infantil, e por sua influência estudámos de forma aprofundada Freud, no primeiro ano do curso. Houve sempre cadeiras de psicologia no curso. Penso que uma das medidas mais influenciadas pela psicologia, no Instituto, foi o excesso de supervisão. Eu achava bem que houvesse supervisão, mas havia pessoas que imprimiam um cunho demasiado profundo a essa supervisão. A supervisão deve ter a sua vertente psicológica, mas a assistente social não pode entrar por um caminho que não é o seu. Eu própria fui um pouco afectada por essa corrente, mas desde o início do curso, porque era uma área de que eu gostava. Ainda enquanto aluna do professor Barahona Fernandes, fizemos um exame e eu tive dezasseis, e o professor disse-me que se o exame tivesse sido realizado por um aluno de psiquiatria eu teria tido dezoito, mas como era assistente social, tinha entrado por um campo que não era o meu.

Supervisão em serviço social
Fui supervisora no Instituto, fui convidada. Eu fui sempre fazendo alguns trabalhos que me pediam no Instituto. Também fazia parte dos júris de exame, e também me pediram para ir esporadicamente falar sobre temas ao Instituto. Convidaram-me porque fiz um curso de supervisão no Instituto, que funcionava aos fins-de-semana e nas férias, e que durou assim três anos. O organizador desse curso era o Dr. Cortesão, e vieram psicólogos e psiquiatras dar as aulas. O objectivo desse curso era preparar as assistentes sociais para as implicações psicológicas do seu trabalho, quer a nível pessoal, como também na relação com os outros. Eu fazia supervisão a alunas, sobre o ponto de vista profissional… fazia supervisão do seu trabalho. Tentava sempre não trabalhar os problemas psicológicos da aluna e, quando achava necessário, aconselhava-as a ir a uma psicóloga. Havia cinco ou seis supervisoras que fizeram o mesmo curso. Umas eram professoras do Instituto, outras não, e as alunas escolhiam. As alunas tinham que fazer essa supervisão. Penso que esses momentos de supervisão não duraram muito tempo. Eu trabalhei no Instituto como supervisora durante dois anos. Houve duas alunas que acabaram por tirar o curso de psicologia, e isso coincidiu com a abertura desse curso em Portugal.

Avaliação do trabalho desenvolvido pelas assistentes sociais
Na Fundação Sine tínhamos reuniões mensais com todos os técnicos superiores. Esta era a única forma de avaliação que havia, e fazíamos a exposição dos casos em equipa. Como a minha vida profissional foi sempre descontinuada, não me lembro de fazer auto-avaliação, nem avaliação por parte da entidade patronal ao meu trabalho. O Dr. Cortesão promovia supervisão de serviço social para as profissionais, e nós pagávamos. Éramos um grupo de assistentes sociais, e a supervisão funcionava sob ponto de vista psicológico. Era o Dr. Cortesão quem dava essa supervisão. Depois de terminar o curso e começar a trabalhar lia muitas coisas sobre serviço social. Havia a Union Catholique Internationale de Service Sociale, UCISS, que tinha uma revista que eu assinava, e depois tentava direccionar essa informação para os locais onde trabalhava. Era uma revista que eu já conhecia quando era aluna, porque estava disponível na biblioteca do Instituto. Mantive durante bastante tempo contacto com Mlle. Lévêque, e ela indicava-me material para ler. Quem manteve contacto com Mlle. Lévêque até ela falecer foi a Maria José Lencastre Viana. Falando com esta minha colega, também trocávamos informações sobre o material que conhecíamos.

Deontologia e princípios éticos no exercício do serviço social
Mlle. Lévêque tinha uma cadeira de serviço social que acompanhou todo o curso, e esse tema também era introduzido. No entanto, essas aulas não me preencheram totalmente… mas o tema era abordado. Já quando eu trabalhava falava muito do tema com algumas colegas, sobretudo com a Maria José Lencastre Viana. Depois das sessões de supervisão com o Dr. Cortesão, algumas de nós encontravam-se e discutiam o que se tinha passado. Em termos de Sindicato isso nunca foi abordado, e eu também não promovi isso. Penso que foi uma falha minha, mas quando fui para o Sindicato foi uma altura complicada, pois eu não queria a Direcção do Sindicato. Quando falávamos entre colegas sobre os problemas éticos, o que era mais evidente era a dificuldade de relação… não havia espírito de equipa entre assistentes sociais e outros técnicos de formação diferente. O que acontece é que surgiam muitos trabalhos para serem feitos em equipa, e o problema da relação era muito frequente. Relativamente ao meu trabalho, penso que o meu maior problema era deixar-me envolver demais. Também havia um conjunto de princípios éticos do serviço social… a conferência de serviço social também abordou este tema.

Espírito associativo entre assistentes sociais
Penso que as assistentes sociais, como eram desconhecidas, sentiam a necessidade de se unir para se defenderem. Depois, talvez elas não fossem tão unidas… mas havia uma necessidade de clubismo.

Contexto sociopolítico mais abrangente
Como havia na Associação de Serviço Social pessoas muito influentes no meio político, houve sempre alguma protecção ao serviço social… isto, no início. Quando estávamos a fazer o inquérito no Bairro das Minhocas, havia alguém importante que mudou de cargo, passou para ministro, e nós dependíamos dele. Já mais tarde, enquanto ministro, passou pela instituição e viu-nos, e o seu sucessor no antigo cargo achava que não valia a pena ser assistente social, e eu sabia que ele não tinha muito em consideração o serviço social. Mas quando passou o ministro, este disse-lhe que ele tinha que fazer tudo o que nós pretendíamos, o que mostra um pouco o espírito… Os políticos mais importantes protegiam-nos, já os políticos menos importantes aceitavam-nos, mas de forma diferente. O serviço social estava muito protegido pelos políticos, o que permitiu o seu desenvolvimento.

À luz do presente, como vê o passado? & Maiores problemas com que se confrontam, no presente, os assistentes sociais
Havia uma generosidade imensa, e havia um desinteresse do ponto de vista económico, porque a maior parte das assistentes sociais tinha uma vida económica desafogada, e não tinha necessidades. Havia um grande desejo de ajudar os outros, e penso que foi isso que atraiu as primeiras assistentes sociais para tirar o curso. A técnica era secundária, e só foi descoberta essa necessidade por nós próprias, à medida que íamos trabalhando. A representação que as pessoas faziam das assistentes sociais… talvez por culpa nossa, como achávamos que estávamos a fazer uma coisa nova e diferente… é que éramos um pouco presunçosas. Penso que as outras pessoas achavam que queríamos tomar conta de tudo, achavam-nos insuportáveis… isto era o que eu ouvia. Nós, por vezes, impúnhamos a nossa posição. Por outro lado, éramos muito acolhidas. Penso que os assistentes sociais, hoje, estão demasiados burocratizados. É muito papel, não têm muito contacto com os utentes. Existe efectivamente pouco contacto… é muito trabalho de gabinete.

Apêndice F

Guião de entrevista às primeiras alunas formadas no Instituto de Serviço Social (2011)

Guião de entrevista às primeiras alunas formadas no Instituto de Serviço Social (2011)

Nome completo / data de nascimento

Curso frequentado no Instituto de Serviço Social / ano de início e de finalização

1. **Descreva sucintamente o seu percurso de formação no Instituto de Serviço Social e a que grupos / movimentos pertencia ao ingressar naquela escola**

2. **Instituto de Serviço Social de Lisboa**

   - como teve conhecimento do Instituto de Serviço Social?
   - o que a motivou para estudar no Instituto de Serviço Social?
   - como se processava a divulgação do Instituto de Serviço Social? (responsáveis; estratégias; círculos e locais de divulgação)
   - quais os requisitos exigidos para a admissão no Instituto de Serviço Social?
   - tem ideia de como foi construído o plano de formação do Instituto de Serviço Social? (responsáveis; influências nacionais ou internacionais)
   - o que guarda na memória sobre a disciplina de serviço social? (professoras; conteúdos programáticos; livros e autores de referência)
   - descreva brevemente os estágios que realizou durante a frequência do Instituto de Serviço Social (instituições de estágio; principais problemas das pessoas que recorriam à instituição de estágio; trabalho desenvolvido enquanto estagiária)
   - enquanto frequentou o curso, apercebeu-se da existência de contactos entre o Instituto de Serviço Social (direcção, professoras, colegas) e alguma organização estrangeira de serviço social? Se sim, especifique.
   - qual a representação que, em geral, as pessoas faziam sobre as alunas do Instituto de Serviço Social?
   - caso ainda se recorde, nomeie algumas das suas colegas de curso, e indique onde ficaram a trabalhar após concluírem a formação no Instituto de Serviço Social.

3. **O que sabe sobre a "Associação de Serviço Social"?** (como se constituiu; responsáveis pela sua constituição; membros que a integravam; objectivos; …)

4. **Marie-Thérèse Lévêque**

   - teve oportunidade de contactar pessoalmente com Mlle. Lévêque? Se sim: em que contexto(s)?; como a caracterizaria, em termos pessoais e profissionais?
   - sabe quem contactou Mlle. Lévêque para assumir a direcção técnica do Instituto de Serviço Social? Tem ideia das razões pelas quais ela foi escolhida para exercer essas funções? E sobre os trâmites em que foi realizado esse convite?
   - faz ideia das redes sociais (católicas ou outras; nacionais ou internacionais) em que se movia Mlle. Lévêque? (antes, durante ou após a sua estadia em Portugal)
   - o que sabe sobre o percurso formativo e a experiência profissional de Mlle. Lévêque, antes da sua vinda para Portugal? E em Portugal?
   - considera que Mlle. Lévêque foi uma figura relevante no Instituto de Serviço Social? Se sim: porquê?
   - como se processou a passagem de funções de Mlle. Lévêque (direcção técnica do Instituto de Serviço Social e docência) aquando do seu regresso a França?
   - após regressar a França, Mlle. Lévêque manteve o contacto com o Instituto de Serviço Social ou com algumas alunas? Se sim: especifique.

5. **Percurso profissional (décadas de 1930-1940)**

   - em que organizações trabalhou como assistente social / educadora familiar, durante décadas de 1930 e 1940?
   - como se processou a sua selecção e contratação, em cada uma dessas organizações? E com que objectivo a contrataram? (o que era esperado do seu trabalho)
   - descreva o trabalho que desenvolveu em cada uma dessas organizações (destinatários; principais problemas da população-alvo; âmbito de intervenção; fundamentos da intervenção; principais dificuldades enfrentadas)
   - de que forma, durante a sua actividade profissional, viu a importância, a utilidade e o papel do serviço social na sociedade portuguesa?

- qual era a representação que os utentes, e a sociedade em geral, faziam das assistentes sociais e educadoras familiares?
- como era vivido o espírito associativo entre as profissionais formadas no Instituto de Serviço Social? ("Associação das Assistentes Sociais e das Educadoras Familiares do Instituto de Serviço Social" / "Candeia")

6. **Enquanto aluna, apercebeu-se de algum tipo de relação entre o Instituto de Serviço Social e a Obra das Mães para a Educação Nacional? Se sim: especifique.**

7. **Acrescente o que considerar importante, a propósito da sua passagem pelo Instituto de Serviço Social.**

Ao longo da entrevista, e sempre que possível: recolher fontes documentais de relevo para a investigação de doutoramento, e para investigações futuras, que possam ser cedidas pelas entrevistadas (monografias de fim de curso; fotografias; …)

Apêndice G

Transcrição de entrevista a Maria Helena de Medeiros e Albuquerque Teixeira Beltrão (2011)

Maria Helena de Medeiros e Albuquerque Teixeira Beltrão

Lisboa. Entrevista numa sessão: 21/07/2011

Transcrição integral
(com inclusão dos elementos idiossincráticos do discurso)

Eu gostava de começar por perguntar à Sr.ª. D. Helena qual a sua data de nascimento.

1914. 12 de Setembro de 1914, o ano da Grande Guerra, o ano da declaração da Grande Guerra. É verdade! E tive um filho… Lembra-se de uma guerra que também houve, da França com a Alemanha, em 1939, não foi? Ou 29, ou 39…

39.

39. E eu estava à espera do meu filho, não havia meio de nascer. Os médicos já tinham dito antes: "Deve nascer em tal dia." Já tinha passado uns dias, mas eu disse assim: "Ele só vai nascer quando rebentar esta… quando rebentar esta guerra, porque eu só nasci com a guerra de 14, ele vai nascer com a guerra de 39. E foi! Eu disse a brincar… assim de brincadeira.

Diga-me uma coisa: antes de entrar no Instituto de Serviço Social, a que grupos, movimentos ou associações é que pertenceu?

A que eu pertencia?

Sim.

Bem… pertencia ao movimento das Noelistas, não sei se conhece? E estive bastantes anos. Comecei por ir para lá para mandar para lá as minhas filhas, que eu tinha filhas e lá tinham um movimento que trabalhava desde criança… desde crianças de 6 anos, parece-me que era, portanto, em diante. E então eu pensei e comecei a ir lá, e depois gostei e… Não sei se conhece o movimento?

Conheço, conheço.

Está dividido em três. Primeiro, as pequenas, depois as… ah… as que pertencem à União Noelista, que são raparigas geralmente solteiras mas com mais de 21 ou 22 anos, e depois há as… essas que se chamam da União que, quando casam, passam para o terceiro grupo que é Amigas do Lar, que são as casadas.

E foi no movimento Noelista que a Sr.ª. D. Helena conheceu o curso de serviço social?

Não, não. Foi através… ah… houve no Patriarcado… Já ouviu falar, com certeza, na Maria Ulrich, a fundadora, foi a primeira que criou uma escola de educadoras de infância. E ela

também fazia parte da Acção Católica e organizou um… e depois falaram-lhe numa senhora francesa que vinha para aí, assim uma coisa vaga, e ela mandou-me um convite bastante vago, que eu não sabia para que era, que era… que se… que era para uma conferência de uma senhora francesa no… no Patriarcado, quando o Patriarcado era no 43 do Campo de Santana. Era no Campo de Santana. E… e havia, eu não sabia para o que é que era. Sabia que era uma reunião destinada a raparigas solteiras, a raparigas, enfim. E depois disseram que era uma senhora francesa que vinha falar sobre uma coisa… sobre um curso que em França estava a ter muito, enfim, muito sucesso, que era o curso de serviço social. Bom, eu nunca tinha ouvido falar. Mas eu tenho uma amiga francesa, mais velha, amiga da minha mãe, não é da minha infância… que é a Lily Bensaúde. Não sei se já ouviu falar…

Em Bensaúde, já.

Ela era francesa, era francesa, casada com um Bensaúde, com um português. E eu falei-lhe nisso: "Ah, parece que há uma francesa que vem cá fazer um curso a raparigas sobre serviço social.". E ela disse: "Ah, eu sei muito bem o que é!". E ela disse-me em duas palavras, porque tinha uma prima que estava… que ia frequentar esse curso. Bem, cheguei lá, ouvi a Mlle. Lévêque, Marie-Thérèse Lévêque, que era uma senhora… tinha um curso de assistente social e trabalhava em França. E que houve duas senhoras que tiveram contacto com ela, que era a Condessa de Rilvas, que depois fundou as Florzinhas da Rua e tinha tido contacto com ela e tinha gostado dela, e tinha ouvido falar do serviço social e interessou-se e tal. E depois também acho que falou cá a bastante gente sobre o assunto. E então convidaram… Ah, e houve duas pessoas que se interessaram especialmente, que foi a Condessa de Rilvas e foi a Sr.ª D.… Ai, agora de repente esqueci-me do nome… o primeiro nome dela…

Lídia...? Lídia Cabeça?

Lídia Cabeça, exactamente, Lídia Cabeça! E então, elas duas, não sei como foi, se foram falar logo com o senhor Cardeal Patriarca, não sei! Falaram no assunto desse curso de serviço social em França e do que era assistente social e o senhor Cardeal Patriarca, de acordo com essas duas senhoras, resolveu convidá-la para vir fazer uma conferência, para falar sobre serviço social. E ela veio falar e disse o que era. Estava à pinha, estava imensa gente! Foi organizado pelo Patriarcado, mas foi também muito difundido pela Acção Católica, por toda a Acção Católica, tanto a JEC, como a JOC, a JIC, a JAC, a JUC e, portanto, isso fez com que muita gente ouvisse falar no assunto e era uma coisa organizada pelo Patriarca, nesse tempo ainda o senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira. E… e muita gente, portanto, quis ir à conferência. Ela explicou que iria abrir aqui assim uma… que havia uma Associação que se tinha formado, de que fazia parte o senhor Cardeal Patriarca, essas duas senhoras e o… a Sr.ª D. Lídia eu já tinha dito, e… e o professor Marcelo Caetano, na altura ainda não era… Era uma Associação que se chamava Associação de Serviço Social.

E essa Associação…

… é que criou o Instituto! E essa Associação é que convidou a Mlle. Lévêque para vir cá fazer essa conferência, para falar sobre o que era e abrir inscrições para o curso.

E quem é que criou a Associação?

Olhe, quem criou a Associação, quem era a Direcção… quem criou, não sei, ao certo. Mas quem era a Direcção, era a Sr.ª D. Lídia Cabeça, a Sr.ª Condessa de Rilvas, a… o… fazia parte dessa Associação… também o senhor Arcebispo de Mitilene dessa altura, que era D. Ernesto… ah… não me lembra o nome… Ernesto… Eu parece-me que ele era Silva Nunes, que ele era tio deste actual, que há um Monsenhor Silva Nunes, que é bispo também. Bom, e, portanto, foi esses todos e também convidaram algumas pessoas que trabalhavam, médicos que trabalhavam. Um deles foi o Francisco Gentil, que também foi convidado para ser dessa Associação. Como professor de direito era o Marcelo Caetano, o professor Marcelo Caetano, também era da Direcção da Associação de Serviço Social. E… o Dr. Barahona, que era do… que era do… diabetes, professor… Não, não… não era o Dr. Barahona… esse não foi convidado. Foi o Dr. Roma, enganei-me! O Dr. Roma! O Barahona Fernandes foi muito depois, não foi convidado… não foi para essa Associação. O Marcelo Caetano, já disse, o professor Gentil, já disse também. O Paulo Cunha era director, também foi convidado… não sei se foi para a Direcção, mas depois foi… foi… depois foi da Direcção, mas não foi dos primeiros, acho que não foi dos primeiros, o Paulo Cunha. E então, essa Associação é que criou, de acordo com a Mlle. Lévêque, claro, e segundo as instruções dela e o que ela dizia que se devia fazer e tudo isso, de acordo com ela, de acordo com ela! E havia o senhor, ai como é que… padre qualquer coisa Rosa, ele era… ele foi professor, foi professor da Luísa.

Honorato?

Honorato Rosa… não me lembra o nome. Foi também da Direcção de Serviço Social.

Logo no início?

Logo no início. E foi mais tarde professor do Instituto. Mas isso foi… Portanto, essa Comissão… e era o senhor Cardeal Cerejeira… essa Comissão reuniu-se toda e criou a Associação de Serviço Social. E depois a Associação de Serviço Social, que era então já muita gente, e dirigentes, por exemplo, dos hospitais, médicos dos hospitais. Nessa altura era o Santa Maria que era o Hospital Escolar, que agora… Não, disparate! Agora é o Santa Maria, nessa altura era o Santa Marta, porque não havia Santa Maria! Santa Maria ainda não tinha nascido, ainda não tinha sido construído… nem construído, nem muito menos trabalhava, claro! Bom, pois, eu fui então a essa conferência e gostei muito. Gostei imenso, que a Mlle. Lévêque, ela falava muito bem e… Ela falou em francês. Bem, eu falava o francês como o português, porque, primeiro… por várias razões. Primeiro, eu estive num colégio francês, que havia cá em Lisboa, que se chamava, que era o colégio da Mlle. Péchenard, não sei se alguma vez já ouviu falar, olhe, cá estão umas poucas de senhoras que estiveram lá e nessa altura era… era um colégio francês muito bom. E depois estive na Suíça, num colégio suíço, que era na Suíça alemã, mas que era para… para alunas que eram da Suíça francesa. Como sabe, na Suíça há oficialmente três línguas, fala-se oficialmente três línguas: o francês, o italiano e o alemão. O colégio era na Suíça alemã mas foi criado para… não foi só para ali… era um colégio internacional. Havia catorze nacionalidades. Havia alunas lá de catorze nacionalidades, quando eu fui para lá. Mas a língua oficial no colégio era francês. E eu também já cá tinha aprendido o francês, na Mlle. Péchenard. Já falava bem o francês. E lá era obrigatório, era a língua que nós falávamos

umas com as outras, tudo. E que além disso, além disso havia para quem quisesse um curso de francês e em francês, mas um curso a sério de francês, que depois ia fazer exame à universidade, lá à Suíça, mas da Suíça francesa, como eu fiz esse exame, e o exame era para… donde saía professora da língua francesa. Tenho o documento, sou professora, posso ser em qualquer… em qualquer… escola, em qualquer país.

Bem… e depois fui falar com ela [Mlle. Lévêque]. Mais engraçado… quem foi ouvir também essa conferência, que não era católica, era judia, foi a Lily Bensaúde, porque tinha uma prima que em França trabalhava, e ela disse "Ah, quero ouvir!". E então foi também ouvir. E ficou entusiasmada e quis se inscrever, mas depois acabou… a própria Mlle. Lévêque disse: "Olhe, inscreva-se, mas não para todo o curso.". Porque aquilo havia a possibilidade de… a pessoa que queria tirar o curso de assistente social inscrevia-se para todo o curso, não é? Mas para isso era preciso ter… acima… ter feito admissão ao Liceu, quer dizer, ter o sétimo ano do Liceu. E era preciso… eu agora abro aqui um parêntesis para dizer que eu tive sempre uma nega para matemática e então tirei o curso… nunca fiz o sétimo ano, nunca tive matemática, nunca fiz matemática, mas isso foi também por uma teima minha, da minha parte, isto não vem aqui a propósito. Mas era só para dizer isto: a minha verdadeira vocação, devo dizer, não era assistente social. Fui e gostei muitíssimo de trabalhar. Mas aquilo que eu queria era medicina. Queria ir para medicina e o meu pai não me deixou. Mas pronto, naquela altura… as meninas tiravam pouco cursos superiores, e então medicina, muito menos! A primeira médica, não sei se sabe, não sei se foi de todo o Portugal, mas em Coimbra foi, foi a Dr.ª Domitila de Carvalho, não sei se já ouviu falar?

Já, já.

Bom, o meu pai disse-me então que não me deixava tirar o curso de medicina, mas quando eu lhe pedi, depois de vir da Mlle. Lévêque... Quando eu fui… ouvir a conferência… antes de ouvir a conferência de Mlle. Lévêque, como digo, o meu desejo era medicina. E esse desejo manteve-se durante muito tempo. Mas quando ouvi a Mlle. Lévêque falar, como ela dizia uma coisa que eu nunca esqueci e que está na base serviço social "O nosso trabalho não é ajudar os outros: é ajudar os outros a eles próprios saberem se ajudar.". É muito diferente. Não é ajudar os outros num momento de aflição, por isto, por aquilo, por uma pessoa que está numa situação económica muito difícil, não. É ajudá-lo a ele próprio encontrar solução para a sua situação. "E portanto, tenham sempre isso bem na vossa mente!", dizia ela, que a nossa vocação não é ajudar… a assistente social não é para ajudar os outros. É para ajudar os outros a ajudarem-se a eles próprios, a si mesmos. E eu gostei disto, achei bonita esta ideia.

Foi quando ganhou motivação…

E então, como não podia ir para medicina, que o meu pai tinha-me dito que não, mas quando soube que eu queria ir para assistente social, soube que era um curso criado pelo senhor Cardeal Patriarca… então nessa altura disse que sim: "Para assistente social podes ir!".

E porque é que se sentiu motivada? Quais foram as suas motivações para ter escolhido esse curso?

E não o de medicina? Eu interiormente escolhi o de medicina. Bom, depois, quando a Mlle. Lévêque explicou que realmente a… a finalidade era essa, era ajudar os outros e até disse que havia muitas raparigas que tinham tido a vocação de ir para medicina, mas o médico ajuda os outros, não é a eles próprios se ajudarem! E nós… e eu achei esta ideia curiosa e gostei. E então fui lá para me inscrever com essa senhora francesa, minha amiga, que tinha ido. E é engraçado, estivemos a falar um bocado com a Mlle. Lévêque e ela disse: "Olhe, eu com franqueza, depois de estarmos a falar, acho que a Maria Helena que, de facto, tem vocação, pode ir para… apesar de dizer que a vocação dela é medicina, acho bem que vá para assistente social. A Lily… acho que escolha outra coisa, não vá para…".

Ai sim? Mas o que é que ela viu…?

Bom, porque a Lily, devo dizer, ela era… havia assim uma coisa… ela era uma pessoa… ela era judia… eh… israelita. Era cem por cento, cem por cento! E então pôs assim uns certos limites: "Ai, não sei se posso fazer isso!". Quer dizer, sentia-se um bocadinho… Portanto, ela achou que eu tinha… digamos, mais liberdade interior para ser assistente social. E disse assim: "Se quiser inscrevo-a, não é para frequentar já, não é isso! Mas inscrevo-a para ser, para lhe dizermos bem o que é que é preciso e tal…". E inscreveu-me. "Desde já", disse ela, "vou perguntar as habilitações, as suas habilitações, porque há um mínimo de habilitações que nós…". E uma das habilitações era o sétimo ano. Ora eu tinha, na Suíça, tinha tirado, na universidade lá da Suíça, tinha feito exame e tinha o brevet, como é que se diz… tinha o diploma de professora de francês, de francês e de literatura francesa, era o nome. Bom, era um diploma oficial e que, nessa altura, o Ministério da Educação era bastante difícil, mas perante o diploma que eu apresentei deu-me equivalência, reconheceu. Mas, mas para… só para professora… só para Letras, para tirar o curso de Letras na universidade, não medicina! (risos)

E a Sr.ª D. Helena tem ideia de como foi construído, ou quem foi o responsável pela construção do plano de estudos no Instituto de Serviço Social?

Ai, acho que foi a Mlle. Lévêque.

E para além de Mlle. Lévêque, houve outra influência internacional… de França, da Bélgica, por via de alguma outra pessoa?

No Instituto, não. Houve um pouco talvez de influência da Condessa de Pernes, que era francesa. Era francesa de nascimento e… e depois casou com o Conde de Pernes e era portuguesa. Mas porque é que eu falei agora nela?

Eu estava a perguntar se tem ideia de alguma outra pessoa, ou organismo estrangeiro, que tivesse tido influência na criação do plano de estudos do Instituto…

Não, acho que não. Acho que não.

Nem por parte da União Católica…

Eu não conheci outros… eu não conheci outras organizações de serviço social francês, não. Se não, conheci uma… era uma Associação que havia, que era em França, as assistentes sociais católicas.

Ah… a Union Catholique des Services de Santé e des Service Sociaux…

Exactamente. E essa deve ter tido com a Mlle. Lévêque muitos… muitos contactos.

E por parte da União Católica Internacional de Serviço Social, belga?

Belga… tivemos depois… eu tive muitos contactos com eles. Nessa altura eu não sei se houve. Não digo que não, mas não sei se houve.

Quando entrou no curso tinha várias cadeiras, uma delas era serviço social.

Era a Mlle. Lévêque que nos dava o serviço social.

E o que é que se transmitia nessas cadeiras, o que é que Mlle. Lévêque transmitia, quais eram os conteúdos… falava-se de quê?

Na dela falava-se de serviço social, claro! (risos) E ela tinha muita prática do serviço social francês. Porque ela era assistente social francesa há muitos anos, bom, e portanto, tinha… e tanto, que quando nós, por exemplo, fizemos estágios… Porque o curso, o curso era… tinha… quatro… olhe agora não me lembra se era três, se era quatro anos…

Penso que seriam três.

É três, é, parece-me que era três. Três anos e depois tinha-se dois anos de estágios em vários sítios. Que até foi muito curioso, porque nessa altura não havia instituições sociais em Portugal. E a Mlle. Lévêque disse: "Vocês vão fazer o vosso estágio naquilo que eu acho que mais se assemelha, ou que tem mais interesse para uma assistente social tomar contacto: é nos hospitais. Vocês vão fazer os vossos estágios nos hospitais.". E como o senhor professor Francisco Gentil fazia parte também, como já disse, e era… Ah, não lhe disse quem eram os nossos professores, não me perguntou.

Quando eu a entrevistei, há cinco anos atrás, disse-me o nome deles. Por isso é que eu não perguntei.

Ah, está bem. Ah… foram muitos!

E de renome!

E de renome! E em vários sectores, porque eram pessoas da… da escola médica, eram médicos, eram professores de… de direito… Olhe, de direito, por exemplo, tivemos, o professor Marcelo Caetano, tivemos o professor Paulo Cunha, que era nessa altura o Ministro dos Negócios Estrangeiros, se não me engano. O professor… ah… como é que se chama este que fundou o CDS, este que é… que tem a casa em Sintra… o Adriano

Moreira… que na altura casou com uma mulher que era muito mais nova! O Fezas Vital, que era professor de direito internacional.

De entre os seus professores houve algum que a tivesse marcado em particular?

O professor que eu gostei, também de direito internacional, esse é que era, o Fezas Vital. O professor Fezas Vital. O professor Marcelo Caetano, também. O… Ai, gostar… é difícil dizer que gostei mais de um professor. Não sei… Eu gostei muito como professor… que ele era… ele era professor… não!... ele não era, ele era mais que professor, como digo, ele foi um dos fundadores, foi o professor Francisco Gentil. Eu, eu acho, eu… Mas esse era também a minha queda para a medicina. (risos) Outra pessoa que também me marcou e que também era médico, Dr. Barahona Fernandes. Depois, quem mais… o professor Fezas Vital, já disse?

Já.

A Mlle. Lévêque.

Então, voltando às aulas da Mlle. Lévêque. As aulas eram dadas com algum autor, com algum livro de referência, ou com base nos apontamentos que tiravam?

Era com base em apontamentos dela e da tese dela, que tinha feito lá fora, não é? Mas fundamentando-se em muitos professores de… que eram em Paris professores e havia a École Catholique de Service Social, de que ela também fazia parte.

Em França?

Em França, em França.

Ah, não sabia. Sabia que ela tinha feito o curso de Surintendante d'Usine. Mas não sabia que ela fazia parte da Escola Católica…

Era, sim senhor. Ai, era… que até houve poucas, houve poucas assistentes sociais que trabalhassem em fábricas.

Então quer dizer que Mlle. Lévêque tinha como suporte das aulas a sua própria tese?

Não só a sua própria tese, mas tudo quanto ela tinha… ah… coisas de professores de serviço social. Mas enfim, mas era muito baseado na sua própria experiência.

E enquanto…

Quanto a estágios, ela, por exemplo… e tomava muitas decisões originais, que eram dela!

Como por exemplo?

Como por exemplo, os estágios. Ela andou em Lisboa a ver onde é que nós poderíamos ir fazer estágio e chegou e disse: "Não encontrei nenhuma obra propriamente social". A não

ser o que nessa altura se chamava tutoria da infância. Mas tutoria da infância era… não era mandar na infância, não é isso! (risos)

Sim. (risos)

Era tutoria… era ajuda a infância em todo o sector. Foi que ela ficou bastante… "Que o sítio onde vocês melhor podiam estagiar, com mais resultado, era nos hospitais. Que tinham contacto com as pessoas.". Ah! Esqueci-me de dizer outro professor! Professor Barahona Fernandes, era professor de psiquiatria. E professor ah… ai!

Não há problema em não se lembrar. Pode ser que ao longo da entrevista lhe venha o nome.

Pois é, de repente vem.

Enquanto a Sr.ª D. Helena frequentou o curso no Instituto, apercebeu-se se a Direcção do Instituto, ou até as suas próprias colegas, mantinham algum tipo de contacto com alguma organização estrangeira de serviço social, por exemplo, essa francesa de que falou, ou alguma belga. Se havia algum contacto, se vinha alguém de lá, se ia lá alguém do Instituto…?

Vinham, vinham às vezes, vinham cá ter contacto connosco. Veio uma professora de lá, mas essa era, era muito especial… era de serviço social, era para formar… não era assistentes sociais, mas era no Instituto. Era… ai! Ai, não me lembro como é que se chama, como é que chamava esse curso, que era sobretudo de ajuda familiar.

Educadoras familiares.

Educadoras familiares.

Foi a Mlle. Huille?

Exactamente! A Mlle. Huille. Veio cá, essa, veio. E veio também uma outra que eu já não me lembro bem o nome…

Também francesa?

Também francesa. E tivemos muitos professores portugueses! De cá…

Sim, quase todos!

Quase todos. O professor Vítor Fontes, que eu queria dizer há bocadinho, que era professor de psicologia infantil.

Talvez a outra professora francesa tenha sido a Mlle. Rouver.

É, é, é Rouver!

Na altura não havia muitas meninas que estivessem no Instituto. Tem noção de qual era a representação que as pessoas em geral tinham, ou faziam, das meninas que estudavam no Instituto? O que é que a sociedade em geral pensava dessas meninas?

Bom, que o… que… oficialmente as assistentes sociais não existiam, quer dizer, eram desconhecidas. Aconteceu, por exemplo… o professor Barahona Fernandes, que era nosso professor de psiquiatria e que foi o fundador do Júlio de Matos, queria uma assistente social para o seu hospital e o Governo disse: "O que é isso, uma assistente social!?" (risos) Depois teve uma assistente social, mais tarde! Quer dizer, primeiro eu fui, trabalhei lá, mas como voluntária, porque pediu-me o professor particularmente, (risos) visto o Governo ter dito: "O que é isso, assistente social!?". Então ele disse-me: "Eu peço-lhe particularmente, se não se importa, de vir aqui dar um apoio durante algum tempo.". Não foi um estágio, fui voluntária, não recebi cinco reis! O Estado não sabia o que era assistente social também não lhe pagava, claro! (risos) Mas pronto!

Portanto, havia um desconhecimento sobre o que seria uma assistente social. Sobre a Mlle. Lévêque, a Sr.ª D. Helena teve o prazer de conhecê-la naquela conferência e também de tê-la como professora.

Claro, durante todo o tempo do curso.

E como é que a Sr.ª D. Helena caracterizaria a figura, a pessoa de Mlle. Lévêque?

Olhe, eu acho que a Mlle. Lévêque era uma pessoa… ah… de uma sabedoria e de uma prudência muito grande! Mas, ao mesmo tempo, de um desejo de se atirar para a frente. (risos)

E como professora, como era ela?

Como professora era muito boa, muito boa! Porque ela começava sempre por dizer: "Eu aqui quero ser, não uma professora, mas uma assistente social. Uma assistente social que tem experiência e que quer transmitir a sua experiência a futuras assistentes sociais, para as ajudar praticamente.".

Disse-me que possivelmente tenha sido a Condessa de Rilvas a entrar em contacto, não se sabe com quem, para enviar Mlle. Lévêque a Portugal.

Pois, pois, foi. A Condessa de Rilvas, ela… eu não sei se ela era de naturalidade francesa, mas vivia em França.

E tem alguma ideia, sabe porque é que escolheram precisamente Mlle. Lévêque?

Ai, isso não sei. A quem perguntaram, isso não sei. Digamos… informações, entre aspas?

Exactamente. Como é que chegariam até ela?

Até ela, não sei. Não sei, porque nessa altura não estava nada integrada, não é verdade?

E alguma vez Mlle. Lévêque falou às alunas sobre o seu o trabalho, e os locais em que trabalhou em França?

Ela falou, sim. Não se estendeu muito… mas realmente falou. Ela tinha falado… trabalhou em fábricas, que isso é que nunca… cá nunca…

Nunca foi muito difundido.

Foi. Ah… e… sobre a sua experiência de trabalho… trabalhou… também em hospitais e tal e… ela não falava. Quer dizer, falava da sua experiência, isso falava muito, mas não… não me lembro.

Enquanto ela esteve em Portugal, ela desenvolveu algum tipo de actividade como assistente social, sem ser professora no Instituto? Trabalhou em alguma instituição?

Que eu saiba, não. Que eu saiba! Ela visitou muita coisa. Porque, por exemplo, quando foi para nos… Nós tínhamos que ter, como ela disse, logo de princípio, uns meses de estágio em… em várias instituições, e ela procurou muito nessa altura e… e encontrou muito pouca coisa. E disse: "Eu encontrei em Portugal muito poucas instituições sociais, mas vos pôr-vos primeiro a estagiar nos hospitais, porque é onde podem ter contacto com as pessoas. Pessoas que estão absolutamente necessitadas de auxílio. Não é para vocês trabalharem propriamente nos hospitais como enfermeiras. Não é isso! Se bem que, se lá estão, façam também o trabalho que elas fazem. Mas não é propriamente nesse aspecto!".

Era para quê, então?

Era, primeiro: para terem contacto… eh… com pessoas carenciadas, com pessoas que precisam de ajuda, e é a tal ajuda que ela insistia muito: "É ajudar a ajudarem-se, porque vocês ajudam elas a ajudarem-se, porque vocês não vão ali estar a fazer o trabalho do médico. O médico é tratá-las, mas vocês não vão fazer o trabalho do médico. Vocês vão ajudá-las a aguentar, ah… a aguentar aquela situação.". "Achei que em Portugal", disse ela, "eram as instituições mais apropriadas para os vossos estágios.".

E Mlle. Lévêque era uma pessoa católica?

Era. Católica praticante. Era uma pessoa… E que não escondia, quer dizer, as suas ideias, claro!

Ela tinha a ideia que para ser uma boa assistente social era necessário ser católica? Ou, segunda ela, qualquer pessoa, com qualquer crença religiosa, poderia ser assistente social? Ou mesmo sem crença religiosa nenhuma…

Ah… eu nunca falei com ela nesse aspecto, mas acho mais fácil que ela, que ela achasse que sem crença é que sem realmente não… Agora, que tenha outra crença religiosa, nunca se pôs, nunca pôs esse problema.

<u>Filho</u>: Então e a tia Lily Bensaúde, que era judia, e ela não gostou muito?

Não, não… não gostou, mas não foi por isso. Foi porque ela… eh… dizia, as coisas que ela disse, ela só escolheu, quer dizer, naquele dia foi uma coisa, eu não sei! Havia uma bicha de fronte da porta para… de pessoas para irem falar com a Mlle. Lévêque, logo no primeiro dia, com a finalidade, em princípio, de se inscreverem para alunas de serviço social. E ela disse… E depois ela falou com a tia Lily e ela achou que ela não era uma pessoa que pudesse trabalhar com o serviço social. Não era por ser judia, de maneira nenhuma!

Mlle. Lévêque falava sobre ela pertencer a alguma associação, movimento católico, ou movimento de serviço social, no estrangeiro?

Isso falou-nos, sem impor, nunca impôs que nos inscrevêssemos, mas falou-nos na inscrição, e que depois ela… o padre Troisfontaines é que realmente conseguiu… a inscreverem-se na associação católica de serviço… eh… das assistentes sociais francesas.

…Das assistentes sociais francesas. Não foi na Union Catholique Internationale de Service Social?

Ah, também! Isso foi depois mais tarde, é que ela realmente trouxe… não trouxe, pôs-nos em contacto com eles e depois nós é que nos inscrevemos. Porque a Mlle. Lévêque tinha muito isso, nunca… ela nunca se impunha… ela sugeria, ela lembrava, ela queria criar o desejo de…, mas foi sempre uma pessoa que nos deixou a todas a maior liberdade.

Quer dizer que antes até da UCISS, da União Católica Internacional de Serviço Social, Mlle. Lévêque falou-vos dessa outra associação de assistentes sociais católicas francesas…

Falou, falou.

E incitou, de alguma maneira, a que se inscrevessem…

Ai, sim, sim, incitou a que nos puséssemos em contacto. Ela era sempre… ela sempre o que desejava era pôr-nos em contacto, e depois deixar-nos livres de escolher aquilo que…

E da sua parte, chegou a entrar em contacto com essa associação francesa?

Sim.

Ai, sim? Que tipo de contacto é que manteve?

Mantive, e ainda inscrevi-me, e depois até fui… houve um congresso internacional de serviço social em Roma, onde a associação de serviço social católica… eh… de assistentes sociais católicas estava representada. E como me inscrevi, nesse… eh… aliás, duas nos inscrevemos, eu e uma assistente social, Maria Leonor Corrêa Botelho, não sei se… também se inscreveu, também foi a esse congresso, que era um congresso católico!

E foram informadas pela associação de assistentes sociais católicas de França…

Fomos, mas depois fomos… estivemos em Itália. Em representação de Portugal fui só a Maria Leonor e eu. A Leonor Botelho e eu.

Na sua opinião pessoal, acha que Mlle. Lévêque pode ser considerada uma figura relevante no serviço social em Portugal?

Ai, acho que sim! Acho que sim! Com certeza! Com certeza!

<u>Filho</u>: E depois quando acabou o curso continuou em contacto com a Mlle. Lévêque, ou nem por isso? A mãe casou-se, depois…

Eu casei, casei, mas continuei… A Mlle. Lévêque ainda foi à nossa casa da Estrada da Luz. Foi, sim senhora. Mas, quer dizer, mas foi poucas vezes. Uma vez foi lá jantar, já ela estava… foi já depois de ela ter ido para Paris, e foi lá.

Mas estava a dizer… porque é que acha que Mlle. Lévêque foi tão importante para o serviço social em Portugal…

Olhe, primeiro porque ela congregou realmente… eh… já havia muitas pessoas interessadas, a prova é que a chamaram a ela, não é? E conscientes do que é o serviço social. Mas ela congregou muito essa gente toda, percebe? Eh… e todas as pessoas que podiam ajudar, ela congregava muito… ela conseguia reunir todos, todos esses professores que eu disse, professores da universidade, pessoas que… e que algumas estavam ligadas ao Patriarcado e tal, mas outras não, não tinham nada…

Todos os anos Mlle. Lévêque fazia essas sessões de divulgação do curso?

Todos os anos fazia…?

… essa reunião, a que foi a Sr.ª D. Helena, e onde conheceu o serviço social. Todos os anos Mlle. Lévêque fazia essa sessão de divulgação?

Não, não, não. Foi naquele ano, a primeira vez que ela fez.

E depois nos outros anos, como é que se fazia a divulgação do curso?

Hã…?

Nos outros anos, como é que se fez a divulgação do curso?

Ah… Não sei. Através de nós próprias, que trabalhávamos. E… e através dos professores, que eram muitos. Mas a Mlle. Lévêque congregava tudo isso, que é difícil! Pessoas… professor Francisco Gentil, era uma pessoa difícil de contacto, com os assistentes dele e tudo isso. Foi sempre uma pessoa que deu um apoio extraordinário ao Instituto. Eh… o… o… não, ah… ela fazia, como é que eu hei-de dizer… ligava umas coisas, umas pessoas às outras, umas coisas às outras. É difícil de explicar, mas tinha realmente um papel fundamental! Eu acho que o serviço social, aliás, o próprio Marcelo Caetano reconheceu, e disse que Portugal tinha sido muito ingrato para com a Mlle. Lévêque, e não lhe tinha

agradecido tudo que ela tinha feito, criando o Instituto e dado a Portugal tantas… estas trabalhadoras sociais, tantas trabalhadoras sociais.

Há uma coisa que me intriga. Porque é que passados oito, nove anos, Mlle. Lévêque deixou o Instituto e voltou para Paris. Foi por vontade própria?

Eu tenho a impressão que não foi totalmente por vontade própria. Não sei bem. Bem, depois houve uma coisa, também, é preciso pensar. Houve a guerra em França, tudo isso, ah… Ela tinha família. Não era casada, ela era solteira. Mas família, pais e irmãos e… que ela… Mas não foi de vontade própria. Eu nunca percebi muito bem. Foi para mim um bocadinho ah… estranho aquela ida que não foi… não foi preparada. Não sei, não veio de longe, não foi a pouco e pouco… não sei, acho que foi muito rápido. E o próprio Marcelo Caetano deve-o ter sentido porque depois, quando… depois de ela já sair da Direcção do Instituto de Serviço Social, ela foi convidada para vir a Portugal e fizeram-lhe vários encontros em que… em que… eu, eu devo dizer nessa altura, eu estava casada há relativamente pouco tempo e portanto não, não tive tanto contacto nessa altura. Mas foi recebida e deram-lhe imensos, fizeram-lhe imensos…

Ela foi condecorada!

Foi condecorada, tudo, fizeram-lhe imensas manifestações. Mas…

Ofereceram-lhe um livro, "O Livro de Ouro", recorda-se? A Sr.ª D. Helena falou-me nele. Fizeram uma recolha de testemunhos de professores, de antigas alunas, juntaram tudo num livro chamado "O Livro de Ouro" e ofereceram a Mlle. Lévêque antes de ela regressar a Paris.

Mas eu tenho impressão, não sei, não sei… eu nunca percebi muito bem, porque os professores, eles próprios: "Então Mlle. Lévêque foi assim…!?", as pessoas espantavam-se um bocado. Eu nunca percebi, confesso. Nunca percebi muito bem aquilo.

E quem é que ficou no lugar de Mlle. Lévêque… no lugar de directora do Instituto?

O padre Honorato Rosa, ficou director do…

Isso não foi mais tarde?

Foi um pouco talvez mais tarde. No lugar dela, quando ela se foi embora, não ficou ninguém.

…Dr.ª Custódia Alves, uma médica…

Custódia Alves…

Maria Leonor Corrêa Botelho…

Sim, mas não ficaram no lugar dela, nenhuma delas.

E nunca se apercebeu em conversas com…

Bom, ah… devo dizer, ainda por cima, eu tinha obrigação de saber mais alguma coisa porque, antes de ela se ir embora, acabou… não acabou! As pessoas que faziam parte da Associação de Serviço Social, que tinham criado o Instituto, começaram, umas devido à idade, outras, enfim… por exemplo, a… a Condessa de Rilvas… ah… ah…

A Condessa de Pernes…

A Condessa de Pernes… ah… Estou a querer me lembrar, mas… realmente…

A Condessa de Almoster.

A Condessa de Almoster, também, exactamente. Eu costumo dizer… (risos) eram muitas condessas e que parece que o Instituto era snob e que só tinha… (risos) Mas realmente eram as pessoas que estavam interessadas e que tinham ajudado e tudo. E não só. Tem que se dizer que os professores ajudaram muito, alguns professores que tinham obras… ah… por exemplo, o… o professor, olhe, o professor Marcelo Caetano, por exemplo. E foi o professor Marcelo Caetano que depois organizou esse tal encontro, que a convidou para vir cá.

E ela veio?

Ela veio. Veio cá uma vez. Um dia ou dois, não sei, só.

Ah, não sabia! E depois dessa vez que ela cá veio a convite, nunca mais regressou a Portugal?

Não... essa vez foi já depois de estar em França… bastante tempo depois de ela ter ido para França é que ela veio cá, mas não foi muito tempo, mas…

Não terá sido na celebração dos 25 anos do Instituto?

Talvez, talvez, sim. Eu, olhe, não me lembro.

Portanto, isto seria em 1960. Coincidiria com aquele jantar…

Ela… ela esteve lá em casa já depois de ter ido para França, tenho a certeza!

<u>Filho</u>: E a mãe escrevia, escreviam-se de vez em quando.

Ai, sim, escreviam-se?

Escrevia. E eu estive em Paris com ela, pois.

E ela nunca lhe explicou porque é que tinha deixado o Instituto?

Não, ela disse-me: "Não foi de vontade própria.".

Ah, ela disse-lhe pessoalmente!

"Não foi de vontade própria. Eu estava um bocadinho cansada, realmente, precisava de descanso, mas não foi de vontade própria.".

Nunca lhe explicou a razão…

Nunca me explicou a razão. Bem, eu devo dizer que quando eu a encontrei em Paris foi numa situação um bocadinho difícil, para ela, coitada. Porque foi… tinha já sido… a França tinha sido ocupada. E havia, como se sabe, o governo de Vichy, que era em França, que… achava… era, por exemplo, contra a rebeldia francesa, contra os alemães, que até atacavam os alemães e não sei quê. O governo de Vichy queria apaziguar, quer dizer, fazer uma paz com a Alemanha, não queria continuar e… e ela foi considerada que tomou o partido de Vichy, e que trabalhou para Vichy, e isso criou-lhe uma situação muito difícil, porque, por exemplo a… ai como é que se chama aquela coisa que se criou contra os alemães em França...? A Resistência, a Résistance, consideravam-na quase como uma… como uma traidora, porque ela estava mais ligada ao governo de Vichy do que… Ai a minha cabeça! Como é que se chamava o general que criou lá fora… aquele que foi presidente da república, da França… aquele muito alto... Era a Résistance… bem, era… e… e ela ficou um bocadinho… e estava muito em baixo psicologicamente, estava caída, estava, porque com isso, ela dizia: "Acham que eu sou uma traidora, que eu sou…!". Estava abalada, completamente esmagada, não sei, não parecia a mesma pessoa!

Isso foi muito tempo depois de ela ter regressado à França?

Foi, foi. Para aí uns… uns 15 anos depois, ou coisa assim.

E houve outras colegas suas que também mantiveram contacto com Mlle. Lévêque?

Havia, havia algumas. Olhe, a Maria José Lencastre Viana era uma… era uma que tinha muito contacto com ela e que também, ela também… por acaso falei com ela várias vezes nisso, aquela saída da Mlle. Lévêque ficou um bocadinho rodeada de mistério, não é? Não percebíamos bem quem é que tinha… quem é que tinha feito rebentar a coisa para…

Uma curiosidade: Mlle. Lévêque, enquanto esteve cá em Portugal, vivia onde?

Vivia onde?

Sim.

Vivia no Instituto.

No próprio Instituto?

No próprio Instituto!

Ai, sim?

Tinha… tinha um quarto. O Instituto depois passou para o Largo do Mitelo. E ela tinha lá… bem, mas depois ela foi para França, claro, quando foi para França… Mas, de resto, viveu sempre ligada mais ou menos ao Instituto, e também muito… a trabalhar muito com o Patriarcado e…

E ela chegou a aprender português?

Aprendeu. Aprendeu.

E chegou a dar aulas em Português?

Não, nunca deu aulas em português. Mas também todas falávamos francês.

Naquela altura era da cultura das meninas!

Pois era, mas não, não, nunca… isso nunca, nunca falou.

Uma última pergunta: o que é que me sabe dizer sobre a associação de antigas alunas do Instituto de Serviço Social?

Olhe, não sei. Nem sabia da existência!

Salvo erro, começou por volta de 46, 47 e depois deu origem ao Sindicato. Mas primeiro começou como uma associação de antigas alunas…

Ah! Bem, eu devo dizer… eu fui presidente do Sindicato, mas não sabia dessa associação.

Já foi mais tarde, já foi mais tarde….

Onde trabalhei, realmente… mesmo depois de fazer os estágios… Como digo, os estágios que nós fazíamos eram quatro meses, parece-me que era, os estágios, só fizemos em hospitais. Mas depois eu trabalhei. Fui convidada… trabalhei como voluntária, não é a ganhar dinheiro, como voluntária! Trabalhei como voluntária no Júlio de Matos, trabalhei como voluntária na Cruz Vermelha Portuguesa, onde eu era a presidente do Gabinete da Acção Social, de maneira que dava bastante que fazer, não é? Ah… tínhamos a… a Cruz Vermelha Portuguesa trabalhou bastante em serviço social, com várias… ah…

Mas sobre a sua experiência profissional, há cinco anos atrás, a Sr.ª D. Helena falou-nos imenso, recolhemos imensas informações! Faltava-nos mesmo era recolher o seu testemunho sobre a criação do Instituto e a pessoa de Mlle. Lévêque.

Pois. Mlle. Lévêque, eu devo dizer, eu só tenho que… sempre agradeci a Deus ter-me proporcionado a Mlle. Lévêque para me ajudar na minha profissão, porque realmente acho que ela foi uma pessoa muito… essencial para o serviço social português.

Apêndice H

Ascendentes e irmãos de Marie-Thérèse Cécile Lévêque (1901-1974)

Ascendentes e irmãos de Marie-Thérèse Cécile Lévêque (1901-1974)

Filiação	Sobre-nome	Nome próprio	Data e local de nascimento	Profissão	Data de casamento e nome do cônjuge	Data e local de falecimento	Outros dados	Livro de Registo
----------	Lévêque	Marie-Thérèse Cécile	02/02/1901, em Charly-sur-Marne	Sem dados	Sem dados	20/01/1974, em Paris Xème	Nome, profissão e idade dos pais. **Testemunhas:** avô materno (nome, profissão e idade) *(i)*, e VERDAVOINE, Eugène ("*rentier*")	ADA[1]: "Charly-sur-Marne. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1901)". Assento de nascimento n.º 38, de 1901 (página de visualização 16/38).
Irmã	Lévêque	Marie Berthe	08/01/1887, em Charly-sur-Marne	Sem dados	01/09/1908: VANET, Henri Camille	18/11/1952, em Paris XVIème	**Testemunhas:** avô materno e FRANC, Jules Bernard ("*marchand de nouveautés*")	ADA: "Charly-sur-Marne. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1887-1891)". Assento de nascimento n.º 1, de 1887 (página de visualização 3/231).
Irmã	Lévêque	Jeanne Cécile	14/09/1888, em Charly-sur-Marne	----------	----------	30/05/1901, em Charly-sur-Marne[2]	**Testemunhas:** avô materno e FRANC, Jules Bernard ("*marchand de nouveautés*")	ADA: "Charly-sur-Marne. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1887-1891)". Assento de nascimento n.º 66, de 1888 (página de visualização 87/231).
Irmão	Lévêque	Maurice	03/01/1890, em Cherly-sur-Marne	Sem dados	30/03/1935: PINTHON, Ivonne (Paris VIème)	12/04/1982, em Charly-sur-Marne	**Testemunhas:** avô materno e MARTEAU, Alexandre ("*employé de bureau*")	ADA: "Charly-sur-Marne. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1890)". Assento de nascimento n.º 3, de 1890 (página de visualização 2/39).
Irmão	Lévêque	Paul René	17/10/1891, em Charly-sur-Marne	Sem dados	22/05/1920: BOYER, Antoinnette	13/06/1921, em Sainte-Foy-lès-Lyon	**Testemunhas:** MÉNARD, Louis Alexandre, "*géomètre*"; e PÉRRIAUX, Adolphe, "*horloger*" (vizinhos e amigos do pai de MTCL)	ADA: "Charly-sur-Marne. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1887-1891)". Assento de nascimento n.º 55, de 1891 (página de visualização 215/231).
Irmão	Lévêque	Léon Marcel	07/10/1893, em Charly-sur-Marne	Sem dados	21/02/1922: RIGAULT, Jeanne Marie Christine (Paris Xème)	02/03/1965, em Charly-sur-Marne	**Testemunhas:** avô materno e VERDAVOINE, Eugène François ("*rentier*")	ADA: "Charly-sur-Marne. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1891-1894)". Assento de nascimento n.º 56, de 1893 (página de visualização 148/216).
Irmão	Lévêque	Pierre	25/01/1896, em Charly-sur-Marne	Sem dados	29/10/1921: RIGAULT, Jeanne Marie Rose (Paris Xème)	Sem dados	**Testemunhas:** avô materno e COLLET, Jean Alexis, ("*propriétaire*")	ADA: "Charly-sur-Marne. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1895-1899)". Assento de nascimento n.º 7, de 1896 (página de visualização 71 e 72/245).
Irmão	Lévêque	Hippolyte Jean Paul	02/09/1898, em Charly-sur-Marne	Sem dados	----------	"Un [frère] tué à la guerre à 17 ans"[3]	**Testemunhas:** avô materno e VERDAVOINE, Eugène François ("*rentier*")	ADA: "Charly-sur-Marne. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1895-1899)". Assento de mascimento n.º 62, de 1898 (página de visualização 187/245).
Irmã	Lévêque	Jeanne Hélène	21/05/1904, em Charly-sur-Marne	Sem dados	Sem dados	Sem dados	**Testemunhas:** avô materno e [nom?], Adolphe ("*propriétaire*")	ADA: "Charly-sur-Marne. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1904)". Assento de nascimento n.º 35, de 1904 (página de visualização 15/36).

[1] ADA = Archives Départementales de l´Aisne (www.archives.aisne.fr)

[2] Fonte: ADA: "Charly-sur-Marne. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1901)". Assento de falecimento n.º 37, de 1901 (página de visualização 16/38). Este assento de falecimento antecede o assento de nascimento de MTCL (n.º 38). Jeanne Cécile faleceu aos doze anos, três dias antes de nascer a sua irmã, Marie-Thérèse Cécile.

[3] "Fiche de Candidate à l´École des Surintendantes d´Usines. Marie-Thérèse Cécile Lévêque". Documento dactilografado e manuscrito com duas páginas. LD: ETSUP (Paris), Depósito de Arquivo ASUSS / Dossier d´Élève, 16ème cours (sem tratamento arquivístico).

Assinalado a cinzento: comunas cuja pesquisa de actos de nascimento / casamento, nos livros de registo, foi sugerida pelos "escritos de Maurice Lévêque".

Pai	Lêvêque	*(i)* Florian Saint Elme Pierre François	29/03/1861, em Montbrehain	*(i)* "*Pharmacien*"	06/02/1886: DEMARLY, Berthe Jeanne (Charly-sur-Marne)[4]	Sem dados	Nome, profissão e idade dos pais *(ii)*, ou seja, dados relativos aos avós paternos de MTCL	ADA: "Montbrehain. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1858-1862)". Assento de nascimento n.º 41, de 1861 (página de visualização 171/251).
Mãe	Demarly	*(i)* Berthe Jeanne	28/11/1865, em Hartennes-et-Taux	*(i)* "*Sans profession*"	06/02/1886: LÉVÊQUE, Florian Saint Elme Pierre François (Charly-sur-Marne)[5]	05/05/1952, em Charly-sur-Marne	Nome, profissão e idade dos pais *(iii)*, ou seja, dados relativos aos avós maternos de MTCL	ADA: "Hartennes-et-Taux. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1865)". Assento de nascimento n.º 26, de 1865 (página de visualização 12/14).

Avô Paterno	Lévêque	*(ii)* Pierre François	09/11/1815 em Montbrehain	*(ii)* "*Cultivateur*" (1861); "*Rentier*" (1886)	10/01/1857: MARLIER, Marie Polixène Hèloïse (Beaurevoir)[6]	Sem dados	Nome dos pais; profissão e idade do pai[7], ou seja, dados relativos aos bisavôs paternos de MTCL	ADA: "Montbreháin. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1813-1822)". 1815, sem número de assento de nascimento (página de visualização 107/410).
Avó Paterna	Marlier	*(ii)* Marie Polixène Héloïse	06/10/1827, em Beaurevoir	*(iii)* "*Cultivatrice*"	10/01/1857: LÉVÊQUE, Pierre François (Beaurevoir)[8]	Sem dados	Nome, profissão e idade dos pais[9], ou seja, dados relativos aos bisavôs paternos de MTCL	ADA: "Beaurevoir. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1823-1832)". Assento de nascimento n.º 63, de 1827 (página de visualização 138/295).

Avô Materno	Demarly	*(i) (iii)* Pierre Cyprien	16/09/1837, em Lavaqueresse	*(iii)* "*Percepteur des contributions directes et receveur municipal*"	23/02/1863: MOREAU, Julie Séraphine Belzamine (Esquéheries)[10]	Sem dados	Nome e idade dos pais; profissão do pai[11], ou seja, dados relativos aos bisavôs maternos de MTCL	ADA: "Lavaqueresse. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1833-1842)". Assento de nascimento n.º 42, de 1837 (página de visualização 109/253).
Avó Materna	Moreau	*(iii)* Julie Séraphine Belzannine	27/01/1845, em Neuville-lès-Dorengt	*(iii)* "*Sans profession*"	23/02/1863: DEMARLY, Pierre Cyprien (Esquéheries)	Sem dados	Nome e idade dos pais; profissão do pai[12], ou seja, dados relativos aos bisavôs maternos de MTCL	ADA: "Neuville-lès-Dorengt. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1843-1852)". Assento de nascimento n.º 6, de 1845 (página de visualização 42/224).

[4] Fonte: ADA: "Charly-sur-Marne. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1881-1886)". Assento de casamento n.º 8, de 1886 (página de visualização 206 e 207/256). Este documento providenciou dados sobre a localidade (comuna) e data de nascimento de Florien Saint Elme Pierre François LÈVÊQUE (pai de MTCL), a profissão de Pierre François LÉVÊQUE (avô paterno de MTCL), a profissão de Marie Polixène Héloïse MARLIER (avó paterna de MTCL), a localidade (comuna) e data de nascimento de Berthe Jeanne DEMARLY (mãe de MTCL), e os familiares/outros presentes no acto: Alfred LÉVÊQUE, "*cultivateur*", 26 anos (irmão do pai de MTCL); Hippolyte Sébastien MARLIER, "*propriètaire*", 57 anos (tio do pai de MTCL, do lado materno); Henry Adolphe VIÉVILLE, "*agent d´affaires*", 54 anos (primo da mãe de MTCL, do lado materno); SAIGNE, Auguste Marie, "*notaire*", 43 anos (amigo da mãe de MTCL).

[5] *Ibidem*

[6] Fonte: ADA: "Beaurevoir. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1853-1862)". Assento de casamento n.º 5, de 1857 (página de visualização 188 e 189/457).

[7] Pierre François LÉVÊQUE, "*cultivateur*", 35 anos (em 1815), e Josepha Prudence CANNES.

[8] Fonte: ADA: "Beaurevoir. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1853-1862)". Assento de casamento n.º 5, de 1857 (página de visualização 188 e 189/457).

[9] Hyppolite Sébastien MARLIER, "*cultivateur*", 45 anos (em 1827), e Aimable HOCQUET, "*cultivatrice*", 31 anos (em 1827).

[10] Fonte: ADA: "Esquéheries. Actes de Naissance, Mariage, Déces (1863-1865)". Assento de casamento n.º 22, de 1863 (página de visualização 19 e 20/209). Este assento providenciou dados sobre a localidade (comuna) e data de nascimento de Pierre Cyprien DEMARLY e Julie Séraphine Belzamine MOREAU (avós maternos de MTCL).

[11] Isidore Honoré DEMARLY, "*charon*", 23 anos (em 1837), e Marie Rose Léocadie DARSON, 27 anos (em 1837).

[12] Pierre Joseph MOREAU, "*propriétaire*", 31 anos (em 1845), e Séraphine Belzamine LEFÈVRE, 30 anos (em 1845).

Apêndice I

Quadro comparativo dos planos de estudos do Instituto de Serviço Social
(1935, 1939, 1944)

Quadro comparativo dos planos de estudos do Instituto de Serviço Social (1935[1], 1939[2], 1944[3])

Vida física e suas perturbações					
1935		**1939**		**1944**	
Disciplinas	**Ano**	**Disciplinas**	**Ano**	**Disciplinas**	**Ano**
Formação elementar de enfermagem: a) Elementos de anatomia e de fisiologia b) Elementos de cirurgia, medicina, higiene c) Curso de socorros a feridos e doentes d) Farmácia; pensos e) Assepsia e antissepsia f) Demonstração e manejo de aparelhos e instrumentos g) Elementos de higiene alimentar, etc.	C.p.[4]	Anatomia; fisiologia	1.º	Anatomia e fisiologia	1.º
		Cirurgia, socorros de urgência e prática de enfermagem	1.º	Cirurgia	1.º
				Socorros a doentes	1.º
		Indicações terapêuticas e farmácia	1.º	Indicações terapêuticas	1.º
		Microbiologia; doenças infecciosas	1.º	Microbiologia e doenças infecciosas	1.º
		Higiene geral e alimentar	1.º	Higiene geral	1.º
Puericultura: a) Fisiologia do recém-nascido; higiene geral b) Amamentação; doenças do recém-nascido c) Mortalidade infantil; período infantil desde o nascimento até à idade escolar e suas perturbações físicas, etc. d) Cursos de assistência às crianças	C.p.	Puericultura	1.º	Higiene alimentar	1.º
		Cultura física	1.º	Puericultura	1.º
		Profilaxia, higiene e assistência social: a) Pré-natal, natal e do recém-nascido b) Da infância c) Da idade escolar d) Dos flagelos sociais (tuberculose, cancro, alcoolismo, doenças venéreas, moradias insalubres)	2.º	Otorrinolaringologia	1.º
				Fisioterapia	1.º
Educação física: a) Exercícios teóricos e práticos; métodos vários b) Aspecto médico e pedagógico c) Estudo sobre jogos e desportos educativos	C.p.			Educação física	1.º
Higiene geral	1.º	**Elementos de:** a) Higiene e urbanismo b) Legislação sanitária	2.º	**Higiene social:** a) Pré-natal b) Infantil c) Escolar	2.º

[1] 1935: plano de estudos completo do curso destinado à formação de assistente sociais, na vertente de trabalho social urbano (secção A). A vertente de trabalho social rural compreende parte das disciplinas apresentadas e ainda estágios especiais, ambos não especificados no folheto de divulgação do Instituto de Serviço Social. As disciplinas assinaladas com a cor salmão referem-se às que integram o plano de estudos do curso de ensino familiar e doméstico (secção B).

[2] 1939: plano de estudos completo do curso conducente à formação de assistentes sociais.

[3] 1944: plano de estudos completo do curso destinado à formação de assistente sociais. As disciplinas assinaladas com a cor azul referem-se às que integram o plano de estudos do curso de educadoras familiares.

[4] C.p.: curso preparatório.

Higiene e assistência médica antes do nascimento e ao recém-nascido	1.º	Profilaxia; higiene e assistência social mental (infantil e de adultos)	3.º	**Higiene social:** a) Da tuberculose b) Do cancro c) Do alcoolismo e toxicomania d) Das doenças venéreas	2.º
Higiene e assistência médica infantil	1.º	Profilaxia das doenças e intoxicações profissionais e outras; higiene e fisiologia do trabalho; prevenção dos acidentes de trabalho	3.º	Higiene e urbanismo	2.º
Higiene e assistência médica da idade escolar	1.º			Legislação sanitária	2.º
Doenças sociais: a) Hereditariedade; hereditariedade patológica b) Higiene social da tuberculose c) Higiene social do cancro d) Higiene social das doenças venéreas e) Higiene social do alcoolismo f) A luta contra casas impróprias p/habitação	1.º			**Higiene mental:** a) Infantil b) De adultos	3.º
Higiene e urbanismo (casas de habitação, etc.)	1.º			Doenças e intoxicações profissionais	3.º
Doenças profissionais; sua prevenção	2.º				
Higiene e segurança no trabalho	2.º				
Acidentes de trabalho; sua prevenção	2.º				
Cursos e conferências sobre: a) O papel social e educativo da mulher em matéria de higiene	C.p.				
b) A organização dos centros de higiene	2.º				

Vida mental e moral

1935		1939		1944	
Disciplinas	**Ano**	**Disciplinas**	**Ano**	**Disciplinas**	**Ano**
Psicologia geral	1.º, 2.º	Filosofia (ideias gerais; psicologia)	1.º	Filosofia	2.º
Psicologia experimental	2.º	Noções de psicologia infantil; pedagogia e educação	2.º	Psicopedagogia da infância e da adolescência	1.º
Psicologia pedagógica da infância: a) Estudo das relações da evolução fisiológica e psicológica e noções de pedagogia relativas à infância b) Noções acerca dos métodos dos "parques infantis"	C.p.	Moral filosófica (individual e familiar); encíclicas que lhe dizem respeito	2.º	Formação moral e social	1.º
		Moral filosófica (social e encíclicas que lhe dizem respeito; moral profissional)	3.º	Filosofia moral	3.º
				Encíclicas	2.º, 3.º
				Religião	1.º, 2.º, 3.º

Pedagogia e educação	1.º	Cultura religiosa	1.º, 2.º, 3.º	Orientação profissional	3.º
Moral; moral familiar e social	1.º, 2.º				
Estudo prático e racional das Encíclicas Sociais: a) *Rerum Novarum* b) *Quadragesimo Anno* c) *Casti Connubii* d) Educação Cristã e) *Immortale Dei*	C.p.				
Psiquiatria: a) Doenças mentais b) Anomalias mentais c) Busca e reeducação de anormais d) Criminalidade infantil e) Infância desamparada f) A toxicomania – os estupefacientes	2.º				
Cursos e conferências sobre:					
a) O escotismo	C.p.				
b) A importância educativa da formação de donas de casa sob o ponto de vista da família, da nação, etc.	C.p.				
c) Orientação profissional	2.º				
d) Escolas de aprendizagem	2.º				
e) Escolas de chefes de família	2.º				

Vida social

1935		1939		1944	
Disciplinas	**Ano**	**Disciplinas**	**Ano**	**Disciplinas**	**Ano**
Direito constitucional	1.º	Direito constitucional e direito civil	2.º	Direito constitucional	2.º
Direito civil	1.º	Economia política e demografia	2.º	Direito civil	2.º
Economia política e social	1.º, 2.º	Economia, direito e legislação do trabalho e previdência	3.º	Economia política e social	2.º
Demografia	2.º			Legislação do trabalho	3.º
Legislação operária e organização do trabalho	1.º	Noções de direito criminal e penal	3.º	Direito Criminal	3.º

Previdência e cooperação	2.º	História e legislação da assistência	3.º	História da assistência	3.º
Direito penal	1.º			Legislação da assistência	3.º
Legislação sanitária e os flagelos sociais	1.º			Cultura musical	1.º, 2.º, 3.º
História da assistência (Portugal/estrangeiro)	1.º, 2.º				
Legislação de assistência	2.º				
Da assistência: a) Regime de gerência b) Regime financeiro	2.º				
Realizações de assistência pública e privada	2.º				
Funcionamento dos serviços públicos	2.º				
Sociologia	1.º, 2.º				
Síntese de temas com relação ao programa: a) A Sociedade das Nações e as relações internacionais na ordem política, económica, social e intelectual b) A função social da Sociedade das Nações c) O *Bureau* Internacional do Trabalho d) As principais instituições nacionais e internacionais públicas e privadas e) As conferências internacionais de protecção à criança f) A Cruz Vermelha g) O desemprego; etc.	1.º				
Cursos e conferências sobre: a) Protecção da maternidade em Portugal e no estrangeiro	C.p.				
b) Relações industriais	2.º				

Serviço social e seu funcionamento					
1935		**1939**		**1944**	
Disciplinas	**Ano**	**Disciplinas**	**Ano**	**Disciplinas**	**Ano**
Elementos da formação técnica e administrativa do trabalhador social: a) Dactilografia; apontamentos; fichas b) Classificação, exercícios de correspondência c) Noções elementares de contabilidade prática d) Noções sobre esquemas de investigações; documentação e) Noções sobre material de secretariado; jornais; revistas; anuários; etc. f) Propaganda e publicidade; imprensa g) Exercícios práticos de dicção, de elocução, de improvisação, etc. h) Noções sobre diferentes métodos de círculos de estudos i) Noções sobre visitas sociais, inquéritos, etc.	C.p.	Formação técnica (compreendendo contabilidade e dactilografia)	1.º	Formação técnica	1.º
				Contabilidade	1.º
		Acção social e corporativismo; Sindicatos Nacionais	2.º	Serviço social	2.º, 3.º
		Organização social da indústria e higiene industrial; utilização das horas de descanso dos que trabalham; centros sociais; bibliotecas; orientação profissional	3.º		
		Organização social agrícola; Casas do Povo	3.º		
Moral profissional do trabalhador social	1.º, 2.º				
Noções de serviço social: a) Serviço social da família b) Serviço social do grupo c) Serviço social da instituição	1.º, 2.º				
Cursos e conferências sobre: a) Organização de centros sociais b) Centros de educação familiar c) Conferências internacionais de serviço social	2.º				
Trabalhos práticos: a) Inquéritos do serviço social b) Prática do trabalho social	2.º				

Estágios, visitas e outra formação prática					
1935		**1939**		**1944**	
Formação prática	**Ano**	**Formação prática**	**Ano**	**Formação prática**	**Ano**
Estágios em: a) Hospitais; serviços de medicina, cirurgia, pediatria, etc. b) Creches, maternidades, escolas infantis	C.p.	**Estágios em serviços de:** a) Cirurgia (adultos) b) Medicina c) Pediatria d) Puericultura (numa creche)	1.º	**Estágios elementares de enfermagem:** a) Hospital de Santa Marta b) Hospital dos Capuchos c) Hospital D. Estefânia	1.º
Estágios em: a) Dispensários – Maternidades – Creches b) Lactários – consultas especializadas; protecção às raparigas c) Centros sociais, etc.	1.º	**Estágios em:** a) Maternidades e consultas pré-natais b) Serviços de puericultura e de protecção à infância c) Institutos e dispensários de profilaxia e higiene social d) Instituições especializadas em ensino familiar e doméstico	2.º	**Estágios médico-sociais:** a) Dispensários de higiene social (Posto da Praça do Brasil; Posto do Beato; Posto do Parque Sanitário; Assistência Nacional aos Tuberculosos, na Ajuda) b) Maternidade Magalhães Coutinho c) Creche do Jardim da Estrela	2.º
Estágios em: a) Obras de reeducação de anormais b) Obras de reeducação de delinquentes c) Tutorias da Infância d) Obras de educação popular e) Secretariados sociais f) Bibliotecas g) Centros de orientação profissional, etc.	2.º	**Estágios em:** a) Serviços sociais de protecção à maternidade e à infância (normal e delinquente) b) Outros serviços sociais especializados (hospitais, dispensários de higiene social, sanatórios, fábricas, junto das organizações corporativas, etc.) c) Centros sociais d) Instituições especializadas em ensino familiar e doméstico	3.º	**Estágios sociais:** a) Estágio de educação familiar b) Estágio social e familiar no centro social do ISS	2.º
Visitas a instituições e realizações sociais	C.p., 1.º, 2.º	Visitas sociais – Esboços de inquéritos	2.º	**Estágios sociais:** a) Instituto António Aurélio da Costa Ferreira b) Instituto Médico-pedagógico Condessa de Rilvas c) Refúgio Feminino da Tutoria d) Refúgio Masculino da Tutoria e) Estágio de educação familiar na secção familiar do ISS f) Estágio social e familiar no centro social do ISS	3.º
Trabalhos práticos: a) Inquéritos sobre as condições de vida e de trabalho em diversos meios b) Monografias sobre realizações sociais c) Círculos de estudo d) Busca de casos sociais e) Classificação de fichas sociais	1.º	Visitas sociais e inquéritos	3.º		
Trabalhos práticos: c) Círculos de estudo d) Estudo de artigos, livros, revistas, etc. e) *Dossier* familiar f) Monografias de instituições sociais	2.º			Estágio final de 90 dias (8h/dia) no centro social do ISS, com apresentação de relatório	Após 3.º ano
				Visitas de estudo a instituições nas áreas da saúde, médico-social, social e outras[5]	1.º, 2.º, 3.º

[5] *Vide* Anexo X, coluna "visitas de estudo".

ANEXOS

Anexo A

"Querida amiga Maria Leonor, aqui lhe envio […]. Pôrto, 8 Fev. 1974"
(carta de Maria Celeste Cardoso a Maria Leonor Botelho).
Documento manuscrito com duas páginas.
In Pasta "Apontamentos sobre a memória da Mlle. Lévêque"
L.d.: Espólio pessoal de Maria Leonor Corrêa Botelho (Escalos de Cima),
sem tratamento arquivístico

Mª Celeste Ferreira Cardoso
R. Barão de Nova Sintra.

Pôrto, 8 Fev. 1974

86 Porta

Querida Amiga Maria Leonor:

Aqui lhe envio a foto-cópia da carta em que o Snr. Boulnois anunciou a morte da nossa querida Mlle Lévêque. De facto, eu gostarei de conservar o original, pois a memória da Mlle Lévêque representa muito; e é, de facto, exemplo vivo de uma alma grande que sabia dar-se, de uma inteligência brilhante e de uma cultura vasta, mulher extraordinária que ficará ligada à história do Serviço Social.

E, se considerarmos o caso português, poderemos afirmar e verificar que ficou, como pedra basilar de toda a sua criação e desenvolvimento, e que, junto dessa outra figura extraordinária de mulher — a Senhora Cassa de Silvas — trabalhou afanosamente, dedicadamente, abrindo caminho, entusiasmando e fazendo viver em mundo novo, e em profissão nova, outras almas de mulher, as raparigas do seu Instituto, entusiasmando, guiando-as para a nova carreira — essa carreira vital, humana, posta de pé com entusiasmo, ao lado das mais nobres,

das mais próprias, das mais necessarias ao bem-estar social!

Foi uma técnica, maravilhosa. Atraente, gentil, sóbria, carinhosa connôsco, interessada em cada uma de nós, ela viveu no meio das alunas ~~como~~ e das primeiras trabalhadoras sociais, como uma espécie de irmã mais velha que se amava e se respeitava.

As suas exigências em serviço, a sua austeridade, impunham-se.

E acho até que, quem se ressentia, não podia furtar-se a atracção que ela exercia com encanto, com larga intuição de humanidade — Tal a convicção com que defendia os seus pontos de vista.

Por isso, eu julgo que a Mlle Lévêque vai viver sempre entre nós. Luz que se apagou, viverá espiritualmente em cada uma — alma que a gente conheceu tão bem!

Envio-lhe um grande abraço e um beijo. Ao seu lado, a sua amiga dedicada Maria Celeste Ferreira Cardoso

Anexo B

"Cópia do Livro de Ouro oferecido como homenagem a Mlle. Marie-Thérèse Lévêque pelas alunas finalistas do Instituto de Serviço Social de Lisboa. 4 de Junho de 1942".
Documento dactilografado com sessenta e seis páginas.
L.d.: Arquivo Histórico e Biblioteca do Patriarcado de Lisboa,
Fundo Arquivístico de D. Manuel Gonçalves Cerejeira, PT/AHPL/PAT14-SP/S-04/01/07

S-04101/007

PATRIARCADO DE LISBOA · PORTUGAL ·
ARQUIVO

COPIA DO

LIVRO DE OURO

OFERECIDO COMO HOMENAGEM

A

MADEMOISELLE MARIE THÉRÈSE LÉVÊQUE

PELAS

ALUNAS FINALISTAS DO

INSTITUTO DE SERVIÇO SOCIAL DE LISBOA

4 DE JUNHO DE 1942

PATRIARCADO DE LISBOA · PORTUGAL ·
ARQUIVO

A Mlle Marie Thérèse Lévêque

Como homenagem ao seu alto Espírito;
às suas excepcionais Qualidades de
Caracter, de Inteligência e de Coração;
ao seu Talento organizador;
à sua Vontade de bem servir;
à sua recta Consciência de Cristã.

Que poderei dizer acêrca da actual Directora do Instituto de Serviço Social que possa sintetizar a sua acção?

O Instituto de Serviço Social é a sua obra, foi ela que lhe deu vida, que lhe imprimiu pelo seu talento, pela sua persistente labuta, pelo seu zelo, toda a supremacia de que já hoje disfruta.

As alunas de Mademoiselle Lévêque querem testemunhar publicamente toda a sua gratidão pelo carinho com que sempre as tratou e encaminhou não só nas suas lições como pelos seus conselhos.

A sua personalidade, o espírito culto, as altas virtudes e extraordinário prestígio, conquistam a simpatia de todos que têm o prazer de a conhecer.

Lxª $\frac{18}{5}$ 1942

(ass.) Manuel Lopes Albernaz

Justa homenagem

Desde a fundação do Instituto de Serviço Social, pude verificar a competência e a dedicação com que Melle Marie Thérèse Lévêque organizou e dirigiu os serviços internos desta prestimosa obra, já oficialmente reconhecida.

Só uma actividade esclarecida, enérgica e perseverante, e um grande amor a esta obra, podiam fazer com que o Instituto vencesse as muitas dificuldades que surgiram no seu caminho, sôbre tudo nos primeiros anos.

É-me grato escrever estas brevíssimas palavras, que não são de lisonja, mas de bem merecida justiça, para o Livro-Homenagem que actuais e antigas alunas resolveram oferecer a Mademoiselle Lévêque, como testemunho da sua admiração e do seu reconhecimento.

20 de Maio de 1942.

(ass.) José de Almeida Correia
professor de Economia Política e Social

PATRIARCADO DE LISBOA PORTUGAL
ARQUIVO

Querem alunas do Instituto de Serviço Social deixar rasto da sua admiração e gratidão pela Directora e deixam aos seus professores a possibilidade de se associarem.

Desde que, há anos já, visitei, uma primeira e uma segunda vez, demoradamente, o Instituto, duas convicções se arreigaram ao meu espírito:

a de que esta instituição trabalha em moldes próprios e em termos de poder, em qualquer país, ser reconhecida como correspondendo a necessidades tão delicadas como são as de formação de assistentes sociais,

e a de que a sua existência e o seu desenvolvimento, tendo por fôrça de dever-se a alguem que, dia a dia, de tudo se fosse ocupando na regulação do ensino, fôra possível pelo encontro de pessoa capaz de tal emprêza.

O nome de Melle Marie Thérèse Lévêque está definitivamente ligado ao Instituto.

E quando há pouco tempo me deram a honra de um convite para aqui realizar algumas lições, imperou no meu espírito, para me decidir a aceitar, aquele respeito que pelo Instituto fiquei tendo desde que o visitei demoradamente e me convenci do que poderia esperar-se da sua Directora.

Compreendo a homenagem que lhe fazem as alunas; e tenho muito contentamento por me terem permitido associar-me ao seu testemunho de admiração.

14 de Maio de 1942

(ass.) Arruda Furtado

A homenagem que as alunas do curso de "Serviço Social" que finda este ano, desejam prestar à sua Directora Técnica, Mademoiselle Marie Thérêse Lévêque, é justa e merecidíssima.

Representa uma prova de gratidão pelo muito que Ela fez em prol do ensino e pela competência, desvelo e dedicação com que as acompanhou.

A essa manifestação me associo, rendendo-lhe tambem os protestos da minha mais subida e distinta consideração.

Maio de 1942

(ass.) Ary dos Santos

PATRIARCADO DE LISBOA PORTUGAL ARQUIVO

Je ne connais pas assez bien Mademoiselle Lévêque pour pouvoir avoir d'elle autre chose qui ne soit une impression. J'ai cru voir en elle une personne d'une grande force de caractère sous des dehors souriants, donc capable de se passionner pour une œuvre quelconque et de la mener à bon terme.

(ass.) José Bacelar

PATRIARCADO DE LISBOA PORTUGAL ARQUIVO

Estou certo que o futuro mostrará, nos seus juizos desapaixonados, que a intervenção de Mademoiselle Lévêque na creação, estudo, desenvolvimento e compreensão do serviço social no nosso País, representou um passo decisivo na evolução da assistência e sobretudo do seu progresso no sentido social.

Chegado do estrangeiro em 1936 onde tomara contacto com o serviço social anexo às clínicas onde trabalhara, havia sentido, por experiência própria o extraordinário valor da acção social e da ligação entre os serviços médicos e a família e o ambiente onde viviam os enfermos. Sonhara poder organizar uma instituição da mesma natureza em Lisboa, onde nada de semelhante havia. Foi pois com verdadeiro entusiasmo que comecei a colaborar com Mademoiselle Lévêque no Instituto de Serviço Social, como professor de Higiene Mental para adultos e desde então tenho continuado a sentir e admirar o seu belo espírito, a sua vocação excepcional e a valia extraordinaria da sua acção educativa e formadora sôbre as suas alunas e colaboradores. Por diversas vezes, em vários escritos, dei testemunho público do meu aprêço à obra realizada e ao valor e serviço que já a esperar e já prestam as assistentes sociais - de modo que me é hoje extremamente grato renovar aqui as minhas homenagens e o meu preito de admiração à "grande pioneira do Serviço Social em Portugal".

Considero a sua orientação e doutrina sôbre o serviço social como das mais justas, tanto pela nitidez das concepções

e compreensão dos fins a atingir como, e muito especialmente, pela plasticidade e maleabilidade verdadeiramente humanas, que para àlém dos sistemas e das teorias, a tornam um real instrumento de auxílio, colaboração e progresso social.

Mademoiselle Lévêque soube vencer as peias da indiferença e as resistências das organizações rígidas, e pelo fogo do seu entusiasmo, o brilho da sua doutrina, e o método do seu persistente esfôrço, constituir um escol de colaboradores e discípulas, que na homenagem que aqui lhe vêm prestar, exprimem o veemente desejo de que o seu exemplo e a sua obra perdurem e frutifiquem em proveito da assistência e do progresso social do País.

Confiante na acção que as suas discípulas exercerão na tarefa que agora iniciou e lhe cabe por ofício - a Higiene Mental - associa-se com o maior entusiasmo à homenagem que lhe é prestada o colaborador

(ass.) H. Barahona Fernandes

Lx. 14 de Maio 1942

PATRIARCADO DE LISBOA · PORTUGAL ·
ARQUIVO

Na despedida

Uma posição de comando em país estrangeiro nunca está isenta de um ou outro espinho; e se quem a ocupa é uma mulher entre raparigas, não o sei por experiência (é obvio!), mas calculo que deve ter mais que um ou outro espinho: deve ser o que a respeito dos púlpitos dizemos em português: uma posição ensilveirada.

Mademoiselle Lévêque veio para Portugal ocupar uma dessas posições, no Instituto de Serviço Social. Passaram anos e creio que se ela encontrou espinhos não foi decerto porque a sua qualidade de francesa lhas suscitasse, nem entre as alunas, nem entre o pessoal dirigente e docente.

A sua fina educação temperava a firmeza do comando a estrangeiras e a prova é que deixou nas várias gerações que já passaram pelo Instituto uma amiga em cada aluna.

E nada mais quero dizer, porque me coloca em situação melindrosa por me tornar suspeito de parcialidade, a cooperação que ela e as suas companheiras francêxas me prestaram ao microfone de Rádio Renascença indo gratuitamente durante quási dois anos e meio fazer a leitura da sua língua para as alunas dos meus cursos.

É com pena que a vejo partir, como com pena a acompanhei na provação dolorosa que a sua pátria atravessa. Desejando-lhe muito cordialmente um futuro mais risonho, nem sequer conservo ressentimento pelo sacrifício que duas vezes me impôs de fazer parte do juri dos exames da Secção familiar, capítulo: Cozinha, função para que só a sua muita bondade não quiz reconhecer a minha incompetência, já que não podia ser a minha inapetência...

Que Deus a proteja onde quer que O vá servir!

(ass.) Artur Bivar

Lisboa 18 maio 1942

Um grupo de antigas alunas minhas do Instituto de Serviço Social pediu-me que lhes dissesse concisamente as reflexões que acerca da vida ainda breve, mas já tão meritória do Instituto, me ocorresse de momento.

Poucos assuntos suscitaram mais o meu juvenil entusiasmo, na casa dos vinte, do que o Serviço Social em todas as suas modalidades. Condoída com os padecimentos e misérias físicas da humanidade que a minha profissão me fez conhecer logo, molestada no mais fundo da minha alma pelas dôres morais de tantos de quem me aproximava, julguei ver no S.S. e seus métodos, não uma panaceia, mas uma alavanca poderosíssima, bem forjada, bem equipada e firme, em sólidas bases, para solucionar êsse pungente problema humano que em eras passadas se julgou resolver com a caridade, a beneficência e a filantropia.

Claro que a solução do problema entre nós, pedia a formação de técnicos de S.S. - sem técnicos, uma função que exige tão variados recursos espirituais, morais e mentais e tão diversos conhecimentos colhidos de múltiplas especialidades, não pode nunca exercer-se sòmente com galas de amadorismo, mas antes com real eficiência que só técnicos possuem.

Veio a criação do I. S. S., resultado de um feixe de inteligentes boas-vontades n'uma hora em que a sua falta representava para pessoas conhecedoras das vantagens dos métodos de Assistência Social, uma necessidade premente, uma falta angustiante.

Dado o esplendoroso impulso outro problema surgiu de

extrema importância para que tão bela, nobre, desinteressada e meritória obra se não desvanecesse em fumo - escolher a pessoa que sob o ponto de vista técnico e pedagógico dirigisse a formação das trabalhadoras sociais que as nossas necessidades de povo na vanguarda do bem fazer, reclamavam em grita... pelo menos dentro dos nossos espíritos.

Foi Melle Marie Thérèse Lévêque a escolhida. Preciosa escôlha sob todos os pontos de vista - excelente preparação, teórica e prática adentro do S.S., boa cultura geral, rara diplomacia, grande maleabilidade na adaptação às necessidades do ensino, na congregação de esforços de professores e alunas, excepcional capacidade de trabalho, constante desejo de se aperfeiçoar ainda mais, de readaptar às características portuguêsas que servissem os fins do Instituto recencriado, trato primoroso, tudo isto sempre acompanhado da indispensável firmeza de convicções e atitudes necessária para que a obra do I.S.S. - seu fim supremo, sua máxima ambição - germinasse, crescesse, medrasse e frutificasse.

A obra aí está, radiosa esperança - agora já em instalação própria. Quaisquer que sejam as dificuldades actuais ou futuras, o nome de Mlle Lévêque ficará, para presentes e vindouros, indissoluvelmente ligado à história da Assistência Social em Portugal, em lugar de sumo relevo.

Maio de 1942

(ass.) Doutora Branca Rumina

A história do Instituto de Serviço Social de Lisboa abre com três nomes: o da Senhora Condessa de Rilvas, o de Sua Eminência o Cardial Cerejeira e o de Mademoiselle Lévêque.

Mas se à Senhora Condessa se deve a iniciativa da fundação; se do Senhor Cardial proveio o primeiro apoio e os primeiros recursos saíram do erário diocesano; foi Melle Lévêque quem mostrou a todos nós o que era o Serviço Social e como se praticava, certificando-nos da sua utilidade e oportunidade.

Sem ela, sem a sua inteligência ordenadora, sem o seu esfôrço metódico, sem a sua dedicação apaixonada, sem a sua vocação apostólica, o Instituto de Serviço Social não seria o que hoje é, nem as assistentes sociais e as educadoras familiares teriam sido formadas como foram, de modo a impôr-se à consideração geral.

Reconhecê-lo não é favor: representa um acto de estrita justiça e nada mais.

Lisboa, 15 de Maio de 1942

(ass.) Marcelo Caetano

Honrar as qualidades e o devotado esfôrço de Mademoiselle Marie Thérèse Lévêque no ensino das assistentes sociais, é ideia grata, pela justiça e pela modéstia da pessoa a quem professores e alunas do Instituto de Serviço Social desejam manifestar o seu aprêço.

Mal acerto ainda com o motivo que recomende a inclusão do meu nome entre aquêles que justificadamente podem cooperar na simpática homenagem. De há muito que os encargos da minha vida oficial impossibilitaram que colaborasse no ensino do Instituto de Serviço Social.

Pedem-me no entanto em termos tais que, seria impertinência, não aceder.

O acaso permitiu que de longe acompanhasse o trabalho prosseguido naquela Instituição, e podesse verificar, atravez das antigas alunas, quanto perdura nelas a recordação de quem, como Melle Lévêque, continuamente as orientou.

Não sei de mais consolador prémio de quem ensina, do que ver continuar nas alunas o mesmo desejo de abnegação e de perfeição, que o norteou nos anos de trabalho decorridos.

A direcção técnica duma organização nos moldes do Instituto de Serviço Social carece, a par da competência, de qualidades pedagógicas e de tão grande devoção que, possa sobrepôr-se às contrariedades inevitavelmente erguidas no caminho.

Melle Lévêque tem largamente demonstrado as primeiras e certamente provado, com as agruras das últimas, a satisfa-

ção de as vencer, mantendo-se ainda nêsse aspecto à altura da sua função - educadora pelo exemplo.

E quantas dificuldades acumuladas nos primeiros tempos em que funcionou o Instituto!

Atravez de embaraços removidos dia a dia, parcelas de uma soma enorme de obstáculos a vencer, arrastando pelo entusiasmo, entregando-se inteiramente à sua obra, ensinando, perseverando, dentro duma inalterável e sorridente bondade, Mademoiselle Lévêque, envolveu o labor do Instituto, num ambiente de irradiante simpatia, de esperança, de caridade.

(ass.) Carvalho Dias

Vai para dois anos, primeiramente como professor do Instituto de Serviço Social, agora ainda como amigo, que convivo com Melle Lévêque e dêste convívio nasceu em mim sincera admiração pelo seu espírito e pela sua obra. Alma cristã de eleição, dada inteiramente a Cristo Nosso Senhor, ela faz do Serviço Social o seu apostolado, cujos frutos são já bem patentes para felicidade da nossa Terra.

É o Instituto de Serviço Social a sua obra e ele aí está a testemunhar a grandeza da sua alma e a solidez da sua cultura e da sua formação cristã.

Queira pois Deus, para bem de Portugal, que Mademoiselle Lévêque permaneça por longas anos à frente da sua obra e que todos nós sejamos sempre gratos para quem tanto bem tem feito pela nossa Pátria.

(ass.) Carvalho Marques

PATRIARCADO DE LISBOA PORTUGAL
ARQUIVO

A Mademoiselle Lévêque testemunho a minha grande consideração e admiração. Melle Lévêque é credora, e bem, do respeito de todos os que trabalham no Instituto de Serviço Social. Pude verificar, este ano, em que tive a honra de colaborar nesta Obra de interesse nacional, quanto Sua Excelência trabalha pelo engrandecimento do Instituto que tão dignamente dirige, e quanto o Instituto lhe deve.

Por isso, aqui lhe deixo expressa sinceramente a minha profunda admiração e o meu maior respeito.

15 - V - 942

(ass.) Luis Carvalho Viegas

Mademoiselle Lévêque é um espírito interessante; a sua inteligência viva, persistência e fé na causa do Instituto torna-a preciosa.

O Instituto de Serviço Social deve-lhe muito.

Lisboa 14 de Maio de 1942

(ass.) Casimiro Mário Affonso

Data de poucos mêses apenas a minha colaboração no Instituto de Serviço Social mas nêsses poucos mêses pude apreciar bem, pelo conhecimento mais directo da obra, a sua modelar organização, a perfeição do seu funcionamento o ambiente de fecundo trabalho e a atmosfera de sólida e elevada camaradagem que aí se respira. É certo que isso não me surpreendeu porquanto o Instituto é conhecido, o seu bom nome é do conceito público; mas foi-me agradável e consolador verificá-lo.

Qualquer obra vive muito da sua direcção e reflecte o espírito de quem a dirige. O Instituto patenteia bem claramente as qualidades raras de organizadora e educadora da sua directora tecnica. Se se pensar no rol de dificuldades, grandes e pequenas que acarreta o pôr em movimento, certo e capaz, uma engrenagem de tão complexa orgânica como o Instituto aquilata-se bem o valor e o mérito de quem o orienta; são necessárias virtudes positivas entre as quais trabalhar com disciplina e amor, lutar com ardor e tenacidade, guiar com firmeza e carinho, a par da consciência perfeita da missão elevada da Obra; é necessário, enfim - estar totalmente integrado - de alma e de coração - no espírito superior que A anima.

Do conhecimento directo da Obra vem a minha sincera admiração pela personalidade de Mlle Maria Tereza Lévêque, que eu mal conhecia há uns mêses.

Lisboa, 15 de Maio de 1942

(ass.) Mário Quintiliano Cordeiro

É com o maior prazer que venho trazer o meu depoimento - desvalioso embora - a respeito dos méritos que me foi dado apreciar em Melle Marie Thérèse Levêque durante os anos em que tive ocasião de observar a sua acção como Directora do Instituto de Serviço Social de Lisboa.

O Serviço Social é, infelizmente, ainda pouco conhecido, no seu significado profundo, não só em Portugal, como em países de mais responsabilidades do que o nosso.

Há quem confunda, por exemplo, Serviço Social com rudimentos dum dos seus aspectos.

Melle Lévêque é das pessoas que tenho conhecido com melhor conhecimento dos múltiplos aspectos do Serviço Social e das suas responsabilidades.

Na verdade se é possível e deve haver graus na hierarquia dos trabalhadores de Serviço Social, não é compatível a designação de Assistente Social com a superficialidade, a improvisação e a facilitação excessiva da sua formação profissional.

Melle Lévêque, orientando desde a sua fundação o Instituto de Serviço Social, imprimindo-lhe, desde sempre, e com o apoio da sua Direcção, um alto nível intelectual e moral, deixa o seu nome ligado ao estudo sério e exigente do Serviço Social em Portugal.

Lisboa - 15 de Maio de 1942

(ass.) Fernando da Silva Correia

Pedem-me gentilmente duas palavras sôbre Mademoiselle Lévêque. Em boa verdade, mais não seriam precisas para dizer com exacta sobriedade: - admiro-a.

Ao lançar em Portugal os fundamentos da obra admirável em que se empenhou, a ilustre Direcção do Instituto de Serviço Social deu mais uma subida prova da sua alta competência escolhendo Mademoiselle Lévêque para sua colaboradora.

Mademoiselle Lévêque foi a grande organizadora dos Estudos e da Tecnica de Formação e acção moral e intelectual das Assistentes de Serviço Social no nosso País. E fê-lo com subida inteligência e ràpido conhecimento da psicologia portuguêsa. Sabendo equilibrar a suavidade com a necessária firmeza, ensina a todas as alunas, com a eloqüência do seu alto exemplo, a grande lição de que para dirigir é necessário ter formação e caracter.

Aliando à gentileza do espírito feminino e elevada cultura da inteligência, o caracter duma consciência esclarecida que sabe o que quere e como quere, influe no espírito das alunas a grande noção de que a sentimentalidade necessita duma larga disciplina e cuidadoso estudo, para conseguir realizar uma obra social útil em vez de se extinguir em simpáticos e estéreis sentimentalismos...

Toda a obra social que julga poder dispensar nos seus servidores, noções precisas (embora breves) duma cultura especialisada nos vários e complexos ramos que compõem uma organi

zação perfeita - desde os serviços humanitários até os ingratos e indispensáveis registos burocráticos de varia escrita e contabilidade -, está condenada a uma vida efémera e desanimadora.

Farto está o País das prometedoras iniciativas liquidadas a breve praso depois de festejadas inaugurações...

Vai uma grande diferença dum acto caritativo a uma obra social. É perigoso pretender fazer obras sociais com pessoas apenas geitosas e de boa vontade...

Mademoiselle Lévêque tem zelado constantemente pela elevação do nível moral e científico, teórico e prático, do curso que dirige, com o perfeito conhecimento de que o Serviço Social exige uma formação que se não improvisa, e com o alto sentimento de que a dignidade do Curso e a boa eficiência dos serviços sociais exige uma altitude necessária para prestigiar as suas alunas no conceito do público, e mais do que isso, no conceito e respeito pela dignidade e utilidade da sua própria acção.

Por isso me é grato repetir as duas palavras com que exprimi o ~~em~~ meu aprêço por Mademoiselle Léveque quando escrevi - admiro-A

(ass.) A. Cortez Pinto

PATRIARCADO DE LISBOA PORTUGAL
ARQUIVO

Les mérites exigent, en justice, qu'ils soient reconnus en louange de gloire au Père des Cieux.

C'est dans le même esprit que je vou fais hommage, Mademoiselle Marie Thérèse Lévêque et à vos vertus et à votre sublime dévouement dans l'œuvre de formation sociale des jeunes filles portugaises dans votre cher Institut de Lisbonne, où à travers des difficultés les plus ennuyeuses, loin de chez vous, loin du plus aimé de votre cœur vous avez servi le Christ en parfum de charité, et alors que la Chose Chrétienne est à refaire au Portugal!

Je n'ai que l'éloge de St. Paul aux Romains (X, 15) à vous redire en toute affection

"Quam speciosi pedes evangelizantium parem, evangelizantium bona" !

À vous en Lui

(ass.) J. da Costa Lima Junior

Freqüentador durante dezenas de anos de Congressos sôbre Higiene Escolar, Educação Familiar, de Higiene Social, de Educação Doméstica, de Escolas "Menagères", etc., aluno do "Seminário de Pedologia" de Melle Yoteyko em Bruxellas (1909), visitas a muitas escolas femininas (e jamais esquecerei os ensinamentos colhidos nas visitas à Escola Normal de Mons e ao Colégio particular de Nilvord para meninas ricas), leitor de muitas revistas das especialidades, tudo isto eu fiz por dever de ofício (Médico-inspector geral de Sanidade Escolar) e por compreender a responsabilidade da educação de duas filhas que Deus me deu.

Alguma cultura portanto da matéria.

Um dia visitei o Instituto de Serviço Social, sob a direcção técnica de Melle Lévêque, que só então conheci pessoalmente. Fui, por acaso, na boa companhia do meu querido amigo, Dr. Agostinho de Campos.

Devo confessar que ia de parti-pris; o eco da direcção e orientação seguidas no Instituto não eram de molde a entusiasmar-me.

Depois de ouvir atento a exposição de Melle Lévêque, os princípios que a dominavam e orientavam, de examinar com interesse e atenção os gráficos, os relatórios das alunas, etc., relembrei o que lá fora vi e aprendi. A minha reserva transformou-se em admiração.

Ligeiro convívio tive depois com Melle Lévêque em juri de que ambos fizemos parte. A minha admiração e respeito pe

lo seu saber, pela sua competência e pelo seu caracter acentuou-se.

Compreendi então quão difícil deveria ter sido a sua tarefa neste Instituto com alunas de cultura e mentalidades diversas. Todavia conseguiu triunfar o que revela as suas superiores qualidades.

A sua acção foi intensa, mas pregunto a mim mesmo, se foi suficientemente extensa e duradoira.

Lançou boa semente, não há dúvida. Frutificará? O tempo o dirá e fará justiça.

(ass.) S. Costa Sacadura

maio de 1942

PATRIARCADO DE LISBOA PORTUGAL
ARQUIVO

Há já mais de cinco anos que venho assistindo de perto - e admirando sempre - a obra que Mademoiselle Lévêque realizou no Instituto de Serviço Social. Raras vezes se encontrará um tão poderoso conjunto de qualidades nobres e um tão completo devotar delas à obra empreendida. Inteligência e cultura, bondade e rectidão; talento para organizar - e competência para organizar. Fervor no trabalho, espírito de sacrifício, tenacidade e fé. A limpidez em tudo. O poder de despertar vocações e dedicações. Saber levantar o edifício, mas sobretudo saber dar-lhe uma alma. Compreensão da educação no mais alto sentido da palavra.

... Eu proporia que a Mademoiselle Lévêque fôsse expropriada à França, por indiscutível utilidade pública portuguêsa. E quereria que minha filha pudesse cursar o Serviço Social sob a sua direcção.

Maio de 1942

(ass.) Paulo Cunha

Que missão mais nobre poderá propôr-se uma alma cristã do que a de enriquecer espíritos e moldar corações para o... Serviço Social: amar a Deus, servindo o próximo, amar o próximo, para servir a Deus?!

E quem poderá recordar amanhã os primeiros passos do Serviço Social entre nós, sem recordar, ao mesmo tempo, o nome de Melle Lévêque?

(ass.) Domingos Fezas Vital

A minha opinião sôbre Mademoiselle Marie Thérèse Lévêque? Tarefa simples pois cabe numa palavra: admiração.

Admiração por todas as suas qualidades, havendo receio de especificar, não vá acontecer que, ou a ordem de enumeração ou qualquer omissão, admitam preferência de uma sôbre outras. Encanta o seu trato pessoal pela apostolização que irradia, revelador de uma fé, um convencimento, e um conhecimento do que deve entender-se por Serviço Social, que à admiração faz juntar o contagiado sentimento que leva a estimar dar-lhe colaboração.

(ass.) Luís Figueira

Quando em 1935 recebi no meu consultório Melle Thérèse Lévêque que ali ia combinar a minha colaboração no Instituto de Serviço Social, colaboração que me tinha sido solicitada pela Exma. Senhora Condessa de Rilvas, tinha eu visitado recentemente em Paris a "Caisse de Compensation" onde experimentei a mais profunda admiração perante o valor dum serviço social em larga escala.

Afeito por índole a aspectos desta natureza, senti certo entusiasmo com o caso, mas, confesso que não imaginava que, 6 anos passados sôbre essa data, o I.S.S. tivesse dado as provas que actualmente se podem apreciar com tanta segurança.

Tenho seguido ano a ano os trabalhos desta instituição e apreciado na freqüência das cadeiras a meu cargo, nos repetidos estágios, nos exames e, sobretudo, no contacto que tenho procurado manter com as alunas e diplomadas, a optima cultura social com que saem do Instituto.

E esta convicção é tão forte que, em serviço que dirijo, o Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, consegui, com o assentimento superior, introduzir no decreto dêste Instituto o seguinte artigo: "A assistente social... deverá possuir o respectivo curso ministrado no Instituto de Serviço Social..."

Suponho que é o primeiro (e parece-me que por enquanto, o único) documento legal que rege uma instituição do Estado, em que se exige explicitamente, o curso do I.S.S. para o desempenho de cargo de assistente social. E em tão boa hora o fiz que, escolhendo um pouco ao acaso a pessoa para exercer êste

cargo, o serviço social dêste Instituto tem sido, sem dúvida dos de maior utilidade e rendimento. Na verdade as diplomadas com o curso do I.S.S. saiem formadas com uma cultura que lhes valoriza a personalidade, dando-lhes método e decisão no trabalho, competência no que fazem e, sobretudo, um sentido muito humano que lhes permite uma actuação da mais relevante utilidade.

Poderá talvez parecer um pouco estranho que, num livro de justa homenagem a Mlle Lévêque, eu me tenha demorado a falar do I.S.S. É que tenho como certo que as pessoas valem apenas pelo que fazem, pelas obras que realizam; e tudo, ou quasi tudo o que acabo de referir é obra de Melle Lévêque. Se o I.S.S. é hoje o que é, deve-o essencialmente a esta Senhora, à sua competência, à sua clarividência do problema e respectiva adaptação ao meio português (o que não é fácil) e ao seu espantoso senso organizador.

E Melle Lévêque tem motivo para estar satisfeita, e mesmo orgulhosa com o que tem realizado entre nós, pois sem ela não teríamos técnicos de serviço social com a provada competência das alunas que saem do I. S. S.

Os meus cumprimentos pois a Melle Lévêque pelo muito que fez e parabens ao país que soube escolher pessoas de tal competência que bem merece, não só o reconhecimento de todos nós, mas ainda os desejos que continui exercendo a sua benéfica acção em instituição de tanta valia.

Lisboa 15 de Maio de 1942

(ass.) Victor Fontes

Não posso recusar o meu concurso para a homenagem prestada pelas alunas do Instituto de Serviço Social à sua organizadora - Melle Lévêque - mas não me é possível escrever quanto penso.

Prefiro que na minha atitude desde o início dessa Obra Mademoiselle Maria Tereza Lévêque, tenha podido sentir todo o respeito, toda a admiração, todo o carinho que lhe tributo.

Lisboa 16 de Maio de 1942

(ass.) Francisco Gentil

Mademoiselle Lévêque soube vencer. Organizadora e perseverante, além de inteligente e culta, é digno modelo da mulher que deseja realizar uma Obra.

(ass.) Bénard Guedes

V / 942

Admiramos em Melle Marie Thérèse Lévêque o espírito pedagógico que orienta superiormente o I.S.Social, que lhe foi confiado e onde se tem afirmado a profunda essencia do Humanismo Cristão. O seu espírito educado, e cultivado com esmero nos vários ramos das ciências sociais, não hesitou na aplicação superior dos Princípios, em terreno que lhe era desconhecido - as necessidades da vida portuguêsa. Francêsa de origem, dir-se-ia que se revestiu com o mais alto conhecimento da alma Portuguêsa para realizar uma Obra Nacional. Eis o seu triunfo.

Melle Lévêque é o espírito prático da mais adequada adaptação aos vários meios onde a sua acção pedagógica e social houver de se afirmar.

Devemos-lhe nós, ainda a aguda visão e compreensão do problema da Ed. Física Racional, pela técnica portuguêsa de formação e surpreende-nos a clarividência que poz ao serviço de tão importante matéria, por vezes incompreendida até dos portuguêses cultos. Referimo-nos à colaboração activa em trabalhos científicos portuguêses, traduzindo com perfeito conhecimento, obras notáveis dos nossos queridos Mestres Dr. Weiss d'Oliveira e Dr. Jorge Calado, entre os quais o "Programa oficial de Educação Física, Decreto 21.110 -"Pour la verité" do Dr. Jorge Calado - e "Aspects très inconnus de l'Education Physique" do Dr. Weiss d'Oliveira.

É mais uma faceta admirável da sua Inteligencia superior e dos seus generosos sentimentos. Sem estes não poderia a organização modelar de que tem sido a notável Directora, obter os resultados já colhidos. Só o sentimento dá fôrça à ideia e a conduz a seu Fim.

Que nos perdoe a ilustre Senhora e nos permita render ainda a Homenagem devida aos dons tão nobres, do seu coração.

Maio de 1942

(ass.) José Godinho de Oliveira

Por considerar absolutamente justa tenho muito prazer de testemunhar nesta homenagem a Mademoiselle Lévêque a minha muito consideração pelas suas excepcionais qualidades de organização e de trabalho, pela sua magnífica cultura e a minha admiração pela utilíssima obra já realizada no Instituto de Serviço Social sob a sua tão proficiente direcção.

(ass.) Gomes da Costa

Desejam as alunas do I. S. S. algumas palavras para este livro e tenho eu muito prazer não só em satisfazê-las mas ainda e especialmente em colaborar numa homenagem que julgo servir a justiça.

Mas valem as palavras alguma coisa em presença dos factos?

A colaboração de Melle Lévêque, na qualidade de Directora Técnica, nesta obra já hoje patente a todos, vale bem por si mesma - palavras, não lhe tiram ou acrescentam brilho.

(ass.) F. Macedo Santos

Apesar de conhecer há bastante tempo Mademoiselle Lévêque, só depois do meu regresso dos Estados Unidos tive ocasião de visitar o Instituto de Serviço Social e outras obras por ele orientadas e animadas. Tivemos, de então para cá, longas conversas sôbre assuntos de Higiene e Assistência Social em que tive o prazer de registar o nosso perfeito acôrdo sôbre todos os aspectos essenciais destas duas formas de actividade.

Há na personalidade de Mademoiselle Lévêque um conjunto de qualidades que é invulgar encontrar reünidas e nas quais é preciso buscar a explicação para o exito animador da missão que a trouxe a Portugal.

Mademoiselle Lévêque foi educada na tradição da Assistência Social francêsa. Esta parte dos príncípios cristãos de solidariedade humana para procurar por meio de acção directa junto da população melhorar simultaneamente o seu nível sanitário, cultural e moral. A importância da ideologia da Assistência Social está em que ela ultrapassa deliberadamente a fase de balbuciamento da idéia social, que representam as obras de simples caridade. Todos sabemos como as mais bem intencionadas dentre estas falham deante da magnitude dos problemas sociais e diante da malícia dos profissionais da miséria. Sem pôr de parte o estímulo da intenção generosa e do espírito cristão, a ideologia da Assistência Social reconhece no entanto a impotência destes em afrontar as dificuldades de aplicação e

ARQUIVO

aceita corajosamente a ideia de que, para espalhar o bem, é preciso aprender a fazê-lo com uma técnica apropriada. Por meio de estudos desenvolvidos, alarga-se o âmbito de cultura das futuras assistentes sociais e por meio de trabalhos práticos em vários ramos da sanidade e da enfermagem, procura-se desenvolver nelas o conhecimento directo dos problemas que terão de resolver. Admite-se assim que para fazer uma boa assistência é preciso conhecimentos profissionais - e não sòmente um bom coração. Era difícil implantar uma ideia destas em Portugal, país das improvisações bruscas, das dedicações impulsivas, da caridade lamentosa, e mais avesso que qualquer outro a amparar a bondade do coração com as guias duma disciplina construtiva.

Pois bem, Mademoiselle Lévêque conseguiu este difícil resultado. Talvez a sua obra não tenha ainda todo o reconhecimento e toda a expansão de que é merecedora, mas o caminho está já largamente aberto. Os Centros de Assistência Social de Cascais, da Quinta da Calçada, do Bairro da Boa Vista, o novo edifícia do Instituto, são outros tantos padrões dum desenvolvimento seguro.

Este progresso não seria possível se a forte personalidade de Mademoiselle Lévêque não tivesse sabido congregar à sua volta uma série de boas intenções anteriormente dispersas. A sua viva inteligência, uma indomável pertinácia e - nunca será demais repeti-lo, - um grande e compreensivo amor pelas coi

sas deste país, souberam acordar ecos isolados cuja reünião forma hoje um côro que começa a fazer-se ouvir. Numa futura organização das obras de Saúde e Assistência em Portugal, o Instituto de Serviço Social pode desempenhar um papel insubstituível, especializando-se cada vez mais no ramo tão difícil da assistência social propriamente dita, ramo diferente, mas complementar, da enfermagem da Saude Pública. Na falta de uma ou outra especialização é natural que, provisoramente a assistente social seja obrigada a trabalhar em Saúde Pública e a visitadora sanitária em assistência. Numa organização definitiva porém as duas profissões diferenciam-se para melhor poder colaborar na obrigação de toda a sociedade civilizada, que é melhorar o nível de vida físico e mental das classes mais atrazadas.

Lisboa 18 de Maio de 1942

(ass.) João Avelar Maia de Loureiro

A grande obra que é o Instituto de Serviço Social constitue magnífico exemplo de quanto pode uma delicada sensibilidade, guiada por um espírito superior. Criando-o e não se poupando a esforços para o fazer prosperar, num meio onde, em regra, empreendimentos desta natureza têm de vencer a indiferença com que são recebidos, Mademoiselle Lévêque tornou-se credora da estima e da gratidão da gente portuguêsa.

Convidado para tomar parte nesta justa e simpática homenagem, promovida pelas suas discípulas e admiradoras, à fundadora do Instituto, é com vivo prazer que a ela me associo e me honro de consignar, em breves mas sinceras palavras, o respeitoso aprêço que tributo à ilustre Senhora por essa obra, cujo alcance se revela nos resultados já colhidos e mais se acentuará com a realização plena dos seus novos e vastos desígnios.

Lisboa, 16 de Maio de 1942

(ass.) Mark Athias

PATRIARCADO DE LISBOA
PORTUGAL
ARQUIVO

Uma homenagem a Melle Lévêque não podia deixar de ser acolhida por todos nós com o maior entusiasmo.

Creio bem, que pode contar em cada um de nós, que com ela tivemos a felicidade de trabalhar, um amigo, e que será com profunda saudade que a veremos partir, quando tiver aqui findado a sua Missão tão nobre.

Não sei dirigir-lhe senão uma palavra bem portuguêsa: Bem haja!

Lisboa, 14 de Maio de 1942

(ass.) Mercedes Marques de Figueiredo

Podem-me as minhas impressões sôbre a Mademoiselle Marie Thérèse Lévêque, Directora do Instituto de Serviço Social e, tenho o maior prazer em declarar que, além de ser uma pessoa extremamente amável e gentil, é tambem, uma Senhora que tem dedicado toda a sua boa vontade e dedicação à causa social que a tem por Directora.

O Director de serviço
do Hospital dos Capuchos

(ass.) Martinho Rosado

Lx. 16/ 5/ 942

Transplantada do solo nativo e do meio cultural francês para a nossa terra portuguêsa, Mademoiselle Lévêque não é aqui uma desenraízada, ou uma inadaptada. Aclimatou-se com facilidade, sem se desnacionalizar.

Mais que aquilo que separa - diferença de língua e temperamento, trouxe, vindo para Portugal, aquilo que une e concilia - uma mentalidade cristã, uma alma de educadora, posta generosamente ao serviço da geração nova da nossa terra.

Lisboa, 20 de Maio de 1942

(ass.) Cónego J. Martins Pontes

Presto homenagem sincera à competência e alto valor da Ilustre Senhora que tecnicamente dirige o Instituto de Serviço Social, Mademoiselle Marie Thérèse Lévêque, pois como tenho verificado nos serviços médicos onde trabalho nos estágios das alunas dêste Instituto ou no exercício das funções de Assistentes Sociais ali tão inteligentemente preparadas, a sua cultura geral e especial é completa, não só no que diz respeito à parte técnica, como à formação moral e social sendo já notável a sua acção no nosso país.

Lisboa, 22 de Maio de 1942

(ass.) Alice de Mello Tavares

O Instituto de Serviço Social foi criado de modo a interessar vivamente a elite da nossa juventude católica e daí o prazer que tive de reger uma das cadeiras dos seus numerosos cursos.

Foi como professor dêsse Instituto que tive o ensejo e a honra de conhecer a Mademoiselle Lévêque, cuja actividade denuncia a enorme fôrça de atracção que os problemas sociais exercem sôbre as almas cristãs.

A sua dedicação à causa social revela-nos incontestavelmente um espírito pronto a "fazer bem, o bem" - fórmula brilhante que serviu a Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, Senhor Dom Manuel Gonçalves Cerejeira para nos definir o verdadeiro sentido da expressão "Serviço Social".

(ass.) Daniel Monteiro

Lisboa, 15 de Maio de 1942.

A Mademoiselle Lévêque homenagem de respeitosa admiração de

(ass.) Manuel Vicente Moreira

Lisboa 2 de Junho de 1942

Entre as instituições pedagógicas criadas neste último decénio, é, sem dúvida, o Instituto de Serviço Social, o mais generosamente concebido e o mais perfeitamente realizado.

No fecundo esfôrço da sua realização, a figura de Mademoiselle Lévêque sobressai como uma das de mais alto relêvo. As suas grandes qualidades de organizadora e de educadora, as suas aptidões e conhecimentos especializados, o seu carinho e dedicação por esta obra, estão indestrutivelmente gravados nos alicerces do Instituto. Aprecio-a, admiro-a e louvo-a.

Lisboa, 17 de Maio de 1942

(ass.) Maria da Conceição Serra de Paiva Nazareth

A Senhora Directora do Instituto, Marie Thérèse Lévê que, foi verdadeiramente a formadora tecnica das primeiras assistentes para o "Serviço Social" no nosso país, pelo seu saber, pela sua completa formação e ainda pelo exemplo vivo das qualidades que, embora susceptíveis de aperfeiçoamento num curso, devem, como vocação, existir em princípio em todos os que se dedicam àquela missão.

(ass.) Augusto d'Oliveira

É com o maior prazer que satisfaço o pedido que me foi feito pelas alunas do 3º ano do curso 1941-42, dedicando estas linhas a Mademoiselle Lévêque só lamento o não saber exprimir tudo quanto ela merece.

A lacuna deixada pela sua partida será difícil de preencher, quer pelas suas altas qualidades intelectuais e morais, quer pelo carinho e amor que tem testemunhado pelo seu semelhante nesta crúzada humanitária que abraçou e que tão bem tem sabido cumprir.

A muito grata e amiga

(ass.) Maria Onélia Levy

Que especial condão traziam consigo as alunas do I.S.S. nos seus estágios na clínica hospitalar a meu cargo, em Santa Marta, que beneficiavam pelo exemplo o próprio pessoal de enfermeiras de carreira? Tão sobrio e natural era o seu aprumo, tanto carinho tinham com as doentes pobres e tal vontade tinham de se adextrar numa arte que exige vocação, que por certo, reflectiam em tal igualdade de procedimento, a orientação superior de alguem que lhes transmitia a sua própria personalidade. De facto, Mademoiselle lévêque simples, culta e activa guiava facilmente as suas turmas de estagiárias no hospital em moldes espirituais d'uma tão grande distinção e d'uma tal dignidade e beleza morais que de todos recebia da melhor vontade, algum auxílio para a sua obra. E assim, viu descerrarem-se portas e aparecerem colaboradores desinteressados entre médicos, enfermeiras e mesmo pessoal de serventia; se quizesse poderia parafrasear, para si: - "Veni, vidi, vinci".

Elemento excepcional ao serviço d'um Instituto que vem ao encontro de impreteríveis necessidades de acção social, que melhor e mais pura homenagem poderia receber que a que tão espontaneamente lhe querem promover as suas juvenis discípulas?

(ass.) A. Padesca

Maio de 1942

Sinto-me imensamente honrado pela modesta colaboração que dou ao Instituto de Serviço Social. À Mademoiselle Marie Thérèse Lévêque, sua iniciadora, bem como a todas as outras senhoras que a coadjuvam nesta grande Obra, devem todos os Portuguêses uma profunda gratidão.

Lisboa 14 de Maio de 1942

(ass.) Eurico Pais

Quem acende uma luz ajuda a iluminar o mundo. Mademoiselle Lévêque acendeu já muitas luzes. As raparigas do Instituto de Serviço Social são outras tantas luzes que ela acendeu. Já brilham essas luzes, iluminam e dão confôrto. E tudo é uma irradiação da primeira luz.

Há no mundo muitos pobres e sempre os teremos connosco, conforme nos declarou Jesus Cristo. Mas há pobres de pobres; os pobres de luz, de graças, de virtude e de carinho. Andam encobertos tantos dêles, mas há-os em toda a parte.

Deus proteja o Instituto. Que ele seja uma fonte perene de luz. É o melhor serviço social que pode prestar a Portugal.

(ass.) Padre Valente Pombo

A Melle M. Th. Lévêque

Se uma árvore que plantamos de estaca - árvore de boa estirpe -, em bom terreno, regada e adubada convenientemente, enraíza, cresce, se desenvolve, e ao fim de certo tempo, com sua ramagem, mais ou menos exuberante, florifica e frutifica, A Que devemos isso?

- A Deus, o Criador dos mundos e da Natureza.

x

Se numa cidade, não muito populosa - Lisboa, de boa gente, com boa vontade, bom terreno - instalarmos um Instituto de Serviço Social - árvore de estirpe alevantada -, se êsse Instituto enraíza, cresce, se desenvolve e progride, A Que devemos isso?

- Ainda a Deus, o Criador dos mundos e de todos os bens da Natureza

x

Foi Êle Quem predestinou Melle Lévêque para montar, orientar e dirigir o Instituto de Serviço Social de Lisboa.

E por isso, Melle Lévêque, foi o Instituto, é o Instituto, será o Instituto.

Estejamos-lhe gratos por tanto.

A Nação que colhe já frutos, e colherá todos, deverá tambem ficar grata a Melle Lévêque.

x

No pouco que em 5 anos nos foi dado trabalhar com a Di

rectora Técnica do Instituto, reconhecemos sempre a inteligência da orientação no ensino, a perseverança no Sistema, a deligência pelo objectivo, o interesse nos resultados, o carinho pela Causa, e pelas alunas, com quem confraternizava, melhor método de ensino e aquêle que melhores resultados dá.

Diz-se que o Bom Mestre, faz os bons alunos e à sua semelhança.

Da qualidade da nossa Directora, da Orientadora, di-lo melhor do que ninguem, o pensamento das alunas, que nêste momento, se juntam todas em mesma vibração, sentimento de gratidão e reconhecimento.

Com todo o prazer me associo à manifestação, lamentando a causa que a provoca.

Lisboa, 18 de Maio de 1942

(ass.) Fernando Portela Gomes

FARMÁCIA DE LISBOA PORTUGAL
ARQUIVO

Nada mais justo e merecido que esta enternecedora homenagem que por iniciativa das alunas finalistas do Instituto de Serviço Social vai agora prestar-se a Mlle Marie Thérèse Leevêque.

O seu rápido convívio connosco fica assinalado por obra tão notável que, pode afirmar-se, sem sombra de exagêro, marca uma época decisiva na história da assistência em Portugal.

É certo, que antes dela, pessoas versadas em questões sociais, mas infelizmente casos isolados, se atreveram a manifestar-se contra métodos de assistência que só a rotina teimava manter, o socorro em que se atendia ao sintoma sem procurar atingir as causas que continuavam assim a actuar, multiplicando, indefinidamente, os seus crueis malefícios.

Serviço Social, acção, diagnóstico social, eram ainda há pouco tempo, para nós, embora constituissem já aspiração de uma elite, frazes timidamente proferidas por alguns indivíduos audazes, que não lograram, todavia, atrair a confiança de ninguem tornando-se mesmo perigosas para os que ousavam repeti-las, relegados à categoria de autênticos lunáticos que os homens sensatos, quando se propunham fazer o bem, sistemàticamente afastavam das iniciativas em que estivessem empenhados, na certeza de que apenas poderiam comprometê-las.

Que a assistência não deve limitar-se a intervir na altura em que será unicamente um paliativo, conquanto generoso, eis o que poucos compreendiam. Os casos irremediáveis, por serem os mais tocantes, eram os únicos que pareciam merecer o interesse das criaturas que se lhe dedicavam, deixando-se guiar, persuadidas que assim é que devia ser, antes pelo sentimento, do que pela inteligente compreensão das necessidades reais.

Chegou-se a aguardar que o mal se agravasse para então lhe acudir, no convencimento de que os casos incipientes podiam esperar que a caridade viesse trazer-lhes o bálsamo consolador das palavras condoídas ou da esmola efémera.

Diga-se o que se quizer, a verdade, porém, é que o ambiente hoje se tornou outro. Operou-se uma completa transformação nos espíritos, criou-se uma mentalidade nova em assuntos de assistência.

O que ainda ontem se apodava de revolucionário e quási subversivo começa não só a ser aceite sem relutância, como a adoptar-se com entusiasmo evidente. Já nas mais remotas freguesias se reconhecem as vantagens da assistência social e se preparam as coisas para torná-la possível.

A afirmação de que se curar é bom, seria no entanto preferível prevenir, deixou de ser acolhida com desdenhoso cepticismo, de representar uma frase apenas, para se

transformar em norma de conduta em cujo resultado cegamente se confia.

Centros de inquérito estão em formação ou funcionam já com pleno rendimento, destinando-se-lhes avultadas quantias. Assistentes de serviço social exercem a sua actividade junto das grandes emprezas, encontramo-las nas fábricas, nos meios rurais, entre os pescadores, apreciam-lhes os serviços as Casas do Pôvo, as autarquias locais, o próprio Estado apressa-se a reconhecer-lhes a existência, oficializando o curso onde elas se preparam e chama-as, convertido enfim às ideias de que se fizeram portadoras, para colaborar na obra que se propõem empreender.

Seria pois injusto ao aludir a semelhante movimento de renovação, à criação de uma mentalidade nova no campo da assistência, que nos permite olhar com esperança o futuro, não fazer referência a Mlle Marie Thérèse Lévêque, que, para o seu triunfo, contribuiu por forma tão decisiva.

Outros realmente colaboraram com fé indómita na propaganda das ideias novas; mas sem o seu profundo saber, a sua experiência, a sua perseverança, o espírito combativo que a animam, a sua dedicação que nunca conheceu desfalecimentos, estou certo que a revolução se não haveria operado tão depressa.

Combateu com denôdo a rotina, o hábito adquirido, os preconceitos, o misoneismo casmurro das massas sempre

avêssas a aceitar as verdades que venham destruir velhas convicções. Soube, em suma, triunfar dos obstáculos que lhe opuzeram a estúpida ignorância ou a má fé dos despeitos insofridos - e essa não é a sua menor glória.

Ao Instituto de Serviço Social, onde formou o espírito e conquistou a dedicação das suas admiráveis alunas, que são hoje o seu orgulho e serão amanhã os decididos continuadores da obra por ela iniciada, fica-lhe para sempre ligado o nome prestigioso.

Como português, porque, para nos ajudar, nos dedicou o melhor da sua mocidade, julgo-me na obrigação de lhe exprimir o meu reconhecimento, como seu discípulo, que me honro de ser, de confessar humildemente que ainda o pouco que sei o devo em grande parte ao que aprendi nas suas lições magistraes.

(ass.) Guilherme Possolo

A competência, o tacto, a boa vontade e o espírito disciplinado e disciplinador raras vezes se reünem na mesma pessoa como me tem sido dado observar em Melle Lévêque no desempenho do cargo de Directora Técnica do Instituto de Serviço Social.

18 de Maio de 1942

(ass.) Luís Quintela

A obra iniciada por Melle Lévêque, de grande alcance social, é merecedora dos mais justos elogios.

Lisboa 14 - V - 942

(ass.) A. Rodo

É com grande prazer que me associo à obra realisada pela Exma. Senhora M Th. Lévêque no Instituto de acção Social, obra de grande interesse social e nacional.

(ass.) Vasco de Morais Palmeiro (Regaleira)

3. Junho de 1942.

O ensino do serviço social, em Portugal, na sua feição técnica e prática, fica devendo a Melle Marie Thérèse Lévêque a sua organização definitiva.

Esta tarefa só foi possível levar a bom termo pelo exemplo vivo que Melle Lévêque deu pessoalmente aos professores e alunas do Instituto de Serviço Social da sua raríssima capacidade e das suas altas qualidades, que dela fizeram a primeira e a melhor de todas as assistentes sociais.

(ass.) Artur de Oliveira Ramos

Disse Madeleine Delbrel: "Nous sommes au carrefour de trop de routes: ce carrefour n'a pas sa bibliothèque et nous devons aller chercher nos livres aux quatre coins de l'horizon... "

Melle M. Th. Lévêque tem sido para nós o livro aberto onde, em caracteres escritos com o fôgo da sua alma e o exemplo da sua vida, aprendemos a ler esta palavra tão grande: "Servir"

Maio de 1942

(ass.) Adriana Antónia de Paiva Rodrigues

Escrevendo nêste livro as minhas impressões a respeito de Mademoiselle Lévêque, como Directora Técnica do Instituto de Serviço Social, quero tambem associar-me à merecida homenagem que lhe vão prestar. Reconheço-lhe as melhores qualidades para o exercício do cargo que lhe foi entregue e parece-me que tem sabido impôr, com muito critério e acêrto, a ideia a que tem dedicado a sua vida e que tem servido com o maior e mais comunicativo entusiasmo.

(ass.) Ernesto Roma

Lisboa 17 - V - 42

É com profunda emoção que gostosamente junto a minha modesta voz ao côro justíssimo de aplausos e homenagens a Mademoiselle Marie Thérèse Lévêque, encantador espírito de Senhora, de uma viveza e brilhantismo cativante e que, na direcção dessa obra admirável de fundo cristão, que é o Instituto de Serviço Social, tem provado merecer de todos nós uma gratidão e um reconhecimento sem par.

Alfredo d'Assumpção Santos
Arquitecto

Lisboa 15 de Maio de 1942

Só com a Fé, Persistência e Vontade duma mulher, como Mademoiselle Lévêque, seria possível criar e manter um Instituto de Serviço Social.

L. 15 - V - 42

(ass.) Silva Nunes

Tudo quanto seja para levantar o nível moral e intelectual da mulher é obra bendita.

São poucos todos os elogios a quem como Melle Lévêque, consagra a sua vida a obras de tal natureza, principalmente quando como ela põe ao serviço dessa obra tanta inteligência, tanto interesse e todo o seu coração.

(ass.) Alfredo Tovar de Lemos

14 - 5 - 942

Procurado por uma comissão de alunas do Instituto de Serviço Social, para lhes testemunhar a minha consideração pela Exma. Directora, faço-o com o maior prazer.

Desde a fundação do I. S. S. que rejo o curso de Indicações Terapêuticas, com um programa elaborado de acôrdo com a orientação geral que Mlle Marie Thérèse Lévêque imprimiu à organização referida. Nestes longos anos de trabalho em que a minha colaboração constituiu uma parcela diminuta no quadro geral dos estudos seguidos nêsse Instituto, tive ocasião de apreciar a inteligência viva e a grande cultura geral de Mlle Lévêque. Dedicada de corpo e alma à Instituição que dirige, e dotada dum espírito firme e disciplinador, profundamente conhecedora dos problemas que interessam a uma Assistente Social e possuidora de sentimentos católicos praticantes, Mlle Lévêque soube orientar exemplarmente o seu Instituto, trabalhando para êle, vivendo para êle, num esfôrço contínuo e esgotante de coordenar as actividades de professores e de alunas, procurando obter o rendimento máximo do trabalho de todos. Exigente, por conseqüência, mas daquela exigência racional, que manifestam todos os que encaram a sua profissão ou a sua missão, com a seriedade devida.

O Instituto deve, em grande parte, a Mlle Lévêque os seus primeiros anos de existência.

Tal é, em resumo, a minha impressão sôbre as qualidades reveladas por Melle Lévêque no desempenho do espinhoso cargo de Directora do Instituto de Serviço Social.

Lisboa, 14 de Maio de 1942

(ass.) José Toscano de Vasconcellos Rico

Nunca devemos ser avaros em elogiar o bem!

Mademoiselle Lévêque, com a sua brilhante inteligência e decidida tenacidade, soube lançar à terra portuguêsa a semente de uma educação nova para as raparigas. Está nisto o seu maior merecimento.

Quem diria ainda há poucos anos, que teríamos raparigas das classes médias e superiores a compreender o mundo novo que se avizinha e a construir os muros da nova Jerusalém? Sempre acreditei que as classes dirigentes já não tinham salvação social, possível.

As raparigas do I. S. S. e os rapazes universitários que ontem juraram servir a revolução do espírito contra a escravatura moderna da produção, abriram em minha alma uma nova esperança.

Agradeço a Mademoiselle Lévêque ter para ela tão poderosamente contribuido.

Lisboa, 16 de Maio de 1942

(ass.) P. Abel Varzim

Com o maior prazer escrevo o meu nome neste album, para dar testemunho do meu grande aprêço pelo trabalho realizado pela Exma. Senhora D. Maria Tereza Lévêque, em favor do Serviço Social na nossa terra.

Que aproveite às nossas assistentes sociais, o seu exemplo de tenacidade e persistência por um belo ideal, são os meus votos.

Lisboa 14 de Maio de 1942

(ass.) Custódia Alves do Valle

Mademoiselle Marie-Thérèse Lévêque

À vossa esplêndida preparação prática e teórica, inteligência, método, agudeza de espírito, poder de adaptação e conhecimento profundo das necessidades do meio social português, às vossas admiráveis aulas de Serviço Social, tão vivas, tão sentidas, tão elevadas, tão cheias de espírito cristão, devemos a nossa

Formação social

Ao vosso convívio tão espiritual, à vossa lealdade e absoluta rectidão, à vossa nobreza de caracter, aos bons conselhos que nos destes, devemos profunda

Formação moral

Por tudo isto, pelo ideal que nos trouxestes, pela acção social que nos ensinastes a realizar, pelo espírito de sacrifício com que servis as almas, a Igreja na nossa Terra, vos dedicam entusiástica e sentida

G R A T I D Ã O

as antigas alunas:

(ass.) Maria Helena Teixeira Beltrão

Maria Leonor Corrêa Botelho

Maria Teresa Guedes de Andrade Santos

Maria da Luz Sanches Martins Pinto

Maria Amélia Morgado Stichini Vilela

Emília de Carvalho Lima Pinto

Maria Carolina Cortez Curado de Azevedo Pires

Maria Amélia Couceiro da Costa Gorjão Henriques

Maria Amélia Maia de Carvalho

Maria da Graça Machado Macedo

Maria Guilhermina de Mendonça

Evangelina Lopes Proença

Maria Palmira de Morais Pinto Duarte

Maria Carolina de Sande e Castro

Maria da Conceição Monteiro

Maria Elisa Carneiro

Maria Cândida Costa e Lúcio

Maria Irene Costa e Cruz

Maria José Lencastre Viana

Maria dos Milagres Sá e Mello

Maria Teresa Jardim Anjos

Maria Luisa Ressano Garcia

Ilda Lizardo Neves

Maria Luisa Carneiro

Maria Emilia da Camara

Marina Romeira de Sá Ferreira

Maria Gabriela Horta Moreira Sales

Ivonne Maria dos Reis Arruda

Margarida da Camara Pestana

Maria Carlota de Magalhães Lobato Guerra

Ana Amalia Moreira de Sá e Mello

Merícia Fernanda da Glória Nunes

Odette Fontes e Silva

Maria Alda de Magalhães Quintela Emauz

Catalina Pires Santana Ferreira

Mutserrat Martorell de Furtuny

Helena Lopes da Cruz

Filomena Augusta da Silva Correia

Há pessoas que nascem para dirigir: Mademoiselle Marie Thérèse Lévêque é justamente uma delas.

Sempre recta, sempre pronta a bem aconselhar, a ajudar, a incutir coragem e esperança, a nossa Directora técnica possui as raras qualidades de chefe que, sabendo respeitar, merece ser respeitada.

Modesta, familiar, atraente, a sua personalidade impõe-se e é com prazer que se lhe obedece.

O seu ensino claro, constantemente adaptado ao caso português, revela a autoridade do mestre e a agudeza do psicólogo, forma e robustece a nossa inteligência de alunas, e a sua alma de escol - discreta e profundamente cristã - arrasta-nos para o ideal.

Por isso, as actuais alunas do Instituto de Serviço Social, vibrando num mesmo sentimento de apreço por aquela que, de há anos, lhes tem dado o melhor da sua vida num inteiro esquecimento de si própria, querem manifestar a sua sincera gratidão por meio desta singela homenagem.

Maio de 1942.

(ass.) Susana Lagrifa Fernandes
Ana Maria Bulho e Melo de Carvalho
Regina Rebêlo Martins
Maria José Fortes Bessa Tosta Lôbo
Maria Isabel Reguera Dias
Maria Manuela Mimoso Moreira

PATRIARCADO DE LISBOA PORTUGAL
ARQUIVO

Maria Celeste Coelho Ribeiro da Costa

Maria Eliete Neves Machado

Maria Cristina André

Luzia Neves Pernão

Antónia Hortal Palet

Maria de Nazareth Telles da Silva Palhinha

Alice Gonçalves Rodrigues

Maria de Jesus Ribeiro Lamêgo

Maria da Conceição Jonet

Maria Tereza de Matos Rodrigues

Lucinda Abrantes

Maria Neves Correia de Araújo

Maria Cristina de Arriaga Ferin Cunha

Stella Pina Brioso Pinto

Maria Francisca Madeira Reis

Maria da Luz Baptista de Oliveira Mouta

Maria Cândida Sirgado d'A. Mendes

Maria Antónia da Cunha Pimentel Homem de Melo

Maria Alice Bustorff Silva

Maria Leonor da Cunha Santos Nogueira

Branca Ubaldy da Silva Oliveira

Maria Helena de Almeida Mendes

Narcisa de Jesus

Maria Adozinda de Morais Alves

Maria das Neves Fernandes Duarte

-¦-¦-¦-¦-¦-

PATRIARCADO DE LISBOA PORTUGAL
ARQUIVO

Anexo C

"Bedford College for Women (University of London). Social Studies Department. Form of Entrance. Marie-Thérèse Cécile Lévêque [1932]".
Documento dactilografado e manuscrito com uma página.
L.d.: Archives, Royal Holloway, University of London. BC AL 200/72, file 5682

BEDFORD COLLEGE FOR WOMEN.
(UNIVERSITY OF LONDON.)

SOCIAL STUDIES DEPARTMENT.

FORM OF ENTRANCE.

SESSION 1932-33 TERM Michaelmas

Full Name.	LEVÈQUE, Marie Thérèse Cécile
Date of Birth.	June 2nd, 1901.
Permanent Address.	Charly sur Marne, (Aisne), France.
Term Address.	15, Manchester Square, London. W.1.
List of Schools and Colleges attended, with dates.	Governess at home until 1910 Pensionnat de la Croix, Soissons 1910-1914. Governess at home 1914-1916 Institut Jeanne d'Arc, Gagny France, 1916-1918. French Red X, U.F.F. 1924-1925. Ecole de Surintendantes 1925-26 Special courses, & courses at the Sorbonne, Paris 1925-27. Clinique Henri Roussel in 1928.
Degree, Diploma or other Public Examinations passed, with dates.	Obtained in 1917 Brevet Elémentaire. " " 1918 1st part of Baccalaureat. " " 1925 Diplôme de la Croix Rouge " " 1926 Diplôme de Surintendante " " 1928 Certificat d'études de Psycho-technique " " 1929 Certificat d'études, for History of Art at Louvre " " 1930-31 " " in General Philosophy (Spec. Course)
Previous Experience in Social Work.	1. Nature of Work. 1927-29. Surintendante à la Société de Secours mutuel des garçons de caisse et de recettes de la ville de Paris. 1929-32 Surintendante des usines Citroën rive droite. 2. Length of Experience. Five years as above. Voluntary social service during several years in three villages in France.
What Course of Study do you propose to follow?	
Signature of Parent or Guardian. X Address. X Profession or Business. X	J. Lévêque 704 rue Emile Morlot - Charly s. Marne Tofue (Aisne) X Veuve - sans profession
Signature of Headmistress or Former Teacher. Address.	M. Geoffroy {certifie que Mlle M. Th. Lévêque obtenu le diplôme de Surintendante en juin 1926 Directeur de l'Ecole des Surintendantes d'usines et des Services Sociaux Paris 19 rue Dareau (14e)
Signature of Referee as to suitability for Social Work. Address. Profession or Business.	Mad^elle Lévêque appartient aux usines A Citroën en qualité de Surintendante depuis le 1er février 1929. Sous tous rapports elle nous a toujours donné entière satisfaction. Nous ne voyons aucune objection à formuler relativement à sa spécialisation sociale à Londres. Colonel [illegible] Le Chef du Personnel des Usines

SOCIÉTÉ ANONYME ANDRÉ CITROËN 143, Quai de Javel PARIS

This Form, filled up, to be returned to the Principal before the entry of a Student.

Every Student entering the Social Studies Department is required to return with the Entrance Form a **Medical Certificate** on a Form provided by the College.

THE REGISTRATION FEE OF ONE GUINEA SHOULD BE RETURNED WITH THIS FORM.

Anexo D

"École des Surintendantes. Livret appartenant à Mlle. Lévêque M. Thérèse [1925-26]".
Documento dactilografado e manuscrito com dezasseis páginas.
L.d.: ETSUP (Paris), Depósito de Arquivo ASUSS / Dossier d´Élève, 16ème cours
(sem tratamento arquivístico)

ÉCOLE

des

SURINTENDANTES

43, Rue Pernety, 43

PARIS (XIVe)



1923

Association des Surintendantes
USINES ET SERVICES SOCIAUX
Reconnue d'utilité publique
43, Rue Pernety – PARIS-XIVe

ÉCOLE DES SURINTENDANTES

Livret

appartenant à Mlle Levêque M. Thérèse

Conseil d'Administration

Président : Dr Armand DELILLE, Médecin des Hôpitaux, Secrétaire général de l'Œuvre Grancher.

Vice-Présidentes : Mme BRUNSCHWICG, Présidente de la Section du Travail du Conseil National des Femmes Françaises.

Mlle DE MONTMORT, Fondatrice de l'Association des Infirmières Visiteuses de France.

Secrétaire Générale : Mlle ROUTIER, Surintendante générale à la Compagnie Générale d'Électricité.

Secrétaire-adjointe : Mlle M. DIÉMER, Secrétaire générale de l'École d'Action Sociale *Pro Gallia*.

Trésorière : Mme VIOLLET, Vice-Présidente de l'Amélioration du Logement Ouvrier.

Membres du Conseil : Professeur CALMETTES, Sous-Directeur de l'Institut. PASTEUR, Membre de l'Académie de Médecine.
Commandant HUC, Délégué aux Œuvres Sociales du Chemin de Fer Paris-Orléans.
M. Adolphe PICHON, Maître des Requêtes au Conseil d'État.
Mlle DELAGRANGE, Surintendante au Ministère de l'Hygiène.
Mme GUILLON, Surintendante des Foyers Féminins de France.
Mlle HARDOUIN, Surintendante aux Caisses de Compensations.

Comité d'Honneur

Mme Max LAZARD
Bertrand DE MUN
Jules SIEGFRIED
Mlle Marguerite JAVAL
MM. AZARIA
Colonel APPERT
Général CURMER
Pasteur DOUMERGUE
Chanoine DUPIN
Justin GODART
HUDELO
Marcel LECOQ
NICAISE
PINAUD
SCIAMA

Comité technique

Mmes CHOPLET FIZAINE
DESLAURIERS
Suzanne GRIMBERG
SCHRAMECK
Dr WEILL-RAYNAL
M. WILBOIS

Directrice de l'École : Mme A.-G. JACOB, Surintendante.

École des Surintendantes

Ce Livret, remis aux Élèves de l'École n'est valable que pendant l'année d'études. Il doit être présenté au moment des examens.

Un autre Livret sera remis aux candidates ayant obtenu le titre d'Intendante ou de Surintendante. Celui-là seul devra être présenté aux Directeurs d'Usines ou de Services Sociaux.

Livret d'Élève

Appartenant à Mlle Levêque Marie-Thérèse

Née le 2 Juin 1901 à Charly/Marne Aisne

demeurant à Charly/Marne

N° de la session 16e



Signature de la titulaire,

M. Th. Levêque

Signature de la Directrice de l'École des Surintendantes,

M. Jacob

Entrée le 3 Novembre 1925

Titres et Diplômes antérieurs aux études de Service Social :

Brevet simple
Diplôme simple d'Infirmière U.F.F.

FONCTIONS EXERCÉES	DATES	
	D'ENTRÉES	DE SORTIES

COPIE DES CERTIFICATS
délivrés antérieurement

Je recommande à votre bienveillante attention ma paroissienne Mlle M.Th. Levêque qui s'est dévouée inlassablement à nos œuvres sociales, particulièrement aux Jeunes de la L.P.D.F. dont elle est la présidente.

Son autorité et son influence se sont exercées de la façon la plus heureuse sur ses compagnes.

Elle est pieuse, intelligente et dévouée ....

abbé Debarbe curé doyen de Chaly

C'est avec gd plaisir, et, en outre le sentiment de remplir un devoir que, sollicité par Mlle M.Th. Levêque, de dire d'elle ce que je pense de ses aptitudes et qualités en ce que ma profession m'a mis à même d'en juger. Je déclare qu'elle remplit à mon sens au maximum les conditions psychologiques et paramédicales désirables : Elle a beaucoup souffert elle-même, phy-

siquement en moralement, et il doute cette circonstance a-t-elle contribué à la faire se porter toujours vers la souffrance humaine. Je n'en citerai comme exemple que l'assiduité avec laquelle elle s'était attachée à ma Consultation officielle de Puériculture, dont elle fut un des piliers dès l'origine.

D'autres que moi ont dû citer son dévouement filial et familial ; je tiens toutefois à ajouter que je la considère comme une jeune fille d'un fond absolument hors du commun, une nature d'élite exactement prédestinée à l'apostolat auquel elle se destine

Dr Marcel Vérul Charly

Certifié conforme.

LA DIRECTRICE :

M. Geoffroy

ENSEIGNEMENT GÉNÉRAL THÉORIQUE

COURS SUIVIS	PROFESSEURS	Nombre de Leçons	Présence	VISA du PROFESSEUR
Droit civil	Mme Grinberg	7	7	
Nle Hygiène	Mlle Lanna	4/6	4/6	
Médecine usuelle	Dr Weil-Raynal	8	8	
Puériculture	Dr Blanchet	12	12	
Ass. sociale	Dr Armand-Delille	13	12	
Economie Politique	Mr Wilbois	18	16	
Sociologie	Mr Max Lafond	5	5	
Méthode d'Enquêtes	Mme Paul Viollet	1	1	
Assist. Familiales	Mlle Marcy	1	1	
Jardin d'enfant	Mlle Pinchemel	1	1	
Hygiène du Travail	Mlle Schumann	8	8	
Législation du Travail	Mme Oestreicher	2	2	
Surmenage des femmes	Mme Cauchet	1	1	
Esprit de mutualité	Mme Bonnevay	5	5	
Hygiène mentale	Mme E. Violle	1	1	
Morale professionnelle	Dr Dufour	2	2	
Psychologie	Mlle Rondin	6	6	
Devoirs d'assistance	Mlle Gaffiot	4	4	
Hygiène individuelle	Mr Fribourg-Blanc	4	4	
Comptabilité	Mr Fuzy	1	1	
Rapport administratif	Mme Schmaltz	3	3	
Architecture	Ct Hue	6	6	
Hygiène alimentaire	Mlle Jarsenage			
Hygiène scolaire	Dr Hermann-Lagarde	1	1	
Législation familiale		1	1	
Organisation professionnelle	Mr Bourdon	1	1	
Assurances sociales				
Embauchage	Mme Gruber	1	1	
Foyer - Cantine	Mlle Granger	1	1	
Œ. Jardins - Cités Jard.	Mme de Rothschild	1	1	
S.S. au Palais du Bas.	Mme Pineau	1	1	
Soc. des Nations	Mlle Dreyfus	1	1	
Hyg. en Alsace et Moselle	Mlle Gemaehling	1	1	
Législation	Mlle Hendonnet	1	1	
Congrès Int. S.V.	Mlle Roux	1	1	
Org. Professionnelle	Dr Faillie			
	Mr Bonjour			
Travail social	Mlle Delagenière	1	1	
Protection de l'Enfance	Mme Bendel-Bauer	1	1	
Coopératives	Mlle Bonnet	1	1	
Syndicats	Mme Pearson	1	1	
Œ. Pop. scolaires	Gal Curnier	1	1	
Pension ménagères	Dr de Nabias	1	1	
Leçons sur le Cancer	Dr Proust	1	1	
	Dr Dastre			

M. Geoffroy

VISITES SOCIALES

Nos d'ordre	NOM DE L'INSTITUTION	ADRESSE	DATE DE LA VISITE	VISA DE LA DIRECTRICE
1	Maison Maternelle Noppe	41 Av.ue Parc Montsouris	12 Novembre 1925	
2	Asile - Ouvroir	230 Av.ue du Maine	19 Novembre	
3	Cantine Maternelle	R. Pag. St Jacques	26 Novembre	
4	Centre d'Hebergement	Bd Jourdan	26 Novembre	
5	Institut Pasteur	21 Rue Duthot	3 Décembre	
6	Dispensaire Rue Clavel	R. Clavel	7 Décembre	Absence maladie
7	Résidence sociale - Levallois - Perret	R. des Champs 3	11 Janv. 26	
8	Dispensaire des tout-petits	Issy les Moulineaux	18 Janv. 26	
9	Fondation Parquet	Ile de la Jatte	25 " 26	
10	Patronage de l'Enfance	R. de Vaugirard	4 Mars 26	
11	Foyer Rue Daunou		4 " 26	
12	Tribunal pour enfants		16 " 26	
13	Logements Sanatoria	R. Ch.eau des Rentiers	24 " 26	
14	Usines Géo	Av.ue de Fontainebleau	21 Avril 26	
15	Cité - Jardins	Cachan	23 Avril 26	
16	Conservatoire Arts et Métiers		26 " 26	
17	Cité Universitaire	Bd Jourdan	27 Avril 26	
18	Ecole Rachel	Quai Bourbon	5 Mai 1926	
19	Ecole Viviani	Rue de Babylone	12 Mai 1926	Absence maladie
20	Ecole Boulle		1 Juin 1926	

M. Geoffroy

VISITES SOCIALES

Nos d'ordre	NOM DE L'INSTITUTION	ADRESSE	DATE DE LA VISITE	VISA DE LA DIRECTRICE
21	Caisse de Compensation Région Parisienne	R. de Sévigné 40	4 Juin 26	M. Geoffroy
22	Imprimerie de "Petit Parisien"	R. d'Enghien	1er Juin 26	
23	Ecole de Bibliothécaire Franco-Américaine	10 Rue de l'Elysée	16 Juin 26	
24				
25				
26				
27				
28				
29				
30				
31				
32				
33				
34				
35				
36				
37				
38				
39				
40				

STAGES PRATIQUES

NOM DE L'INSTITUTION	ADRESSE	DURÉE des stages	DURÉE de la présence	DATES	OBSERVATIONS	VISA
Moulin-Vert	92 Rue du M. Vert	1 mois		Nov. 1925	très bon stage	M. Paul Viollet
Jardin enfant	" " "	2 jours				
Amélioration log. ouv.	" " "	1 mois				
Aide aux mères	" " "	10 jours				P. Viollet
Ouvroir	" " "	2 fois				
Pouponnière du Camouflage	18 rue de l'Atlas	14 jours		Déc. 1925	très bon stage ; jeune fille dévouée et zélée	Dr Jane Mulay
Ec. de Puériculture	Rue Desnouettes	15 j. (retard maladie)		1-16 Janv. 1926	Elève très vivante - Très bon stage	
Hop. Lariboisière (serv. de porte)		13 j.	13 jours	17-30 j. 1926	Elève très bonne, très entendue très bon stage	
Hopital Hérold	Place du Danube	1 mois	1 mois	1er Fév. - 28 Fév.	Très bon stage - malheureusement trop court, mais j'espère qu'il sera quand même profitable.	M. Geoffroy
Dre de Prophylaxie mentale	Rue Calais	1 semaine				
Maternité	Bd Port-Royal	2 semaines		Avril	Assidue et sérieuse	
Foyer Féminin	47 Rue de Ponthieu	3 semaines		15 à 27 mars	Très bon stage	
Institut Prophylactique	Rue d'Assas	1 semaine		28 Av. - 2 mai Avril	Très bien	
Dispre Léon Bourgeois	65 Rue Vaneau	2 semaines		Mai 1926	Excellente élève, a donné toute satisfaction pendant son stage	
Hopital Tenon	Rue de la Chine			Juin 26	Très bon stage	

N° de la session 16e

Examen théorique

ÉCRIT

Assistance	Hygiène du Travail	Législation du Travail	Médecine	Morale Profle
15	17	14	12	20

TOTAL

ORAL

Assistce	Droit	Hygiène du Trav.	Législ. du Trav.	Médecine	Questions Profes		
17	15	18	12	15	18		

TOTAL : 163

La Directrice de l'École :

M. Jeoffron

22 Juin 1926

Un Certificat d'aptitude sera délivré aux candidates admises aux fonctions d'Intendantes ou de Surintendantes, le présent Livret correspondant seulement à un livret scolaire.

Anexo E

"Association des Surintendantes d´Usines et de Services Sociaux. Programme des Cours et Stages [1925]".

Documento dactilografado com três páginas.

L.d.: ETSUP (Paris), Depósito de Arquivo ASUSS (sem tratamento arquivístico)

1925

ASSOCIATION DES SURINTENDANTES

d'Usines et de Services Sociaux

Reconnue d'Utilité publique

43, RUE PERNETY, 43 — PARIS-XIVe

CONSEIL D'ADMINISTRATION

Président : Dr P. ARMAND-DELILLE, Médecin des Hôpitaux, Secrétaire général de l'Œuvre Grancher.

Vice-Présidentes : Mme C. BRUNSCHVICG, Présidente de la section du travail du Conseil National des Femmes Françaises.
Mlle de MONTMORT, Fondatrice de l'Association des Infirmières Visiteuses de France.

Secrétaire générale : Mlle ROUTIER, Surintendante de la Compagnie générale d'Electricité.

Secrétaire adjointe : Mlle M. DIEMER, Secrétaire générale de l'École d'Action Sociale Pro Gallia.

Trésorière : Mme E. VIOLLET, Vice-Présidente de l'Amélioration du Logement Ouvrier.

Membres du Conseil : Professeur CALMETTE, Sous-Directeur de l'Institut Pasteur, Membre de l'Académie de Médecine.
Mlle DELAGRANGE, Surintendante au Ministère de l'Hygiène.
Mme GUILLON, Surintendante des Foyers Féminins de France.
Mlle HARDOUIN, Surintendante auxiliaire des Caisses de Compensation.
Commandant HUC, Délégué aux Œuvres sociales du chemin de fer Paris-Orléans.
M. Adolphe PICHON, Maître des Requêtes au Conseil d'État.

COMITÉ D'HONNEUR

Mmes Max LAZARD — Bertrand de MUN — Jules SIEGFRIED — Mlle Marguerite JAVAL — MM. AZARIA — Gal APPERT — Gal CURMER — Pasteur DOUMERGUE — Chanoine DUPIN — Justin GODARD — HUDELO — Marcel LECOCQ — NICAIZE — PINOT — SCIAMA.

COMITÉ TECHNIQUE

Mmes CHOPLET-FIZAINE — DESLAURIERS — Suzanne GRIMBERG — SCHRAMECK — Dr WEIL RAYNAL — M. WILBOIS.

L'École des Surintendantes a été créée, à Paris, le 1er mai 1917 ; les élèves qui en sont sorties ont été placées dans les Usines de l'État et dans l'Industrie privée où elles rendent d'éminents services. Quelques-unes participent également à la direction du service social de grandes Administrations publiques et privées.

En France, la création de cette nouvelle fonction a été déterminée par les besoins multiples de la population ouvrière occupée dans les usines de guerre.

Cette fonction n'est cependant pas dépendante de la guerre ; elle lui survit et se développe dans l'œuvre de paix. Elle répond, en effet, à des besoins qui subsistent en tout temps : questions d'hygiène, de morale, d'éducation sociale, de liaison entre les employeurs et les employés.

Les chefs d'Industrie, les grands commerçants, les administrateurs, se trouvent, par la force des choses, éloignés de leur personnel. Absorbés par la partie technique ou commerciale de leur direction, ils ne peuvent suivre dans le détail les besoins de ceux qu'il emploient. LaSurintendante complète leur œuvre ; associée morale et sociale du patron, elle le décharge des nombreux soucis qu'entraîne pour lui le bien-être de ses employés.

Affectée à la direction du service social, elle peut organiser et diriger les œuvres qui en relèvent : Maternité, Crèche, Infirmerie, Garderie d'enfants, Cantine, Foyer, Coopérative, etc... S'il existe une cité ouvrière elle peut l'administrer, d'accord avec le personnel existant.

Sa présence est une garantie d'ordre et de bonne gestion pour les œuvres sociales réalisées par la direction.

La Surintendante est en rapport direct avec le service médical et collabore avec lui pour la lutte contre les fléaux qui déciment la population. Elle est en relation constante avec la famille ouvrière : pendant que l'homme travaille au dehors, elle visite la femme et les enfants, s'enquiert de leurs besoins, de leur état de santé ; elle apporte les conseils que lui inspire son expérience, et son action morale peut avoir la plus haute portée.

Pour remplir dignement de telles fonctions, il faut des femmes sérieusement préparées, offrant toutes les garanties d'honorabilité, de dévouement éclairé et d'expérience.

A cet égard, les établissements ou les administrations qui emploient les surintendantes sorties de l'École donnent témoignage de leur satisfaction.

Un certain nombre de surintendantes ont été choisies par le ministère des Régions libérées pour remplir des postes d'Inspectrices départementales dans ces régions.

Parmi les postes qui sont et ont été occupés par des surintendantes nous citerons :

Compagnie Générale d'Electricité à Ivry, Orléans, Bordeaux, Boithorel, Lyon ; Lorraine-Dietrich à Argenteuil et à Lunéville, Compagnie Nilmelior, Tréfileries du Havre, Compagnie Générale des Métaux, Comité du Retour à Reims, Service Social de la Préfecture de la Seine-Inférieure, Pyrotechnie de Bourges, Arsenal de Rennes, Arsenal de Puteaux, Cartoucherie de Vincennes, Manufacture d'Armes de Saint-Étienne, Ministère des Régions libérées, Foyer des Ouvrières de Saint-Etienne, Usines Michelin, Foyer de l'Ouvrier, Usines des Locomotives Batignolles-Châtillon, Permanence d'Entre-aide Sociale, Auxiliaires de la Caisse de Compensation de la Région Parisienne, et du Bâtiment, Ateliers du Paris-Orléans, Usine de Morvillars, Usines Geo, Usines Tudor, Compagnie Lorraine des Lampes et Charbons de Pagny-sur-Moselle, Usine Dietrich de Reichshoffen, Service Social de la Maternité Hôpital Saint-Antoine, Consortium des Textiles de Vienne, Usine des Isolants à Vitry, Fonderies de Rosières, Maison de l'enfance à Montluçon, Compagnie P.-Orléans à Brives, Capdenac, Montluçon, Bordeaux, Vierzon, Mantes, Limoges. etc., Protection du nourrisson.

L'âge d'admission est fixé de 25 à 45 ans.

Les candidates devront se présenter à l'École avec les papiers suivants

Bulletin de naissance ou livret de famille.
Photographie.
Casier judiciaire.
Certificat médical.
Un diplôme de fin d'études.
Un certificat d'infirmière.
Deux lettres de références.
Certificats antérieurs.

Les droits d'inscription sont fixés :

Pour le 1er trimestre.....	100	francs
— 2e —	50	—
— 3e —	50	—

payables d'avance.

La durée des études est de 10 mois comprenant :

Un stage d'ouvrière ou d'employée dans une usine ou administration, des cours théoriques, stages pratiques et visites sociales.

Un examen éliminatoire a lieu à la fin de chaque trimestre ; l'examen définitif oral et écrit, en fin d'études.

L'élève ayant satisfait à l'examen recevra le certificat d'aptitudes aux fonctions d'Intendante ou de Surintendante stagiaire ; le titre définitif ne lui sera accordé qu'après deux ans de services accomplis à l'entière satisfaction de ses chefs de service et du Comité Directeur.

Les appointements des surintendantes placées par l'École ne peuvent être inférieurs à 700 francs par mois.

L'École, tout en facilitant dans la mesure de ses moyens le placement des élèves, ne prend aucun engagement à cet égard.

Les élèves de province pourront prendre pension à la Maison des Surintendantes, 43, rue Pernety, Paris-14e. Elles devront adresser leur demande d'admission à Mlle Piat, directrice de la Maison de famille.

Pour tous renseignements : S'adresser à Mme A.-G. JACOB, Surintendante, directrice de l'École, qui reçoit les lundis et jeudis de 9 heures à 11 heures, 43, rue Pernety, Paris (14e).

PROGRAMME DES COURS ET STAGES

Législation du travail. — Mme CAUBET (8 cours).

Raison motivant l'intervention de l'Etat — Durée du travail — Travail de nuit — Repos hebdomadaire — Loi de 8 heures — Semaine anglaise — Femmes enceintes — Nourrices — Contrats — Salaires — Cautionnements — Loi sur les accidents de travail.

Législation concernant l'Hygiène du travail. — Mme DESLAURIERS (8 cours).

Historique du travail — Lois — Décrets — Nettoyage — Aération — Ventilation des locaux — Chauffage — Eclairage — Réfectoires — Salles de repos — Vestiaires — Dortoirs — W. C. — Hygiène morale — Incendie — Sécurité femmes et enfants.

Assistance médico-sociale. — Dr ARMAND DELILLE.

Introduction — Historique — Nécessité de l'organisation de l'Assistance sociale et d'une éducation préalable pour les travailleurs sociaux — Les grands problèmes médicaux-sociaux — Les enquêtes médico-sociales — Manière de procéder — Assistance aux tuberculeux — Assistance à l'enfant tuberculeux — Préservation de l'enfance contre la tuberculose — Assistance de l'enfance en général — Assistance prénatale — Assistance aux nourrissons — Assistance aux mères nourrices — Etude des œuvres — Assistance dans la petite et grande enfance — Préventoria — Colonies de vacances — Les œuvres de l'enfance — Eclaireurs — Patronages — Les œuvres de l'adolescence — Foyers d'ouvriers, etc... — Assistance médico-sociale dans la lutte contre la syphilis — Assistance médico-sociale dans la lutte contre l'alcoolisme — Assistance aux anormaux psychiques et à l'enfance coupable — Assistance médico-sociale dans les agglomérations industrielles — Rôle des surintendantes d'usine — Les jardins ouvriers — Service social dans les hôpitaux — Assistance aux familles nombreuses — Assistance médico-sociale et orientation professionnelle — La formation des assistantes sociales, les qualités requises — Conclusions.

Assistance (4 cours).

Assistance publique et privée — Législation — Caisses de compensation — Unions d'œuvres, etc.

Médecine élémentaire. — Dr WEILL-RAYNAL (8 cours).

Plaies — Contusions — Commotion cérébrale — Fractures — Hémorragies — Brûlures — Syncopes — Epilepsie — Hystérie — Hémoptysies — Rougeole — Scarlatine — Oreillons — Coqueluche — Fièvre typhoïde — Variole — Tétanos. — Pharmacie de secours d'urgence.

Education méthodique du travail de Secrétariat. — Mlle SANUA (6 cours).

Méthodes de classement — Enquêtes — Fichiers — Rapports — Statistique — Prises de notes — Indications de service — Classement de journaux techniques — Publicité.

Enseignement ménager. — (2 cours).

Nécessité de l'éducation ménagère — Organisation de l'enseignement ménager dans les milieux populaires.

Cours divers :

Mlle BOUVIER. — Les Syndicats.
Mme BRUNSCHVICG. — Le Suffrage des Femmes.
Gal CURMER (3 cours). — Apprentissage — Orientation professionnelle — Pensions — Pupilles de la Nation.
Ct HUC. — Forme d'un rapport administratif.

Cours divers :

Doctoresse HARTMAN COCHE. — Le Cancer (dépistage de la maladie).
M. LAVENAZ (4 cours). — Architecture.
Mlle LEYMANN. — Jardins d'Enfants.
M. MAX LAZARD. — Le Bureau International et les conférences internationales du travail.
M. PICQUEFEU. — Les logements ouvriers.
Mme PUECH. — La Société des Nations.
M. G. RAMON. — Les Assurances sociales.
Mlle ROUTIER (6 cours). — Moralité professionnelle.
Mme SCHRAMECK (3 cours). — Comptabilité.
Mme VIOLLET. — Le travail à domicile et sa législation.
Mme DE WITT SCHLUMBERGER. — L'unité de la Morale.

Conférences données par des Surintendantes.

Rôle et mission de la Surintendante — Surintendantes dans les Etablissements de l'Etat, dans l'Industrie privée, dans les Préfectures, dans les Foyers (rôle de la Surintendante rurale).
Embauchage — Classement — Utilisation du personnel — Cités ouvrières — Les œuvres annexes de l'usine : Infirmerie, crèche, salle d'allaitement, cantine, etc.

Hygiène Sociale (76 cours).

En collaboration avec l'Ecole du Service Social.

L'Enfance : 1er âge. — La maternité avant la naissance, la femme en couches (Dr DEVRAIGNE), Le lait (Dr DAUNAY), Aide à la mère qui nourrit, Protection de l'enfant en nourrice, L'enfant abandonné (Dr DEVRAIGNE).

De 2 à 14 ans. — Hygiène, maladies (Dr DUFESTEL), Protection contre la tuberculose (Dr ARMAND DELILLE), Ecoles de plein air, Arriérés et anormaux (Dr PAUL BONCOUR), L'enfance coupable (KAHN), Hygiène sexuelle, Secours à la veuve, aux orphelins, Allocations aux familles pour l'élevage et l'éducation (A. MESUREUR).

Adolescence. — Education ménagère, Apprentissage, Enseignement professionnel, Orientation professionnelle, Protection de la jeune fille (Mme DAVAINE), Les Sports (Dr MARCEL LABBÉ).

Age adulte : Le foyer. — La maison insalubre, Hygiène de la maison (P. JUILLERAT), Habitation à bon marché, individuelle, collective (G. RISLER), Cités Jardins (BRUGEMAN), Hygiène de la Cité.

Economie ménagère. — Hygiène alimentaire, Régimes alimentaires adaptés aux besoins physiologiques et sociaux. (Dr HENRI LABBÉ).

Epargne et prévoyance. — Coopératives (DAUDÉ-BANCEL), Caisses d'épargne, Assurances contre les accidents, la maladie, l'invalidité, le décès prématuré, Mutualités et autres caisses.

Le travail. — L'usine : durée du travail, repos (DELAUNAY), La femme et l'enfant à l'usine, L'ouvrière à domicile, Sursalaire familial (Mlle BOURRAT), Chômage, Placement (MAX LAZARD).

Vieillesse. — Retraites ouvrières et paysannes (ED. FUSTER), Assistance aux vieillards.

Maladies sociales. — Les microbes (Dr PHILIBERT), Parasites, insectes nuisibles (Dr JOYEUX), Alcoolisme, Lutte contre l'alcoolisme (GALLIENNE), Tuberculose (Dr RIST), Lutte contre la tuberculose (Dr KUSS), Syphilis (Dr QUEYRAT), Défense contre l'aliénation mentale (Dr GENIL PERRIN).

Assistance. — Assistance privée, Assistance publique (A. MESUREUR), Le service social (P. DOUMERGUE).

Droit. — Mme GRINBERG (6 cours).

Le mariage — Le divorce — Séparation de corps, de biens — Contrats de mariage — Incapacité juridique — Loi de 1907 — Puissance paternelle — Tutelle — Filiation naturelle — Légitimation — Adoption — Succession — Donations — Emancipation — Tribunaux pour enfants.

Economie politique. — H. WILBOIS (20 cours).

Problèmes sociaux contemporains — Consommation — Economie nationale — Doctrines libérales — Socialisme — Collectivisme — Marxisme — Consommation Production — Répartition — Syndicalisme — Salariat — Patronat — Le salaire — Taylorisme.

Simples notions d'économie politique. — CHARLES GIDE (10 leçons).

I. — Les notions d'économie politique intuitive, celles de Robinson Crusoé : besoins, désirs, travail, valeurs, possessions.

II. — Les notions dérivées de l'état social : divisions du travail, échange, monnaie.

III. — L'évolution économique dans le sens individualiste : propriété, hérédité, intérêt, profit, salariat.

IV. — L'évolution économique dans le sens socialiste : association, étatisme, limitation du droit de propriété, protection des faibles.

Hygiène industrielle. — M. FROY.

Indications générales sur la fatigue, l'épuisement, le surmenage — Les effets du surmenage — Influence de la fatigue sur les accidents — Lutte contre la fatigue accumulée — Poussières industrielles — Action — Nature — Lésions produites — Vapeurs nitreuses, chlorées — Benzine — Sulfure de Carbone — Hydrogène, oxyde de carbone, térébenthine (action nocive) — Intoxications massive et progressive — Saturnisme — Hydrargyrisme.

Psychologie ouvrière. — ABBÉ VIOLLET.

En collaboration avec l'Ecole Sociale « Pro Gallia ».

Psychologie ouvrière — Enfant — 1er âge — Adolescents — Adultes.

Droit administratif. — Mlle DELAGRANGE (4 cours).

Enseignement civique. — M. MAX LAZARD (30 cours).

En collaboration avec l'Ecole du Service social.

A. B. C. du Citoyen Français — Initiation aux lois et coutumes régissant la vie sociale contemporaine.

Notions élémentaires sur les institutions publiques françaises, considérées comme centre de la vie individuelle et familiale. — I. Coup d'œil d'ensemble sur les rapports entre la vie individuelle et la vie sociale; définition de la matière étudiée. — II. Description du mécanisme législatif et administratif au moyen duquel le peuple français se donne des institutions publiques et assure leur fonctionnement (notions sur le régime politique et électoral; sur les rapports entre le gouvernement et le parlement; le pouvoir central et les pouvoirs locaux; sur l'organisation des ministères et des services publics; sur le statut des fonctionnaires). — III. Description des principales institutions publiques françaises envisagées successivement dans leur régime légal, dans leur fonctionnement et dans les effets produits ou les résultats obtenus. (Institutions intéressant la famille, la propriété, la religion, les libertés individuelles, la défense nationale, la répression des crimes et délits, les impôts, l'enseignement, les moyens de communication, les richesses naturelles, l'assistance, l'hygiène, le commerce, le travail...)

Stages pratiques

Stage d'ouvrière ou d'employée dans une Usine ou Administration	tous les jours	3 semaines	Octobre
Ecole de Puériculture		4 —	Novembre
Crèche	tous les matins	2 —	Décembre
Amélioration du Logement ouvrier	»	4 —	Janvier
Hospice Debrousse	»	4 —	Février
Hôpital de la Maternité	»	2 —	Mars
Stage à l'Hôpital Tenon, service du Dr Proust (lutte contre le cancer)	»	1 —	—
Institut prophylactique	»	1 —	Avril
Ecole Ménagère	»	1 —	Mars-Avril
Foyers Féminins	de 9 h. à 15 h.	2 —	Mai
Dispensaire d'hygiène mentale	»	2 —	»
Stage de spécialisation	tous les jours	3 —	Juin

Visites sociales

Consultations de nourrissons de Romainville et Bagnolet — Hospice de Bicêtre — Salpêtrière — Pitié Maison Maternelle Koppe — Patronage de l'Enfance coupable ou abandonnée — Cantines Maternelles — Tribunaux d'enfants — Crêche du Camouflage — L'Œuvre des Tout Petits de Levallois — Centre Jourdan — Ecole de plein air du Boulevard Bessières — Fichier Central — Ecole de pré-apprentissage Viviani — Logements Sanatoria — Œuvre Becquet de Vienne — Ecole Rachel — Mutualité maternelle — Coopératives — La Tutélaire — Résidence sociale — Terrain de jeux C. G. E. — Usines — Bourse du Travail — Petites Sœurs des Pauvres — Centre de diagnostic médical — Dispensaire Quinton — Bibliothèques populaires — Musée des accidents du travail (Arts et Métiers) — Consultation d'hygiène mentale — Ecole Boulle.

Anexo F

"This is to certify that Mlle. Marie T. C. Lévêque […]. 23rd June, 1933".

Documento dactilografado com uma página.

L.d.: Archives, Royal Holloway, University of London. BC AL 200/72, file 5682

5182

23rd June, 1933.

THIS IS TO CERTIFY

that

Mlle. MARIE T.C. LÉVÊQUE

has followed a year's course of study in the Social Studies Department of this College. She has studied Economics and Industrial Conditions, with detailed work in connection with Factory Welfare; Social Conditions, particularly in connection with the Public Health Services; Psychology, including a general course and special courses on the development of infancy and adolescence. Miss Lévêque has done very good and thoughtful written work.

Director of Social Studies.

Principal.

Anexo G

"Relation du séjour de Mlle. Lévêque à Londres". *Union des Femmes de France. Bulletin Mensuel*, 14ème année, n.º 4, avril 1933, pp. 436-447.

L.d.: Croix-Rouge Française / Département des Archives Historiques (Paris)

N° 11 14e Année Décembre 1933

CROIX-ROUGE FRANÇAISE



UNION DES FEMMES DE FRANCE

Société d'Assistance Militaire, Familiale et Sociale

FONDÉE EN 1881

Reconnue d'utilité publique par décret du 6 Août 1882

BULLETIN MENSUEL

AUXILIUM ADVOLAT

SIÈGE SOCIAL, RÉDACTION et ADMINISTRATION :

102, Boulevard Malesherbes, PARIS (17e) -- Téléphone : Carnot 32-34 et 35

Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Commissions Centrales

PERSONNEL

Distinctions honorifiques

Médaille d'honneur de l'Assistance publique (bronze).

Mlle Fraenkel (Marthe).

Médailles des épidémies (argent).

Mlle Provost (Marie-Léonie-Marcelle).

Mlle Saint-Martin (Cécile-Anne-Estelle-Marie) (Comité de Lyon).

× ×

Relation du séjour de Mlle LÉVÊQUE à Londres

*Une de nos infirmières, Mlle Levêque, désignée par l'*Union des Femmes de France *pour suivre, pendant une année, les cours internationaux de Bedford'Collège, à Londres, nous envoie une relation de son séjour.*

On sait que ces cours ont été organisés par la Ligue des Sociétés de la Croix-Rouge, pour le perfectionnement des infirmières.

Un départ décidé très vite, le travail jusqu'à la dernière minute, la malle bouclée à toute vitesse. Taxi. Train. Dieppe. Bateau... Tout cela passe cinématographiquement, et l'on se trouve voguant vers l'Angleterre pour toute une année d'études et de travail pratique.

Ce qu'on laisse en arrière est encore si présent à l'esprit que, tout en voyant la côte s'éloigner inexorablement, devenir une toute petite ligne brumeuse et grise, bientôt imperceptible, on ne réalise pas encore ce départ pour une véritable absence.

Puis la mer, les grandes vagues merveilleusement souples et fortes; le vent puissant, l'éclatante blancheur du long et bouillonnant sillage d'écume, tout vous enveloppe d'une atmosphère vivifiante, vous dépouille petit à petit de la carapace de fatigue des derniers mois de travail social particulièrement dur et précipité.

...La mer est infinie et mes rêves sont fous...
...Et mes rêves légers ne se sentent plus d'aise
De danser sur la mer...

Fous, légers, les rêves ne le sont pas toujours, ô poète!

Ils peuvent être graves, sages, conscients. On se sent, au bercement des

larges vagues noires à dentelle blanche, renaître avec un esprit renouvelé, un peu lavé déjà du passé proche, et volontairement tourné vers l'inconnu de cette année commençante.

Une pauvre petite année humaine, comme les autres; mais qu'il faudra remplir pleinement, grandir de tout ce que l'on y recevra et donnera, de tout ce qu'elle fera comprendre et acquérir pour un utile avenir.

— Newhaven, terre anglaise!

Tout de suite une des caractéristiques britanniques s'impose : la campagne verte, verte, verte; les maisons de brique roses, roses, roses. Ces deux couleurs, nous les reconnaîtrons, dominantes, dans la plupart des paysages qu'il nous sera donné de voir.

Londres, déjà! Déjà l'arrivée en gare, le sourire et l'obligeance de Miss Grâce sont là, accueillants; nous les retrouverons, présents, chaque fois que nous aurons besoin de quelque chose; et Dieu seul sait tout ce dont on a besoin pendant une année vécue en atmosphère étrangère!

Entre « Victoria » (la station chère aux continentaux) et le 15 Manchester-Square, la distance en taxi est courte et ne permet guère une impression sur la ville.

L'esprit reste disponible pour le premier contact avec la Maison de la Ligue des Sociétés de la Croix-Rouge, où il faudra vivre.

Voici le grand porche à colonnes, qu'on saura, dès le lendemain, en le voyant mille et mille fois répété, être classiquement anglais. Aussi classique, en vérité, qu'une des « maids » ouvrant la porte, si correcte et charmante dans son impeccable uniforme.

Miss Dorsay s'avance; son regard aimable, le chaleureux « How do you dou? » vous font pressentir qu'on sera très vite ici, tout à fait « at home ».

Et puis, il y a la Maison; la ravissante maison qu'on aime au premier coup d'œil! Voici le hall blanc et noir, sa haute cheminée blanche, le grand escalier à rampe finement forgée, la salle à manger, le salon et la bibliothèque, si jolis, ornés avec tant de goût sobre.

Où trouver le secret de ce « style Adam » qui, mélangeant sans peur les hautes portes Renaissance, les plafonds Louis XV et les porte-fenêtres à la française, les cheminées à colonnes et à sculptures italiennes ou grecques, est parvenu à réussir un ensemble heureux, dont l'harmonie semble une gageure dès qu'on l'analyse?

Qu'importe, d'ailleurs, puisque toutes ces jolies lignes, toutes ces claires couleurs sont une joie pour l'œil. Dès l'arrivée, il est réconfortant de noter qu'on a su comprendre, ici, l'importance psychologique d'un cadre attrayant pour les transplantées que nous sommes.

Il faut affronter les premières présentations. Réunies au salon pour la cérémonie quotidienne de la tasse de café prise sur la petite table marocaine, les voici toutes, les Internationales 1932-1933.

Chaque visage est une énigme qu'il faudra déchiffrer. Il est émouvant de penser que, pour chacune et toutes, on personnifiera tout au long de l'an, non pas une Française, mais « la Française ».

Quand on se remémore, d'après des expériences antérieures, quelle

méfiance et quels jugements calomnieux accueillent une Française à l'étranger, — résultats, hélas! d'une lamentable littérature (?) exportée intentionnellement pour saper au loin l'influence de notre pays, — et quand on connaît, d'autre part, quels beaux exemples de courage intelligent, de dévouement, de propreté morale on peut admirer couramment en faisant du travail social avec et pour des femmes françaises de tous les milieux, comme on sent puissamment le devoir d'être soi, certes, et en toute vérité, sans attitude, mais aussi d'être en même temps, simplement, « de chez nous »!

Cette race, cette culture, cette ambiance, dont on se sent profondément tributaire, comme on est empoignée du désir vivant et pieux de les débarrasser, aux yeux de l'étranger, de tous les masques avec lesquels on les a rendus méconnaissables, d'en faire connaître et aimer le vrai, le beau et tant ignoré visage!

Première soirée dans la chambre « France »... car chaque nation, par les soins des différentes Sociétés de Croix-Rouge, a ici « sa » propre chambre. Quelle idée jolie d'avoir ainsi créé, pour chacune, un coin où l'on peut garder l'illusion de n'être pas exilée.

On a réuni, pour chaque pays, les coussins, tapis, gravures caractéristiques.

Ces pièces sont toutes charmantes et si spécialement différentes que, dès l'entrée au « Canada » frais et simple, on se sent énergique; si l'on franchit la porte de « Yougoslavie », on a l'âme ensoleillée; et il serait sans doute impossible de vivre quelques heures dans la chambre « Chine » sans se surprendre à parler d'une voix chantante, haute et fine, à faire des gestes menus et à rêver aux lointains pays qu'ont peut-être survolé les grands oiseaux bleus, avant de se résigner à rester sagement posés sur les soieries de la fenêtre.

Et en France? Là, de suite, on désire travailler. Les tons y sont mauve et jaune pâle, mesurés et doux; des bergers et bergères évoluent gracieusement sur les cretonnes; et Louis XIV, « qui tant embellit et grandit son pays », vous regarde très sérieusement du haut de plusieurs belles vieilles gravures.

Comment, avec une surveillance de telle qualité, ne pas se saisir sans surseoir d'un gros dictionnaire et ne pas engager une bataille en règle contre les difficultés de la langue anglaise!



Toute la maison est ainsi ornée et meublée de dons venus des quatre coins du monde, en encouragement, en reconnaissance pour l'intéressant travail réalisé entre ces murs, en souvenir de tous les solides liens d'amitiés internationales qui s'y sont créés.

Est-ce enfantin de croire que tous ces objets, prolongements de présences humaines qui furent heureuses d'être ici réunies, contribuent beaucoup à rendre l'atmosphère sympathique?

Dans ce cas, tant pis; croyons-le et restons enfants encore longtemps.

Il faut observer pour connaître, et connaître pour pouvoir aimer.

Une des faces les plus intéressantes de cette année d'études en commun est le contact constant avec d'autres races, d'autres mentalités, d'autres vies; la saine et intelligente curiosité d'autres personnalités; le désir sincère de trouver sous les différentes apparences, attirantes ou décevantes, le juste point par lequel on peut pénétrer plus profond en l'intime d'un être et le comprendre en toute sympathie.

Comme elle est passionnante, cette expérience analytique ou synthétique faite en toute loyauté, par laquelle on sent qu'en dépit de toutes les divergences saillantes, souvent importantes, tous les humains sont si proches les uns des autres : corps qui souffrent, âmes qui pensent, aiment, espèrent.

Avouons tout de suite que bien des barrières sont à briser avant d'en arriver là. Mais la bonne volonté et la volonté tout court, si elles sont guidées par une sincère intention, peuvent supprimer des obstacles encore plus résistants.

Nous arrivons toutes façonnées par des influences très nettes subies depuis des générations. Nous n'avons pas encore toutes achevé, ou même entrepris, la révision des idées sur lesquelles nous vivons.

Et qui pourrait se vanter de ne pas trouver en soi des préjugés ou des jugements accueillis depuis toujours, sans discussion, sur d'autres contrées et leurs habitants, dont la prétendue certitude se révélerait excessive ou fausse à l'épreuve de l'observation directe?

Si schématiser une nation en un type donné avec la prétention d'y faire tenir toutes les caractéristiques d'une race peut être un procédé dangereux et si John Bull, l'Oncle Sam et Monsieur Prud'homme semblent maintenant bien désuets, il est toutefois certain que nous sommes, tous, tellement imprégnés de l'atmosphère générale dans laquelle nous vivons qu'un observateur attentif peut la déceler à notre contact.

Contrediriez-vous cela, mes compagnes d'un an?

Vous, Misses Coman et Holmann, enthousiastes, désireuses de connaître et de découvrir, d'intelligence jeune et hardie, qui veniez d'Amérique?

Vous trois, déléguées anglaises : Misses Eden, Weiss, Wickham, si différentes en tant de points, mais si semblables par votre certitude de la suprématie anglaise, par votre foi illimitée en votre pays?

Cécile Theys, droite, ferme et sérieuse sous une attitude conciliante et simple, qui rêviez de travailler beaucoup pour votre chère Belgique, n'apparteniez-vous pas à cette race loyale qui refusa de plier devant la force?

Et vous deux, charmantes petites Chinoises en longues tuniques brodées, si pleines de la sagesse et du savoir-vivre d'une vieille civilisation, et en même temps si « jeune Chine », intelligentes et courageuses, retournant sans peur servir votre pays bouleversé?

Laura Jonhsonn, n'est-ce pas l'influence de votre lointaine île d'Islande qui vous a faite si indépendante? Et n'est-ce pas aussi la vue de la dure vie de pêcheurs que beaucoup y mènent qui vous a donné ce fatalisme devant la mort et votre amour pour les pauvres corps souffrants?

Vous, Vera Monkutewitch, consciencieuse, pratique et positive, comment ne pas songer, en vous observant, à votre pays lithuanien où la race solide connaît les rudes et saines nécessités du travail de la terre?

Travailleuse et régulière, Maria Bettewdorf, qui cherchiez à remplir pleinement le temps d'études qui vous était donné, comme vous étiez bien de votre petit Luxembourg qui fut grand, où des peuples forts se sont croisés pendant des siècles, et qui sait maintenant rester sage, laborieux, ordonné?

Comment ne pas évoquer, Solveig Lier, le calme et la profondeur des fjords norvégiens devant la gravité un peu mélancolique de votre visage?

Etait-il possible d'oublier que la Pologne, la Tchécoslovaquie, la Yougoslavie sont des races anciennes et des nations à la jeune et forte puissance, qui ont beaucoup à dire; en constatant votre ardent sentiment national, vos élans si pleins de vie fraîche, votre amour de la couleur et de la poésie, qui font chez vous partie intégrante de la vie de chaque jour, vous, Trena Weimanovna, Francisla Zîdovâ, Vinka Soljan?

Et vous, Miss Swatt Dhamarsaroja, vous, petite princesse Varavarn, comme votre ardeur à vivre s'expliquait aisément par la détente d'un séjour en Angleterre, loin du Siam où les femmes ont si peu de liberté; et votre fantaisie, vos sursauts un peu énigmatiques ne venaient-ils pas en ligne directe d'un pays où l'on a préservé la poésie mythique, où les éléphants blancs, sacrés, ont encore un palais et des serviteurs?

Et vous, Sarah Nel, habitante d'un neuf et déjà puissant Sud-Afrique, comme on sentait une formation coloniale dans votre confiance en dépit des obstacles, et votre ascendance française et hollandaise dans votre désir d'analyse des choses, votre calme opiniâtreté vers un but défini : la réussite des doubles études que vous étiez venue faire.

Cependant, si dissemblables que nous aurons été durant toute cette année, il nous serait désormais difficile de nous oublier, puisque chacune aura contribué à enrichir l'esprit des autres.

Avoir appris une langue et la connaître sont deux choses différentes : avant de pouvoir exprimer exactement ce que nous désirions dans le domaine des idées, que de pseudo-conversations comiques ou pénibles! que d'intéressants échanges de pensées, d'impressions, de discussions! que de révélations sur les coutumes, la vie, les idéals de populations et de pays peu connus, que de comparaisons, de constatations sur tout ce que l'on pourrait donner aux autres, ce que l'on en pourrait recevoir!

Comme on aime, alors, toute cette merveilleuse richesse d'humanité,

toutes ces nuances qui diversifient et font se compléter des êtres si lointains en apparence!

La musique, l'art, la littérature, la science, quels terrains d'entente aussi! et qu'il est bon de constater l'unité d'affection pour un Dante, un Pasteur, un Beethoven, un Michel-Ange, gloires nationales sans doute, mais, surtout, hommes de la grande famille humaine.

Tout ce désir et ces efforts d'élargissement de l'esprit, de mutuelle connaissance, n'abolissent nullement la personnalité et les réactions de chacune.

Parce qu'on tend à aimer l'humain en général, c'est un double devoir d'aimer d'abord les siens, de comprendre leurs besoins.

Plus on désire être juste et compréhensif pour les autres, plus on devient sensible à constater de trop près leur mauvaise foi ou leur ignorance.

Dans notre petite Société des Nations en miniature, tous les événements mondiaux, les informations, les idées se répercutaient profondément.

Aussi, devons-nous le dire, combien de fois, en face de l'enseignement, de textes de littérature ou de presse, de personnes trop diplomatiques ou mal informées, avons-nous dû, fermement, redresser, discuter, démentir l'exposé d'opinions, jugements ou faits capables de fausser, d'égarer les esprits sur la vie sociale, politique ou intellectuelle française.

Chacune de nous était souvent obligée aux mêmes affirmations ou défenses pour sa propre patrie.

C'est une leçon qui rend circonspect, fait toucher du doigt la gravité de jugements acceptés sans contrôle et répétés à la légère. Pour les individus et pour les peuples, les conséquences de ce manque de justice sont également graves.

Mais qui, n'ayant jamais péché à ce sujet, osera jeter la première pierre?

Les cours ont commencé par une visite à Bedford College.

L'organisation de l'enseignement public étant très différente en France de ce qu'elle est en Angleterre, le terme de « college » ne désigne pas, dans les deux pays, le même degré d'enseignement.

Comme nous sommes gâtées!

Beau parc, que nous traversons chaque jour, dont nous aimerons la grâce sous la vêture changeante des saisons, tu es si lié pour nous à « notre » collège que nous ne pourrons t'oublier.

Garderas-tu, toi, le souvenir des courses précipitées dans tes allées pour ne pas être en retard; de toutes les appréciations, discussions, explications à propos des cours, que les feuilles jaunies de tes beaux arbres, ta neige, tes cactus candides comme elle et qui lui succèdent, tes belles tulipes guindées et riches en couleur ont entendues tant de fois?

Il fait bon travailler dans les grandes salles claires où le parc vient nous retrouver à travers les hautes fenêtres.

Nous ferons quelquefois des escapades en esprit. Et les jours où l'atmosphère de France et le soleil nous manqueront plus que nous ne

voudrions nous l'avouer, c'est encore lui, le grand parc, qui nous consolera, sous le ciel gris du long hiver londonien, avec la blanche et vivante symphonie des cygnes et des mouettes de sa petite rivière.

Franchi le seuil du collège, tout rose et grand dans le parc vert, notre âme d'étudiante s'est ranimée. Quel heureux rajeunissement! On rit de se surprendre à transporter avec fierté, dans les rues de Londres, le gros paquet de cahiers et de livres fleurant bon l'odeur de lourd papier et d'étude. Une âme d'étudiante, oui, et même parfois (mais chut, ne le dites à personne!), une âme d'écolière avide de connaître, vite, vite, dès le départ du professeur, si la note obtenue correspond à l'effort fourni pour la composition, qu'on nomme ici : « un papier ».

Dès le début de l'année, la compétition commence entre nous et, en peu de temps, les « favoris » de la course au diplôme sont connus.

Nous devons assister aux cours spéciaux pour notre groupe international ou suivis selon le programme anglais, aux « coachings » (1), aux conférences, sur les sujets qui nous intéressent, aux visites sociales d'intérêt médical ou administratif : hôpitaux, sanatoria, centres d'éducation pour aveugles, sourds-muets, écoles de plein air, jardins d'enfants, amélioration sanitaire des quartiers ouvriers, organisations sociales, usines, etc., etc...

Une, et quelquefois deux soirées par semaine, une personnalité anglaise, sociale ou médicale, venait nous parler de l'organisme, centre ou service, qu'elle dirigeait; nous avions ensuite, en principe, le droit de poser des questions.

Ici nous énoncerons un regret.

Au cours des « coachings », nous avions trouvé les professeurs toujours prêts à entendre nos propres arguments, à écouter avec bienveillance nos suggestions. Nous avons rarement rencontré cet état d'esprit en ceux (hommes ou femmes d'action) qui nous exposaient leurs travaux. La discussion, permise en théorie, n'existait guère en pratique; elle aurait pu, cependant, être aussi intéressante pour les auditeurs que pour les orateurs.

Cela provenait certainement, pour une part, de nos difficultés à énoncer adéquatement nos questions en langue étrangère.

Mais n'est-ce pas aussi le défaut, un peu trop généralisé, des réalisateurs de toute nature, de penser que leurs principes et leur travail, parce qu'ils sont le résultat de leurs pensées et d'une sérieuse mise au point personnelle, doivent sembler, de ce fait, lumineusement justes à l'esprit de ceux qui les écoutent ou les observent, et être admis par tous sans discussion?

Peut-être aussi notre esprit latin, critique et analyste, est-il plus qu'un autre sensible au contact de l'atmosphère anglaise, souvent positive et passive?

(1) Le « coaching » est une réunion privée avec le professeur, pendant laquelle les élèves peuvent discuter, demander tout éclaircissement ou approfondissement qui leur semble utile au sujet des cours.

Plusieurs personnalités étrangères vinrent nous faire des exposés sur l'organisation sociale de leurs contrées. Ce furent de vivantes et intéressantes conférences, éveillant l'intelligence à la compréhension de bien des points de vue humains peu envisagés jusqu'alors.

Nous avions aussi à présenter plusieurs compositions par trimestre sur les principaux sujets de cours, et selon le genre d'études adoptées : psychologie générale, psychologie de l'enfance, de l'adolescence, des anormaux, science économique, économie politique, administration des hôpitaux, lois et administration sociales anglaises, hygiène sociale, méthodes d'enseignement, etc., etc... Et l'année devait se terminer par une thèse d'études.

Il n'est pas toujours aisé de dire ou écrire clairement ce que l'on pense en langue maternelle. Mais, en langue étrangère, la difficulté est singulièrement accrue. Chaque composition était donc l'occasion de longues heures de travail et de recherches.

Souvent, à la suite de journées bien remplies, le travail se continuait tardivement près du beau feu dansant de la bibliothèque ou dans le calme des chambres.

Certains cours étaient réellement intéressants. Cependant, pour quelques-unes d'entre nous qui connaissions déjà une bonne partie du programme, le plus grand intérêt était d'étudier complètement le sujet donné, puis, le dépassant, de réfléchir profondément sur les théories que nous rencontrions au cours des recherches; de faire le bilan de l'évolution de nos idées après plusieurs années de travail pratique basé sur nos premières études; de suivre de près la marche vivante des théories elles-mêmes; de faire toute une révision et un choix de directives.

Tout cela n'est possible qu'en partie, lorsqu'on occupe un poste absorbant laissant peu de loisirs et beaucoup de fatigue.

L'un des résultats fondamentaux d'une année d'études faites ainsi, loin du cadre habituel et quand l'esprit est déjà mûri par l'expérience de réalisations personnelles, est donc, certainement, la possibilité d'une réelle stimulation intellectuelle, de pensées approfondies par lesquelles l'action future sera plus sûre et plus féconde.

Un autre résultat intéressant est de connaître mieux la civilisation, les idées et réalisations anglaises.

Nous disons « mieux connaître » parce qu'il serait osé, après une année à l'emploi du temps aussi chargé, de prétendre avoir connu et compris complètement l'Angleterre.

Quand un individu a de la valeur et une réelle personnalité, il est, par le fait même, complexe, et son être intérieur peu aisément accessible.

En abordant une nation aussi lourdement chargée que l'Angleterre de son passé et de son présent, on éprouve les mêmes inconvénients de pénétration. Il faut d'abord éviter l'écueil habituel et ne pas juger les autres en les comparant avec soi-même. Il faut, de plus, admettre que des races aussi différentes que la latine et l'anglo-saxonne peuvent avoir des qualités dissemblables très « autres », mais, par là-même, assez complémentaires.

S'il est normal de trouver dans la diversité humaine matière à critique, il nous semble que ce stade stérile doit être dépassé et devenir matière et base d'enseignement personnel et général.

C'est cet enseignement que nous avons essayé de tirer de ce que nous avons vu et observé autour de nous.

Les vacances furent remplies en partie par des stages pratiques et nous avions obtenu de faire une journée d'études « vivantes » par semaine.

Nous avons donc pu, librement, entrer en contact avec des milieux très différents, depuis les plus pauvres familles jusqu'à la direction de puissantes usines.

Et il nous faut rendre ici hommage à la parfaite correction anglaise pour le visiteur étranger.

Cette attitude nous semble être une règle immuable, beaucoup plus qu'un témoignage d'intérêt tenant compte de l'individualité de la personne à laquelle il s'adresse.

C'est sans doute pour cette raison que, si cette façon d'être a rarement l'élan, le caractère personnel de notre politesse, elle est aussi plus stable, plus générale que cette dernière.

En province, nous avons reçu un accueil particulièrement aimable.

On nous a montré tout ce que nous voulions voir, donné toute la documentation et les explications que nous désirions.

Arriver dans une ville étrangère inconnue, près d'une surintendante d'usine ou d'un directeur chargés de travail, et, au bout de quelques minutes, échanger loyalement des idées, les discuter avec confiance et réel intérêt mutuel, laisse une impression extrêmement encourageante.

Et comme la psychologie différente des peuples, d'où découlent des conceptions divergentes de travail, se conçoit mieux dans ce tête-à-tête d'étude accompagné d'exemples visibles!

Nous avons beaucoup appris sur le milieu industriel et social anglais pendant cette période; surtout, nous avons réalisé plus que jamais, avec une joie vraie, combien un même idéal, une même direction de vie peuvent rapidement créer une entente solide entre des individus, si dissemblables de race et de formation qu'ils puissent être.

Grâce à la si grande et dévouée obligeance de Miss Spicer, secrétaire générale de l'Institute Of Labour Management (1), qui nous aida de tout son pouvoir, nous garderons un excellent et bien intéressant souvenir de notre enquête à Londres, Birmingham et Coventry sur les services sociaux d'usines.

Pour celles qui ont réellement essayé de remplir au maximum le temps d'études dévolu pendant cette année, les détentes étaient vraiment nécessaires.

Miss Dorsay veillait sans cesse, enjolivant « notre » maison, la rendant toute familiale et agréable sans trop empiéter sur une liberté que nous

(1) Le très actif groupement des surintendants et surintendantes d'usines anglais.

chérissions toutes. Cette réussite-là est au moins égale à celle du « style Adam » dont nous parlions plus haut.

Asservir la matière, grouper des styles, en trouver les harmoniques, c'est certes une difficile tâche d'artiste. Mais veiller tout un an sur des jeunes filles de 14 nationalités (de culture, caractères, mentalités très variés), les guider et contribuer, par une bonté et une psychologie attentives, à créer une atmosphère harmonieuse avec cet hétéroclisme, n'est-ce pas aussi, sur un autre plan, un rôle d'artiste, et difficile?

Ce rôle, Miss Dorsay le joue chaque année avec des éléments nouveaux. Et c'est bien sincèrement que, dès le début de la session 1932-1933, notre groupe lui a renouvelé l'attribution du titre d' « International mother » qui lui sied à merveille.

C'est en grande partie à elle que nous devions l'organisation de ces aimables réceptions chez des particuliers ou dans des groupements. Et les charmantes fêtes de Manchester-Square? La salle à manger, les tables délicieusement décorées, le superbe arbre de Noël du salon et la réunion où chacune fut si gâtée; la soirée du Nouvel-An en costumes nationaux (...et autres!) où la fantaisie régna! Le dîner international pour lequel nous avions remplacé le chef de cuisine et les maids et confectionné un succulent repas, où chaque plat était, comme nous, de nationalité différente! Mrs. Carter, qui « enjambait » la Manche à chaque importante occasion, avait tenu à être des nôtres pour celle-là. Et les calmes soirs, au salon, où l'on se délassait l'esprit pour une heure avant de retrouver la bibliothèque et ses livres, en écoutant Miss Grace, toujours obligeamment prête à nous faire entendre la musique désirée, soirées bien douces à celles qui étaient loin de leur foyer.

Nous nous devons d'esquisser aussi quelques souvenirs de la vie universitaire : le Club international où certaines de nous, mêlées aux étudiantes britanniques, examinaient les graves problèmes des traités tout en se documentant sur les opinions de la jeunesse anglaise d'après-guerre.

L'anniversaire de l'Armistice, noblement célébré dans la grande salle de Bedford College par l'audition d'une belle pièce pianistique de Bach, par le silence impressionnant de 800 étudiantes et professeurs en costumes universitaires, suivi de la lecture de textes évangéliques sur le « Christ paix et amour ».

Les réceptions si aimables de la principale du collège. Puis, enfin, l'année se terminant, la cérémonie de la remise des diplômes par les professeurs en grand costume d'apparat, avec l'audience de personnalités anglaises et étrangères et des ambassadeurs de plusieurs nations.

Le soir, eut lieu le grand banquet en l'honneur des Internationales, qui clôturait officiellement l'année.

Le Congrès international des infirmières se tenant en France, toutes les Internationales y débarquaient le 5 juillet.

Dès Dieppe, les yeux étaient attentifs.

Beaucoup, parmi nous, n'étaient jamais venues en terre française. Si le vert des campagnes anglaises est joli (mais à la longue semble monotone et sans vie), quelle joie visuelle en traversant la gracieuse Nor-

mandie (embellie encore par toute la gamme colorée des diverses céréales), les larges vallées, les villages pittoresques, et partout, partout, les courageuses silhouettes des paysans de France, au travail en dépit du chaud soleil!

Paris. Elles avaient toutes rêvé de la voir, ou la revoir, « notre ville »! Avant le Congrès, et pendant le temps laissé libre, nous l'avons parcourue avec elles.

Belles et larges perspectives, art des statues et des monuments, harmonie des lignes et des grandes places, dessin et couleur des jardins à fontaines, charme des quais de Seine et de leurs ponts nombreux, toute cette beauté et l'atmosphère si sensible et si pleine d'histoire dans laquelle elle baigne, nous les avons retrouvées et elles vous ont connues (n'est-ce pas, mes camarades?) avec une profonde émotion.

Elles sont toutes reparties, chacune dans le petit coin du monde où elles vont, de tout cœur, faire ce qui sera leur devoir.

Puissent-elles ne pas oublier que, si Manchester-Square doit rester pour elles un point de ralliement, il y aura toujours aussi, dans le Paris qu'elles ont aimé, un « home » tout prêt à les recevoir!

Pourquoi ces lignes, dans lesquelles nous n'avons ni su, ni pu dire tout ce que nous voulions, ne se termineraient-elles pas par l'exposé de désirs qui nous sont chers?

Il est nécessaire que le 15 Manchester-Square reste réellement international, et les changements qui s'y produisent dès cette année nous font craindre pour son atmosphère. Puissions-nous craindre sans raison et voir longtemps encore Miss Dorsay, Américaine et impartiale, veiller sur les étudiantes étrangères.

Puisque Manchester-Square est, à certains points de vue, une réussite, pourquoi ne pas la renouveler sous d'autres cieux?

Pourquoi ces études en pays étranger qui, sérieusement organisées et faites, peuvent aider puissamment à la formation des esprits et à leur rapprochement, sont-elles si rarement accessibles et possibles?

Les organisations et l'enseignement anglais offrent certainement beaucoup d'intérêt; mais est-ce que d'autres nations aussi n'auraient pas beaucoup à donner à des étudiantes choisies d'autres contrées?

Ces échanges d'étudiants, classiques et nombreux dans les Universités, pourquoi existent-ils si restreints en France, dès qu'il s'agit d'infirmières et surtout d'assistantes sociales?

Cependant, est-ce que ces deux professions ne sont pas « rayonnantes » entre toutes? Est-ce qu'elles ne demandent pas, plus que beaucoup d'autres, une âme large et avertie, ouverte aux approfondissements? Est-ce que celles qui donnent beaucoup ne doivent pas posséder beaucoup?

Pourquoi ne pas ouvrir largement les portes de nos écoles d'infirmières et de sociales à des éléments étrangers choisis, et ne pas envoyer beaucoup plus de Françaises dans les écoles étrangères?

Notre enseignement est souvent excellent et nous avons à montrer des réalisations remarquables.

Pourquoi agir avec une modestie excessive qui ressemble à s'y méprendre, qu'on me pardonne! à de l'indifférence?

Pourquoi négliger ces échanges constructifs entre nations?

Pourquoi, alors que tant de forces liguées organisent la dépréciation de la France, ne pas user, au maximum, du puissant moyen de connaissance que pourrait être un enseignement français mis à la portée de beaucoup, et de la vivante propagande de présences françaises choisies à l'étranger?

Souhaitons de voir un jour cette idée réalisée, et un centre social d'études et d'échanges s'ouvrir à Paris le plus tôt possible.

Cet article étant écrit par une travailleuse sociale, elle s'excuse près des infirmières qui le liront de ce qu'il a de volontairement général.

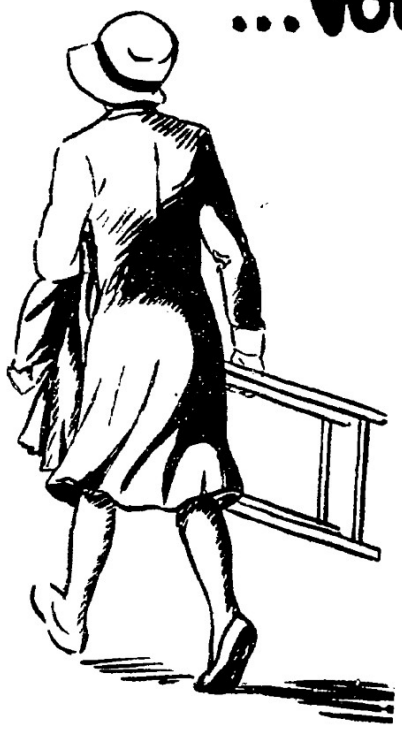
× ×

Service Z. - Cours de perfectionnement

Nous prévenons les infirmières qui ont déjà suivi les cours de défense aéro-chimique que des cours de perfectionnement auront lieu prochainement au Siège central de l'*Union des Femmes de France*, 102, boulevard Malesherbes.

Se renseigner au Service du personnel de l'U. F. F. pour la date exacte de ces cours.

...Vous pouvez DESSINER



Croquis au trait, d'un mouvement alerte, extrait du carnet de croquis de notre élève M. BOSSANT.

Oui, vous aussi vous pouvez dessiner, même si vous n'avez jamais touché un crayon.

Que vous soyez jeune ou " moins jeune ", si votre cœur n'a pas vieilli, le dessin sera pour vous une source de joie infinie, source de satisfactions sans égales. Quelles que soient vos occupations, que vous habitiez Paris ou Tombouctou, le dessin est définitivement à votre portée. Quelle passionnante satisfaction pour les soirées d'hiver, quelle nouvelle joie d'apprécier la nature : autrefois, vous regardiez sans voir, mais dès que vous dessinez vous savez regarder puisque vous savez voir.

Si l'idée de dessiner vous enchante, ne tâtonnez plus, évitez tout de suite les déceptions en adoptant une méthode d'enseignement éprouvée. Cette méthode unique, donnant un enseignement individuel, vous évite toute perte de temps et vous permet de créer *dès le début* des croquis et portraits ressemblants, de dessiner d'après nature, de jouir de cet immense enthousiasme que provoque la connaissance du dessin.

BON pour Album gratuit et pour critique.
Ecole A. B. C. de dessin, studio AN[2]
12, r. *Lincoln* (*Champs-Elysées*), *Paris* (8e)

Monsieur le Directeur,

Je vous prie de m'envoyer gratuitement et sans engagement pour moi, votre Album illustré par vos élèves, contenant tous renseignements sur la Méthode A. B. C. et la critique du dessin ci-joint fait par moi.

Nom .....

Profession ..... *Age*

Adresse .....

Après quelques leçons seulement vous pouvez déjà gagner de l'argent en vendant vos dessins.

Nous avons spécialement préparé un album illustré par nos élèves, pour montrer les résultats que l'on peut obtenir. Nous y expliquons très clairement le fonctionnement de notre école et donnons tous les renseignements désirables.

Nous offrons un exemplaire de cet Album à toute personne qui en fait la demande.

Anexo H

"Union Catholique Internationale de Service Social. 1re conférence. Milan 17-19 octobre 1925" – quadro comparativo das escolas sociais católicas, por país.

Documento dactilografado com quatro páginas.

L.d.: CARHOP (Bruxelas), Fundo UCISS, Fardo 289

Union Catholique Internationale de Service Social — 1re conférence Milan 17-19 octobre 1925

ECOLES	BUT	Formation théorique	Formation pratique	Examen et diplôme	Résultats Carrières sociales	Rapports des élèves avec l'Ecole Association des anciennes élèves	RESOURCES
1 **ALLEMAGNE** **Aix-la-Chapelle** Ecole sociale féminine de l'association des femmes catholiques allemandes.	1) Former les jeunes filles catholiques en vue du travail dans les organisations de bien-être social officielles ou privées: 1) 3 branches a) Œuvres d'hygiène; b) bien-être de l'enfance; c) œuvres générales et économiques: Prévoyance et assistance sociales. Inspection du travail; 2) rendre les futures mères à même de remplir leurs devoirs familiaux et civiques 3) mettre les membres des maisons religieuses au courant de l'action sociale.	2 *années*: 1) Hygiène; 2) Psychologie, pédagogie, œuvre de jeunesse, assistance sociale, 3) Droit, économie sociale; 4) Religion, Morale, Histoire de la civilisation, Questions féminines, 5) Technique administrative, 6) Gymnastique etc...	Pendant les trois premiers trimestres: 2 journées par semaine: Bureaux d'hygiène, crèches œuvres de l'enfance, asiles, secrétariats d'usines, bibliothèques. 2 mois en automne, 1 mois à Pâques: travail dans les œuvres similaires de leur région 4e semestre, rien que travail pratique suivant spécialisation. Chaque élève doit avoir passé par 6 œuvres différentes.	Examen et diplôme officiels. Les récipiendaires sont reconnues auxiliaires du service social par l'Etat un an après l'examen si elles ont 24 ans et si elles ont fait leurs preuves dans un service public.	(voir première colonne)	L'Ecole est en rapport avec l'Association allemande des auxiliaires sociales catholiques. Réunions, fêtes, conférences. L'Ecole considère comme très importante la création d'une association catholique d'auxiliaires diplômées, au point de vue professionnel et au point de vue de leur idéal catholique.	Association catholique féminine, la ville, le Ministère de la Prévoyance Sociale, minerval des élèves.
Dortmund Ecole de l'association catholique pour la protection des jeunes filles, femmes et enfants.	Fondée en 1916 pour former des travailleuses sociales pour s'occuper des différentes branches de l'Association: filles-mères, enfants naturels, enfants de justice etc...	*Une année d'études*: 2 heures par jour, programme semblable aux autres écoles, surtout sciences juridiques, psychologie et pédagogie sociale.	se fait en même temps dans les bureaux de l'association : travail de bureau, enquêtes, application de la théorie aux cas pratiques, également dans les associations pour la jeunesse.	Pas d'examen d'Etat.	Jusqu'ici 207 auxiliaires: 58 occupées dans l'association, 45 emplois officels, 14 autres organisations charitables, 80 se sont retirées du travail social pour diverses raisons.	Rapports constants avec les anciennes élèves. Elles font partie de l'Association des Travailleuses sociales catholiques allemandes.	
Munchen Ecole féminine sociale et charitable de l'Association catholique féminine de Bavière.	Préparation au travail social, donner l'idéal catholique à celles qui vont travailler à l'amélioration de la société, formation du caractère.	2 années d'études: même matières développées pendant les 2 années: Psychologie, Pédagogie. Hygiène, Droit etc.	par la collaboration aux diverses œuvres, et à l'action des associations féminines.	L'Ecole remet un diplôme qui a un caractère privé. Elle est en pourparlers avec l'Etat pour obtenir la reconnaissance officielle.	Situations professionnelles ouvertes aux élèves: aide judiciaire à la jeunesse, assistance aux pauvres et orphelins, placement orientation professionnelle, assistance à l'usine etc... Les postes plus importants sont encore occupés par des hommes.	Réunions mensuelles pour les anciennes élèves: compte-rendu de leur activité. Conférences utiles à leurs fonctions. La direction de l'Ecole s'occupe du placement des élèves. Les anciennes élèves ont institué un fonds de bourses pour aider des jeunes filles dans leurs études. *Nécessité d'une association.* 1. — Pour maintenir l'idéal catholique des travailleuses sociales. 2. — Pour leur perfectionnement professionnel.	Association catholique féminine, minerval des élèves.
Munster Ecole sociale	Formation de travailleuses sociales frofessionnelles ou non, en vue des fonctions dans 3 catégories d'institutions et d'organisations: Hygiène. Bien-être de la jeunesse, Prévoyance et assistance sociale — Bien-être des ouvrières.	Première année donner les connaissances de base nécessaires au travail social — 4e semestre, cours scientifiques et techniques d'après spécialisation.	Un mois après le premier semestre introduction au travail pratique : crèches ou jardins d'enfants,; deuxième semestre : 2 jours par semaine dans une institution sociale de Munster; troisième semestre tout entier consacré au travail pratique; L'Ecole croit utile d'avoir une série de praticiennes à sa disposition à qui confier la direction de la formation pratique des élèves dans les œuvres et par des cours techniques.	Examen et diplôme officiels.	Trois groupes de situations (voir but).	Cours de perfectionnement pour les anciennes élèves.	Union catholique de prévoyance, Ville de Munster, province de Wesphalie, Ministère de la Prévoyance Sociale.

Union Catholique Internationale de Service Social — 1re conférence Milan 17-19 octobre 1925

ECOLES	BUTS	Fomation théorique	Formation pratique	Examen et diplôme	Résultats Carrières sociales	Rapports des élèves avec l'Ecole Association des anciennes élèves	Ressources
Fribourg en Brisgau. Ecole sociale féminine de l'Union charitable allemande.	Formation d'auxiliaires sociales pour les œuvres officielles ou privées, de même que pour les œuvres d'assistance sociale de l'Eglise.	Première année: La doctrine catholique, morale etc. Cours de formation sociale générale etc. Deuxième année : droit canon sur le mariage; cours techniques et cercles d'études spéciaux.	Deuxième année: traavil pratique.	Examen officiel plus un examen spécial si les élèves se destinent aux carrières d'assistantes dans les œuvres de l'Eglise.			Minerval des élèves etc.
Berlin Ecole sociale féminine de l'Association catholique féminine.	Préparation au travail social professionnel dans toutes les branches publiques ou privées du service social; formation des dirigeantes du mouvement féminin.	2 années 1° degré 2- degré comme à Aix-la-Chapelle.	Voir école d'Aix-la-Chapelle. Travail pratique au début dans les différentes œuvres pour voir les aptitudes dans telle ou telle spécialisation. Visites: œuvres d'assistance sociale, entreprises communales; écoles s'adressant à différentes catégories d'enfants.	Examen diplôme officiels depuis 1922.	192 élèves ont passé l'examen toutes ont une situation sauf celles qui sont mariées.		Association catholique féminine, Ville de Berlin, Ministère de la Prévoyance sociale de Prusse.
II **Autriche Vienne** Fondée en 1916 par l'organisation catholique des femmes (section d'éducation).	Le but : former les personnes capables de rendre des services dans les nombreuses institutions de prévoyance en temps de guerre. Aussi éducation ménagère et professionnelle des jeunes filles, formation d'auxiliaires sociales bénévoles professionnelles, de membres de communautés religieuses.	Deux années - grande importance donnée à la formation religieuse, à l'éducation du caractère. Corps professoral d'élite. Cours spéciaux rattachés à l'Ecole 1° pour personnes qui sont déjà dans les œuvres. 2° éducatrices, gardiennes de jardins d'enfants, 3° secrétares d'organisations catholiques, 4° jeunes femmes mariées.	La pratique s'allie à la théorie.	Reconnue en 1922 par le Ministère de la Prévoyance sociale comme [illegible] publique. Examen avec délégué du ministère.	Les auxiliaires sociales placées donnent la plus grande satisfaction: Offices de la jeunesse, Ecoles-protection de la maternité, de l'enfance, œuvres ouvrières féminines, apprentissage, orientation professionnelle, aide au juge des enfants, lutte contre la tuberculose.	Il existe une sorte d'association, cours de perfectionnement	
III **Belgique Bruxelles** Ecole sociale catholique féminine d'expression française fondée en 1920 par le Secrétariat Général des Œuvres Sociales Féminines Chrétiennes de Belgique.	Préparer femmes et jeunes filles désireuses de se livrer à l'action sociale comme auxiliaire rémunérées ou auxiliaires bénévoles. Elle organise aussi des cours spéciaux pour le personnel enseignant, les infirmières, les ouvrières.	Deux années d'études. Première année: 8 mois: Formation générale doctrinale: Eléments de philosophie, Religion, Philosophie morale, Psycologie rationnelle. Formation sociale générale : Psychologie scientifique, Droit Economie politique et sociale, Hygiène, Statistique, Institutions publiques et privées de prévoyance et d'assistance, Organisations d'œuvres. Deuxième année : 3 mois de cours de spécialisation, plus religion et morale spéciale.	Première année : visites d'œuvres. Deuxième année: 6 mois de stages pratiques dans diverses institutions, d'après la spécialisation choisie. Au cours de leurs études les élèves, étant en rapport étroit avec le secrétariat général des Œuvres Sociales Féminines Chrétiennes, sont initiées à son activité.	Examen élimanatoire après quelques semaines de cours. Examen de formation générale (non exigé par l'Etat). Après la première année examen devant jury de l'Ecole et délégués du gouvernement. A la fin des études examen devant jury central conférant diplôme officiel l'Auxiliaire de service social comportant la discussion d'un rapport d'observation sociale et un interrogatoire sur les cours théoriques.	Jusqu'ici 66 élèves diplômées. La plupart occupent des situations de surintendantes d'usines, propagandistes syndicales, dirigeantes d'organisations féminines ouvrières, déléguées à la protection de l'enfance, directrices, éducatrices d'œuvres de l'enfance; directrices et économes de foyers; secrétaires propagandistes pour les assurances sociales, bibliothécaires.	L'Ecole s'occupe du placement des élèves. Elle les invite à une retraite annuelle, à des réunions d'études. Depuis 1923 il existe une association des anciennes élèves qui tient une assemblée générale annuelle. Les surintendantes d'usines ont leur association particulière. On étudie l'opportunité de grouper entre elles les auxiliaires sociales des autres spécialisations.	Subside du Ministère de la Justice, Subsides de certaines provinces et d'organisations privées, Minerval des élèves.
Ecole sociale catholique d'expression flamande fondée en 1920 par le Secrétariat Général des O.S.F.C.	But et organisation semblables à l'Ecole d'expression française.				*Ecole flamande.* Jusqu'ici 43 élèves diplômées dont 35 sont placées dans les œuvres de l'Enfance, les assurances sociales, le service social, dans l'industrie, les œuvres sociales féminines, etc...	L'Ecole flamande a aussi son groupement d'anciennes élèves qui se réunissent une fois ou deux fois par an.	Idem

Union Catholique Internationale de Service Social — 1re conférence Milan 17-19 octobre 1925

ECOLES	BUT	Fomation théorique	Formation pratique	Examen et diplôme	Résultats Carrières sociales	Rapports des élèves avec l'Ecole Association des anciennes élèves	RESOURCES
Louvain Ecole centrale supérieure pour ouvriers chrétiens. Même Ecole d'expression flamande, fondées en 1922	Former des propagandistes et auxiliaires pour les organisations ouvrières chrétiennes, et aussi des auxiliaires pour toutes les œuvres de relèvement social et les organisations publiques ou privées d'assistance, de protection, etc...	Programme en concordance avec le programme officiel des Ecoles de Service social comme les Ecoles féminines. Grande importance donnée à la doctrine catholique, pour tout ce qui concerne l'organisation du travail etc.... Il importe de former des compétences qui pourront exercer une influence catholique dans toutes les branches de l'action sociale.		Comme plus haut.	31 élèves occupent une carrière dans diverses organisations ouvrières chrétiennes, syndicats, coopératives, jeunesse ouvrière, mutualités, écoles sociales.	Contact des anciennes élèves avec les écoles.	Comme les écoles féminines.
IV **Etats-Unis Université de Fordham Ecole de service social.**	Donner une formation professionnelle pour le travail social et civique.	Deux années: 1re année: formation sociale générale — Certains cours déjà spéciaux suivant carrière choisie. 2e année enseignement spécialisé: 1) Social case work, 2) Bien-être de l'enfance, 3) Hygiène mentale, 4) Hygiène sociale, 5) Criminologie, 6) Organisation de la vie sociale dans la localité: clubs, loisirs;7) Rapports, enquêtes, statistiques sociales; 8)Service social dans l'industrie L'Ecole insiste sur la nécessité de baser une vraie action sociale sur la doctrine catholique notamment quant à l'origine,la nature, la fin de l'homme.	Deux jours par semaine de pratique dans les œuvres: les rapports sont faits d'après un plan déterminé et soumis au directeur du travail pratique. Visites, travaux d'enquête pour chaque spécialisation.	Certificat après une année d'étude. Diplôme après deux années. Examen à la fin de chaque semestre.	Les demandes d'auxiliaires sociales dépassent les offres, surtout pour les fonctions officielles: de la commune ou de l'Etat: enquêteurs sociaux, fonctionnaires pour la tutelle des enfants, Inspecteurs d'usines ou d'hygiène, etc....		Minerval des élèves.
Washington Ecole nationale catholique de service social pour femmes du National Welfare catholic Council.	Fondée en 1921 en remplacede l'Ecole instituée en 1918 par le « National Catholic war-Council » pour répondre aux besoins de travailleuses sociales pendant la guerre, l'Ecole est maintenant une branche de la «Conférence Nationale des femmes catholiques» et prépare des travailleuses sociales ayant un idéal catholique.	Deux années d'études: Morale, Economie sociale et politique, Législation sociale, Psychologie, Psychiâtrie, Assistance à la famille, Hygiène publique, Service social médical, Economie domestique et administration d'institutions, Organisations dans la commune et emploi des loisirs. La 2e année: formation spécialisée.	Travail pratique pendant deux jours chaque semaine.	Après un an certificat. après deux ans diplôme.	Les travailleuses sociales sorties de cette Ecole rendent de grands services à l'Eglise Catholique dans les différentes œuvres aux Etats-Unis et dans d'autres pays.		Contributions des Organisations catholiques. Minerval des élèves.
V **France Paris** Ecole normale sociale, 56, rue Docteur Blanche.	Formation de propagandistes (professionnelles) de promotrices (non professionnelles) d'organisations professionnelles et d'œuvres sociales.	*Propag.* Journées d'études, cercles du soir, semaines syndicales, sessions de 3 semaines. *Promotrices:* session de 1 mois ou 6 semaines (2 fois par an) cercles d'études, conférences. Principes, lois et institutions sociales, pédagogie sociale. Formation spécialisée pour certaines fonctions: cours loi Astier. Formation sociale générale et initiation pratique en 2 ans.	Collaboration aux différents rouages des œuvres auxquelles les élèves se dévoueront. Visites.	Examens de l'école pour les propagandistes, les promotrices, et après deux ans de formation sociale.	L'Ecole procure des situations à celles qui le désirent. La plupart se dévouent bénévolement.	Service d'information pour les anciennes: La correspondance de l'E.N.S. Elles peuvent faire partie de l'Union Civique et sociale	Cotisations des membres de l'Association féminine pour l'Etude et l'Action sociale et contributions des élèves.

Union Catholique Internationale de Service Social — 1re conférence Milan 17-19 octobre 1925

ECOLES	BUTS	Formation théorique	Formation pratique	Examen et diplôme	Résultats Carrières sociales	Rapports des élèves avec l'Ecole Association des anciennes élèves	Ressources
Lille Ecole normale ouvrière	Former des dirigeants des syndicats chrétiens.	Session de 15 jours. Histoire du travail, Législation ouvière et sociale, organisation ouvière, Institutions économiques, technique du syndicat, Le mouvement syndical, Les 2 internationales etc....	Cercles d'études. Collaboration au journal syndical. Parler en public. Visites: Usines, œuvres, musées				
VI **Pays-Bas** **Amsterdam** Ecole catholique de travail social fondée en 1921 par la Ligue catholique féminine.	Former des femmes et jeunes filles comme travailleuses sociales chrétiennes puor aider la famille et la société. Former les jeunes filles en vue de leur mission familiale.	En première année: religion, cours pour catéchistes, branches habituelles de la formation sociale générale, direction de jeux, etc.. En deuxième année: cours généraux, Religion, Psychologie, Pédagogie, Orientation professionnelle, Sociologie, Tenue de livres, Hygiène, Horticulture, cours spéciaux d'après la carrière choisie. Formation sociale d'infirmières, d'institutrices.	Stage de un an dans une ou plusieurs œuvres.	Examen et diplôme privés. 1e année: examen d'admission pour suivre la 2e année. Fin 2e année: examen de fin d'études comprenant aussi rapport favorable sur travaux pratiques, dissertation écrite sur sujets spéciaux.	13 diplômées. Inspectrices de logements ouvriers, visiteuses de pauvres, directrices d'œuvres de jeunesse, police féminine, inspectrice du travail, assistantes du clergé.	Chaque année une retraite et une excursion sociale organisées par l'Ecole. Utilité d'une association: 1) pour établir rapports entre anciennes élèves et Ecole, maintenir l'idéal et assurer perfectionnement. 2) défendre lesi ntérêts professionnels des diplômées; 3) assurer l'unité d'action et de méthode dans les œuvres sociales catholiques.	Subsides des différentes organisations sociales. Contributions particulières.
Sittard Ecole catholique pour le travail social.	Préparer aux fonctions de dirigeantes dans les institutions charitables, sociales et autres. Préparer les professionnelles de l'action sociale.	3 années: 1 année: 4 jours de cours par semaine. 2e année: 3 jours de cours par semaine. 3e année: 2 jours de cours par semaine. Section spéciale pour bibliothécaires.	Travail pratique les autres jours Visites, exercices pratiques: (élocution, rédaction), collaboration à diverses institutions.	Diplôme de l'école. Pour celles qui se spécialisent dans la lutte contre la tuberculose, diplôme de l'association centrale. Pour les bibliothécaires diplôme de l'association centrale.	44 élèves diplômées placées comme infirmières t.b.c., enquêteuses, assistantes d'hygiène, directrices dans des colonies d'enfants, maîtresses pour le travail declu b, directrices d'écoles ménagères, inspectrices de logement, auxiliaires de salles de lecture.	Il existe une association d'anciennes élèves qui a comme but: 1) de faire de la propagande pour l'école; 2) de faciliter le placement.	Minerval des élèvs, Subsides du Gouvernement (loi sur l'enseignement professionnel) et de la commune.
VII **Suisse** **...Lucerne** Ecole féminine sociale et charitable fondée en 1920	Préparer des femmes à remplir un rôle utile dans la famille l'Etat, la société, comme professionnelles auxiliaires d'associations religieuses et de congrégations.	2 ans Branches habituelles de la formation sociale générale.	Visites d'usines et d'œuvres.	Certificat d'étude aux élèves qui ont suivi tout le cours.	En 1924, 44 élèves diplômées sont sorties de l'école, les unes s'occupent d'enseignement professionnel, d'autres sont économes dans des hospices. etc.		

Anexo I

"Extraits d´une lettre de Madame da Comtesse de Rilvas. 5 Juin 1934".
Documento dactilografado com uma página.
L.d.: CNAEF (Paris), Fundo UCSS / 5 LA 49, Dossier 287

Extraits d'une lettre de Madame la Comtesse de Rivals
10 Rua Dr. Luiz d'Almeida Albuquerque
LISBONNE
Portugal

Dernièrement, et par ordre direct du Dr. Oliveira Salazar, j'ai été nommée pour faire partie d'une Commission de santé et assistance du 1er Congrès de l'Union nationale dont Salazar est le chef.

J'ai dû présenter une thèse (toujours par imposition de Salazar) et ai pris comme sujet : "L'Assistance technique-Assistance médicale; assistance à anormaux physiques, psychiques et sociaux; assistance éducative assistance sociale".

J'ai élaboré un travail dont une des conclusions a été approuvée par la session plénière qui a réuni et voté les conclusions de toutes les Commissions. Cette conclusion montrant la nécessité de la formation technique des dirigeantes et du personnel, établit la nécessité de la création d'écoles de service social à Lisbonne, Porto et Coïmbra. A nous catholiques de savoir profiter de l'occasion et de prendre les devants dans ces organisations.

L'année dernière Melle de Loueux est venue à Lisbonne, elle a traité ce sujet avec le Ministère de l'Instruction et divers éléments officiels. Malheureusement je n'étais pas à Lisbonne à ce moment là et n'ai pu la voir, ni la mettre en garde contre certains dangers dans lesquels il est facile de tomber pour qui ne connaît pas bien le milieu. A ce moment là, rien n'était possible et on n'a pas donné de suite à ses démarches.

Aujourd'hui les choses ont changé, mais les éléments avec lesquels s'est entendue Melle de Loueux, tout en comptant sur elle, font déjà un filet franc-maçonnique qui neutralisera complétement l'influence qu'elle pourrait avoir. Je crois d'ailleurs qu'elle n'admettrait jamais une pareille tutelle. Mais je conseillerais plutôt à Porto de l'attirer, car elle serait plus libre et mieux secondée et à Lisbonne nous commencerions plus obscurément peut-être, mais non moins bien.

Pourriez-vous m'indiquer livres ou programmes qui traitent de l'assistance sous ses diverses formes et en particulier de l'assistance sociale, et pourriez-vous m'éclairer un peu sur la question, très grave ici, économique. Combien pourrait-on offrir aux personnes qui viendraient organiser l'école... à combien revient le fonctionnement d'une école de ce genre ?

J'ai les programmes des écoles de service social belge; mais pour déclancher le mouvement j'ai besoin d'être plus à la page. D'autant plus que du Patriarcat on me demande de faire le projet d'organisation, le budget, etc... Si j'avais un peu de santé, je partirais pour la France et j'irais étudier la chose sur place... Mais il ne faut pas y songer; j'ai donc recours à vous.....

5 Juin 1934

Anexo J

"Chère amie, il y a 5 jours je vous ai fait envoyer […]. Le 1er juillet [1934]".

Apenso dactilografado, com uma página (Bibliothèque-type).

L.d.: CNAEF (Paris), Fundo UCSS / 5 LA 49, Dossier 287

BIBLIOTHEQUE - TYPE

Manuel d'Infirmière U.F.F. 102 Bd Malesherbes Paris 17ème
Manuel d'Infirmière S.B.M. 21 Rue François Ier Paris 8ème
Rudault - Précis élémentaire d'anatomie, physiologie et pathologie (chez Masson)
Cornet et Mesureur - Manuel du Diplôme d'Etat (Manuel de l'Assistance préparant au Diplôme d'Etat.)

L' Hygiène Sociale de l'Enfance - Schneiber et Nobécourt (Un gros manuel très pratique contenant une étude de toutes les réalisations actuelles, lois, oeuvres etc.(chez Masson)

Conseils pratiques d'hygiène infantile, publié sous la direction du Professeur Nobécourt,(édité chez Baillière 20 frs)

Le Livret de la Famille (Puériculture de G. Schneiber (édité chez Payot)

Pr.Rohmer et G.Ph. Bellocq - L'enfant sain et l'Enfant malade, Manuel pour mères et infirmières (édité chez Doin)

Les régimes du nourrisson de Lesne et Clément (édité chez Gauthier et (Villard)

Doctoresse Hondri - Mémento pratique de médecine scolaire (édité chez Nathan)

S. de Nabias- Comment dépister le cancer, édition Chahine 1929 (Equivalent du cours de spécialisation de Charonne)

M. Nathan- Manuel élémentaire de psychiatrie (édité chez Masson 1930)

Dr. Cattier - Les maternités récupérées (édité chez Maloine 1927)

P. Colomban - Conseils aux tuberculeux et à leur entourage (très pratique et clair renferme l'essentiel de ce qu'une infirmière doit savoir de la tuberculose, de son traitement et de la prophylaxie)

Larousse Médical Illustré - (dernière édition) dictionnaire pratique à avoir sous la main dans une Ecole. 130 frs.

Anexo K

"[Projet de contrat]. Monsieur X. représentant le Patriarcat et Mlle. Lévêque ou Le Comité d´organisation […]. [Paris, Décembre 1934]".

Documento dactilografado com uma página.

L.d.: CNAEF (Paris), Fundo UCSS / 5 LA 49, Dossier 287

Monsieur X. représentant le Patriarcat et Mlle Lévèque
ou
1° Le Comité d'organisation de l'Ecole de Service Social et Mlle Lévèque se sont mis d'accord sur les conventions suivantes :

2° Mlle Lévèque assurera la Direction de l'Ecole de Service Social qui doit être créée à Lisbonne (Portugal)

3° Mlle Lévèque est engagée pour un minimum de 3 années.

4° Mlle Lévèque recevra un traitement annuel de 15.000 Fr. français, et sera, en outre, défrayée des dépenses de la vie matérielle pendant tout son séjour au Portugal, c'est-à-dire qu'elle recevra le logement, la nourriture, l'éclairage et le chauffage nécessaires, etc....

5° Trois mois de congé sont accordés à Mlle Lévèque pendant la période d'été, plus un minimum de 15 jours en Décembre.

6° Mlle Lévèque aura droit au remboursement de son voyage, aller (1ère arrivée au Portugal) et de son voyage (retour) dernier départ du Portugal.

7° Elle aura droit aussi au paiement annuel du voyage aller et retour de ses vacances d'été.

8° Mlle Lévèque recevra également du Comité le remboursement intégral de ses frais de transport pour raisons professionnelles, sur présentation et justification détaillée des reçus de paiement au Comité.

9° Dans le cas de rupture du contrat par le Conseil d'Administration de l'Ecole et de renvoi de Mlle Lévèque, celle-ci devra recevoir du même Conseil une indemnité égale à 3 mois de traitement intégral, c'est-à-dire le traitement habituel des 3 mois, plus une indemnité équivalente aux frais d'entretien matériel de 3 mois, désignés plus haut : logement, nourriture, chauffage, éclairage, etc...)

10° Dans le cas de rupture du contrat par Mlle Lévèque (sauf cas de force majeure, exemple : maladie grave, cataclysme, guerre, etc...) Mlle Lévèque devra prévenir officiellement le Conseil d'Administration de l'Ecole 3 mois avant la date de son départ.

Le cas d'accident de travail ou de maladie contractée dans le service ne pourra être considéré comme raison de renvoi de Mlle Lévèque par le Comité.

Mlle Lévèque devra bénéficier d'une assurance contre la maladie et les accidents (versements faits par le Comité) - ou à défaut, il lui serait dû, pour le cas d'accident grave ou de maladie prolongée, son traitement intégral, comme spécifié plus haut, pendant une période minimum de 6 mois.

S'il était nécessaire qu'elle ait un supplément de bagages ou de frais pour fournitures professionnelles (exemple : livres pour la bibliothèque de l'Ecole ou matériel pour l'Ecole) le supplément lui serait également remboursé par le Comité sur présentation et justification des reçus de paiement.

Anexo L

“Début de projet d´un règlement de l´école de service social. [Paris, Décembre 1934]”.
Documento dactilografado com uma página.
L.d.: CNAEF (Paris), Fundo UCSS / 5 LA 49, Dossier 287

DEBUT DE PROJET D'UN REGLEMENT DE L'ECOLE DE SERVICE SOCIAL.

D'accord avec le Conseil d'Administration de l'Ecole de Service Social de Lisbonne

- Mademoiselle Lévèque assurera la direction et l'organisation de cette Ecole et en fixera le programme.
- Elle participera au choix des collaborateurs et desprofesseurs.
- Elle participera à l'enseignement théorique et pratique.
- Elle assurera la surveillance des stages pratiques.
- Assumant la responsabilité morale des élèves pendant les heures de cours et de stages, elle se réserve le droit d'élimination des élèves pour des raisons probantes d'immorabité ou d'incapacité.
- Tout scandale ou infraction très grave au règlement de l'Ecole sera considéré comme sujet de renvoi aussi bien pour le personnel dirigeant que pour les élèves.

-:-:-:-:-:-

Anexo M

"Madame, vous avez bien fait […]. Paris, le Janvier 1935".

Apenso dactilografado, com três páginas (Projet de contrat – notas explicativas).

L.d.: CNAEF (Paris), Fundo UCSS / 5 LA 49, Dossier 287

PROJET DE CONTRAT

1° - .....

2° - Mlle Lévêque assurera la Direction de l'Ecole de Service Social qui doit être créée à Lisbonne.

Ceci veut dire que telles seront ses fonctions, son devoir sous la direction elle-même de l'Ecole - pratiquement de vous Madame, Présidente du petit Comité - Et si Mlle Lévêque ne remplissait pas son devoir de direction, ce serait un motif de renvoi.

3° - Mlle Lévêque est engagée pour un minimum de trois années.

Toujours nous avons envisagé dans notre correspondance un séjour de 3 à 4 ans avant de passer la main à une Portugaise. Mais au cas où la directrice ne donnerait pas satisfaction, le texte prévoyait rupture du contrat - et séparation possible.

4° - Mlle Lévêque recevra un traitement annuel de 15.000 frs français et sera, en outre, défrayée des dépenses de la vie matérielle pendant tout son séjour au Portugal; c'est-à-dire qu'elle recevra le logement, la nourriture, l'éclairage et le chauffage nécessaires.

La vie matérielle signifie la pension. On peut spécifier si vous le voulez que ce sera chez les Franciscaines de Marie.

5° & 6° -
Les trois mois de congé et les voyages

étaient convenus par lettre et prévus par vous-même car, Mlle Lévêque se serait contentée de deux mois.

7°) Elle aura droit aussi au paiement annuel du voyage aller & retour de ses vacances d'été.
S'il était nécessaire qu'elle ait un supplément de bagages ou de frais pour fournitures professionnelles, le supplément lui serait également remboursé par le Comité sur présentation et justification des reçus de paiement.

-Quand on parle de voyage payé les bagages sont inévitablement compris. Il faut que la personne que nous vous envoyons emporte des livres, ses notes de cour etc...;on ne peut faire de l'enseignement sans cela.
En réalité Mlle Lévêque s'ingéniait pour avoir le moins de bagages prenant de grosses valises à la main, tant elle a pris déjà à coeur les intérêts de l'Ecole.

8° - Mlle Lévêque recevra également du Comité le remboursement intégral de ses frais de transports pour raisons professionnelles, sur présentation et justification détaillée des reçus de paiement au Comité.

La directrice devra organiser les stages, y voir de temps à autre les élèves; elle peut avoir des stagiaires aux 4 coins de Lisbonne et ne peut pas toujours aller à pied. Ce sera probablement insignifiant comme dépense, mais cela rentre toujours de toute justice dans les frais généraux de l'Ecole. (Je suis persuadée que vous n'en avez jamais douté). Peut-être n'a-t-on pas compris qu'il s'agissait seulement de ces quelques frais de transport. C'est précisément pour que vous soyez bien sûre que la directrice ne pourra pas abuser que cette formule a été insérée dans le contrat.

9° - Dans le cas de rupture du contrat par le Conseil d'Administration de l'Ecole et de renvoi de Mlle Lévêque, celle-ci devra recevoir du même Conseil une indemnité égale à trois mois de traitement intégral c'est-à-dire le traitement habituel des trois mois plus une indemnité équivalente aux frais d'entretien matériel de trois mois.

Mlle Lévêque est si peu femme d'argent qu'elle accepte si cela peut vous rassurer d'aller jusqu'au mois de Juin à l'essai à Lisbonne. A ce moment vous la connaîtrez et vous verrez si elle réussit. Vous pourrez sans crainte lui promettre une indemnité qui est toujours donnée chez nous si on tient à résilier le contrat.

10° - Dans le cas de rupture du contrat par Mlle Lévêque (sauf cas de force majeure) Mlle Lévêque devra prévenir officiellement le Conseil d'Administration de l'Ecole trois mois avant la date de son départ.
Le cas d'accident de travail ou de maladie contractée dans le service et les accidents ne pourra pas être considéré comme raison de renvoi de Mlle Lévêque par le Comité.
Mlle Lévêque devra bénéficier d'une assurance contre la maladie contractée dans le service et les accidents (versements faits par le Comité) ou à défaut il lui serait dû pour le cas d'accident grave ou de maladie prolongée son traitement intégral comme spécifié plus haut pendant une période minimum de six mois.

Voici la pensée qui dicte ce paragraphe sur l'Assurance. La Directrice peut dans l'exercice de ses fonctions en allant vers un stage, avoir un accident, se casser une jambe, ou dans un Dispensaire s'infecter ou contracter une maladie Cela m'est arrivé personnellement deux fois en Afrique.
En pareille occurrence, je suis sûre que vous la soigneriez maternellement, mais avez-vous songé, Madame, à la dépense dans laquelle vous seriez entraînée. Mettons une maladie de six mois interrompant les cours de l'Ecole et pendant laquel le vous auriez à payer les appointements de la malade ou ses journées à la clinique et peut être une remplaçante pour que l'Ecole puisse continuer à fonctionner.

Supposons en trois ans une seule maladie de trois mois versant les appointements ou l'équivalent en journées de clinique, ce serait pour vous une dépense de 3.750 frs Alors que par l'Assurance vous ne dépenserez en trois ans que 1.500 frs environ (je n'ai pas le chiffre exact) qui dépend de la Compagnie d'Assurance choisie.
En ce cas, dès que votre directrice est malade, vous ne versez plus ses appointements d'où économie très grande.
Voilà les lois sociales que nous possédons en France, en Belgique, conformes aux principes de l'Encyclique, et qui ont pour but de protéger celles qui travaillent et aussi celui qui emploie. Vous verrez alors que ce paragraphe du Contrat n'est établi que dans votre intérêt pour vous éviter un risque de dépense.

Anexo N

"Madame, vous avez bien fait […]. Paris, le Janvier 1935".
Apenso dactilografado, com uma página (Début de projet d´un règlement de l´école de service social – notas explicativas).
L.d.: CNAEF (Paris), Fundo UCSS / 5 LA 49, Dossier 287

DEBUT DE PROJET D'UN REGLEMENT DE L'ECOLE DE SERVICE SOCIAL

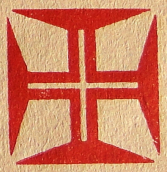
- Mlle Lévêque assurera la direction et l'organisation de cette Ecole et en fixera le programme.	Je vous ai déjà expliqué ce qu'on doit entendre par cette "direction" : sous vos ordres..
- Elle participera au choix des collaborateurs et des professeurs	C'est vous-même qui m'avez écrit que vous attendiez son arrivée pour décider les professeurs et des cours à faire.
- Elle participera à l'enseignement théorique et pratique.	Ce n'est que son devoir;certains cours devront être faits par elle. Vous m'avez toujours dit que c'était possible en français.
- Elle assurera la surveillance des stages pratiques.	Ceci aussi relève de son devoir.
- Assumant la responsabilité morale des élèves pendant les heures de cours et de stages, elle se réserve le droit d'élimination des élèves pour des raisons probantes d'immoralité ou d'incapacité.	Le renvoi des élèves doit être confié à la directrice. Nous avons vu de grands abus quand il n'en est pas ainsi. Je sais une Ecole où une élève proposée par un membre du Conseil n'a pu être renvoyée malgrè une mauvaise tenue notoire, parce que c'était le Conseil qui décidait et qu'il n'a pas voulu le renvoi, demandant des preuves à la directrice,preuves qui ne pouvaient être faites.
- Tout scandale ou infraction très grave au réglement de l'Ecole sera considéré comme sujet de renvoi aussi bien pour le personnel dirigeant que pour les élèves.	Ceci vise justement Mlle Lévêque La directrice pourrait être renvoyée si elle ne donnait pas l'exemple.

Anexo O

s/a (1935), *Instituto de Serviço Social*, Lisboa: Imprensa Lucas e C.ª.

L.d.: CNAEF (Paris), Fundo UCSS / 5 LA 49, Dossier 287

Instituto de Serviço Social



Imprensa LUCAS & C.ª
R. Diário de Notícias, 61
Telefone 21469 — Lisboa

Instituto
de
Serviço Social



Trabalhar pela fundação e desenvolvimento
dum "Instituto de Serviço Social" é trabalhar por que
ao serviço da caridade, na sua acepção mais ampla,
se ponham todos os recursos da nossa época.

Saudando pois e abençoando do coração o novo
Instituto – que se levanta como uma grande esperan-
ça – Nós pedimos instantemente a todas as almas
de boa vontade que lhe dêem o concurso da sua coo-
peração pessoal e, pelo menos, o do seu auxílio económico,
a fim de que esta bela e larga iniciativa cresça,
floresça e frutifique nos mais apreciáveis resultados
de reconstrucção social.

+ M. Card. Cerejeira

RAZÃO DE SER DO INSTITUTO DE SERVIÇO SOCIAL

O INSTITUTO DE SERVIÇO SOCIAL TEM COMO FINS:

1.º Formar um grupo de pessoas competentes para todas as organizações e criações de Serviço Social.

2.º Ser um centro de informações, de documentação e de realizações sociais.

O QUE É O SERVIÇO SOCIAL:

O Serviço Social é uma forma de acção social prática, cujo fim é a instauração e a restauração da ordem social:

a) pela adaptação dos indivíduos á sociedade;

b) pela adaptação das condições económicas e sociais ás necessidades do indivíduo.

QUAL A SUA ACÇÃO PRÁTICA:

O Serviço Social cria e põe em actividade instituições preventivas, educativas e curativas capazes de ajudarem os indivíduos a rehabilitar-se, a levar uma vida normal, a aumentar a soma dos seus valores individuais e sociais.

QUAL O PAPEL A DESEMPENHAR PELO INSTITUTO:

Tanto as instituições como as obras públicas e privadas, as indústrias, as colectividades rústicas e as urbanas, sentem actualmente necessidade duma organização mais metódica e mais social.

Por outro lado ha muitas pessoas que procuram lugares

COMISSÃO DE HONRA

Sua Eminência Rev.ma o Senhor Cardeal Patriarca.
Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Arcebispo de Mitilene — Assistente.
Sua Ex.cia e Presidente Interino do Conselho Católico Português.
Il.tre e Ex.ma Senhora D. Maria Luisa de Orleans Van Zeller — Presidente Nacional da Liga de Acção Católica Feminina.
Il.ma e Ex.ma Senhora D. Maria Amélia Macedo Santos — Presidente Nacional da Juventude Católica Feminina.

Il.mo e Ex.mo Senhor Dr. Eusébio Barbosa Tamagnini — Ministro da Instrução Pública.
Il.mo e Ex.mo Senhor Dr. Pedro José da Cunha — Reitor da Universidade de Lisboa.
Il.ma e Ex.ma Senhora Duquesa de Palmela.
Il.ma e Ex.ma Senhora Condessa de Sabugosa e Murça.

CONSELHO DE DIRECÇÃO

Ex.mo Rev.mo Senhor Monsenhor Manuel Anaquim.
Il.ma e Ex.ma Senhora Condessa de Rilhafoles.
Il.ma e Ex.ma Senhora Dr.ª D. Maria Baptista Guavicula.
Il.ma e Ex.ma Senhora Dr.ª D. Domitila de Carvalho.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Il.mo e Rev.mo Senhor Dr. António Maria de Figueiredo.
Il.ma e Ex.ma Senhora D. Isabel de Pina Cabral.
Il.ma e Ex.ma Senhora Dr.ª Isaura Cabeça Pereira.
Il.ma e Ex.ma Senhora D. Isabel Maria Vilas-Franca Genitil.
Il.ma e Ex.ma Senhora D. Ana Maria de Sainte Marie de Morais.

CONSELHO TÉCNICO

Il.mo e Ex.mo Senhor Dr. Abel de Andrade.
Il.mo e Ex.mo Senhor Dr. Sarras e Silva.
Il.mo e Ex.mo Senhor Dr. António Pereira Forjaz.

ASSISTENCIA JURIDICA

Il.mo e Rev.mo Senhor Dr. Carneiro de Mesquita.
Il.mo e Ex.mo Senhor Dr. Cândido Pinheiro.
Il.ma e Ex.ma Senhora Dr.ª D. Maria Cândida Parreira.
Il.ma e Ex.ma Senhora Dr.ª D. Regina Quintanilha.

DIRECTORA TÉCNICA DO INSTITUTO

M.elle Maria Thérèse Lévêque.

bem remunerados onde possam empregar utilmente a sua cultura geral e as suas aspirações de bem-fazer.

O Instituto de Serviço Social pode realizar o encontro entre as necessidades duns e os desejos dos outros.

O seu ensino procurará ser largamente humano; os estudos nele feitos serão considerados como aprendizagem prática da acção social á qual devem lógicamente conduzir.

A QUÉM SE DESTINA O SEU ENSINO:

A formação dada pelo Instituto de Serviço Social destina-se prevalentemente a indivíduos de sexo feminino:

a) que querem consagrar a sua vida a um trabalho social profissional;
b) que tencionam ajudar na sua missão os trabalhadores sociais;
c) que desejam preparar-se eficazmente para o papel de animadores e educadores no seu proprio lar;
d) cuja profissão ou vida os põe em contacto com «meios» sociais diferentes do respectivo «meio» e finalmente
e) a todas as pessoas desejosas de adquirir um complemento de cultura ou ainda, de compreender a evolução e necessidades da sua época.

ORGANIZAÇÃO DO ENSINO

O Instituto de Serviço Social exige das alunas que se destinam a um trabalho profissional a vocação primordial de «servir», os estudos completos que dão direito ao titulo de profissional de Serviço Social (que serão distribuidos em 2 ½ anos), e dá lhes em compensação uma sólida formação sem a qual o seu sentido social ficaria deficiente.

O ENSINO TEÓRICO VERSARÁ SÔBRE:

a) O quadro da vida social;
b) A vida económica e as suas perturbações;
c) A vida fisica e as suas perturbações;
d) A vida moral, mental e respectivas perturbações;
e) O Serviço Social e o seu funcionamento;

O ENSINO PRÁTICO COMPREENDERÁ:

a) Estágios praticos efectivos nos diversos ramos da actividade social correspondentes ao ensino teórico;
b) Visitas a obras e institutos de realização social.

O TRABALHO PESSOAL DAS ALUNAS COMPREENDERÁ:

a) Provas escritas àcêrca das matérias de ensino teórico;
b) Exposições e discussões sôbre os estágios e as visitas;
c) Leituras, circulos de estudo, exercícios de eloquência;
d) Inquéritos e monografias.

Todos os estudos terão como finalidade desenvolver o sentido social das alunas e a sua personalidade, numa atmosfera viva de observações, de opiniões, de colaboração, pondo-as

assim em condições de realizar plenamente o seu valor profissional.

Uma biblioteca será posta á disposição das alunas (vêr o programa e indicações práticas).

Já em 121 escolas espalhadas por 21 países e em 3 continentes se dão diplomas consagrando os estudos de formação para o Serviço Social.

Estes diplomas dão direito aos seguintes cargos:

Assistente social escolar; assistente social junto das Tutorias da infância; assistente social dos hospitais; assistente social rural; «surintendente» de oficinas; residente social; directora de obras; directora de Secretariados Sociais etc. etc.

Estes mesmos cargos existirão sem dúvida em Portugal e a êles só terá direito quem para os exercer tiver a devida competência.

CURSO PREPARATÓRIO

O CURSO PREPARATÓRIO DESTINA-SE:

a) A todas as candidatas que cursem estudos completos de Serviço Social e que ainda não tenham o diploma de enfermeiras;

b) A todas as raparigas que desejem obter sob o aspecto familiar e social uma formação complementar susceptível de as ajudar na sua orientação ulterior.

PROGRAMA DO CURSO PREPARATÓRIO:

1.º *Formação elementar de enfermagem:*

a) Elementos de anatomia e de fisiologia;
b) Elementos de cirurgia, de medicina, de higiene;
c) Elementos de higiene alimentar;
d) Farmácia; Pensos;
e) Cursos de socorros a feridos e doentes;
f) Demonstração e manejo de aparelhos e instrumentos;
g) Assépsia e antissépsia, etc.

2.º *Puericultura:*

a) Fisiologia do recem-nascido; Higiene geral;
b) Amamentação; Doenças do recem-nascido;
c) Mortalidade infantil; periodo infantil dêsde o nascimento até à idade escolar e suas perturbações físicas, etc;
d) Cursos de assistência ás crianças.

3.º *Educação física:*

a) Exercícios teóricos e práticos; Métodos vários;
b) Aspecto médico e pedagógico;
c) Estudo sôbre jogos e desportos educativos.

4.º *Psicologia Pedagógica da infância:*

a) Estudo das relações da evolução fisiológica e psicológica e noções de pedagogia relativas á infância;
b) Noções àcêrca dos métodos dos «parques infantis».

5.º *Estudo prático e racional das Enciclicas Sociais:*

a) Rerum Novarum; *b*) Quadragesimo anno; *c*) Casti connubii; *d*) Educação Cristã; *e*) Immortale Dei.

6.º *Elementos da formação técnica e administrativa do trabalhador Social:*

a) Dactilografia; Apontamentos; Fichas;
b) Classificação; Exercícios de correspondência;
c) Noções elementares de contabilidade prática;
d) Noções sôbre esquemas de investigações; documentação;
e) Noções sôbre material de Secretariado; Jornais, revistas, anuários; etc.;
f) Propaganda e publicidade; Imprensa;
g) Exercícios práticos de dicção, de elocução, de improvisação, etc.;
h) Noções sôbre diferentes metodos de circulos de estudos;
i) Noções sôbre visitas sociais, inquéritos, etc.

COMPLEMENTOS SOCIAIS DO ENSINO TEORICO:

Cursos e conferências sôbre:

a) Papel social e educativo da mulher em materia de higiene;
b) Protecção da maternidade em Portugal e no estranjeiro;
c) O Escotismo;
d) A importância educativa da formação de donas de casa sob o ponto de vista da família, da nação, etc.

TRABALHOS PRÁTICOS:

a) Estágios nos hospitais; serviços de medicina, cirurgia, pediatria, etc.;
b) Estágios nas créches, maternidades, escolas infantis;
c) Visitas a instituições sociais para completar o ensino teórico;
d) Relatórios escritos; Exercícios escritos;
e) Exame final.

PROGRAMA DOS 2 ANOS DE ESTUDOS DESTINADOS AOS FUTUROS PROFISSIONAIS

PROGRAMA DO 1.º ANO

Formação geral:

Moral; Moral familiar e social;
Moral profissional do trabalhador social;
Psicologia geral;
Pedagogia e educação;
Sociologia;
Economia política e social;
História da Assistência (em Portugal e no estranjeiro);
Direito Civil;
Direito Constitucional;
Direito Penal;
Legislação operária e organização do trabalho;
Legislação sanitária e os flagelos sociais;

CURSOS MÉDICO-SOCIAIS

Higiene geral;
Higiene e assistência médica antes do nascimento e ao recem-nascido;
Higiene e assistência médica infantil;
Higiene e assistência médica da idade escolar;

Doenças sociais:

Hereditariedade; Hereditariedade patológica.
Higiene social da Tuberculose.

Higiene social do cancro.
» » das doenças venérias.
» » do alcoolismo.
A luta contra as casas impróprias para habitação.
Higiene e urbanismo (casas de habitação, etc.).
O serviço social { da família. do grupo. da instituição.
Esquemas sôbre assuntos gerais relacionados com o programa:
A Sociedade das Nações e as relações internacionais na ordem política, economica, social e intelectual;
A função social da S. D. N.;
O *Bureau* Internacional do Trabalho;
As principais instituições nacionais e internacionais publicas e privadas;
As conferencias Internacionais de Protecção á Criança;
A Cruz Vermelha;
O Desemprego; etc.

TRABALHOS PRÁTICOS

Inquéritos sôbre as condições de vida e de trabalho em diversos meios;
Monografias sobre realizações sociais;
Círculos de estudos;
Busca de casos sociais;
Classificação de fichas sociais;
Visitas às realizações sociais, etc.;
Exames.

ESTAGIOS PRÁTICOS

Dispensários — Maternidades — Creches;
Gôtas de leite (Lactários) — Consultas especializadas; Protecção ás Raparigas;
Centros sociais etc.

PROGRAMA DO 2.º ANO (estudos completos de Serviço Social)

Formação geral (continuação):

Moral; Moral familiar e social (continuação);
Moral profissional do Trabalhador social (continuação);

Psicologia geral (continuação);
Psicologia experimental;
Sociologia (continuação);
Economia política (continuação);
Demografia;
Noções de Serviço Social (continuação);
Previdência e cooperação;
Legislação de assistência;
Estudos de realização de assistência publica e privada;
Estudo do funcionamento dos serviços públicos:
Da assistência { regimen de gerência. regimen financeiro.
Historia da Assistência (portuguêsa e estranjeira) (continuação).

CURSOS MÉDICO-SOCIAIS

Higiene e segurança no trabalho;
Doenças profissionais; sua prevenção;
Acidentes de trabalho; sua prevenção.

PSIQUIATRIA

Doenças mentais;
Anomalias mentais;
Busca e reeducação de anormais;
Criminalidade infantil;
Infância desamparado;
A Toxicomania — Os Estupefacientes.

Cursos e conferência sôbre:

Orientação profissional;
Relações industriais;
Escolas de Aprendizagem;
Organização de centros de higiene;
Organização de centros sociais;
Conferências Internacionais de Serviço Social;
Os centros de educação familiar;
Escolas de chefes de famílias.

TRABALHOS PRÁTICOS

Revisão dos cursos — Inquéritos escritos e orais;
Círculos de estudo;

Estudo de artigos, de livros, de revistas, etc.;
Inquéritos do Serviço Social;
Prática do trabalho social;
Dossier familiar;
Visitas e monografias de instituições sociais.
Exames e Tese final.

ESTAGIOS PRÁTICOS

Nas Obras de reeducação de anormais;
Nas » » » » delinquentes;
Junto das Tutorias da Infancia;
Nas Obras de educação popular;
Nos secretariados sociais;
Nas Bibliotecas;
Nos centros de orientação profissional, etc., etc.

ESPECIALIZAÇÕES

1.º Especialização do trabalho social urbano (programa geral completo e estágios especiais);
2.º Especialização do trabalho social rural (programa geral escolhido — estágios especiais).

ESPECIALIZAÇÃO RURAL — Programa:

Estudo da vida e do lar rural;
» » organização do trabalho rural;
» » acção social rural;

O que é necessario combater (Ignorância, alcoolismo, tuberculose, mortalidade infantil, etc.).

O que existe — O que é necessário criar (Consultórios infantis; dispensários ruraís; assistência de urgência; pequeno hospital, ajuda doméstica, assistência social e rural);
Ensino e obras infantis;
Educação física;
Ensino rural: profissional, intelectual, artistico e moral.

O centro social rural: creação, organização, funcionamento.

Papel do Centro Social Rural: Suas vantagens; suas criações (museu local, bibliotecas, festas, teatro e cinema educativo).
O centro social arma de luta contra a despovoação dos campos.
Conferências sôbre o que já se conseguiu em Portugal e no estranjeiro;

Trabalho pessoal da secção rural:
Monografia duma povoação rural; aplicação do ensino a uma povoação rural conhecida.

3.º Formação familiar e doméstica (programa do curso preparatório e formação geral):

Moral, familiar e social;
Pedagogia e educação;
Psicologia geral;
Noções de economia social e política;
Direito usual;
Higiene geral;
Higiene social e geral;
Economia doméstica;
Previdência e economia;
Estudo dos orçamentos familiares;
» da organização racional do lar;
» da higiene da alimentação;
» do valor racional da alimentação;
» dos princípios de dietética;
» da higiene da habitação, etc.

FORMAÇÃO PRÁTICA DOMÉSTICA

Cozinha (individual e papel da dona de casa) — Economia — Compras — Mercados;
Corte: Vestidos — Transformações;
Moda: Confecção de modelos e transformações;
Outros ofícios — Pequena carpintaria — Encadernação, etc.

INFORMAÇÕES PRATICAS

Condições de admissão para as alunas regulares, isto é, candidatas aos diplomas profissionais:

Ter mais de 19 anos e menos de 38;
Poder apresentar provas duma boa cultura geral;
Dar muito boas referencias;
Apresentar cartão de identidade;
Apresentar um atestado medico recente do qual conste que o candidato não sofre de nenhuma doença grave e goza de boa resistência física.

CADERNETA ESCOLAR

As alunas que seguem o curso completo preparatório e as candidatas ao diploma profissional (curso preparatório e 2 anos) deverão ter uma caderneta escolar (apresentar 2 fotografias) na qual se inscrevem durante o tempo dos estudos:

as notas dos exames;
as observações dos professores;
» » dos assistentes dos estágios, etc.

EXAMES E DIPLOMAS

Haverá exames para as alunas regulares:
no fim do curso preparatório;
no fim de cada trimestre do 1.º e 2.º ano.
Os exames serão eliminatórios até ao fim do 1.º ano.
Se no fim do exame do curso preparatório a aluna obtem média suficiente, receberá um atestado de estudos preparatórios do Instituto.

Receberá tambem um atestado no fim dos estudos de formação familiar e domestica.

O exame final e geral (2 anos e 1/2 de estudos completos) dará direito a um diploma profissional de Assistente Social.

FÉRIAS

As férias do Instituto são reguladas pelas das Faculdades.

PREÇOS DOS CURSOS

As alunas ordinárias pagarão no começo de cada trimestre a respectiva retribuição escolar. Para informações sôbre preços dirigir-se á secretaria do Instituto.

As pessoas que desejem seguir alguns cursos ou conferências como ouvintes devem inscrever-se na secretaria que lhes dará cartões de admissão.

Os cursos práticos de formação de donas de casa terão preços separados para as alunas voluntarias.

DIRECÇÃO DO INSTITUTO

Campo dos Martires da Patria, n.º 43.

INFORMAÇÕES E SECRETARIADO

Dias uteis, das 12 ás 16 horas
Telefone 4 6772

Os cursos começam a :

Curso preparatorio : Abril de 1935.
1.º ano completo : Outubro de 1935.

Anexo P

Novidades, 1935, Ano L, n.º 12.377, 18 de Março (2.ª feira).

A Voz, 1935, Ano IX, n.º 2.901, 18 de Março (2.ª feira).

L.d.: ETSUP (Paris), Depósito de Arquivo ASUSS / Dossier d´Élève, 16ème cours

(sem tratamento arquivístico)

Novidades

N.º 12:377

1935 MARÇO 18 SEGUNDA-FEIRA

PREÇO $30

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Redactor Principal e Editor: Tomás de Gamboa
Propriedade da «EMPRESA DAS NOVIDADES»

REDACÇÃO e oficinas de composição: Rua de Santa Marta, 158
ADMINISTRAÇÃO e oficinas de impressão: Calçada do Sacramento, 40

Estudo e Acção

Sob a presidência do Senhor Cardial Patriarca, inaugurou-se ontem solenemente o Instituto de Serviço Social

Fez a conferência inaugural a directora técnica do Instituto sr.ª D. Maria Teresa Levèque

«Comprenez le bien et vivez-en»

Decorreu no meio de grande brilhantismo, a sessão inaugural do Instituto de Serviço Social, ontem realizada na sede da Acção Católica, ao Campo dos Mártires da Pátria, 43. O vasto salão onde vai funcionar êste organismo de cultura social en-



A MESA DA PRESIDÊNCIA—De pé, o Senhor Arcebispo de Mitilene apresentando a conferente

cheu-se, rapidamente, dum público selecto e numeroso, onde se contavam muitos representantes dos vários organismos de Acção Católica, estudantes universitários, sacerdotes, etc.

Presidiu Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca, ladeado à direita pelos srs. dr. Eusébio Tamagnini, ministro da Instrução, e dr. Pedro José da Cunha, professor da Faculdade de Sciências; e à esquerda por S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo de Mitilene, Monsenhor Manuel Anaquim, e dr. Abel de Andrade, director da Faculdade de Direito.

Aberta a sessão, fez uso da palavra S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo de Mitilene que começou assim:

—«É norma das artes poéticas que os sonetos comecem com chave de prata e acabam com chave de ouro. Nesta sessão assim sucederá, mas apenas quanto à segunda parte, pois a esta sessão porá digno fecho a palavra sempre quente e apostólica de Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca.»

Explicou a razão porque fazia uso da palavra ao abrir a sessão; por quanto lhe fôra confiado o estudo e organização do Instituto ontem inaugurado.

Afirmou a sua fé no futuro desta obra e a sua esperança em que ela será um grande factor de renovação social. E acrescentou:

—Quando a vara de prodígios de Moisés tocava a rocha, a água jorrava em abundância. Assim acontecerá, também, com êste Instituto, porque o báculo pastoral do Senhor Cardial lhe imprime a sua superior orientação, e a sua mão o protege e ampara.

Justificou, depois, a sua esperança pela protecção que à obra dispensaram os Poderes Públicos, representados pelo sr. ministro da Instrução, e os organismos culturais, representados pelos professores das Universidades.

S. Ex.ª Rev.ma referiu-se, ainda, com palavras de muito agradecimento, a várias entidades que lhe prestaram a sua cooperação na organização do Instituto.

Fez, por último, a apresentação de M.elle Levèque, pondo em justo relêvo as suas qualidades de trabalho e acção já reveladas na inteligente direcção de organismos de cultura social na França e na Inglaterra.

A Conferência de M.elle Levèque

A conferente, recebida com palmas pela assistência, depois de agradecer as palavras amáveis com que S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo de Mitilene a apresentara, iniciou a exposição do seu trabalho:

—«Para realizarmos a nossa vida de homens na sua plenitude, temos obrigação de viver em sociedade. Esta só pode organizar-se e desenvolver-se com felicidade, dentro de normas de caridade e justiça.

Quando se fala de caridade, há lògicamente a necessidade de Cristo e das leis que Ele veio impôr aos homens regenerados pela sua graça».

M.elle Levèque recordou, depois, os vestígios de beneficência e caridade testemunhados pelos epitáfios e inscrições dos túmulos egípcios, e o facto da lei Mosaica impôr aos judeus a caridade individual.

Foi necessário, porém, que Jesus aparecesse para ensinar ao mundo o verdadeiro sentido da piedade humana e da caridade que não admite distinção de raças, nem de sexos, nem mesmo de crenças.

Foi só desde então que a Caridade se tornou universal, assistindo não só aos que são irmãos, mas também aos estranjeiros, aos escravos, aos inimigos, aos próprios perseguidores; os textos evangélicos são formais.

E a universalidade da caridade cristã vai mais longe ainda, pois ao cuidado do corpo e à compaixão pelas misérias físicas da humanidade, acrescenta a preocupação e o dever de elevar as almas, criando, por ela, em nós, as mais altas responsabilidades espirituais.

Enfim, esta Caridade de Cristo, para ser total e social, há-de penetrar as instituições, completando a justiça.

Eis-nos, portanto, em face da obrigação da Caridade e da justiça que, para serem sociais devem traduzir-se em palavras e realizar-se em actos: ser vivas, integrando-se na nossa própria existência e nas nossas relações com o próximo.»

M.elle Levèque, depois, falou das necessidades actuais da sociedade, cujas condições económicas diferem muito das dos velhos tempos.

O desenvolvimento da indústria, as grandes descobertas scientíficas, a rapidez dos meios de transporte, o extraordinário aumento da população urbana, tudo concorre para que se modifiquem os meios de apostolado social.

Refere-se também a ilustre oradora à função do Estado no campo da assistência pública, cuja intervenção mais ou menos activa é necessária, tanto na vida social como na vida familiar.

A maneira como a caridade cristã pode ser posta práticamente ao serviço das grandes realizações contemporâneas foi motivo para M.elle Levèque de preciosas e formosíssimas considerações.

Sôbre o Serviço Social disse:

«O termo é anglo-saxão e tem alcançado um êxito singular em todos os países, porque marca uma etapa geral na história da assistência.

A primeira conferência internacional do Serviço Social, reünida em Paris em 1928, acolhendo tôdas as tendências, fazendo apelo a tôdas as especialidades da Acção Social e reünindo homens e mulheres de obras de 42 nações, definiu assim o Serviço Social: a união de esforços, tendo por fim:

I—Consolar os sofrimentos provenientes da miséria (assistência paliativa);

II—repôr os indivíduos e as famílias nas condições normais da existência (assistência curativa);

III—melhorar as condições sociais e elevar o nível da existência (assistência construtiva).

A distinta conferente, a quem a numerosa assistência prestava a mais profunda atenção, disse a seguir, desenvolvidamente, o que deve ser o trabalhador social.

A propósito da cruz vermelha das capas do programa impresso distribuido pelos assistentes, teve palavras do mais rasgado e comovido elogio a Portugal, heroico e missionário, que nas caravelas de Quinhentos [illegible] uma das mais brilhantes [illegible]



Aspecto da assistência

acção social que não sendo bem dirigida, resulta ineficaz ou até contraproducente, e sempre anárquica.

Referiu-se M.lle Levèque à epopeia gloriosa dos nossos navegadores. Quando aprendi os primeiros elementos da nossa história, era costume atribuir essa epopeia heróica ao nosso espírito de aventura, herança céltica do nosso sangue. Mas o certo é que os feitos heróicos dos nossos navegadores foram orientados pela sciência dêsse tempo, e se ficaram devendo, também, ao impulso dos que então governavam.

Para fazer o bem é preciso ter o coração formado na Escola de Cristo. Êste Instituto há-de ensinar-nos a fazer *bem* o bem.

O Senhor Cardial exprimiu ainda a sua esperança na larga messe de frutos que o Instituto há-de trazer a Portugal, e agradeceu ao Senhor Arcebispo de Mitilene o esfôrço tenaz desenvolvido para levar a efeito esta realização.

As suas últimas palavras foram de agradecimento ao sr. ministro da Instrução e demais individualidades que assistiram ao acto inaugural.

A assistência coroou com uma prolongada salva de palmas a alocução [illegible] Eminência.

É terminou por dirigir aos portugueses de boa vontade uma ardente e vibrante exortação, pondo sobretudo em relêvo a generosidade e o fogo da alma da juventude que ao serviço da humanidade abandonada, e sofredora deve colocar tôda a sua inteligência e todo o seu coração.

As últimas palavras de M.elle Maria Teresa Levèque tiveram a sublinhá-las prolongada salva de palmas.

A Directora técnica do Instituto de Serviço Social ergueu-se de novo para saüdar no Senhor Cardial o grande apóstolo desta obra que agora se estabelece entre nós, pedindo a Sua Eminência as melhores bênçãos para todos quantos nela vão trabalhar.

Fala o Senhor Cardial

Levantou-se, então, para falar, Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca, que a assistência ouviu de pé, e em religioso silêncio.

Começou Sua Eminência por dizer que não deveria quebrar o encanto espiritual que em todos os corações deixou a magnífica conferência de M.elle Levèque e o vibrante apêlo à mocidade que a escutara.

A conferência, disse S. Eminência, foi a lição inaugural do Instituto e nela disse a sua directora qual a razão de ser, os fins e os meios de acção dêste organismo de cultura E acrescentou:

—Não quero repetir, mas dizer numa palavra, qual o programa do Instituto de Serviço Social: êle visa a tornar eficiente o esfôrço, que para cristãos é dever, de fazer o bem. Muita gente pensa erradamente que para fazer o bem basta que sejamos bons. O Instituto ensinar-nos-á a fazer o bem; indicar-nos-á a utilização scientífica dos meios de

iario de maior assinatura em Portuga

A VOZ

inistração e Tipografia
O PICADEIRO 10

Director — J. Fernando de Souza
Redactor principal e Editor — Pedro Correia Marques

Propriedade da Emp
Impressão Rua

Instituto de Serviço Social

O sr. Cardial Patriarca presidiu ontem à sessão inaugural, em que foi conferente mademoiselle Levêque

A conferencia àcêrca do Instituto de Serviço Social, ontem feita pela distinta propagandista M.elle Levêque *em sessão concorridissima sob a presidencia de Sua Eminencia o Sr. Cardial Patriarca, bem se pode classificar de lição inaugural, sobremodo promctedora, do novel Instituto.*

A exposição lida, com a modesta declaração de que se não tratava de uma conferencia, foi clara, metodica e singela na doutrina, sem prejuizo da elegancia e do poder sugestivo da linguagem.

Por ela foi dada clara ideia da oportunidade da criação do Instituto, da sua missão, das formas que reveste a acção por ele preparada no exercicio frutuoso e inteligente da caridade.

Doutrina repassada de espirito cristão, a que deu realce a mestria da forma e a expressiva leitura.

Com chave de oiro fechou essa lição, pelo emocionante apelo á juventude, á qual se abre tão largo campo de bem fazer, não só pela excelencia das intenções, como tambem pela criteriosa orientação que o novo Instituto lhe dará.

Felicitamos Sua Eminencia e o seu tão dedicado e competente auxiliar, o Sr. Arcebispo de Mitilene, pelo brilhante inicio da grande obra, cujos fundamentos foram lançados.

Os calorosos aplausos com que foi recebida a proficiente lição de M.elle Levêque *mostram á saciedade como ela soube corresponder á espectativa despertada pela sua brilhante folha de serviços á boa causa social cristã.*

F. de S.

Sua Eminencia o sr. Cardial Patriarca presidiu á sessão, tendo á direita os srs. Ministro da Instrução e dr. Pedro José da Cunha e, á esquerda, os srs. Arcebispo de Mitilene, o sr. conego Anaquim e o sr. dr. Abel de Andrade.

Entre a assistencia numerosa e selecta que enchia a vasta sala, estavam, alem doutros, o nosso director, sr. Conselheiro Fernando de Souza, Visconde de Santarem, dr. Pinto de Lemos, secretario do sr. Ministro da Instrução, dr. Manuel da Rocha, dr. Manuel Vicente Moreira, dr. Jorge Monjardino, senhoras dirigentes das instituições catolicas, etc., etc.

Abriu a sessão, em nome de Sua Eminencia, o sr. Arcebispo de Mitilene, que se regosijou com a presença



D. Maria Teresa Leveque

do nosso venerando Prelado naquela cerimonia, afirmando que, tal como a vara de Moisés que, a quanto tocava insuflava vida, dir-se-ia que o baculo do sr. Cardial Patriarca faz crescer e frutificar todas as obras em que este se empenha.

Referiu-se, depois, o ilustre orador ao papel desempenhado pela sr.ª Condessa de Rilvas na fundação do Instituto de Serviço Social e traçou o elogio da conferente da tarde, a quem, no final, dirigiu saudações e deu a palavra.

Começando por apreciar a evolução da Caridade, mademoiselle Levêque, que falou em francês, disse que para bem cumprirmos na vida a nossa missão de homens temos de respeitar a obrigação natural de viver em sociedade. E esta não poderá organizar-se e evoluir com felicidade, desde que não haja caridade e justiça.

Mas quando falamos de caridade e de justiça, somos, logicamente, obrigados a falar de Cristo e das leis que ele impôs aos homens regenerados pela sua graça.

Depois de apreciar as caracteristicas da caridade e da justiça nos povos que antecederam Cristo, afirmou que foi preciso aparecer o Filho de Deus para se sentir piedade das gentes, sem distinção de raças, de sexo, de crenças e de idades. E, desde então, nunca mais aquela foi limitada, mas universal: a noção do proximo abraçou toda a Humanidade.

Esta caridade de Cristo deve ser total e social, penetrando as instituições. Deve e pode vir, de algum modo, completar a justiça que, de per si só, não obriga os homens a mais do que á pratica de virtudes negativas e não basta para reger as suas relações. Não fazer mal ao proximo é uma obrigação de justiça, mas não obriga a levar-lhe o nosso socorro.

Ora este socorro torna-se necessario, muitas vezes, e só a caridade, virtude activa, poderá levar os homens a prestá-lo, afirmou a conferente, ao dar a ideia da moderna acção social.

Justiça e caridade devem traduzir-se em actos e não ficar apenas em palavras, devem, enfim, tornar-se sociais.

Depois de se alongar na exposição das bases juridicas, administrativas e morais em que deve assentar a organização do Instituto de Serviço Social, e de expôr o programa deste, mademoiselle Levêque apelou para o sacrificio de todos os catolicos e sobretudo dos jovens em beneficio da nova instituição, num trabalho que será todo dedicado a Deus.

O Instituto será um centro de investigação social, um laboratorio metodico de realizações, disse mademoiselle Levêque, que fez, em seguida, um apêlo ás nossas virtudes racicas, que nos tornaram os mais audazes navegadores da historia e que podem ainda impulsionar-nos em muitas conquistas da civilização, que mais uma vez poderiamos empreender.

A conferente terminou manifestando a sua satisfação por Sua Eminencia dispensar o seu alto patrocinio ao Instituto, o qual decerto guiará com paternal carinho.

Uma grande salva de palmas coroou as ultimas palavras de mademoiselle Levêque.

O Sr. Cardial Patriarca encerrou a sessão definindo, em sintese, o pensamento de mademoiselle Levêque, que pretende tornar eficientes os meios de exercer a acção catolica no campo da assistencia social.

Anexo Q

Estatutos da Associação de Serviço Social, 1935.
Documento dactilografado e manuscrito com oito páginas.
L.d.: UCP (Lisboa), CRC-W / Centro de Documentação Margarida Abreu,
PT/UCP/CRCW/CDMA/E/013

Fo. 310



IMPOSTO DO SELO 2$50

MINISTERIO DO INTERIOR
ENTRADA
22 OUT 1935
DIRECÇÃO GERAL DE ASSISTENCIA
Lº 8 Nº 49

Estatutos da Associação de Serviço Social

Capítulo I

Da denominação, natureza e fins

Artº. 1º - É criada, com sede em Lisboa, uma associação de cultura e formação social denominada Associação de Serviço Social.

Artº. 2º - A Associação tem individualidade jurídica e pode exercer todos os direitos relativos aos seus interesses e fins legítimos.

Artº. 3º - A Associação tem por fim:

1) promover o estudo e vulgarização do serviço social à luz da doutrina católica e da caridade cristã;

2) facilitar e desenvolver o estudo de tôdas as questões e problemas sociais em que o serviço social possa exercer a sua actividade;

3) promover a organização de um Instituto de Serviço social, com sede em Lisboa, destinado a centro de cultura e formação técnica e profissional de todos os que queiram dedicar-se ao exercício da acção social nas suas diversas modalidades;

4) promover a organização de centros e instituições de serviço social que sejam úteis ao melhoramento da vida social e facilitem a formação de pe-

14

ritos no serviço social;

5) alcançar o melhor entendimento e colaboração dos diferentes organismos de acção social, entre si e com os serviços públicos que, sob qualquer aspecto, se relacionem com aquela acção;

6) conceder ou obter a concessão de bolsas de estudo destinadas a facilitar a formação de peritos no serviço social.

Capítulo II

Dos sócios e da Assembleia Geral

Artº. 4º - A Associação constitue-se com os seguintes 15 associados:

Monsenhor Manuel Anaquim, Dr.Alberto Carneiro de Mesquita, Dr.António Maria de Figueiredo, Dr.Abel de Andrade, Dr.A.Serras e Silva, Dr.D.António Pereira Forjaz, D.Elisabeth d'Albignac Bandeira de Melo, Doutora D.Maria Baptista Guardiola, Doutora D.Domitila de Carvalho, D.Maria Angélica da Silva Pereira, D.Lídia Cabeça, D.Ana Maria de Sainte Marie de Morais, Doutora D.Maria Cândida Parreira, Doutora D.Regina de Quintanilha, D.Isabel Maria da Costa de Macedo Gentil.

Artº. 5º - A Associação compõe-se de sócios organizadores, sócios ordinários ou subscritores e sócios bem-



feitores.

§ único - Junto da Associação do Serviço Social haverá um consultor assistente nomeado pela Autoridade eclesiástica.

Artº. 6º - Sócios organizadores são os designados no artº. 4º e os que de futuro forem nomeados em sua substituição.

§ único - As senhoras casadas, autorizadas pelo respectivo marido, podem ser eleitas associadas organizadoras da Associação.

Artº. 7º - Sócios ordinários ou subscritores são os que pagam a cota anual mínima de 20$00.

Artº. 8º - Os sócios bemfeitores são de três espécies:

a) bemfeitores pròpriamente ditos

b) beneméritos

c) fundadores

§ 1º São sócios bemfeitores pròpriamente ditos os que prestarem à Associação qualquer serviço relevante e sejam declarados tais pela Assembleia Geral.

§ 2º São sócios beneméritos os que angariarem 10 sócios subscritores da cota mínima de 20$00.

§ 3º São sócios fundadores os que por uma só vez contribuirem com a cota mínima de 1.000$00.

Artº. 9º - É ilimitado o número de sócios ordinários ou subscritores bem como o de sócios bemfeitores, fundado-

res ou beneméritos.

Artº. 10º - Os sócios organizadores constituem a Assembleia Geral da Associação. Considera-se vàlidamente constituida a Assembleia Geral quando estiver presente a maioria dos sócios organizadores e será dirigida pela respectiva Mesa que é composta por um Presidente, um Vice-Presidente e dois Secretários eleitos pela mesma Assembleia.

Artº. 11º - As Assembleias Gerais são ordinárias e extraordinárias.

§ 1º A Assembleia Geral ordinária reune-se pelo menos uma vez em cada ano no mês de Janeiro e compete-lhe:

a) admitir e excluir sócios organizadores, ordinários ou subscritores e bemfeitores com as diversas designações presvistas nos §§ do artigo 8º;

b) discutir, aprovar ou modificar o orçamento elaborado pelo Conselho de Direcção e Administração e as contas da gerência que êle prestar;

c) proceder, de 3 em 3 anos, à eleição da Mesa da Assembleia Geral e dos vogais do Conselho de Direcção e Assembleia e do Conselho Fiscal;

d) constituir os Conselhos que julgue conveniente

e designadamente, se assim entender, um Conselho técnico e um Conselho jurídico;

e) deliberar sôbre qualquer outro assunto para que haja sido convocada.

§ 2º As Assembleias Gerais extraordinárias são convocadas sempre que o Conselho de Direcção ou o Conselho Fiscal julguem necessário ou o requeira a maioria absoluta dos sócios organizadores.

Artº.12º - As Assembleias Gerais funcionam em primeira convocação quando estiver presente a maioria absoluta dos seus membros e em segunda convocação qualquer que seja o número de membros presentes.

§ 1º A convocação das Assembleias Gerais será feita por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios organizadores com a antecedência mínima de 3 dias.

§ 2º As deliberações da Assembleia Geral serão sempre tomadas por maioria absoluta dos votos dos sócios presentes.

Capítulo III

Da administração e fiscalização

Artº.13º - A Direcção e Administração da Associação de Serviço Social pertence ao Conselho de Direcção, composto de, pelo menos, 5 membros que entre si escolherão o Presidente, o Secretário e o Tesoureiro.

Artº.14º - Pertence especialmente ao Conselho de Direcção:

a) superintender em todos os serviços da Associação;

b) elaborar anualmente o orçamento e prestar as contas a que se refere o artº. 11 § 1º alínea c);

c) organizar os regulamentos dos diversos serviços e apresentá-los à sanção da Assembleia Geral;

d) cumprir tôdas as resoluções da Assembleia Geral que lhe digam respeito;

e) solicitar donativos e subsídios a particulares e às estações oficiais e promover por quaisquer outros meios receitas extraordinárias;

f) praticar tudo o que fôr julgado conveniente à realização dos fins que se propõe a Associação.

Artº.15º - A fiscalização pertence ao Conselho Fiscal composto por três membros.

Artº.16º - Compete especialmente ao Conselho Fiscal:

a) examinar, sempre que entender conveniente, a escrituração e os serviços de tesouraria;

b) dar parecer sôbre o orçamento e contas da Direcção.

Artº.17º - Ao consultor a que se refere o § único do artº. 5º compete assistir e intervir nas reuniões tanto da Assembleia Geral como do Conselho de Direcção



cujas deliberações não serão executórias sem a sua aprovação.

Capítulo IV

Dos fundos

Artº.18º - Constituem receita da Associação: o produto das cotas dos sócios, donativos, legados e subsídios de qualquer natureza e quaisquer outras receitas.

Artº.19º - A Associação pode adquirir a título oneroso ou gratuito os bens imóveis indispensáveis à realização dos seus fins sociais.

Capítulo V

Da dissolução e liquidação e disposições transitórias

Artº.20º - A Associação dissolve-se por deliberação de dois terços, pelo menos, dos sócios que tenham assento na Assembleia Geral.

Artº.21º - No acto da dissolução serão nomeados três liquidatários de entre os sócios ordinários.

Artº.22º - Satisfeitos todos os encargos ou consignados os valores necessários ao seu cumprimento, o activo da Associação será entregue, por decisão dos liquidatários, a um ou mais estabelecimentos ou institutos que estejam em harmonia com o fim e espírito da Associação.

Artº.23º - (transitório) Ficam desde já nomeados para exercerem os cargos constantes dêstes Estatutos no

A presente fotocópia, com quatro folhas (oito laudas) por mim rubricadas, está conforme o original arquivado neste Governo Civil e vai autenticada com o respectivo selo branco.

Governo Civil do Distrito de Lisboa, 30 de Julho de 1998.

O Chefe da Secção,

Varandas

Inglandina R. Varandas

primeiro trienio os seguintes sócios:

Mesa da Assembleia Geral

Presidente Mg. Manuel Amaro

Vice-Presidente Abel Pereira de Medeiros

1º Secretário Conego Antonio Maria de Figueiredo

2º Secretário Isabel Maria da Costa de Sousa Macedo Gentil

Conselho Fiscal

Alberto Ferreira Mendes

Maria Candida Parreira

Maria de Jesus Tavares

Conselho de Direcção e Administração

Elisabeth d'Albiquerque Bandeira de Melo

Maria Baptista dos Santos Guardiola (Condessa de Rio Dos)

Domitilde de Carvalho

Maria Angelica da Silva Pereira Vicondessa de Pereira

Lydia Maia Cabeça

Isabel Maria da Costa de Sousa Macedo Gentil

Ana Maria de Moraes

Art.º 1.º n.º 11 da Tabela anexa ao Dec.-Lei n.º 49438, de 11/12/69 (cf. alteração dada pelo Dec.-Lei 131/82, de 23/4) 192$00 $

Adicional de 30% para o Estado c/ arredondamento 58$00 $

Art.º 2.º da mesma Tabela $

TOTAL 250$00

SÃO Duzentos e cinquenta escudos

Guia n.º 69-P de 98/08/03

O Chefe da Secção,

Anexo R

"Instituto de Serviço Social. Sob a égide de Sua Eminência […]. [1936]".
Documento dactilografado com sete páginas.
L.d.: ANTT (Lisboa), Fundo do Ministério do Interior / Gabinete do Ministro,
Mç. 483, [pt. 3/1] (NP 355), ANTT//PT/TT/MI-GM/4-3/99

ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO

Instituto de Serviço Social

Sob a ègide de Sua Eminência Sr.Cardial Patriarca,fundou-se em Lisboa, 1935,o Instituto de Serviço Social.

Talhado nos moldes de criações análogas experimentadas no estrangeiro, êle "levantou-se como uma grande esperança" e é hoje uma consoladora realidade.

Mais ainda em Portugal que em qualquer outro País,tornava-se necessario organizar e disciplinar boas vontades dispersas,educar elementos preciosos que se perdiam inaproveitados,dar maior consciencia e melhor espirito social cristão à mulher,e sobretudo,à rapariga portuguêsa.

Formar um grupo de escol,para todas as actividades do Serviço Social, construir instituições preventivas e educativas,foram os nossos primeiros objectivos.

Foi necessario criar tudo,visto que nada havia feito.

Vejamos o balanço da nossa acção neste ano e meio decorridos.

O programa de estudos do Instituto encontra-se desenhado:

Um ano de curso preparatorio,e dois de curso complementares.

Estes ultimos,de especialização,são ou (secção A)preparação para assistente social,ou (secção B) para o professorado do ensino familiar e domestico.

Uma terceira secção encontra-se em estudo.

Na pequena brochura de propaganda que logo ao abrir espalhamos aos quatro ventos,encontra-se o programa do Instituto.

Ele não pode dar edeia,contudo,de todo o lado pratico,de aplicação,de ensino visual e de realização com que é dada a nossa Instrução.

Não queremos que as nossas alunas,tenham apenas conhecimentos livrescos, a sua formação equilibrada e completa exige que todos os dias elas façam visitas,estágios,assistencia,que entrem nos casebres dos pobres,que sondem as suas necessidades materiais e morais,que acompanhem as obras de ensino e de protecção social.

Em pouco tempo,o que fizemos nêste capitulo já,é Talvez inédito em Portugal.E de futuro,intensificaremos aonda o aspecto prático e activo da nossa orientação pedagógica.

ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO

Instalado o Instituto nos anexos do Patriarcado,em condições suficientes para um início de actividade,veio de França Melle Marie Therêse Lévêque assumir a sua direcção técnica.

Em boa hora foi efectuada essa escolha.

Melle Lévêque,tendo ocupado cargos de alta responsabilidade em instituições sociais de França e Inglaterra,tem exercido o seu papel com uma segurança, uma maestria,uma competencia e uma dedicação exemplares.

Aproveitamos o ensejo para lhe render aqui as homenagens publicas que merece.

Em de ,na sede do Instituto,presidindo o Sr.Cardeal Patriarca,ladeado pelo Sr.Ministro da Instrução e figuras representativas da Intelectualidade e da Igreja portuguesas,Melle Lévêque Tracejou uma conferencia que foi um exito permanente,os objectivos e o programa do Instituto.

De começo,porem,não podia por-se em marcha um organismo Tentativa incepiente,sem antecessoras,num ambiente de indiferença que costuma asfixiar as iniciativas generosas,o Instituto abrui as suas matriculas.

Inscreveram-se no curso preparatorio que abriu a 2 de Abril de 1935 - 13 alunas ordinarias,14 alunas voluntarias e 20 alunas para conferencias.

Entretanto,pela propaganda benévola dos jornais,pelo exemplo das primeiras alunas,pelo contacto com serviços hospitalares,etc.o nome do Instituto ia irradiando.

Ao corpo docente escolhido entre competencias que amavelmente se prestaram a ensinar gratuitamente,vieram juntar-se outros nomes,consagrados,a ponto do nosso Instituto se poder orgulhar de possuir um estado maior de notabilidades entre os seus professores.

A todos vai a nossa gratidão.

Ao iniciar-se o 2º ano lectivo ou seja o 1º ano do curso - a 15 de Outubro de 1935 - frequentaram-no:6 alunas ordinarias que com exito fizeram o exame do curso preparatorio.

2º curso preparatorio cuja abertura foi a 2 de Dezembro de 1935 11 alunas ordinarias -19 alunas voluntarias

Inaugularção da secção B (ensino familiar e domestico) a 9 de Março de 1936 sob a Presidencia do Sr. Cardeal Patriarca e com a representação do Sr. Ministro da Instrução Publica.

ARQUIVO NACIONAL

15 alunas voluntarias

Ano 1936-37 - abertura a 3 de Novembro de 1936

1º grupo de alunas do 2º ano - 6 alunas ordinarias (que transitaram do 1º ano)

2º grupo do 1º ano 9 das alunas aprovadas nos exames do 2º grupo do curso preparatorio entram para o 1º ano e dividem-se pelas duas secções - 5 alunas para a secção A (serviço social) 4 alunas e secção B. (ensino familiar domestico)

3º curso preparatorio - Abertura a 2 de Dezembro de 1936 - 12 alunas ordinarias

Secção B - Abertura a 2 de Dezembro de 1936 - 4 alunas oridnarias e até a data 30 alunas voluntarias.Como as matriculas para as alunas coluntarias ainda se não encerraram é impossivel dar o movimento completo das alunas que frequentam o Instituto este ano.

Em resumo;

Frequentaram o Instituto,em 2 anos,134 alunas.

E o Instituto tem hoje à sua volta uma atmosfera de simpatia,de compreensão dos seus fins,que conseguimos pela nossa tenacidade e nos facilita os exitos.

Queremos focar em separado,porque lhe atribuimos uma importancia decisiva,à faceta pratica do nosso ensino.

As nossas alunas,repetimos,estudam enfermagem nos hospitais,puericultura nas creches,nas escolas e jardins infantis,assistencia social nas misericordias,nas fabricas,nos lares miseraveis.

A direcção dos estagios - exercida com superior profeciencia - é essen-

cial na educação das nossas raparigas.

No curso preparatorio foram organizados estagios nos serviços:
do Dr.Padesca (Santa Marta) medecina de adultos
do Dr.Gentil (Santa Marta) Cirurgia de adultos
do Dr.Leite Lage (Estefania) Puericultura

ARQUIVO NACIONAL

No 1º e 2º ano Secção A (assistencia Social) - os estagios e visitas multiplicaram-se.Obtidas as licenças necessarias,fizeram-se varios estagios praticos em organizações dependentes da Junta Geral do Distrito de Lisboa:postos de puericultura do Lumiar,visitas sociais etc.
Estagios praticos ainda nos dispensarios,na Tuturia da Infancia.
" " em conjunto com lições teoricas:na Associação de protecção aos diabeticos pobres,no Instituto do Cancro,no Instituo Medico - Pedagogico Condessa de Rilvas;
Estagios e vistas sociais:nas diversas dependencias da Misericordia de Lisboa (entre elas no Jardim de Protecção à Infancia do Jardim da Estrèla) na Associação Nacional de protecção aos Tuberculosos,(dispensarios etc.)na Maternidade da Fabrica dos Tabacos de Xabregas.
Visitas sociais:Instituto de Medicina Legal,Direcção Geral das Prisões,Posto de protecção à Infancia do Museu de Artelharia,Fabrica Alpina(de pasteurização de leite) em Carcavelos,Instituto de Protecção às Florinhas da Rua,Serviços de Agentes fisicos no Hospital de Santa Marta;Faculdade de Medicina (serviços especiais,museus,estatisticas),Instituto De Estatistica Parque Sanitario,Companhia das Aguas(laboratoios) Companhia Nacional dos Fosforos(obras sociais) Cosinhas Economicas,Sanatorios,preventorios,Casas Economicas do Estado etc.etc

Isto sem falar nos estagios de ensino familiar e domestico feitos na propria sede do Instituto,nas visitas aos casebres dos desfortunado.....
Na secção B dos cursos complementares (ensino familiar e domestico) a actividade com menos dispersão,não foi menos intensa.

Alem dos cursos teoricos enunciados no programa oficial publicado,deram-se cursos praticos de cosinha (1º e 2º ano);corte e costura (1º e 2º) servi;

remendar, engomar; chapeus; flores; ornamentação domestica; metodologia profissional.

Estagios praticos na sede do Instituto e instalações especiais.

Visistas sociais às instalações de ensino domestico organizado pelo Estado, às obras de protecção à Infancia etc.

Esta a azafama dos dois ultimos anos. De futuro, alarga-la-hemos com visitas fora de Lisboa, às organizações sanitarias e sociais de Santarem Coimbra, Castelo Branco e outros pontos do país.

ARQUIVO NACIONAL

À margem dos trabalhos pedagogicos, a direcção do Instituto, tem muito que fazer: garantir-lhe as possibilidades materiais de vida, dar às raparigas saidas dos seus cursos a certeza duma aplicação vital.

Obra que pela sua estrutura se quere manter autonoma e independente de todas as flutuações politicas, o Instituto não hesita em colaborar com organizações oficiais, insuflando-lhes o seu espirito e a sua actividade social.

Devemos à verdade que ao bom acolhimento do publico em geral, correspondeu um acolhimento igual dos poderes governativos.

Estamos em "démarches" para que o nosso Instituto seja reconhecido como de Utilidade Publica. e oficiolizados os seus diplomas.

O Instituto foi já designado pelo Governo como futuro centro de formação das dirigentes e trabalhadoras sociais adjuntas à Obra das mães para a Educação Nacional.

O Nosso Instituto já recebeu a visita oficial de reitoras de liceus, que vieram observar o ensino da secção B, e esperam a formação do primeiro nucleo de raparigas diplomadas para participarem no ensino familiar e domestico instituido nos liceus por recente decreto ministerial.

E anunciam-se para breve as visitas Tambem dos Ministros do Interior e da Educação que apreciarão assim de visu os nossos metodos, os nossos trabalhos, os nossos exitos.

Apesar da exiguidade dos recursos materiais a palavra exito surge a cada passo, fazemos o balanço geral da actividade do Instituto.

Com satisfação podemos dizer que se trabalho bem, muma larga sementeira de dedicação e conhecimentos: as instalações do Instituto em breve não chegarão para receber todas as alunas, o que faz surgir um problema grave para a nossa existencia material.

A que é devido, porem, a vitoria do nosso empreendimento?



Talves a um conjunto de factores felizes:

A melhor compreensão do nosso meio do alcance desta Obra, a abnegação e desejo de ser util das nossas raparigas, o quilate excepcional do corpo docente do Instituto e tambem a grande figura que na sombra zela com infinito carinho pelo engradecimento do Instituto - a Srª Condessa de Rilvas.

A Melle Lévéque directora tecnica do Instituto vieram juntar-se Melle Huille - que lecciona a parte de cosinha e Melle Rouyer que lecciona o restante da secção familiar e domestica ambas com grande competencia, dedicação e actividade.

Os professores que ministram aulas nos Instituto são os Srs.

A sua nomeada scientifica dispensa que lhes teçamos aqui louvores demasiado merecidos. Mas o que nos não cansaremos de frisar é o reconhecimento do Instituto pela forma generosa e larga como o veem coadjuvando com a sua muita experiencia e saber.

Faltava em Portugal, no campo social, uma obra como o Instituto.

A educação popular, o bem estar das classes pobres, a formação moral e pratica das raparigas, estava abandonada à anarquia das actividades particulares, ou á dissolução ideologica de organizações incompativeis com a Moral Tra-

dicional. Não podia ser. O Instituto de Serviço Social criou-se e desenvolveu-se para coordenar essas actividades e espalhar em obras boas os bons principios.

O Instituto espera irradiar por todo o país - e na 6ª Conferencia da União Catolica de Serviço Social poder levar já pela voz da sua representante a noticia de que realizámos, do que estamos a realizar, de tudo o que em breve realizaremos.

A Direcção

ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO

Anexo S

"Ex.ma Senhora Condessa de Rilvas […]. Cascaes, 30 de Agosto de 1941"
(carta de Maria Lenor Botelho à condessa de Rilvas).
Documento dactilografado com uma página.
L.d.: Espólio pessoal de Maria Leonor Corrêa Botelho (Escalos de Cima),
sem tratamento arquivístico

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

CENTRO SOCIAL DE CASCAIS

Telef. Cascais 82

Largo da Estação, 4

Exma Senhora Condessa de Rilvas

Dig^ma Presidente da Direcção da Obra das Mãis pela Educação Nacional

Praça Marquez de Pombal Nº8

L I S B O A

Tendo sido convidada verbalmente pelas Ex^mas Presidente da Associação de Serviço Social e Directora do Instituto de Serviço Social, para, no próximo ano lectivo 1941-42 trabalhar no Instituto de Serviço Social, junto da Directora Técnica do mesmo Instituto, Mademoiselle Lêveque, venho participar a V.Ex^cia que estou resolvida a aceitar esse convite.

Faço-o Exma Senhora na intenção de assim melhor servir o Serviço Social, ao qual há 3 anos já tenho dado a maior dedicação e boa vontade.

Não queria, no entanto, considerar-me demitida do cargo que, desde 1939, estou exercendo como Assistente Social do Centro Social de Cascais.

Neste sentido venho pedir a V. Exª. que, como a minha missão no Instituto de Serviço Social não será ainda oficial durante este ano lectivo, V. Exª. me considere apenas em comissão de serviço no mesmo Instituto.

Pedindo uma breve resposta que confirme a minha nova situação na Obra das Mãis pela Educação Nacional, sou de V. Exª. muito obrigada e sempre muito dedicada,

Cascaes, 30 de Agosto de 1941

IMP. LUCAS & Cª - LISBOA - 27-11-940

Anexo T

"Ex.ma Senhora D. Maria Leonor Correia Botelho […]. Lisboa, 1 de Setembro de 1941".
Documento dactilografado com uma página.
L.d.: Espólio pessoal de Maria Leonor Corrêa Botelho (Escalos de Cima),
sem tratamento arquivístico

S. R.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

Séde : Praça Marquez de Pombal, 8

LISBOA

S.C.- C.S.- nº 68

Ex..ma Senhora D. Maria Leonor Correia Botelho

CASCAIS

Em resposta ao pedido que V.Exª me apresenta em seu ofício de 30 de Agosto p.p. , venho dizer-lhe que estou de acôrdo com a sua proposta, e portanto não a consideraremos afastada definitivamente do cargo que tem desempenhado na Obra das Mãis como Assistente Social, mas sim, apenas, com temporária licença para exercer a sua actividade profissional ao serviço de outro Organismo .

Com o maior prazer a receberá de novo a Obra das Mãis, que só tem a louvar e a agradecer toda a competência e dedicação com que V.Exª sempre desempenhou junto dela as funções da sua especialidade.

Com os meus afectuosos cumprimentos,

A BEM DA NAÇÃO

Lisboa, 1 de Setembro de 1941

A Presidente da Direcção
da
Obra das Mãis pela Educação Nacional

Condessa de Rilvas

IMP. LUCAS & C.ª - LISBOA - 27-11-940

Anexo U

"Ex.ma Senhora D. Maria Leonor Correia Botelho […]. Lisboa, 13 de Setembro de 1941".
Documento dactilografado com uma página.
L.d.: Espólio pessoal de Maria Leonor Corrêa Botelho (Escalos de Cima),
sem tratamento arquivístico

Instituto de Serviço Social
Campo dos Mártires da Pátria, 43
Telefone 4 6772 — Lisboa

Lisboa, 13 de Setembro de 1941

Ex.ma Senhora
D. Maria Leonor Corrêa Botelho

A Direcção do Instituto de Serviço Social confirmando o convite verbal que há tempo dirigiu a V.Exª. por sugestão de Melle. Lévèque, Directora Têcnica do I.S.S., e de acôrdo com a Ex.ma Senhora Condessa de Rilvas, Ilustre Presidente da Associação de Serviço Social, vem por êste meio dizer que espera poder contar com V.Exª. para trabalhar na Direcção técnica do nosso I.S.S. a partir do próximo mês de Outubro, a-fim-de substituir a actual Directora Técnica Melle. Lévèque no mesmo Instituto a partir do ano lectivo de 1942-1943.

O trabalho de V.Exª. no próximo ano lectivo será determinado nos seus pormenores - de acôrdo com esta Direcção - por Melle. Lévèque no que diz respeito aos serviços técnicos.

A Direcção do I.S.S. propõe a V.Exª. como ordenado para o próximo ano lectivo a quantia de Es. 900$00 incluindo os mêses de férias.

Esperando uma resposta de V.Exª. enviamos muitos cumprimentos.

Pel'A Direcção

Maria de Lourdes Bruschy - Condessa de Almoster

Anexo V

"Ex.ma Senhora Condessa de Almoster […]. Escalos de Cima, 3/X/1941".
Documento manuscrito com uma página.
L.d.: Espólio pessoal de Maria Leonor Corrêa Botelho (Escalos de Cima),
sem tratamento arquivístico

Escolas de Lima
3/X/1941

Ex.ma Senhora Condessa de Almoster

Dig.ma Presidente da Direcção do Instituto de S/S/

Tendo sido autorizada pela Ex.ma Presidente da Direcção da Obra das Mãis Pela Educação Nacional, onde estava prestando serviços, a aceitar o convite que me foi feito por V.ssas Ex.cias em ofício de 13 de Setembro p.p., venho dizer a V. Ex.cias que desde já podem contar comigo para trabalhar na Direcção Técnica do I.S.S. aceitando tambem as condições propostas.

E com o maior prazer que vou servir no Instituto, na certeza que, para de alguma maneira poder suprir a minha inexperiência, darei ao meu trabalho o melhor do meu esforço e boa vontade.

Aguardando as ordens de V.ssas Ex.cias com os meus respeitosos cumprimentos ~~fica~~ ~~Com de V.ssas Ex.cias~~ m.to obrigada

Leonor Botelho

Anexo W

Decreto-lei n.º 30.135, de 14 de Dezembro de 1939

Artigos	Designação da despesa	Importâncias	
		Que reforçam o orçamento	Que são anuladas no orçamento
	Transporte	8:339.780$80	7:580.000$00
	Extinto Quadro Especial de Oficiais Milicianos do Serviço de Administração Militar		
645.º	Remunerações certas ao pessoal em exercício:		
	1) Pessoal de nomeação vitalícia além dos quadros	-$-	290.000$00
	Extinto Quadro dos Oficiais do Secretariado Militar		
649.º	Remunerações certas ao pessoal em exercício:		
	1) Pessoal de nomeação vitalícia além dos quadros	-$-	160.000$00
	Extinto Quadro dos Picadores Militares		
653.º	Remunerações certas ao pessoal em exercício:		
	1) Pessoal de nomeação vitalícia além dos quadros	-$-	50.000$00
654.º	Remunerações acidentais:		
	1) Gratificações pelo serviço nas unidades de Lisboa e Pôrto	5.000$00	-$-
	CAPÍTULO 23.º		
	Classes Inactivas do Ministério da Guerra		
	Oficiais na situação de reserva, praças reformadas em comissão de serviço activo e terceiros oficiais reformados		
658.º	Remunerações certas ao pessoal fora do serviço:		
	1) Vencimentos dos oficiais na situação de reserva	-$-	450.000$00
659.º	Remunerações acidentais:		
	1) Gratificações a oficiais da reserva em comissão de serviço activo, nos termos da alínea *g*) do n.º 3.º do artigo 2.º do decreto-lei n.º 28:403, de 31 de Dezembro de 1937	70.000$00	-$-
660.º	Outras despesas com o pessoal:		
	1) Ajudas de custo a oficiais na reserva e praças reformadas em serviço:		
	a) Oficiais	30.000$00	-$-
	2) Alimentação:		
	a) Subsídio a praças reformadas em serviço que não possam receber em géneros a alimentação a que tenham direito	50.000$00	-$-
	3) Subsídios para funerais, em conformidade com o artigo 23.º do decreto-lei n.º 28:404, de 31 de Dezembro de 1937:		
	a) Oficiais	30.000$00	-$-
	b) Praças	5.219$20	-$-
	Soma	8:530.000$00	8:530.000$00

Art. 2.º Êste decreto entra imediatamente em vigor.

Publique-se e cumpra-se como nêle se contém.

Paços do Govêrno da República, 14 de Dezembro de 1939. — António Óscar de Fragoso Carmona — *António de Oliveira Salazar — Mário Pais de Sousa — Manuel Rodrigues Júnior — Manuel Ortins de Bettencourt — Duarte Pacheco — Francisco José Vieira Machado — António Faria Carneiro Pacheco — João Pinto da Costa Leite — Rafael da Silva Neves Duque.*

Para ser presente à Assemblea Nacional.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Decreto-lei n.º 30:135

São dignos de aprêço e valorização oficial todos os esforços para a elevação do nivel de vida da gente portuguesa quando se apoiam em sãs doutrinas e os anima um verdadeiro espírito social.

Entre tais iniciativas cumpre salientar, pelas possibilidades que encerram de inexplorados horizontes, a criação de escolas de formação social onde se habilitem raparigas, até da melhor condição, para exercerem junto de fábricas, organizações profissionais, instituïções de assistência e de educação colectiva e de obras similares uma acção persistente e metódica de múltiplos objectivos — higiénicos, morais e intelectuais —, em contacto directo com famílias de todas as condições.

Só poderá trabalhar com eficiência dentro dêsse imenso campo de acção quem possua, a par de vocação natural, mentalidade especialmente formada e firme

sentido social, que naquelas escolas se suscitam e educam.

Por outro lado, a missão de extraordinário alcance e a influência decisiva que às obreiras do serviço social incumbem nos diversos meios em que hão-de trabalhar, designadamente entre as famílias humildes e de restrita cultura, as mais fàcilmente influenciáveis, impõem ao Govêrno não se alhear da formação que àquelas se dê, para que jamais possa desviar-se do sentido humano, corporativo e cristão.

Por isso e pelo presente decreto-lei se estabelecem os princípios gerais de orientação e coordenação a que hão-de submeter-se, em harmonia com os artigos 42.º a 44.º da Constituïção Política, os estabelecimentos de educação para o serviço social e se aprovam o plano geral de estudos e programas, tudo para a formação de dirigentes idóneas e responsáveis no meio a que se destinam, ao mesmo tempo conscientes e activas cooperadoras da Revolução Nacional.

Nestes termos, usando da faculdade conferida pela 2.ª parte do n.º 2.º do artigo 109.º da Constituïção, o Govêrno decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º Pelo Ministério da Educação Nacional e dentro do quadro dos estabelecimentos do ensino particular poderá ser autorizado o funcionamento de institutos destinados à formação de assistentes de serviço social, com ou sem especialização, por modo a assegurar-se a satisfação das necessidades de pessoal técnico, tanto para os serviços públicos como para as instituïções particulares que, em qualquer forma da sua actividade, se proponham fins de educação e auxílio social.

§ único. Ficam desde já autorizados para todos os efeitos dêste decreto-lei, desde que ao regime por êle estabelecido se sujeitem, o Instituto do Serviço Social e a Escola Normal Social, existentes em Lisboa e Coimbra respectivamente.

Art. 2.º Os institutos de serviço social terão organização diferenciada e autónoma e a sua direcção será constituída por pessoas de nacionalidade portuguesa, sem embargo de se autorizar o contrato de professores estrangeiros quando o exijam as necessidades do ensino, podendo estes fazer parte de um conselho técnico.

Art. 3.º Os diplomas de assistente de serviço social, com ou sem menção de especialidade, poderão ser oficializados, a requerimento da direcção dos respectivos institutos e sob parecer da Junta Nacional da Educação, desde que os planos de estudos e os programas sejam conformes aos que por êste decreto-lei se estabelecem ou, em revisão bienal, venham a substituí-los.

Art. 4.º O curso de assistente de serviço social terá a duração de três anos, sendo o primeiro de iniciação, e abrangerá, em lógico desenvolvimento das matérias, o estudo da vida física e as suas perturbações, da vida mental e moral, da vida social e corporativa, do serviço social e seu funcionamento.

Art. 5.º Mediante requerimento fundamentado e sob parecer da Junta Nacional da Educação, poderão os institutos ser autorizados a criar cursos de especialização técnica, de duração variável, adequados às diversas formas de actividade social, tanto metropolitana como colonial, devendo na diferenciação ter-se em conta as exigências do País e as condições locais necessárias ao ensino.

§ único. É desde já prevista a especialização de visitadoras escolares, tomando por base os programas constantes da portaria n.º 9:360, de 30 de Outubro de 1939, cuja vigência é restrita ao ano lectivo corrente.

Art. 6.º O ensino será simultâneamente teórico e prático e revestirá a forma de aulas, visitas de estudo, inquéritos sociais e estágios, devendo estes realizar-se em serviços públicos e particulares bem organizados e apetrechados.

Art. 7.º As candidatas à freqüência do curso de assistente do serviço social prestarão provas de um exame de aptidão, ao qual só serão admitidas as que possuam a habilitação do 2.º ciclo liceal ou equivalente e tenham a idade não inferior a dezóito nem superior a trinta anos, e o diploma de assistente de serviço social será exigido para a freqüência dos cursos de especialização.

§ único. A habilitação do curso liceal de educação familiar constitue motivo de preferência em igualdade de circunstâncias.

Art. 8.º O aproveitamento será em cada instituto anualmente verificado pelos respectivos júris de exame, mas a concessão dos diplomas de curso dependerá de prestação de provas perante um júri único, de três a cinco membros, nomeado pelo Ministro da Educação Nacional, com intervenção de professores dos institutos e uma delegada da Obra das Mãis pela Educação Nacional.

Art. 9.º O título de assistente de serviço social é privativo das diplomadas nos termos dêste decreto-lei e, sem prejuízo das habilitações legalmente exigidas em cada caso, os respectivos diplomas darão preferência no provimento de lugares que englobem actividades de educação e auxílio social.

Art. 10.º As actuais diplomadas pelos institutos reconhecidos no § único do artigo 1.º é facultado requererem, dentro do prazo de um ano, a oficialização do diploma mediante aprovação em um exame *ad hoc* que as mostre habilitadas nas matérias do programa que faz parte integrante dêste decreto-lei, devendo as provas ser prestadas perante o júri único a que se refere o artigo 8.º

Art. 11.º As alunas que no actual ano lectivo freqüentam o 1.º ano dos mesmos institutos ingressam automàticamente no novo regime de estudos e as restantes, que pretendam adquirir um diploma oficializado, deverão sujeitar-se, antes da matrícula no ano seguinte, a um exame de transição sôbre as matérias do programa relativo ao ano ou anos anteriores.

Art. 12.º O Ministro da Educação Nacional, ouvida a Junta Nacional da Educação, tomará as providências necessárias para a integral execução dêste decreto-lei.

Publique-se e cumpra-se como nêle se contém.

Paços do Govêrno da República, 14 de Dezembro de 1939. — António Óscar de Fragoso Carmona — *António de Oliveira Salazar — Mário Pais de Sousa — Manuel Rodrigues Júnior — Manuel Ortins de Bettencourt — Duarte Pacheco — Francisco José Vieira Machado — António Faria Carneiro Pacheco — João Pinto da Costa Leite — Rafael da Silva Neves Duque.*

Para ser presente à Assemblea Nacional.

Plano geral de estudo e programas

A) Aulas: 1.º ano

Iniciação ao estudo da vida física e das suas perturbações:

1 — Anatomia; fisiologia.
2 — Cirurgia, socorros de urgência e prática de enfermagem.
3 — Indicações terapêuticas e farmácia.
4 — Microbiologia; doenças infecciosas.
5 — Higiene geral e alimentar.
6 — Puericultura.
7 — Cultura física.

Iniciação ao estudo da vida mental e moral:

1 — Filosofia (ideas gerais; psicologia).
2 — Cultura religiosa.

Iniciação ao estudo do funcionamento prático do serviço social:

1 — Formação técnica (compreendendo contabilidade e dactilografia).

B) Estágios em serviços de:

Cirurgia (adultos).
Medicina.
Pediatria.
Puericultura (numa creche).

2.º ano

A) Aulas:

A vida física e as suas perturbações (continuação):

1 — Profilaxia, higiene e assistência social:

a) Pre-natal, natal e do recém-nascido;
b) Da infância;
c) Da idade escolar;
d) Dos flagelos sociais (tuberculose, cancro, alcoolismo, doenças venéreas, moradias insalubres).

2 — Elementos de:

a) Higiene e urbanismo;
b) Legislação sanitária.

Estudo da vida social:

1 — Direito constitucional e direito civil.
2 — Economia política e demografia.

Estudo da vida mental e moral:

1 — Noções de psicologia infantil; pedagogia e educação.
2 — Moral filosófica (individual e familiar); encíclicas que lhe dizem respeito.
3 — Cultura religiosa (continuação).

Serviço social e seu funcionamento:

1 — Acção social e corporativismo; Sindicatos Nacionais.

B) Estágios:

Numa maternidade e consultas pre-natais, em serviços de puericultura e de protecção à infância, em institutos e dispensários de profilaxia e higiene social, em instituïções especializadas em ensino familiar e doméstico (com noções teóricas).

Visitas de carácter social — Esboços de inquéritos.

3.º ano

A) Aulas:

A vida física e mental; suas perturbações (continuação):

1 — Profilaxia; higiene e assistência social mental (infantil e de adultos).
2 — Profilaxia das doenças e intoxicações profissionais e outras; higiene e fisiologia do trabalho; prevenção dos acidentes do trabalho.

Estudo da vida social (continuação):

1 — Economia, direito e legislação do trabalho e previdência.
2 — Noções de direito criminal e penal.
3 — História e legislação da assistência.

A vida moral (continuação):

1 — Moral filosófica (social e encíclicas que lhe dizem respeito; moral profissional).
2 — Cultura religiosa (continuação).

Serviço social e seu funcionamento (continuação):

1 — Organização social da indústria e higiene industrial; utilização das horas de descanso dos que trabalham; centros sociais; bibliotecas, orientação profissional.
2 — Organização social agrícola; Casas do Povo.

B) Estágios:

Em serviços sociais de protecção à maternidade e à infância (normal e delinqüente).
Em outros serviços sociais especializados (hospitais, dispensários de higiene social, sanatórios, fábricas, junto das organizações corporativas, etc.).
Em centros sociais.
Em instituïções especializadas em ensino familiar e doméstico.

Visitas sociais e inquéritos.

10.ª Repartição da Direcção Geral da Contabilidade Pública

Decreto n.º 30:136

Com fundamento nas disposições do artigo 2.º e seu § único do decreto n.º 24:914, de 10 de Janeiro de 1935, mediante proposta aprovada pelo Ministro das Finanças, nos termos do mesmo artigo;

Usando da faculdade conferida pelo n.º 3.º do artigo 109.º da Constituïção, o Govêrno decreta e eu promulgo o seguinte:

Artigo 1.º É aberto no Ministério das Finanças, a favor do Ministério da Educação Nacional, um crédito especial da quantia de 600$ destinado ao pagamento da diferença do aumento de vencimento por diuturnidade de serviço a um assistente da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, devendo a mesma importância ser adicionada à verba inscrita no n.º 1) do artigo 108.º, capítulo 3.º, do orçamento respeitante ao corrente ano económico do segundo dos mencionados Ministérios, onde se inscreverá um lugar de assistente com o vencimento anual de 13.140$.

Art. 2.º É anulada a importância de 600$ no n.º 1) do artigo 108.º, capítulo 3.º, do actual orçamento do Ministério da Educação Nacional e abatido na mesma dotação um lugar de assistente com o vencimento anual de 12.540$.

Êste crédito foi registado na Direcção Geral da Contabilidade Pública e a minuta do presente decreto foi examinada e visada pelo Tribunal de Contas, como preceitua o § único do artigo 36.º do decreto n.º 18:381, de 24 de Maio de 1930.

Publique-se e cumpra-se como nêle se contém.

Paços do Govêrno da República, 14 de Dezembro de 1939. — António Óscar de Fragoso Carmona — *António de Oliveira Salazar — Mário Pais de Sousa — Manuel Rodrigues Júnior — Manuel Ortins de Bettencourt — Duarte Pacheco — Francisco José Vieira Machado — António Faria Carneiro Pacheco — João Pinto da Costa Leite — Rafael da Silva Neves Duque.*

Publica-se, de harmonia com as disposições do artigo 7.º do decreto-lei n.º 25:299, de 6 de Maio de 1935, que S. Ex.ª o Ministro da Educação Nacional autorizou, por despacho de 30 de Novembro findo, nos termos do § 2.º do artigo 17.º do decreto n.º 16:670, de 27 de Março de 1929, a transferência da quantia de 1.000$ da alínea *a*) para a alínea *b*) do n.º 3) do artigo 628.º, capítulo 4.º, do orçamento do Ministério da Educação Nacional aprovado para o actual ano económico.

10.ª Repartição da Direcção Geral da Contabilidade Pública, 9 de Dezembro de 1939. — O Chefe da Repartição, *Manuel Miranda.*

Publica-se, de harmonia com as disposições do artigo 7.º do decreto-lei n.º 25:299, de 6 de Maio de 1935, que S. Ex.ª o Ministro da Educação Nacional autorizou, por seu despacho de 30 de Novembro findo, nos termos do § 2.º do artigo 17.º do decreto n.º 16:670, de 27 de Março de 1929, as seguintes transferências de

Anexo X

Planos de estudos do Instituto de Serviço Social, 1944

In "Exposição acerca do Instituto de Serviço Social entregue ao Ministro da Educação Nacional em Outubro de 1944". Documento dactilografado com sessenta páginas, pp. 321-325. L.d.: ANTT (Lisboa), Fundo da Presidência do Conselho de Ministros / Arquivo Salazar / Correspondência Oficial / Educação / Educação-diversos (1928-1968), AOS/CO/ED-1G, Pasta 7, Fls. 303-362

CURSO GERAL DO I.S.S.

1º ano - (comum aos 2 ramos)

Disciplinas	Professores	Nº de aulas	Exames finais	Estágio elementar de enfermagem	Directores Serviço	Visitas de estudo	Trabalhos das alunas	Observações
Anatomia e Filosofia	Dr. Eurico Pais	15	E.O.					
Microbiologia e Doenças infecciosas	Dr. Luis Figueira	20	E O			Instituto Camara Pestana	Num cada estágio apresentação de:	Estágios obrigatórios de 20 presenças cada, num serviço de:
Indicações terapeuticas	Dr. Toscano Rico	15	E O					
Socorros a doentes	Dr. Custódia Vale	20	E.O	H. de Stª Marta	Prof. Ediesca	Dispensário Policlínico da Junta de Província da Estremadura	Mapa de presenças	Medicina
				" " " "	Prof. Pulido		Estatística de trabalhos realizados e presenciados	
				" dos Capuchos	Dr. Mato Chaves			
Cirurgia	Dr. Luis Quintela	10	E O	" dos Capuchos	Dr. Martins Rmado	Material cirúrgico - H. dos Capuchos		Cirurgia
				" de Stª Marta	Prof. Gatil		- Relatório Médico-Social	
				" " " "	"Reinaldo Santos			
Oto-rino-laringologia	Dr. Calheiros	4	-	" D. Estefania	Dr. Calheiros			
Fisioterapia	Dr. Benard Guedes	4	0			Serviço de Agentes Físicos - Hospital de Santa Marta		
Higiene Geral	Engº Agnelo Prazeres	8	0			Posto de desinfecção - Parque sanitário		
						Serviços Cs dos Hospitais - H. S. José		
						Depósito da C.ª das Águas - C. Barbadinhos		
						Casas de tipos diversos		
Higiene alimentar	Dr. Ernesto Roma	14	E O			Associação dos Diabéticos Pobres		
Puericultura	Dr. Mário Cordeiro	10	E O	H. D. Estefania	Dr. Leite Lage			Pediatria
Educação Física	Dr. Aarão F. Miranda	10	0					
Formação Técnica	Dr. Artur Bivar	15	E O			Ficheiro da Acção Católica		
						Tipografia da União Gráfica		
Contabilidade	Sr. Viriato Almeida	20	E O					
Cultura Musical	D. Júlia Almendra	20	-					
Psico-pedagogia da infância e adolescência	Dr. Cortez Pinto	14	E O			Jardim - Escola João de Deus		
Formação Moral e Social	D.M.L. Botelho	25	E					
Religião	Pº Costa Lima	25	E					

BIBLIOTECA NACIONAL ARQUIVO SALAZAR LISBOA

CURSO DE ASSISTENTE SOCIAL

2º Ano

DISCIPLINAS	PROFESSOR	Nº de aulas	Exame Final	ESTÁGIOS MÉDICO-SOCIAIS	DIRECTOR do SERVIÇO	VISITAS DE ESTUDO	Trabalhos das alunas Observações:
Higiene Social do Cancro	Prof. Gentil (Dr. M. Athias (Dr. Benard Guedes (Dr. Prates (Dr. Bacelar	8	Oral	Dispensário do IP.O.		Institº Português de Oncologia	-Relatório sôbre a organização do I.P.O. e a luta contra o cancro
Higiene Social das Doenças Venéreas	Dr. Gomes da Costa	8	Oral	Dispensário de Higiene Social: Pôsto da Praça do Brazil			Estudo médico-psicológico duma doente do I.P.O.
				Dispensário de Higiene Social: Pôsto do Beato	Dr. Tovar de Lemos	Dispens.º de Hig. Social Pôsto da P. do Brazil " do Beato	-Estudo sôbre o estágio nos Disp. de Higiene Social e o problema da prostituição.
				Dispensário de Higiene Social: Pôsto do Parque Sanitário		" do Parque Sanitário	Esboço de um inquérito
Higiene Social da Tuberc?	Dr. Daniel Sttau Monteiro	10	E O	Dispensário da AN.T. na Ajuda	Dr. Arbués Moreira	Dispensário e Hospital Sanatório da Ajuda	-Relatório sôbre a luta contra a tuberculose
						Visitas a assistidos (casebres)	
				Serviço de Profilaxia da Tuberculose (do Centro de Saúde de Lisboa) .	Dr. Maia Loureiro	Visitas a assistidos	
Higiene Social Pre-natal	Drª Custódia Alves do Vale	10	E O	Matern.e Magalhães Coutinho	Dr. Freitas Simões	Maternidade Alfredo Costa	
						Maternidade Magalhães Coutinho	
						Maternidade Bensaúde	-Relatório sôbre protecção à Maternidade
						" da Compª dos Tabacos	
						Centro Maternal e Infantil Júlia Moreira	
Higiene Social Infantil	Drª Branca Rumina	12	E O	Creche do Jardim da Estrêla	Drª Branca Rumina	Creche nº 3 da Santa Casa da Misericórdia	
						Cosinha " " " " "	
						Visitas para ensino das mães e vigilância de lactantes.	-Plano de protecção à infância.
						Creche da Companhia dos Tabacos	
						Casa de Protecção e Amparo de Stª Antó nio	
Legislação Sanitária	Dr. Carlos de Arruda Furtado	12	E O				
Higiene Social do Alcoolismo e Toxicomania	Dr. Carvalho Marques	4	Oral				
Higiene Social Escolar	Dr. Vitor M. Fontes	8	E O			Visita de estabelecimentos de ensino primário e secundário	
Higiene e Urbanismo	Engº Agnelo Prazeres	6	O				
Cultura Musical	D. Julia Almendra	20	-				
Direito Constitucional	Dr. Marcelo Caetano ou Dr. Fezas Vital	15	E O				
Direito Civil	Dr. Paulo Cunha ou Dr. Pinto Coelho	15	E O				Monografia Social e Familiar ou de Instituições (a iniciar no fim do 2º ano e a apresentar no fim das férias da Páscoa do 3º ano).
Economia Politica e Social	Padre Abel Varzim	20	E O				
Encíclicas	Padre " "	20	E O				Exercícios vários sôbre a técnica do Serviço Social.
Filosofia	Padre Maurício dos Santos	40	E O				
Religião	Padre Costa Lima	20	Escª				
Serviço Social	D. Mª Carlota Lobato Guerra (A.S.)	80	E O				Exemplos: Esquema duma reforma social dos asilos. Modêlo de inquérito para a regeneração duma rapariga em perigo moral.
				Estágios Sociais			
				Estágio de Educação Familiar	D. Adriana Rodrigues (E.F.)	Serviço de visitação e tratamento no Centro de	
				Estágio Social e Familiar no Centro Social do L.S.S.	D. Mª José Lencastre Viana (A.S.)	Saúde de Lisboa.	

BIBLIOTECA NACIONAL ARQUIVO SALAZAR LISBOA

CURSO DE ASSISTENTE SOCIAL

3º Ano

DISCIPLINAS	PROFESSOR	Nº de aulas	Exame Final	ESTÁGIOS SOCIAIS	DIRECTOR do SERVIÇO	VISITAS DE ESTUDO	Trabalhos das alunas - Observações
Higiène mental infantil *	Dr. Vitor Moreira Fontes	8	Oral	Instª A.A. Costa Ferreira Instª Médico-Pedagógico Condessa de Rilvas	Dr. Vitor Fontes " " "	Instituto António Aurélio da Costa Ferreira Institª Médico Pedagógico Condessa de Rilvas	2 inquéritos médico-sociais para tratamento e selecção de anormais
Higiène mental de adultos *	Dr. Barahona Fernandes	10	Oral	Hospital Júlio de Matos	Dr. Barahona Fernandes.	Hospital Júlio de Matos Manicómio Bombarda	1 inquérito médico-social para internamento de doentes mentais 1 inquérito médico-social para readaptação de doentes mentais
Doenças e Intoxicações Profissionais	Dr. Carvalho Marques	3	Oral				
Orientação Profissional	Dr. Oliveira Ramos	15	E O			Instituto de Orientação Profissional	
Legislação do trabalho	Dr. Macedo Santos e Dr. França Vigon	16	E O				
Legislação da Assistência	Dr. Guilherme Possolo	8	Oral			Asilo Maria Pia Casa Pia	
Direito Criminal *	Dr. Augusto de Oliveira	10	Oral	Refúgio Fem.º da Tutoria " Masc.º " ""	Dr. Oliveira Ramos " " "	Refúgio Feminino da Tutoria Refúgio Masculino da Tutoria Cadeia Penitenciária de Lisboa Cadeia das Mónicas	2 inquéritos sociais para instrução dos processos de menores em juizo (Todos os inquéritos feitos devem ser acompanhados de estatísticas pormenorizadas das deligências efectuadas).
História da Assistência	Dr. Fernando Correia	8	E O			Visitas a pontos de Lisboa relacionados com a história da assistência	
Cultura musical	D. Júlia Almendra	20	-				
Encíclicas	Padre Abel Varzim	15	E O				
Filosofia Moral	Padre Abel Varzim	40	E O			Casa dos Pescadores - Pedrouços F.N.A.T.	
Religião	Padre Costa Lima	20	escrito			Misericórdia de Lisboa Oficinas de S. José Albergue da Mitra Fábrica de Fundição de Oeiras	
Serviço Social	D.Mª Leonor Botelho (A.S.)	80	E O	Estágio Social e Familiar no Centro Social do I.S.S.	D.Mª José Lencastre Viana (A.S.)	Fábrica de sedas dos Armazens do Chiado Obras Sociais da Companhia do Gaz Associação Católica de Protecção às Raparigas. Centro Social de Cascais Serviço Social dos Bairros Municipais	
				Estágio de Educação Familiar na Sec.ção Famil.ª do I.S.S.	D.Adriana Rodrigues (E.F.)	Casa do Ardina Bairros de Casas Económicas Serviços especiais relacionados com as especializações acima assinaladas. *	

Para completar o curso devem as alunas, terminados os 3 anos de estudos, fazer um estágio final de 90 dias de 8 horas de trabalho social efectivo, no Centro Social do I.S.S., (cujas actividades estão descriminadas no mapa referente ao mesmo Centro), e apresentar um relatório com as respectivas estatísticas.

BIBLIOTECA NACIONAL ARQUIVO SALAZAR LISBOA

CURSO DE EDUCADORAS FAMILIARES

2º Ano

BIBLIOTECA NACIONAL ARCHIVO SALAZAR LISBOA

AULAS e CONFERÊNCIAS				ESTÁGIOS E TRABALHOS PRÁTICOS			Visitas de estudo	Observações
Disciplinas -	Professor	Nº de aulas	Exame final	Ensaios e Trabalhos	Local	Modalidade e Duração		
Cosinha	Mª Onélia Levy	30 aulas de 6 h. cada	prático	Donas de casa ordenda casa, dos armários, do vetiário, compras e fornecimentos, praça.	no I.S.S. com apresentação de relatório dos trabalhos apresentados.	Cargos exercidos alternadamente por períodos de 15 dias e 1 mês durante todo o ano escolar	Fábrica Portugal Fábrica dos Armazens do Chiado Companhia Reunidas Gaz e Electricidade Companhia das Águas Fábrica de Loiça de Sacavem	Para exemplificação e complemento da cadeira de Metodologia da Economia Doméstica.
Alimentação	" " "	15 " " 1 " "	escrito e oral					
Remendar	" " "	15 " " 2 " "	prático					
Corte	Adriana Rodrigues	30 " " 3 " "	"					
Passar a ferro	" "	12 " " 2 " "	"					
Metodologia da Economia Doméstica	" "	25 " " 3 " "	escrito, oral e prático				Maternidade Alfredo Costa " Magalhães Coutinho " Bensaúde " da Comp.ª dos Tabacos	As alunas devem apresentar relatório de cada visita
				Trabalhos práticos				
				Planta organização duma cosia.	para meio operário, rural, remediado, instituições, etc.	Trabalho teórico	Centro Maternal Infantil Júlia Moreira Cosinha de Leite da Miseric. de Lisboa	Todos os trabalhos práticos e teóricos são discutidos e comentados nas reuniões efectuadas com as monitoras, direcção do curso e alunas.
				Planta organização das limpas de casa	idem.	Trabalho teórico e prático	Serviço de Visitação e tratamento do Centro de Saúde de Lisboa.	
				Estudo orçamos	idem .	Trabalho teórico		
				Está Social e Fáiar	no Centro Social do I.S.S.			
				Monofia social familiar ou da instituiç	Trabalho teórico sôbre qualquer meio	a iniciar no fim do 2º ano e a entregar no fim das férias da Páscoa do 3º ano.		
Direito Constitucional	Dr. Marcelo Caetano ou Dr. Fezas Vital		escrito e oral					
Direito Civil	Dr. Paulo Cunha ou Dr. Pinto Coelho		escrito e oral					
Economia Política e Social	P.e Abel Varzim		" " "					
Encíclicas	" " "		" " "					
Filosofia	P.e Maurício dos Santos		" " "					
Religião	P.e Costa Lima		escrito					
Higiene e Urbanismo	Engº Agnelo Prazeres		oral					
Confenências:								
Noções de Higiene social da tuberculose	Dr. D. Sttau Monteiro	2 conferências						
Noções de higene social das doenças venéreas	Dr. Gomes da Costa	1 conferência						

BIBLIOTECA NACIONAL ARCHIVO SALAZAR LISBOA

CURSO DE EDUCADORAS FAMILIARES

3º Ano

BIBLIOTECA NACIONAL ARQUIVO SALAZAR LISBOA

AULAS E CONFERÊNCIAS				ESTÁGIOS E TRABALHOS PRÁTICOS			Visitas de estudo	Observações
Disciplinas	Professor	Nº de aulas	Exame final	Encargos e Trabalhos	Local	Modalidade e Duração		
Cosinha	Mª Onélia Levy	15 a 20 aulas de 6 h.	prático	Dona de casa		Todo o ano em períodos alternados de 15 dias a um mês.	Cosinhas Económicas da Miseric.ª de Lisboa	Visitas em relação com as conferências e orientação educativa e social do curso.
Corte	Adriana Rodrigues	30 " " 3 "	"	Ordem da casa, armários e vestiário	No I.S.S.		Restaurante da F.N.A.T.	
Chapéus e flôres	Mª Onélia Levy	25 " " 2 "	apresentação dos trabalhos e duma "obra prima".	Compras e fornecimentos, praça. Apresentação dos trabalhos efectuados.			Casa de Trabalho de Cascais	
Ornamentação do lar	Adriana Rodrigues	25 " " 2 "					Sindicato das Costureiras de Cascais	
Moral profissional	Adriana Rodrigues	10 " " 1,30	escrito					
Metodologia do Ensino Familiar	" "	12 " " 1 h (teor.)	escrito, oral e prático	Aplicação prática do ensino da Metodologia com 12 aulas práticas a alunas em idade escolar, operárias, empregadas, etc.	No C. Social do I.S.S.	Aulas semanais durante 3 meses	Casa dos Pescadores (Escola de Pesca)	
		12 " " 3 h (práx.)				Trabalho teórico e prático.	F.N.A.T. (actividades educativas)	
				Relatório das aulas práticas.		Trabalho teórico e prático	Casa de Amparo de Stª António	Meio à escolha
				Plano da organização dum serviço de educação.		Trabalho teórico e prático	Casa do Ardina	
							Jardim Escola João de Deus	
				Estágio social familiar	Junto das famílias a educar		Centro Social de Cascais	
Encíclicas	P.e Abel Varzim							
Filosofia Moral	" " "							
Religião	P.e Costa Lima							
CONFERÊNCIAS								
Hig. Social do Cancro	Dr. Marck Athias							
" " do Alcoolismo	" Carvalho Marques							
O problema da prostituição	D. Mª C. L. Guerra							
Organização do tempo livre	D. Mª L. Botelho							
Bibliotecas	" " "							

BIBLIOTECA NACIONAL ARQUIVO SALAZAR LISBOA

Para completar o curso devem as alunas, terminados os 3 anos de estudo, fazer um estágio final de 90 dias de 8 h. de trabalho efectivo de "Educação Familiar", no Centro Social do I.S.S. (cujas actividades estão descriminadas na página IX referente ao mesmo Centro) e apresentar um relatório com as respectivas estatísticas.

Anexo Y

A Voz, 1935, Ano IX, n.º 3.151, 27 de Novembro (4.ª feira)

Instituto de Serviço Social

Está aberta a matrícula

Como é já do dominio publico, foi fundado, há cerca de um ano, sob o alto patrocinio de Sua Em.ª o Sr. Cardial Patriarca, o Instituto de Serviço Social, que já começou a produzir os seus bons frutos e está destinado a realizar entre nós uma grande missão de alto interesse público e social.

Tem êsse Instituto como fins: formar um grupo de pessoas competentes para todas as organizações e criações de Serviço Social — e ser um centro de informações, de documentação e de realizações sociais.

A sua formação destina-se, prevalentemente a indivíduos do sexo feminino, que queiram consagrar a sua vida a um trabalho social profissional; que tencionem ajudar na sua missão os trabalhadores sociais; que desejem preparar-se eficazmente para o papel de animadores e educadores no seu próprio lar, e cuja profissão ou vida os põe em contacto com *meios* sociais diferentes do respectivo *meio*; e finalmente a tôdas as pessoas que desejem adquirir um complemento de cultura, ou ainda, de compreender a evolução e necessidades da sua época.

As aulas do 1.º ano reabriram há pouco, no principio da época escolar. E o *Curso de Preparatorios* iniciar-se-á no próximo dia 2 de Dezembro, devendo antes, no dia 28 do corrente, realizar-se, sob a presidencia do Em.mo Sr. Cardial Patriarca, uma reunião geral de todos os socios fundadores e do Professorado do Instituto.

Do seu corpo docente fazem parte algumas das figuras mais representativas do nosso meio intelectual:

No Curso de Preparatorios, de Anatomia: Dr.ª Madalena Guerra; de Cirurgia, Dr.ª Cristina Cunha; de Socorros a doentes, Dr.ª Custodia Alves; de Higiene Geral, Dr. Antonio Carvalho Dias; de Doenças Infecciosas, Dr. Luís Figueiras; de Higiene Alimenticia, Dr. Ernesto Roma; de Indicações terapeuticas, relativas a diferentes órgãos, Dr. Toscano Rico; de Puericultura, Dr. Mario Lima; de Educação Fisica, Dr. Calado; de Psicologia da infancia, Dr. Victor Fontes; de Pedagogia e educação, Conego Dr. Pereira dos Reis; de Formação tecnica administrativa, Dr. Artur Bivar; de Contabilidade e dactilo, D. Maria Germana de Mendonça Soares.

No Primeiro Ano: Enciclicas, P.e Dr. Rocha e P.e Dr. Varzim; de Moral, P.e Dr. José Gorcios; de Moral Profissional, M.elle Levêque; de Principios de Filosofia e Psicologia Geral, Conego Dr. Pontes; de Sociologia, Economia Politica e Demografia, Conego Dr. Almeida Correia; de Direito Constitucional, Dr. Marcelo Franco; de Direito Civil, Dr. Fezas Vital; de Direito Penal, Dr. Augusto de Oliveira; Historia da Assistencia e Legislação Sanitaria, Dr. Fernando Correia; de Higiene e Assistencia Social pre-natal, Dr. Vicente Moreira; de Higiene e Assistencia Infantil, Dr.ª Branca Rumina; de Higiene da Idade Escolar, Dr. Victor Fontes; de Higiene Social da Tuberculose, Dr. Daniel S. Monteiro; da Higiene Social do Cancro, Dr. Benard Guedes, Dr. João de Magalhães, Dr. Parreira e Dr. Loureiro; de Higiene Social das Doenças Venereas, Dr. Gomes da Costa; da Higiene Social do Alcoolismo, Dr. Triocão; de Luta contra as habitações insalubres, Dr. Vicente Moreira; de Serviço Social e do seu funcionamento, M.elle Levêque.

Lá fora, institutos similares são frequentados por numerosos alunos de tôdas as classes sociais, que neles formam o seu espírito e enriquecem a sua inteligencia para as grandes lutas da vida.

Em 121 escolas espalhadas por 21 paises e em 3 continentes se dão diplomas, consagrando os estudos de formação para o Serviço Social.

Estes diplomas dão direito aos seguintes cargos: Assistente Social escolar, assistente social junto das Tutorias da Infancia, assistente social dos hospitais, assistente social rural, «surintendente» de oficinas, residente social, directora de obras, directora dos secretariados sociais etc., etc.

Estes mesmos cargos existirão sem duvida em Portugal e a êles só terá direito quem para os exercer tiver a devida competencia.

Está aberta a matrícula na sede do Instituto — Campo dos Mártires da Pátria, 43, Lisboa, das 12 ás 16 horas.

Condições de admissão

Ter mais de 19 anos e menos de 38; apresentar provas duma boa cultura geral, dar boas referencias, apresentar cartão de identidade e apresentar atestado médico, do qual conste não sofrer o candidato doença grave e ter boa resistencia fisica.

Anexo Z

Pedidos de colaboração e de orientação social de entidades oficiais e particulares, 1935-44

In "Exposição acerca do Instituto de Serviço Social entregue ao Ministro da Educação Nacional em Outubro de 1944". Documento dactilografado com sessenta páginas, pp. 342-343. L.d.: ANTT (Lisboa), Fundo da Presidência do Conselho de Ministros / Arquivo Salazar / Correspondência Oficial / Educação / Educação-diversos (1928-1968), AOS/CO/ED-1G, Pasta 7, Fls. 303-362

Anexo XIII

BIBLIOTECA NACIONAL
ARQUIVO
SALAZAR
LISBOA

PEDIDOS DE COLABORAÇÃO E DE ORIENTAÇÃO SOCIAL DE ENTIDADES OFICIAIS E PARTICULARES

Pedidos de planos de organização do Serviço Social das Fábricas

de Penteação de Lãs, em Alhandra,

de Fiação e Tecidos, de Torres Novas

da S.A.C.O.R.

da C.U.F., no Barreiro,

da Vista Alegre

Pedidos de planos de reorganização social:

do antigo Bairro das "Minhocas", (com 800 inquéritos individuais e familiares aos moradores), e criação do Serviço Social quando da mudança daqueles para o novo Bairro Municipal da Quinta da Calçada,

do Posto de Protecção à Infancia de Evora,

da Obra de Stª Zita- educação profissional e moral das creadas de servir

Pedidos de planos de organização:

dos Centros Sociais e Familiares da O.M.E.N.

da "Obra do Ardina"

duma Obra Paroquial de Protecção à Infancia no Tramagal

de um Centro Familiar para o Bairro da Penha de França

Pedidos de inquéritos sociais a diversos meios, com planos de reorganização da Assistencia e criação do Serviço Social:

à vila de Gouveia e às suas industrias(pedido de industriais)

BIBLIOTECA NACIONAL
ARQUIVO
SALAZAR
LISBOA

ao meio operário de Portimão e Lagos(pedido do Grémio das Conservas de Peixe de Barlavento, do Algarve)

à cidade de Portalegre(pedido do Governador Civil)

à cidade de Santarem(pedido do fundador de uma obra de centralização assistencial)

à estancia climatérica da Parede, visando a recuperação social dos doentes de Tuberculose Ossea

à ilha da Madeira(pedido da Junta Geral do Distrito do Funchal) (em curso)

Orientação dada para a criação de diversas obras, entre outras os Centros Sociais e Colónias de Férias da Misericórdia de Lisboa etc.

Elementos fornecidos e orientação dada para diversos trabalhos sociais, como por exemplo, para relatórios apresentados no II Congresso da União Nacional.

Frequente consulta da documentação do Instituto de Serviço Social - Biblioteca, Monografias e outros trabalhos sociais efectuados pelas alunas.

Anexo AA

"Minhas queridas alunas do Instituto […]. Lisboa, 4 de Fevereiro de 1942".
Documento manuscrito com quatro páginas.
L.d.: Espólio pessoal de Maria Leonor Corrêa Botelho (Escalos de Cima),
sem tratamento arquivístico

Lisboa, 4 de Fevereiro 1942.

Minhas queridas alunas do Instituto,

Uma bronquita m^{to} intempestiva impede me de ir recebel-as e de conversar um pouco a respeito de um grande desejo.

Todas devem saber que a Senhora D. Lidia Cabeça poz todo o seu coração e a sua arte para arranjar uma casa digna do nosso Instituto

Nunca será demais exal-
tar e agradecer esta prova
de uma dedicação sem li-
mites; mas do nosso lado
temos obrigação de fazer
alguma coisa para mostrar
o nosso reconhecimento.

A melhor maneira de o
fazer e de nos juntarmos
todas para ajudar a com-
pra da mobilia.

Precisamos cadeiras, pre-
cisamos mesas, precisamos
de m.^las coisas e conto com
o entusiasmo e a boa vontade

de todas para realizar este
desejo.

Encarrego a Leonor Botelho
de combinar com todas para
formar uma comissão e
arranjar cadeiras para a sala
de conferencias -

Vai ver a casa e arranjem
se não vale a pena de fazer
que o nosso Instituto faça
honra aos catolicos e ao
nosso paiz -

Se a comissão quer falar
comigo, com o maior gosto
terei ao seu dispôr quando
queiram.

Que o Espirito Santo as
ilumina e estou certa
que vão fazer uma coisa
..... admiravel.

Com mas saudades

Cssa de Bildas

Anexo AB

"Exm.º Senhor Sub-Secretário da Assistência Social […]. Lisboa, de Agosto de 1942".
Documento dactilografado e manuscrito com quatro páginas.
L.d.: Espólio pessoal de Maria Leonor Corrêa Botelho (Escalos de Cima),
sem tratamento arquivístico

Lisboa de Agosto de 1942

Exmº Senhor Sub-Secretário da
Assistencia Social

Pretendendo este Instituto criar um Centro Social anexo á sua sede para a par da formação integral teórica e prática das suas alunas, exercer acção moral, social e educativa na freguesia dos Anjos, onde ainda não existe obra semelhante, vem expor a V.EXª o plano de acção que se propõe realizar por lhe parecer que as varias actividades que tem em vista, interessam o Sub-Secretário da Assistencia Social.

Tem este Centro como fins:

1º - Organização Social da fréguesia, ficheiro central da mesma: obras, familias etc.

Coordenação das várias obras, instituições e actividades existentes. Procurar por todos os meios a sua valorização e axpanção, colaborando com elas e ajudando-as a realizar os seus fins proprios

2º- Creação de cursos de Ensino Familiar e Domestico destinados a atingir as diversas camadas sociais da freguesia (desenvolvimento da actividade iniciada este ano com operarios e empregados)

OBRAS E INSTITUIÇÕES COM AS QUAIS PRETENDEMOS COLABORAR

Casa de Trabalho Cristo-Rei (raparigas dos I2 aos I5 anos)

Dispensário da J.P.Extremadura(I82 crianças das quais 20 da freguesia

Asilo de Sº. Antonio(para raparigas mantido por particulares)

Conferencias de S.V.Paula,Masculina e Feminina (na paróquia e outra masculina da capelo da R. Renato Batista)

Secção de Jocistas e Pre-Jocistas(I52 menbros)

Obra de S. Zita (creadas)

Catequese das Olarias(frequentada por I50 creanças pobres)

Vestiário da R.Santa(obrá paroquial distribuição de roupas a crianças da catequese)

Sopas dos pobres (Iparoquial outra do Estado)

Fábricas:"Portugalia-(operarios) R. Febo Moniz

Fabrica " Bloom" (operarias e operarios) Trav. do Ferreirinho

Fabrica de Rebuçados R.Antero do Quental.

Fabrica Favorita

Fabrica dos Armazens do Chiado.

ORCAMENTO PREVISTO PARA A INSTALAÇAO E FUNCIONAMENTO DO CENTRO

a)Renda de casa;.....	6$000	esc.	anuais
b)Pessoal I Educadora Familiar.....	9$000	"	"
I Assistente Social.....	9$000	"	"
I Mulher a dias;;;.....	I$560	"	"
c)DESPESAS DE CASA: Telefone,electricidade,gaz Combustiveis,água,luz,limpezas,lavagens de roupas etc.	7$00	"	

d)Fundo para funcionamento do ensino familiar e domestico.....6$000 esc. anuais

e)Despesas com as aulas:

Transportes,mercado,fornecimentos de comestiveis,fazendas e material para aulas práticas .....6$000 " "

f)Fundo para funcionamento do Serviço Social:Expediente,despesas para inqueritos etc.....4$000 " "

g) Despesas de instalação

I- Cozinha- fogão,baterian roupas e todo o material necessario.....I0$000 "

2- Aula de Costura e Corte

Maquina de costura.....2$500...escudos
Quadro.....I$I50... "
2 mesas de corte.....300... "
Cadeiras.....300... "
I mesa de professor.....60... "
I armario com gavetas.....300... "
I espelho para provas.....I50... "
Ferro dë engomar.....240... "
I tabua de " .....I00... "
Toalha e cobertores de engomar.....I00... "

3- Instalação .sala de reuniões

I mesa grande.....300... "
Mesas pequenas.....200... "
Cadeiras.....500... "
Quadro.....I50... "

Armario biblioteca.....500...escudos

4- Instalação da sala de aulas teóricas

Mesas pequenas.....200... "

Cadeiras.....500... "

Quadro.....150... "

5- Instalação do escritorio

Secretária.....200... "

Cadeiras.....150... "

Ficheiro e fichas.....700... "

6- Cortinas e varios adornos, e material de escritorio.....600... "

Estes foram os primeiros passos para a criação do Centro da Bempostinha

Oscar Botelho

Anexo AC

Corpo docente do Instituto de Serviço Social – Professores, [1944].

Documento dactilografado com cinco páginas.

L.d.: Arquivo Histórico e Biblioteca do Patriarcado de Lisboa,

Fundo Arquivístico de D. Manuel Gonçalves Cerejeira, PT/AHPL/PAT14-SP/S-04/02/005

S-04/02/005

CORPO DOCENTE DO INSTITUTO DE SERVIÇO SOCIAL

PROFESSORES

SACERDOTES	Funções	Cadeiras que rege	desde
Pe Costa Lima S.J. R.Maestro Aotonio Taborda 14	Colaborador da "Brotéria"	Dogma Religião	1938-39
Pe Maurício dos Santos S.J. R.Maestro Antonio Taborda 14	Director da Revista Broteria	Filosofia	1943-44
Pe Abel Varzim R. Vale do Pereiro 17 - 2º	Doutor pela Universidade de Lovaina Antigo deputado Assistente Geral da L.O.C. Director do Secretariado Economico-Social	Encíclicas Economia politica	1935-36
JURISTAS			
<u>Da Faculdade de Direito</u>			
Prof.Doutor Marcelo Caetano R. Fernão Lopes 8 - 2º E	Professor catedrático da Faculdade de Direito Comissário Nacional da M.P.	Direito Constitucional	1936-37
Prof.Doutor Luis Pinto Coelho R. Castilho 185 - 2º	Professor catedrático da Faculdade de Direito	Direito Civil	1943-44
Prof.Doutor Paulo Cunha R. Pinheiro Chagas 25	Professor catedrático da Faculdade de Direito	Direito Civil	1936-37
Prof.Doutor Fezas Vital R. Filipe Folque 20 - 2º	Professor catedrático da Faculdade de Direito Presidente da Junta Nacional de Educação	Direito Constitucional	1936-37
<u>Outros juristas</u>			
Dr. Augusto de Oliveira L.S.Dimingos de Bemfica 14	Director Geral das Prisões	Direito Criminal e Penal	1936-37
Dr. Guilherme Possolo R. Borges Carneiro 38 - 2º	Director Geral da Assistencia	Legislação da Assistencia	1936-37
Dr. Artur de Oliveira Ramos R.S.Domingos de Bemfica 56	Director dos Refúgios da Tutoria Central da Infancia Professor do Instituto de Crientação Profissal	Orientação profissional	1936-37

Dr. Frederico Macedo Santos R.Luis de Almeida e Albuquerque 10 - 2º	Adjunto do Instituto Nacional do Trabalho	Legislação do Trabalho	1936-37
Dr. França Vigon R.Comendador João Mª da Costa Alhandra	Secretário adjunto do Instituto Nacional do Trabalho	Legislação do Trabalho	1943-44

MÉDICOS

Da Faculdade de Medicina

Prof. Doutor Mark Athias Av.A.A.de Aguiar 56 r/c D.	Professor Catedrático da Faculdade de Medicina	Higiene Social do Cancro	1936-37
Dr. Gomes da Costa R. Rosa Araújo 16 3º D.	Assistente da Faculdade de Medicina Presidente da Associação dos Médicos Católicos	Higiene Social das Doenças Venéreas	1937-38
Prof. Dr. Barahona Fernandes Av. Alferes Malheiro	do Hospital Julio de Matos	Higiene Mental de Adultos	1936-37
Dr. José Bacelar R.Marquês Sá da Bandeira 78 - 4º E.	Professor agregado da Faculdade de Medicina	Higiene Social do Cancro	1940-41
Prof. Dr. Benard Guedes Av. Almirante Reis 109	Professor agregado da Faculdade de Medicina Director do Serv.de Radiologia do Hosp.Escolar	Fisioterapia Higiene Social do Cancro	1935-36
Prof. Dr. Henrique Parreira R. Almeida Brandão 25	Professor agregado da Faculdade de Medicina	Higiene Social do Cancro	1935-36
Prof.Doutor José Toscano Rico Av.Fontes Pereira de Melo 22 1ºD.	Professor Catedrático da Faculdade de Medicina	Indicações Terapeuticas	1935

Outros médicos

Drª D. Maria José Arrobas Av. Almirante Reis 44 - 3º	da Associação dos Diabéticos Pobres	Higiene Alimentar	1939-40
Dr. Francisco Calheiros Av.da República 25 - 2º E.	Director do Serv.de Oto-Rino-Laringologia dos Hospitais Civis de Lisboa Idem do Hospital de D. Estefania	Oto-rino-laringologia	1943-44
Dr. Mário Cordeiro Av.Duque de Loulé 109 - 5º		Puericultura	1942-43

Dr. Fernando da Silva Correia R.Braancamp 10 - 3º	Director do Boletim da Assistencia Social	História da Assistencia	1935-36
Dr. Luis Figueira Instituto Camara Pestana	Chefe do Laborºde Análises dos Hosp.Civis Chefe de Serv. no Instituto Camara Pestana	Microbiologia e Doenças Infecciosas	1935
Drª D.Mercedes Figueiredo Av. Luis Bivar 7 - 2º D.	Tesoureira Diocesana da L.U.C.F.	Exame de Aptidão	
Dr. Vitor Moreira Fontes Tr.Terras de Santana 15	Director do Instituto A.A.da Costa Ferreira Director do Inst.Medico-Pedagogico C. de Rilvas Professor da Faculdade de Letras	Higiene Social Escolar Higiene Mental da Infancia	1935
Dr. Carlos de Arruda Furtado R. de S. Marçal 104	Inspector da Sanidade Terrestre	Legislação Sanitária	1941-42
Dr. Carvalho Marques Av. Tenente Valadim 370 -2ºD.		Higiene Social do Alcoolismo Intoxicações Profissionais	1940-41
Dr.Aarão Fernandes de Miranda Av.da Liberdade 202 - 5º E.	Professor de gimnastica do Liceu Gil Vicente	Educação Fisica	1943-44
Dr. Daniel Sttau Monteiro Av. Ressano Garcia 25 r/c	Medico-visitador da Assistencia Nacional aos Tuberculosos	Higiene Social da Tuberculose	1935-36
Doutor Eurico Paes R. da Imprensa Nacional 41r/c D.		Anatomia e Fisiologia	1940-41
Dr. Américo Cortês Pinto R. de Artilharia Um 10 - 1ºE.	Medico-inspector de Saude Escolar	Psico-Pedagogia da Infancia	1936-37
Dr. Mário Quina Vila Bandeira de Melo,Estoril		Puericultura	1936-37
Dr. Luis Quintela R. da Lapa 69 A	Cirurgião dos Hospitais Civis de Lisboa	Enfermagem Cirurgica	1940-41
Dr. Ernesto Roma	Director Clinico da Associação Protectora dos Diabéticos Pobres	Higiene Alimentar	1935
Drª D.Branca Rumina R.Nova de StºAntonio 37-2ºE.	Directora da Creche-Lactário nº3 da Misericórdia de Lisboa	Higiene Social Infantil	1935-36
DrªD.Custódia Alves do Vale Vila Gertrudes,Av.Mªda Conceição Carcavelos	Professora da Mocidade Portuguesa Feminina Vogal da Direcção Diocesana da L.U.C.F.	Higiene Social Pré-natal Socorros a Doentes	1935

Outras profissões

Sr. Viriato de Almeida R. Alves Correia 29 - 3º	Chefe da Secção de Contabilidade do Jornal "Novidades" e da União Grafica	Contabilidade	1943-44
D. Júlia de Almendra R. da Alegria 25 - 1º	Diplomada pelo Conservatório Nacional de Música	Cultura Musical	1942-43
Dr. Artur Bivar	Doutor pela Universidade Gregoriana Professor da Casa Pia de Lisboa	Formação técnica	1935
Arquitecto Assunção Santos R. das Amoreiras 161 - 3ºE	Arquitecto da Camara Municipal de Lisboa	Higiene e Urbanismo	1941-42

DICRETORES DE ESTÁGIOS

1º ano - Estagios de Enfermagem

Prof. Doutor Adelino Padesca R.Marquês de Fronteira 10-1º	Professor da Faculdade de Medicina Director do Hospital Escolar " do Serv. M1B do Hosp. Escolar	Estágio de medicina	1935
Prof.Doutor Reinaldo dos Santos Av. A. A. de Aguiar 142	Professor da Faculdade de Medicina Director do Serviço C2CD do Hosp. Escolar	Estágio de cirurgia	1940-41
Prof. Dr. Pulido Valente R.de S. Filipe Nery 80 - 1º	Prof. da Faculdade de Medicina Dir. do Serv. M2B do Hospital Escolar	Estágio de medicina	1935
Dr. Fernando Matos Chaves Av.Fontes P. de Melo 7 - 1º	Director do Serv. Nº 3 do Hospital dos Capuchos	Estágio de Medicina	1939-40
Dr. Leite Lage R. Pedro Nunes 17 - 1º	Director do Serv. Nº 5 do Hospital de D.Estefânia	Estágio de pediatria	1935
Dr. Martinho Rosado P. de D.Luis 17 - 1º E	Director do Serv. Nº 5 do Hospital dos Capuchos	Estágio de Cirurgia	1937-38

2º ano - Estágios Médico-sociais

Prof. Dr. Francisco Gentil R.das Praças 49	Professor da Faculdade de Medicina Director do Instituto P. de Oncologia	Estagio,de Hig^ne S.do Cancro	1935

Dr. Tovar de Lemos R. Maria Andrade 50	Director dos Dispensarios de Higiene Social de Lisboa	Est. de Higiene Social de doenças venéreas	1935-36
Dr. Arbués Moreira R. Castilho 11 - 1º E	Director do Hospital-Sanatório da Ajuda	Est.de Higiene Social da Tuberculose	1936-37
Drª D. Branca Rumina R.N.de Stº Antonio 37 - 2ºE		Est.de Higiene Social Infantil	1935-36
Prof. Dr. Freitas Simões R. da Quintinha 68	Professor da Faculdade de Medicina Director da Maternidade Magalhães Coutinho Bastonário da Ordem dos Médicos	Estágio de Obstetrícia	1943-44

3º ano - Estágio de iniciação ao trabalho social

Prof. Dr. Barahona Fernandes		Est.de Higiene Social Mental de Adultos	1937-38
Dr. Vitor Mereira Fontes		Est.de Higiene Social Mental de Creanças	1937-38
Dr. Artur de Oliveira Ramos		Serviço de Menores delinqüentes e em perigo moral	1937-38

Estágio Final - Prática de Serviço Social

D.Maria José Lencastre Viana R. Luciano Cordeiro 87 - 3º	Assistente Social Monitora do Centro Social do Instituto de Serviço Social	Estágio de Serviço Social	1943-44

Anexo AD

Personalidades estrangeiras em visita ao Instituto de Serviço Social, 1935-44

In "Exposição acerca do Instituto de Serviço Social entregue ao Ministro da Educação Nacional em Outubro de 1944". Documento dactilografado com sessenta páginas, p. 341. L.d.: ANTT (Lisboa), Fundo da Presidência do Conselho de Ministros / Arquivo Salazar / Correspondência Oficial / Educação / Educação-diversos (1928-1968), AOS/CO/ED-1G, Pasta 7, Fls. 303-362

Anexo XII
(continuação)

BIBLIOTECA NACIONAL
ARQUIVO
SALAZAR
LISBOA

PERSONALIDADES ESTRANGEIRAS

Embaixatriz de Inglaterra	Mrs. Selly
Ministros de França	
Prof. da Faculdade Católica de Lille	Rev. P. Delbos O.P.
Prof. da Faculdade de Direito de Paris	Prof. François Perroux
12 Industriais do Comité de Org. profissional de Paris vindos a Portugal para estudar a organização social	
Delegado da Alta Cultura Italiana	Prof. Leo Magnino
Fundadora da Escoal Social Catolica do Chile	Melle. Isquierdo
Delegada da Liga Feminina e Social de França	
Delegada da Escola de Serviço Social de Bruxellas	
Delegada da escola de Serviço Social de Provença	
Directora dos Serviços de Enfermagem de Fundação Rockfeller na Europa	Miss Elisabeth Crowell
Director da Fundação Rockfeller	Dr. Rolla Hill
Representante dos Serviços de Assistência durante a guerra do National Catholic Welfare	Eileen Egan
Procurador da Republica Francesa e Professor de Direito	Prof. Canat

Anexo AE

Lévêque, Marie-Thérèse (1937), “Le service social est-il une profession?”, UCISS, *Compte Rendu des Journées Internationales d´Études pour les Auxiliaires du Service Social*. Paris, 11-13 juillet 1937, Anvers: S.C. Lux Imprimerie, pp. 58-79.
L.d.: CARHOP (Bruxelas), Fundo UCISS, Fardo 304

Service Social et Profession

Cette deuxième journée s'ouvrit très heureusement sous la brillante présidence de M. ZAMANSKI, président de la Confédération française des Professions, reprise l'après-midi par M. LEFAS, le très distingué sénateur d'Ille et Vilaine, et par M. le Chanoine BELPAIRE, conseiller moral de l'U. C. I. de S. S.

Ce fut Melle LEVEQUE, l'infatigable directrice de l'Institut de Service Social de Lisbonne, qui dans un rapport, d'une remarquable élévation de pensées, répondit à la question soulevée pour cette journée :

Le Service Social est-il une Profession ?

Tout d'abord je voudrais que l'on m'excuse de prendre la parole. Parmi tous ceux qui m'entourent ici, j'en connais de nombreux, tellement plus qualifiés que moi pour le faire, — et dont la science et l'expérience ne peuvent être mis en doute par personne, tout au contraire des miennes qui peuvent l'être par tous avec juste raison.

Je m'enhardis donc à avouer que je ne suis ici que par obéissance confiante envers des « aînés sociaux » que j'admire et que j'aime, et auxquels je ne demande en échange de cette soumission, comme je le demande à vous tous, qu'une critique aussi détaillée, et sincère que possible de ce que je vais essayer de dire. De cette façon, comme certainement l'exposé très imparfait qui va suivre, ne vous apprendra rien que vous ne sachiez déjà, il servira au moins à nous éclairer, par la discussion, sur des points de vue personnels ou généraux que nous aimerions tous connaître pour les comprendre, élargissant ainsi notre vision sociale.

Je m'excuse aussi à l'avance des lignes très générales suivies pour le résumé suivant. Je n'ai pu obtenir, en temps voulu, les travaux demandés à divers pays, et qui m'auraient aidée à bâtir une véritable synthèse de l'évolution du service social jusqu'à sa forme professionnelle actuelle ; il a fallu se contenter de quelques indications clairsemées dans divers ouvrages, et noter seulement certaines phases qui ont paru valables pour l'ensemble des contrées proches de la nôtre.

Je serai très reconnaissante des indications et des critiques qui me seront données ou faites à ce sujet.

Enfin, pardonnez-moi de ne pas aborder cet exposé par son côté purement technique... Je ne sais si vous serez de mon avis ; mais il me semble que plus on est plongé dans le travail pratique, absorbant, et ses détails, sa poussière d'actes de chaque heure, de chaque jour, plus on a soif de comprendre justement « l'action », de l'aimer en lumineuse connaissance, d'envisager sa raison d'être, ses aspects moraux et leur valeur profonde. Ceci ne peut être obtenu qu'en remontant aux principes essentiels, à ceux qui donnent à chaque instant de notre vie, à la fois raisonnable et d'élan, sa beauté particulière, et nous aident à marcher droit, sans trop de défaillances, vers le but fixé par notre état « d'assistantes, d'auxiliaires » sociaux : l'amélioration et l'élévation du sort du prochain.

Quand nos pauvres et merveilleux yeux humains essayent d'analyser la beauté d'un ciel nocturne, ils distinguent des masses d'étoiles ne produisant qu'une luminosité blanchâtre et confuse, d'autres astres ne se révèlent que par un point minisculè, d'autres plus grands brillent net et clair ; d'autres enfin sont larges, se détachent distinctement de leurs compagnons, et non seulement projettent une lumière forte, mais la rayonnent autour d'eux par des lignes brillantes, ou la diffusent par une sorte de halo, de ceinture de clarté qui semble les agrandir encore.

Toutes et chacune de ces étoiles contribuent à la splendeur totale de la nuit ; et notre intelligence conçoit bien que les plus imperceptibles, les moins importantes pour nos pauvres yeux à vision limitée, sont peut-être plus belles que celles qu'il nous est donné de voir et d'admirer, grâce à leur proximité relative.

Ainsi en est-il du travail et des activités humaines ; chaque partie du travail total, si elle est noblement comprise et consciencieusement exécutée, possède, si humble et inconnue soit-elle, une immense valeur morale, et contribue à la beauté et à la grandeur de la somme des efforts humains.

Cependant, si comme nous tenons à l'affirmer bien haut dès le début de cette étude (et comme nous ne le perdrons jamais de vue pendant les discussions qui suivront), tout travail, quel qu'il soit, peut avoir exactement la même importance invisible et spirituelle, il est vraiment impossible de nier, que, qualitativement et humainement au moins, certaines activités ne soient plus nécessaires, plus difficilement remplaçables que d'autres ; que certaines ne possèdent en elles-mêmes une richesse, un rayonnement plus grands, ne soient facteurs de répercussions plus nombreuses, que certaines ne soient intérieurement fortes d'un potentiel, d'un dynamisme qui n'animent pas les autres ;

que les unes ne soient plus mécaniques matériellement, les autres plus créatrices socialement.

Le service social est de ces dernières. Pour le mieux comprendre, il est nécessaire de rappeler rapidement les étapes de sa progression jusqu'à sa forme actuelle.

* * *

Depuis que les hommes sont, et qu'ils souffrent, l'entr'aide s'est manifestée parmi eux. Cette entr'aide relative et incomplète qui excluait, même chez les peuples évolués, comme les Egyptiens et les Juifs, l'assistance aux esclaves, aux étrangers, aux ennemis, n'est devenue parfaite, en son principe, qu'avec l'avènement du Christ, qui révéla au monde la notion de charité totale envers le prochain, sans distinction d'âge, de sexe, de caste, de croyances.

Depuis les diaconats dont l'organisation comprenait déjà en germe, et en fait, quelques unes des principales caractéristiques du service social moderne, jusqu'à nos jours, la charité et l'assistance n'ont cessé d'évoluer dans leurs manifestations. Elles ont suivi les fluctuations de la vie et des événements à travers les siècles, se concrétisant en réalisations là où les possibilités et les besoins le permettaient et le demandaient.

D'embryonnaires et dispersées dans leurs tentatives, à cause des cadres de vie qui les entouraient, elles devinrent lentement plus généralisées. Elles subirent l'influence des changements politiques, sociaux, économiques ; les uns créant des Etats et des puissances centrales et coordinatrices dans ces Etats, les autres abaissant petit à petit les barrières matérielles entre les hommes, et facilitant à la fois les communications et les échanges d'expériences.

Au fur et à mesure de cette évolution humaine, souvent douloureuse et toujours tâtonnante, la science d'observation des faits s'enrichissait sans cesse. Les besoins humains furent alors mieux connus et compris, non seulement dans leur extension, mais aussi dans leur nature.

Les œuvres charitables et d'assistance s'organisent davantage, ne firent plus uniquement œuvre d'amour, mais déjà de justice et de raison.

L'action charitable et d'assistance, s'amplifiant, s'élargissant, se rapproche de notre conception actuelle de l'action sociale, et un problème se précise, de plus en plus difficile à résoudre, celui de la recherche et de formation d'un personnel compétent pour mener à bien les réalisations qu'on jugeait désirables.

Après l'avènement du Christ, l'Eglise ayant été presque seule détentrice ou organisatrice des œuvres charitables et d'assistance, la question du personnel ne se posa pas. Elle ne s'est pas posée davantage pour l'admirable et immense théorie d'œuvres et de créations qu'elle n'a cessé de susciter, d'entretenir et de vivifier, depuis des siècles, en s'adaptant aux nécessités les plus diverses. Mais elle ne pouvait suffire à tout. En France, par exemple, au 6ème siècle, le Concile de Tours réclamait lui-même l'intervention financière des autorités civiles, l'Eglise étant dans l'impossibilité, dès cette époque, d'assumer seule la charge de l'assistance.

Un double courant se produit donc, plus ou moins tôt selon les pays. L'Eglise garde, partout où elle a influence prépondérante, une part extrêmement grande de l'assistance ; et, parallèlement ,se forme un autre courant, par lequel l'action charitable et d'assistance ne cesse de se séculariser, de se centraliser par étapes dans la plupart des grands Etats.

Dès le 16ème siècle, dans certaines contrées, la schématisation était devenue assez forte pour qu'on s'essayât à ré-individualiser l'assistance, à l'aide de bénévoles qui étudieraient les besoins de chacun des assistés. Puis, Calvin tente de rétablir les diaconats de l'Eglise primitive, espérant, au moyen de cette rénovation, obtenir une assistance plus technique, un personnel dévoué et régulier. Mais les diaconats ne se développèrent que lentement, et seulement dans les pays ayant adhéré à la Réforme.

Au 17ème siècle, Saint-Vincent de Paul réunit sa première confrérie féminine bénévole, qui devait prendre soin des enfants abandonnés, et la première confrérie masculine, chargée de l'organisation du travail des pauvres et de leur apprentissage.

Ayant senti combien des dévouements plus réguliers et compétents étaient nécessaires, il se décida, seize ans plus tard, à fonder la confrérie des « Filles de la Charité » afin de remplacer avantageusement les aides bénévoles et insuffisamment préparées.

Il fit de ses « Filles » des religieuses, consacrées entièrement à leur tâche d'assistance, et munies d'une formation théorique et pratique excellente pour l'époque.

L'évolution continue, avec les expériences d'Hambourg et d'Elberfeld, l'assistance tend de plus en plus à redevenir familiale, et individualisée ; mais tout en s'ordonnant davantage, et en bénéficiant de l'appui officiel des décrets gouvernementaux, elle reste confiée presqu'entièrement à des bénévoles sans formation réelle.

Dans la première partie du 19ème siècle, Ozanam établit en France les principes d'une assistance sociale méthodiquement et très chrétiennement comprise, effectuée par des séculiers ; tout ce qu'il préconise et applique avec succès, est repris entièrement, et développé 36 ans plus tard, par la Société d'organisation de la Charité de Londres, dont le règlement décrète que « Les agents des œuvres chari-

tables seront guidés par des instructions générales écrites, et devront se former par des lectures et un stage pratique ».

En Amérique, des sociétés d'organisation de la charité, filles indirectes de l'initiative du grand Ozanam, et sœurs de celle de Londres, se multiplient et progressent techniquement. Devant la nécessité grandissante d'un personnel capable de répondre aux nouvelles conceptions de l'action sociale, la société d'organisation de la charité de New-York crée, à la fin du 19e siècle et à titre d'expérience, (comme déjà cela s'était fait dans d'autres pays) des cours destinés à la formation de ses agents bénévoles ; elle fonde ensuite à l'instigation de Mary Richmond « L'Ecole de Philantropie ». Cette école devait lui faciliter le recrutement de collaborateurs avertis. Sans cette liaison humaine entre ses œuvres et leurs assistés, la Société avait compris qu'il lui devenait impossible d'agir sur ceux-ci avec efficacité, et d'individualiser intelligemment l'assitance.

Cependant, dès le début du 19e siècle surtout ,les besoins n'avaient cessé de grandir en étendue et en complexité. L'industrialisation s'étendait à de nombreuses contrées, bouleversant les conditions et le marché du travail ; l'application de découvertes scientifiques récentes, accompagnée du développement rapide des moyens de transport, de l'augmentation sans cesse croissante de la population des villes, tout s'enchevêtrait pour bouleverser les connaissances, les cadres sociaux, les vies.

La structure des sociétés les plus mêlées à ces modifications profondes, se métamorphosait en s'éloignant de ce qui pouvait subsister du système patriarcal primitif.

Dans le surpeuplement urbain surtout, l'isolement se fit autour de l'homme qui tendit à devenir « l'individu, notion abstraite, en face de l'Etat, autre notion abstraite. » (1)

Pour ceux qui vivaient plus en marche du mouvement transformateur, dans les petites agglomérations, la situation était également faussée ; ils subissaient les répercussions d'une évolution trop rapide, et qu'ils ne comprenaient pas, en jouissant, peu ou mal, des améliorations qu'elle aurait pu apporter.

L'Etat devint, plus ou moins, selon les régimes, le régulateur de la vie sociale et familiale, mais les événements presque toujours précédèrent les réalisations officielles et les lois ; celles-ci apparurent, trop souvent, créées ou promulguées sans réel plan d'ensemble, cherchant à répondre à des besoins déjà probants plutôt qu'à les prévenir. On a dit d'elles, avec justice, qu'elles ont joué le rôle de la médecine symptomatique, plutôt que celui d'une thérapeutique rationelle. » (2)

(1) Simone Gouïn : Courte étude inédite sur le rôle de l'Assistante sociale.
(2) Simone Gouïn : Œuvre déjà citée.

Les œuvres et les organisations privées se multiplièrent pour répondre aux nécessités qui croissaient de tous côtés ; mais, comme elles devaient parer au plus pressé, la création se fit sans ordre, sans coordination effective entre les œuvres elles-mêmes et avec les organisations officielles.

De plus, tandis que la loi et les réalisations publiques n'envisageaient que la « catégorie » en négligeant l'homme, les initiatives privées, à cette époque, ne considéraient, en général, que le côté individuel et familial de leur action, sans songer suffisamment à la collectivité.

Heureusement les situations extrêmes provoquent presque toujours des réactions salutaires ; en face de la désagrégation accélérée de certains modes de vie, les humains s'organisent à la fois pour se défendre, et pour s'adapter aux rythmes modernes.

Pendant que le mouvement socialiste s'étend, l'Eglise, qui n'a pas cessé de multiplier les appels à l'organisation chrétienne de la société, promulgue « Rerum Novarum ». De cette Encyclique-programme jaillit un puissant courant chrétien-social provoquant des initiatives importantes et fécondes, pour le relèvement du niveau de la vie populaire et l'éducation ouvrière et patronale.

De tous côtés des méthodes s'affirment, des techniques se rejoignent qui, visant aux mêmes buts, tendent à s'unir pour obvier à leur inefficacité fragmentaire. Les travaux des sociologues commencent à porter leurs fruits ; les phénomènes économiques sont étudiés de très près.

Des notions générales s'imposèrent alors ; on comprit, pratiquement, que tout effet provient d'une cause et ne peut être traité indépendamment ou sans préoccupation de cette cause ; que les hommes sont interdépendants les uns des autres, de telle sorte que ce qui touche un être humain atteint souvent aussi ceux qui l'entourent ; qu'il y a interaction perpétuelle entre l'homme, son milieu et le cadre social dans lequel il vit, et que toute action dirigée vers le bien individuel ou général, ne doit, pour être efficace, négliger aucune de ces répercussions humaines.

On conçut qu'en face de la complexité des souffrances et des besoins de l'homme, l'union de toutes les connaissances, de toutes les techniques et de toutes les forces ayant pour but l'amélioration du sort humain étaient nécessaires, et le **service social** naquit de cette compréhension et de cette union.

* * *

La grande nouveauté qu'il apportait consistait en une synthèse étudiée de tous les moyens de guérison, de préservation, d'éducation,

d'élévation humaine, jusque la disséminés, et appauvris de ce fait.

Cette union, cette synthèse, s'était réalisée par paliers, à travers les expériences de ceux qui, se dévouant à l'assistance, aux œuvres médico-sociales et à l'action sociale, sentaient profondément toutes les lacunes de leurs travaux, et combien la cohésion des efforts et des techniques devenait indispensable pour obtenir un système réellement réparateur et constructif.

Par leur exemple et leurs observations, ils firent comprendre le besoin d'une personne humaine qui opèrerait une liaison intelligente et sensible entre les administrations anonymes, les lois générales par définition, les réalisations sociales, dispersées par la force des choses, et les assistés, les hommes, dont chacun représente un cas et des besoins individuels. Ils démontrèrent la nécessité d'un agent qui, par l'étude analytique des faits, la coordination et la synthèse des moyens, assouplirait, perfectionnerait le rendement des créations sociales, tout en essayant d'assurer la guérison, l'adaptation, l'élévation des êtres confiés à son action.

Les résultats de leurs travaux furent assez probants pour que cette conception améliorée du travail social s'imposât rapidement.

Les travailleurs sociaux, les assitants et auxiliaires de services sociaux (comme on les nomme selon les pays) se multiplièrent ; ils furent vite reconnus utiles, et même indispensables, dans tous les cas nombreux, où une connaissance profonde des êtres et de leurs besoins réels est nécessaire, où leur adaptation à un groupe, leur relèvement, ne peut se réaliser solidement sans cette connaissance.

Ces travailleurs sociaux, aux prises avec les difficultés, tout en imposant leur action par sa valeur même, l'étudiaient, cherchant à comprendre quelles lois devaient la guider.

L'intuition, l'expérience, l'observation, les recherches scientifiques, les échanges internationaux permettant la comparaison fructueuse de réalisations diverses, tout servit à étayer et à éclairer la voie nouvellement suivie.

Des certitudes jaillirent. Il fut reconnu qu'on ne pouvait séparer la pratique du service social de l'étude de l'être humain tout entier, spirituel, physique et social, ni de celles de ses troubles psychiques et physiologiques ; qu'il était indispensable de ne pas dissocier l'action à exercer sur l'individu de celle à opérer sur le milieu social dans lequel il évolue. De ces principes découla l'obligation fondamentale d'unir au travail social pratique la connaissance de la sociologie, de l'économie politique, de la législation, des conditions habituelles, normales ou anormales, de l'existence humaine.

La nécessité d'une formation rationnelle s'avérait de plus en plus évidente pour ceux qui, voulant se consacrer à la pratique efficiente du service social, se devaient d'être instruits spécialement des besoins sociaux généraux et particuliers, des méthodes d'investigation de l'humain, des procédés reconnus d'une utilité certaine pour l'obtention du redressement des êtres et l'amélioration de leurs vies.

L'initiative de St Vincent de Paul s'adressant surtout à l'adoucissement du sort des enfants et des malades, rejoignait ainsi à travers les siècles, les essais de formation pour les aides bénévoles de l'assistance, l'éducation et les techniques nouvelles donnée et enseignées aux collaborateurs des œuvres médico-sociales et aboutissait à la création des écoles de service social.

Depuis plus de vingt ans ces écoles se multiplient sur plusieurs continents et chaque année en voit naître de nouvelles, Les études, à la suite de réunions et de congrès internationaux, s'y égalisent progressivement pour toutes les notions de base. Les procédés d'application du service social, et de formation technique, y sont étudiés de façon à correspondre aux nécessités particulières de chaque contrée.

Au fur et à mesure de la progression du service social en complexité, devant les exigences de formation profonde qu'il imposait, l'amateurisme y diminua rapidement et tendit à un effacement presque total. La bonne volonté, et même l'attirance, étaient devenues insuffisantes pour l'exercer. Le choix capricieux du bien à faire et des êtres à aider devait en être banni.

Il fallait aller vers tous ceux qui avaient besoin d'appui, quelquels qu'ils soient, sans distinction, même et surtout si opposés de nature et d'opinions qu'ils aient pu paraître.

Il fallait comprendre celui qui demandait aide ou à qui on la proposait, à la fois dans sa personne humaine totale et comme élément de la collectivité, et être assez averti pour ne jamais sacrifier inutilement l'un à l'autre.

Il fallait être capable d'étudier, d'aider, de guider, de relever les individus, d'agir en large collaboration, en union constructive avec toutes les organisations existantes, privées ou publiques, utiles à l'homme.

Il devenait nécessaire que le travailleur social fut capable de tirer de tous les sentiments soumis à son cœur, de tous les faits jugés par son intelligence, un enseignement personnel et général pouvant susciter des réalisations sociales progressantes et meilleures.

La tâche s'affirmait absorbante, exigeant presque tout le temps, la compréhension et le cœur de ceux qui désiraient s'y donner ; il devint alors naturel qu'on cherchât, en échange, à assurer à la fois leur vie, leur dignité et leur indépendance par une rémunération raisonnable.

* * *

C'est ainsi qu'ils devinrent, en fait, des professionnels. Les études, sanctionnées par des diplômes, ces diplômes recevant dans bien des Etats, une consécration officielle, et ouvrant aux auxiliaires sociaux des carrières à la fois administratives et sociales, tout convergea pour faire du service social une profession qui, progressivement, fut admise comme telle par la coutume.

Si les différentes activités humaines, officiellement exercées et reconnues par l'usage sont multiples et presqu'incalculables, on constate cependant que les termes employés pour les désigner génériquement existent en quantité restreinte (tout au moins dans notre langue) et possèdent une valeur interne, un « contenu » parfois si proche que l'on éprouve de ce fait, une difficulté réelle à classer certains travaux sous une étiquette indiscutable. Naturellement, plus le travail à classifier est riche de valeur et de conséquences, plus le choc produit est vif, en notre intelligence et notre sensibilité, entre la puissance d'évocation du terme proposé et la notion de l'activité que nous désirons ranger sous une rubrique ; plus la dénomination générale nous semble pauvre, froide, inadéquate, et lointaine de cette activité.

C'est exactement ce qui se produit pour le service social.

Il est si complexe à définir, touche à tant de problèmes différents, englobe tant de travaux distincts unis par un but commun ; il s'enchaîne avec tant d'activités limitrophes, il emploie une diversité telle de moyens, et possède une si grande richesse d'influence humaine, qu'on hésite à donner une classification fixe à l'activité de ceux qui l'exercent.

Parmi les dénominations proposées : état, charge, emploi, fonction, semblent devoir être écartés, parce qu'ils ne désignent pas, obligatoirement, une activité supposant des connaissances et une technique précises.

Il nous reste le mot « métier » qu'on oppose parfois, sans raison au terme « profession ». Le dictionnaire lui, ne les oppose pas, et renvoie même assez indistinctement de l'un à l'autre. On le conçoit mieux lorsque l'on constate que la racine latine de métier n'est autre que « ministerium » d'où provient également le mot « ministère » employé pour désigner des activités très dissemblables de ce que nous considérons légitimement comme un métier, par exemple : le ministère du prêtre. La confusion se fait encore plus grande lorsque le dictionnaire après avoir indiqué que le terme « métier » s'applique de préférence aux professions manuelles ou mécaniques ajoute : métier = profession quelconque; il donne alors en exemple : le métier des armes, faisant immédiatement surgir dans notre esprit une conception bien différente de celle d'une simple activité manuelle ou mécanique, c'est-à-dire : l'état volontaire de soldat ou d'officier, avec toute la responsabilité, le dévouement total à la patrie qu'il suppose, ou même exige bien souvent, et qui lui confère une valeur toute spéciale.

Quoiqu'il en soit et puisque nous devons choisir entre deux termes : profession et métier, reconnaissons qu'un dépit de leur quasi-synomymie et de leur emploi différent dans de nombreux cas, la force de l'usage les a fait, en général, se différencier peu à peu, laissant à l'un une signification plus matérielle, et donnant à l'autre une portée plus intellectuelle et plus sociale.

Conformons nous donc à l'usage et admettons que malgré toute la part d'activité matérielle qu'il peut comporter, le service social est beaucoup plus proche d'une profession que d'un métier.

Qu'est-ce que donc qu'une profession ? ou, plus exactement, quels sont les principaux points communs à l'ensemble des professions ? Voici la définition que nous proposons, en sachant bien qu'elle est comme toutes ses semblables, approximative et incomplète.

Une profession est une forme d'activité spécialisée :

a) répondant à certaines traditions, nécessités, ou besoins sociaux ;

b) pour l'exercice de laquelle l'étude de connaissances déterminées et l'acquisition d'une technique appropriée sont requises et nécessaires ;

c) de l'exercice de laquelle on peut, légitimement, espérer un gain.

Le service social répondant, en principe, à toutes ces conditions, peut donc être considéré, logiquement, comme une profession pour ceux qui l'exercent.

Cependant, comme nous l'avons déjà remarqué, nous ne pouvons nous défendre d'une impression d'insuffisance, de froideur vague, en sentant le terme « profession » accolé à une activité aussi profondément humaine que le service social.

Pourquoi éprouvons-nous ce sentiment d'imperfection du terme, d'insatisfaction de notre intelligence en face de lui ?

C'est que le service social ne possède de la profession que certaines modalités générales extérieures. Expliquons-nous :

L'action visible, contrôlable, parfois réglementée, enfermée dans certaines techniques observables, et même mesurables, différenciées selon les spécialisations ,mais sensiblement les mêmes à l'intérieur de chacune de ces spécialisations, n'est qu'un des aspects du service social, celui qui l'apparente le plus à une profession. Il est, cet aspect, le plus frappant pour ceux qui regardent du dehors, mais le moins important pour ceux qui cherchent à comprendre totalement le service social, dans son essence et dans son but.

Pour de très nombreuses professions les mêmes travaux effectués (3) et les mêmes techniques régulièrement observées, aboutissent à des résultats presqu'automatiquement semblables.

Dans le service social la réalité est toute autre ; cela est si vrai que, sans une droite connaissance, on peut, facilement, confondre le service social avec son habile contrefaçon ; s'imaginer, par exemple, qu'un travail social sérieux doit fatalement être obtenu en réunissant une accumulation de statistiques et de visites, sans comprendre qu'il ne s'agit pas ici de quantité, d'étendue d'action impressionnante, mais, avant tout, de profondeur et d'esprit.

Cela est encore plus évident si l'on songe que tout en suivant en apparence les mêmes techniques que ses collègues, en se soumettant aux mêmes règles professionnelles, en accomplissant strictement les mêmes actes contrôlables, et irréprochables en fait, un auxiliaire social peut être :

un facteur très précieux d'organisation sociale,

ou bien un rouage inutile et coûteux,

ou un destructeur d'énergies et de saines directions de vie, un dangereux élément de désordre.

Ces deux dernières affirmations nous semblent impossibles à réfuter étant, hélas, parfois contrôlables.

Il est évident que le service social peut être, selon la sentence fameuse « la meilleure ou la pire des choses ». Cette constatation suffit à prouver que la notion simple de profession est infiniment dépassée, en deçà et au delà, par l'exercice du service social, et son importance, sa valeur, son utilité réelles, ne résident pas dans l'accomplissement d'une stricte tâche professionnelle, mais dans les directives intérieures, de base, qui guident celle-ci et dans le but qu'elle se propose.

Le service social noblement compris se différencie donc encore de multiples professions, en ce qu'il exige de ceux qui l'exercent une vocation éprouvée, un dévouement total et éclairé à l'humain, un idéal très droitement déterminé, une attitude de vie profondément morale.

Il ne peut être sainement créateur qu'à ces seules conditions.

* * *

Car le service social est, parmi quelques autres activités particulièrement humaines et sociales, une de celles qui, le plus adéquatement, répond à la mission de la société dont le rôle consiste à promouvoir le bien commun.

Comprenons-nous bien. Il ne s'agit nullement, pour nous, de

(3) J'entends : à l'intérieur d'une profession déterminée.

mettre le service social au dessus de tout, de lui faire englober des travaux qui ne sont pas siens, avec lesquels il n'effectue qu'une coordination ; ou d'étendre tellement son rayon d'action qu'il n'en devienne faussement compris. Nous n'oublions pas davantage le principe énoncé au début de cet exposé, et qui reconnaissait la grandeur et la beauté spirituelle de tout travail humain noblement accompli quelle que soit sa nature. Ce rappel suffit, nous l'espérons, à prouver qu'il est loin de notre pensée de faire, ou de provoquer des comparaisons plus ou moins péjoratives avec des activités proches ou limitrophes du service social.

Nous désirons seulement, en nous référant, à la définition du service social énoncée durant la 5e Conférence Catholique Internationael de Service Social et en nous appuyant sur certains modes d'action qui lui sont spécifiques, démontrer combien les répercussions de son exercice sont profondes dans le domaine du bien commun ; dans quelle mesure il dépasse, là encore, la notion et le rendement habituels d'une profession.

Que désigne-t-on par bien commun? (4)

Pour beaucoup qui se contentent de la simplicité matérielle et fausse des apparences, et ne cherchent jamais le sens moral ou profond des mots, le bien commun représente la somme des biens et des intérêts particuliers recherchés en toute liberté.

Cette conception est complètement erronée et doit être rejetée.

Comme le fait remarquer une plume autorisée, l'addition d'intérêts individuels, le plus souvent contradictoires et opposés, ne peut en aucune façon, constituer un bien commun utile à tous.

Un bien commun ne peut être, exclusivement, quantitatif ; il doit être, avant tout, qualificatif, où il n'est pas.

Qu'entendons-nous donc par bien commun ?

Voici : L'homme ne possède pas, seul, un bien privé, qui lui permette son plein épanouissement ; il ne vit en société que pour suppléer à son insuffisance personnelle.

La société doit donc mettre, à la disposition de l'homme, un bien commun qui lui permettra de remédier à l'indigence de ses ressources propres, et de réaliser, dans sa plénitude, l'idéal humain. Ce bien commun ,cet idéal social, est, à lui seul, la raison d'être de la société.

De quoi est fait le bien commun ?

D'après la doctrine thomiste il se compose :

Des forces morales qui agissent directement sur les âmes et con-

(4) Pour tout ce qui va suivre et qui concerne le bien commun voir :
R. P. Hugueny O. P. : Mélanges thomistes ;
R. P. Rutten O. P. : La doctrine sociale de l'Eglise ;
R. P. Gillet O. P. : Conscience chrétienne et Justice sociale.

tribuent le plus efficacement à la formation des esprits et des cœurs.

Des forces matérielles de l'Etat, mises au service des forces morales, (et qu'on ne doit pas confondre avec les ressources privées des individus), comme, par ex. les garanties d'hygiène, de sécurité, d'échanges, tout ce qui est indispensable pour assurer l'activité normale des citoyens.

De la puissance de l'autorité publique mise au service des forces morales et des forces matérielles. Ces forces réunies doivent garantir à tous les hommes la possibilité de pratiquer l'essentiel de leurs devoirs ; au plus grand nombre possible le large développement de leur vie d'esprit et de cœur ; à l'élite, le moyen de mettre en valeur ses dons exceptionnels. (Il va sans dire qu'en disjoignant, pour la facilité et la clarté de l'exposition, ces forces distinctes, nous n'entendons pas les séparer en fait ; et que le bien commun ne peut exister que dans l'échange, la compénétration constante et vivifiante des forces qui le constituent).

Les individus eux-mêmes, qui ne vivent en société que pour vivre en hommes selon les exigences irréductibles de leur nature raisonnable, doivent contribuer perpétuellement au bien commun, en faisant, pour la réalisation de l'idéal social, ce à quoi les oblige personnellement leur idéal d'homme.

C'est de la coordination de leurs efforts, autour de ce même idéal humain, que résultera un bien commun réel et qualificatif, facteur d'équilibre social, combattant l'individualisme déréglé, mais par lequel la personne humaine est ennoblie, fortifiée « les citoyens y servant la société pour avoir le droit de s'en servir. »

Ceci mis au point, n'entrevoyons-nous pas déjà combien le service social, bien compris, sert à merveille cette conception transcendante du bien commun ?

En effet, d'après la définition proposée par l'Union Internationale catholique :

« Le service social est une forme d'activité sociale qui, par des moyens techniques appropriés, veut promouvoir la constitution ou le fonctionnement normal des cadres sociaux nécessaires ou utiles à l'homme, **pour autant que ceux-ci soient incapables d'y pourvoir par leurs propres moyens.** (*) En général, il est l'ensemble du travail social coordonné et méthodiquement accompli par des agents compétents, techniquement préparés... » (5)

Le service social fait donc partie des **forces morales** qui compo-

(*) Souligné par l'auteur.

(5) Mlle Baers citée par M. Rubbens : Bases morales et sociologiques du service social. Rapports généraux 5e Conférence Internationale Catholique de Service social, Bruxelles 1935.

sent le bien commun, et, à tous ses degrés, il contribue efficacement à la formation des esprits et des cœurs.

Dans le service social des cas individuels et dans le service social familial, l'auxiliaire social agit par contact direct, d'âme à âme, « il doit replacer, par tout un travail d'aide et d'éducation, les individus et les familles dans des conditions normales d'existence, en suscitant l'effort personnel d'entr'aide et de réadaptation. » (6)

Il y a là, préalablement, étude respectueuse de l'être humain, puis, connaissance de toutes les ressources intérieures de l'individu sur lesquelles on devra s'appuyer constamment, en les fortifiant, pour augmenter son bien privé ; coordination des ressources extérieures qui peuvent être utiles à son relèvement, à sa guérison, à sa préservation, aide attentive, prolongée, influence profonde.

Puis le travail extérieur de cadre et de nécessité étant accompli, la formation morale indispensable s'affirmant déjà acquise, on peut aller plus loin dans l'humanité même ; maintenir l'être dans la voie nouvelle, l'intégrer ou le réintégrer plus sûrement dans son milieu social normal ; l'attacher solidement à sa vocation d'homme en l'élevant, en lui faisant comprendre et aimer les devoirs qui le rendront utile à ceux qui l'entourent.

Il ne s'agit pas seulement, comme on le voit, de panser des plaies morales, de relever ceux qui sont tombés, mais de bâtir, « de former des esprits et des cœurs », de sauvegarder l'organisation familiale considérée comme groupe social nécessaire et de base.

Le bien commun comprend également **les forces matérielles de l'Etat mises** au service des forces morales.

Qui, plus pratiquement que l'auxiliaire social, connait ces forces matérielles qui doivent assurer aux hommes une activité normale ? qui, plus lucidement que lui, doit s'en servir et les servir ?

Il est, en effet, le carrefour vers lequel toutes ces forces matérielles, qu'il coordonne, vont converger pour aider l'homme. Une partie du programme des possibilités du service social étant « de parer aux troubles et malaises sociaux et d'en prévenir le retour par l'action directe sur les causes » (7) l'auxiliaire va se servir journellement de ces forces matérielles et les mettre, dans son domaine, au service des forces morales. Il augmentera leur valeur en les complétant les unes par les autres, en rendant ces forces plus adéquates à chaque cas, à chaque être ; en corrigeant, pour chaque individu, leur dispersion, leurs déficiences, leur systèmatisation ou schématisation trop grandes; en leur faisant produire pour chacun, en pleine efficience et utilité,

(6) Mlle Baers, id.

(7) Mlle Baers : même citation que les précédentes.

un rendement qui aurait été souvent inconnu, inutilisé, ou diminué sans son intervention.

Il les sert encore d'une autre manière, en suscitant, par ses observations et ses efforts, leur multiplication, leur progrès, leur création étudiée.

Tout en collaborant à l'usage des forces matérielles de l'Etat, le service social contribue donc profondément à la construction du bien commun, en **intensité,** et en **étendue.**

Il produit les mêmes effets en face **de la puissance de l'autorité publique,** en se faisant l'intermédiaire entre les individus et l'application des lois, et en coordonnant l'action de cette puissance dans tous les cas nécessaires, avec celle des forces morales et des forces matérielles.

Le service social met ainsi ces trois forces au service de l'homme et des groupes, soit pour relever ou élever ceux-ci, soit pour les défendre ; en adaptant ces forces à l'homme et aux groupes, en les leur faisant connaître, apprécier et s'y adapter eux-mêmes, en mêlant intelligemment et pratiquement leur action, il augmente le potentiel et le rayonnement de ces forces.

Nous espérons avoir contribué à prouver, par ces quelques réflexions, que le service social, en suscitant des échanges perpétuels et constructifs entre les diverses forces qui composent le bien commun, et en assurant, dans son rayon d'action, leur rendement maximum, est un précieux agent de ce même bien commun.

La richesse du service social n'est pas épuisée par ces échanges.

Un de ses buts principaux est « d'aménager de façon meilleure les divers cadres sociaux nécessaires ou utiles, et, par là-même, de contribuer, dans sa sphère propre d'activité, à l'instauration ou à la restauration de l'ordre social » (8). Cet ordre social fait partie intégrante du bien commun ; il résulte du jeu harmonieux des différentes forces, servies, enrichies loyalement par les hommes, et leur servant.

Le service social collectif lui apporte sa collaboration, en organisant ou réorganisant, là où le besoin s'en fait sentir, une vie sociale adaptée aux meilleurs besoins personnels et collectifs des individus, considérés, par exemple : comme membres d'une entreprise, d'une corporation, d'un groupement, d'une division territoriale, et en facilitant ainsi aux êtres groupés une vie plus humainement conçue, plus intelligente, plus éducative.

Nous avons affirmé, en nous référant à une plume très autorisée, que le bien commun ne devait pas être uniquement quantitatif ,mais qualitatif.

(8) Mlle Baers : même référence que les précédentes.

Uniquement n'est qu'une restriction ; et nous croyons ne pas être dans l'erreur, en pensant que, si de l'addition d'intérêts particuliers souvent contradictoires, ne peut résulter un bien commun réel, la multiplication des valeurs humaines doit, par contre, et dans un certain sens, augmenter l'intensité du bien commun et le rendre quantitatif et qualitaif à la fois.

Et ceci nous paraît être une importante contribution du service social au bien commun.

Nous avons résumé, dans l'étude du service social des cas individuels, (duquel on peut rapprocher, pour l'aspect qui nous intéresse, le service social d'institution) la méthode employée pour l'adaptation de l'individu au milieu et du milieu à l'individu. Nous désirons souligner la valorisation de l'être humain et du groupe qui en résulte.

Dans ce travail patient, l'analyse des moyens nous révèle : l'utilisation de toutes les richesses existantes ; l'élimination des déficiences, non par leur rejet, mais par leur transformation partielle ou totale en efficiences, grâce à la récupération de ce qui pouvait sembler perdu, et à la valorisation meilleure de ce qui pouvait paraître ordinaire. Il y a donc revalorisation comparative ; et l'on comprend quel apport donne au bien commun cette rééducation, qui fait passer les êtres du stade négatif à une vie normale et déjà dirigée vers le mieux.

Il y a plus encore. Le service social des cas individuels tend à rendre aux êtres une existence normale, souvent dans le cadre familial ou le groupement dont ils font partie. Le service social collectif, l'amélioration sociale des cadres, facilitent et ennoblissent les conditions générales de vie de ceux qui en bénéficient. Et voici que parmi les humains ayant profité de l'influence vivifiante du service social, certains plus doués, deviennent compréhensifs, enrichis par son exemple.

Ils ont senti et compris tous les bienfaits de l'entr'aide intelligente, étudiée et raisonnée, et se révèlent avides de partager avec d'autres la richesse immense qu'ils possédaient sans la connaître. Ils s'avèrent à leur tour capables d'organisation, de don, de rayonnement. Le « self-help » est le résultat de cette évolution.

La fonction éducative du service social a joué pleinement son rôle. Il peut disparaître. Le but de toute éducation n'est-il pas de former des êtres assez forts pour agir ensuite seuls, en droite liberté ?

L'individu suffisamment armé, conscient de sa responsabilité et de ses devoirs, organise lui-même, socialement, son groupe, aide les autres, avec la totalité de ses moyens, devient l'apôtre social de son propre milieu.

Depuis le plus humble degré jusqu'au plus élevé, cette ascension

humaine ne souligne-t-elle pas notablement la conception du bien commun que nous énoncions tout à l'heure ?

Et comment ne pas reconnaître dans ce fonctionnement individualisé et graduel du service social, l'aide importante apportée par lui à la réunion des « forces » qui « doivent garantir à tous les hommes la possibilité de pratiquer l'essentiel de leurs devoirs, au plus grand nombre possible le large développement de leur vie d'esprit et de cœur ; à l'élite le moyen de mettre en valeur ses dons exceptionnels » (9).

Quelle est puissante cette suite ininterrompue d'efforts qui part de l'être à réadapter, jusqu'à celui qu'on sauve de l'enlisement égoïste, par l'éducation sociale, en exaltant, en lui, les forces bonnes ; jusqu'à celui que l'on achemine vers la participation à une vie belle de tout le bien qu'il pourra répandre autour de lui, belle aussi par la séduction de l'idéal qu'il a désormais au cœur et qui le sauvegardera, lui permettant, peut-être, une ascension constante. Car, « tout ce que l'on fait pour le bien d'autrui ne lui est pas aussi salutaire que le bien qu'on l'amène à faire lui-même » (10).

Tout être a besoin de se donner ; libérer les richesses intérieures, en faire jaillir les possibilités, leur permettre l'épanouissement dans le don de soi aux autres, c'est propager la contagion du bien, c'est construire solidement pour le bien commun.

Il nous semble donc juste d'admettre, que relativement peu de travaux servent le bien commun avec une diversité et une ampleur comparables à celles du service social ; et qu'une « profession » génératrice de tels résultats, englobant des responsabilités si étendues, s'échappe loin des activités régulières et prévues. Elle est une perpétuelle création ; un don de soi qui n'a de limites que les possibilités raisonnables, et ne doit s'arrêter que là où il deviendrait préjudiciable, empiètrait sur la volonté propre de l'aidé et se substituerait à lui sans raison valable.

Ce respect total de la personne humaine, cette juste notion qu'il en préserve, face à la société ; le secret qu'il exige en général, et très particulièrement dans certains cas ; l'enrichissement perpétuel des moyens, des effets, et des échanges qu'il procure, éloignent toujours davantage l'exercice du service social de la simple idée de profession.

Dans les pays où il débute et où son action est essentiellement créatrice dans de nombreux domaines, on comprend d'instinct la valeur de service humain qu'il représente, l'immense tâche qui lui est dévolue, le dévouement constant qu'il comporte, l'idéal qu'il suppose ; et on le baptise « apostolat social ».

(9) Déjà cité : R. P. Hugueny O. P. : Mélanges thomistes.
(10) Abbé Thellier de Poncheville : Semaine Sociale Nancy 1927.

Dans d'autres contrées, où la vie, très organisée, laisse infiniment moins de place à l'initiative et à la découverte sociales, son aspect professionnel semble transparaître davantage. Mais partout, on le trouve accompagné d'un respect très grand de la part de ceux qui l'observent, et de l'attirance profonde de ceux qui s'y sont donnés. Il reste, malgré le voile de l'habitude qui entoure déjà ses manifestations pratiques, là où elles se développent depuis de nombreuses années, une activité différente de beaucoup d'autres dans l'esprit public, et garde une certaine auréole.

* * *

Etant donné la complexité et la difficulté humaine des travaux qu'il comporte, les responsabilités qu'il assume, le service social doit-il être réservé uniquement à des professionnels ?

Dans ses grandes lignes et ses directions cela semble totalement désirable. Permettre qu'il en soit autrement serait même très dangereux. Sauf les cas de génie, ou d'aptitudes exceptionnelles (et nous savons tous qu'ils sont la minorité) les compétences, en quelque matière que ce soit, s'improvisent rarement. Connaître peu le service social équivaut à le connaître mal, ou même à le méconnaître. Les inconvénients, les ignorances, les inhabilités, sont déjà bien regrettables chez les débutants professionnels, cependant éclairés ; ils deviennent très redoutables chez les non-initiés, auxquels toute la base théorique et pratique manque ,pour opérer un redressement de leur propre jugement ou de leur manière d'agir.

L'exercice du service social demande une véritable maturité d'esprit, des connaissances très sûres, et une science humaine qui ne peuvent s'acquérir que par l'étude et l'expérience. Si l'on exige une formation de plus en plus étendue et approfondie de ceux qui s'y consacrent, pourquoi donc retournerions nous illogiquement en arrière, et admettrions-nous, pour certains, la suppression de ce qui, partout et pour tous, s'impose comme une nécessité chaque jour plus évidente ?

Cependant, nous tenons à faire tout de suite ici, une distinction très nette entre les professionnels formés par une grande expérience et l'étude privée des sujets sociaux, bénévoles, volontairement sans gain, ou recevant un salaire, mais donnant une activité régulière ; restant, dans le travail fourni, exactement au même rang que les professionnels rémunérés et diplômés ; et les bénévoles pures, sans ou avec formation insuffisante.

Parmi ceux-ci, qui désirent consacrer leurs loisirs et leur dévouement au service social, sans préparation spécialisée, un choix judicieux

s'impose. Il n'y a aucune raison de ne pas exiger d'eux, dès l'abord, les qualités essentielles demandées aux futurs professionnels. Il les faut humbles, équilibrés, réguliers, sérieux, pleins de tact et avec le goût du don. S'ils acceptent les tâches qu'on leur propose, ils peuvent être très aidants. On peut utiliser, en eux, les aptitudes spéciales, et leur faire compléter l'action des professionnels dans tous les travaux de détails, qui prennent beaucoup de temps, et ne demandent pas une préparation profonde, par exemple certaines démarches, les travaux de secrétariat, certaines activités des œuvres de loisirs, des résidences sociales, des cercles d'éducation, etc... etc... où leurs apports seront extrêmement précieux, tout en déchargeant d'autant la direction générale.

Le contact des bénévoles peut aussi être utile par l'élément nouveau qu'il introduit dans le service social. Il arrive à ceux qui voient une activité avec des yeux neufs, d'observer des détails, de découvrir des différences échappant parfois à ceux qui, vivant constamment dans le même milieu, avec des responsabilités étendues, ont tendance à ne se préoccuper que de l'ensemble.

Ces aides bénévoles, comme ils restent beaucoup plus mêlés à la vie habituelle que les professionnels, peuvent également devenir cause du rajeunissement de certains travaux sociaux. N'y donnant qu'une partie de leur temps et de leur effort, il leur est possible de se consacrer intensément à ce qu'ils exécutent. Enfin, et surtout leur éducation sociale peut être faite progressivement par leur contact régulier avec le service social.

Un des plus beaux résultats du service social n'est-il pas d'éveiller ainsi, et d'utiliser, des vies et des âmes qui, sans son exemple, resteraient peut être inutiles et mal employées ? d'être orientateur d'activités qui se seraient peut être fourvoyées dans d'autres routes, de faire donner à des existences qui le côtoient, ou se mêlent à lui, même passagèrement, un rendement plus humain.

Il nous semble que ce doit être un devoir strict, pour tout travailleur social, de se servir, autour de lui, de toutes les bonnes volontés, ou des volontés tout court, (sans oublier les restrictions et le contrôle dont nous avons parlé plus haut) de « leur apprendre le jeu »(11) de les y faire participer ; de répandre dans sa sphère d'action l'éducation sociale, de resserrer les liens d'entr'aide entre les hommes, et d'augmenter la compréhension sociale générale.

On n'aime que ce que l'on connait ; et bien des vocations sociales ne se seraient jamais révélées si le service social était resté fermé à toute pénétration. Son rôle doit être ,au contraire, de susciter des collaborations nombreuses et ferventes dans tous les domaines, et de devenir ainsi révélateur et promoteur d'amour humain.

(11) Mary Richmond : Nouvelles méthodes d'assistance.

* * *

Si le service social est riche de tant de substance pour ceux qui l'exercent en toute conscience, loyauté, et volonté tendue vers le bien, que ne doit-il pas signifier pour les travailleurs sociaux, les auxiliaires, les assistants sociaux catholiques ?

L'Eglise n'a pas cessé de participer profondément à toutes les améliorations sociales depuis des siècles, de les susciter, de les soutenir, d'en donner l'exemple. Actuellement, de nombreux appels de nos chefs ne cessent d'indiquer aux catholiques la part immense qui leur est dévolue dans le mouvement social moderne. Ces appels se multiplient, appuyés par la réalisation d'initiatives d'une importance capitale : semaines sociales et écoles d'études sociales, syndicats, groupements de jeunesse avec services sociaux de self-help, œuvres éducatives de tous genres, groupements ouvriers et patronaux, etc... toutes les activités sociales sont englobées dans ces créations ascendantes.

Ecoutez Léon XIII qui déjà, le siècle dernier, parlait fermement. « Les catholiques doivent prendre, avec clairvoyance et courage, conformément à la doctrine exposée dans nos Encycliques, l'initiative de tous les vrais progrès sociaux, se montrer les défenseurs patients et les conseillers éclairés des faibles et des déshérités, se tenir enfin au premier rang parmi ceux qui ont l'intention loyale, à quelque degré que ce soit, de concourir à faire régner partout, contre les ennemis de tout ordre, les éternels principes de la justice et de la civilisation chrétienne » (12)

Notre Saint Père le Pape n'a pas hésité ; il a parlé du « premier rang » désigné aux catholiques.

Si cela est vrai pour tous ceux que le Père des chrétiens convie à l'action quelle résonnance ces paroles ne doivent-elles pas provoquer dans le cœur et la volonté des catholiques du service social, des militants au travail dans toutes les spécialisations.

Le service social doit être pour eux un apostolat.

Rassurons ceux qui pourraient s'étonner, il ne s'agit nullement de faire abdiquer des volontés devant une propagande à laquelle notre engagement loyal de neutralité, dans la plupart des cas, nous interdit de faire usage. D'ailleurs comme l'a si bien dit Pascal, « on ne convaint guère que ceux qui sont convaincus d'avance », et la force ou l'emprise imposée ne doit avoir rien de commun avec le domaine spirituel.

(12) Lettre de Léon XIII : Code de l'Action catholique, Abbé Guerry-Spes.

Il s'agit d'un apostolat de rayonnement, accompagné du respect total des croyances de l'être à aider ou à soutenir ; ce respect total des croyances qui est une des parties les plus hautes du respect de la personne humaine, dont nous avons parlé souvent durant cet exposé.

Il s'agit de lutter par l'exemple,, l'attitude, le don, plus fécond, souvent que toute parole.

La vue d'une vie toute donnée au bien commun, et ouvertement basée sur l'amour de Dieu, est plus éloquente que bien des discours ; elle revêt le travailleur social du « manteau de lumière » dont parle l'Evangile, et transfigure tous ses actes, leur donnant une valeur persuasive sur laquelle les plus simples ne se trompent pas.

Apostolat par la prière et le sacrifice, invisibles, mais si puissants devant Dieu, unis intimement à l'action sociale, et participant aux mérites inépuisables de la Communion des saints.

Vraiment pour les catholiques plus encore que pour tous les autres, le terme de profession dans son sens normal, si noble soit-il, désignant le service social, devient trop étroit et incapable de traduire le sens vrai de l'action. On est tenté d'appliquer ce terme, pour eux. dans son autre sens, et de dire qu'un catholique, adoptant le service social comme activité habituelle, non seulement embrasse une profession, mais qu'il doit « faire profession ».

Profession de foi — en les immortelles possibilités de l'âme humaine, créée à l'image de Dieu, et vers laquelle il doit se pencher, si déchue, si défigurée, soit-elle, comme vers une sœur très aimée, capable de résurrection.

Profession d'espérance — en la force et la valeur de son action sociale de chaque jour, même aride et sans espoir apparent, mais à laquelle l'action de la grâce donne une valeur infinie.

Le chrétien ne peut oublier qu'en sauvant des corps, en guérissant des cœurs, en équilibrant des existences, en aidant chaque être confié à ses soins à mieux comprendre, en donnant un aliment aux esprits, en sauvegardant l'idéal partout où il aurait été étouffé par la dureté des circonstances, on construit la cité future ; on agrandit la vie, la vraie vie, dans des êtres qui la transmettront plus belle, mieux dirigée vers sa fin divine.

Profession d'amour — surtout, car c'est bien, en définitive, d'amour qu'il s'agit, quel que soit le nom qu'on lui donne ; l'amour jailli, il y a 20 siècles, de cette parole « Aimez-vous les uns les autres comme je vous ai moi-même aimés » et qui a retenti à travers le monde en changeant sa face. Cet amour dont tous sont tributaires qu'ils le sachent, le veuillent, ou non. Cet amour sans lequel, nous dit St.-Paul, nous ne pouvons rien, et qui subsistera éternellement.

Parce que le chrétien est ainsi fixé dans l'amour divin qui le comble, il apprécie la valeur contingente des choses terrestres ; il peut secouer leur emprise comme on secoue des liens gênants ; parce qu'il est détaché de tout, le voici, en même temps, merveilleusement libre, et plus obligé que jamais à tout donner aux autres, ses frères, de cet amour dont il surabonde.

C'est d'abord cela (et davantage encore, que nous n'avons pas la possibilité d'exposer ici) que l'exercice du service social doit signifier pour un catholique. Car le service social accompli en tout amour de Dieu et pour Lui, purifie l'action humaine, la rend totalement désintéressée, lui donne une force incalculable.

Nous sommes parfois submergés par la somme du mal qui nous entoure et elle nous écrase ; nous sommes tentés de ne voir que lui, et sa face hideuse. Mais la somme d'amour qui se dégage des vies de milliers d'êtres, et, parmi eux, de milliers et milliers qui se sont volontairement, spécialement, donnés à l'amour chrétien des autres ; qui par leur charité effective cherchent à plier leur volonté en Dieu, à se donner aussi totalement et humblement qu'ils le peuvent à leur tâche de régénérateurs, d'aides, d'assistants de leurs frères, qui de nous peut concevoir sa puissance et sa splendeur ? Seul Dieu, transcendant, à tout, « en qui nous avons la vie, le mouvement et l'être », seul Dieu, de « son regard éternel », peut évaluer cette somme d'amour.

C'est en unissant sa faiblesse à cette force, à ce don perpétuellement renouvelé, plus créateur que tout autre, grâce à l'amour où il prend racine et vers lequel il tend, qu'un catholique militant du service social participera au salut de l'humanité et à la gloire de Dieu.

C'est avec un tel amour au cœur, chaque jour profondément vécu, qu'il suivra le Christ sur la route montante, complètera humainement l'action éternelle du Maître, et bâtira hardiment avec Lui.

C'est par cet amour agissant qu'il collaborera à l'érection meilleure de la cité terrestre, et à la beauté de la cité céleste, en véritable ouvrier de Dieu.

* * *

Anexo AF

"Réponse au R.P. Riquet (séance du 12 juillet matin). Mlle. M. Th. Lévêque: Directrice du Instituto de Serviço Social, Lisbonne - Portugal. [1937]".

Documento manuscrito com nove páginas.

L.d.: CARHOP (Bruxelas), Fundo UCISS, Fardo 336

1/ Réponse au R. P. Riquet - (séance du 12 juillet matin)

Mlle M.TH. Lévêque : Directrice do "Instituto de Serviço Social Lisbonne - Portugal.)

Mon Père, bien que vous sembliez le craindre, je n'ai jamais eu l'intention de minimiser le rôle des bénévoles du travail social, de celles qui s'y dévouent sans avoir reçu une formation officielle (je crois, d'ailleurs, avoir suffisamment traité cette question dans l'exposé précédent pour ne pas y revenir). Je sais trop ce que nous devons à nos aînées qui furent des défricheuses, de grandes courageuses, qui nous ont montré la voie, et sans lesquelles le travail social moderne n'existerait pas.

Je vous assure, Mon Père, que nous gardons une admiration profonde et fidèle à ces bénévoles au grand coeur et à la grande expérience qui, s'imposant par leur propre valeur, ont admirablement improvisé le travail social, et ont réussi à l'implanter malgré tous les obstacles.

Mais ce qui existait il y a vingt ou vingt-cinq ans, si noble que cela ait pu être, n'a plus les mêmes raisons valables de se perpétuer maintenant. Pourquoi recommencer inutilement

11

les expériences déjà faites par d'autres, si nous savons, profitant de la science acquise par nos prédécesseurs, que certaines connaissances et techniques sont nécessaires pour mener à bien le travail social dans son actuel développement et avec des spécialisations de plus en plus nombreuses?

— Et comment pourrons-nous juger si ceux qui désirent aborder ce genre de travail possèdent la formation désirable, si nous refusons le diplôme qui reste, dans les différentes branches du savoir, le moyen de contrôle habituel?

— Vous nous citez, Mon Père, en comparant les situations, le diplôme d'infirmière qui n'est pas encore exigible en France, bien que la carrière d'infirmière y existe depuis de nombreuses années. Cependant, sans parler d'un diplôme officiel et exigible, d'autres diplômes privés d'infirmière ~~sont exigés~~ ont été exigés depuis longtemps chez nous, (entre autres, ceux délivrés par les Croix-Rouge) dont certains sont à peu près équivalents au diplôme d'Etat déjà institué. Depuis longtemps aussi, la préférence est donnée, pour occuper les postes réservés d'infirmière, à celles qui possèdent un diplôme privé ou public, ou leurs,

III au moins, justifier d'une réelle équivalence.

— La situation me semble sensiblement la même pour les assistantes sociales.
Ayant été bénévole pendant plusieurs années, je crois pouvoir donner mon avis, en toute connaissance, à ce sujet. C'est parce que je sentais à chaque ~~pas~~ instant toutes mes déficiences, et combien une formation solide me manquait, que j'ai désiré (ne pouvant, à cause de circonstances de vie, rester bénévole) obtenir le diplôme délivré par une école sociale et devenir une professionnelle.
Ce diplôme était, à la fois, une certitude pour moi, puisqu'il me garantissait l'étude préalable d'un programme théorique et pratique et pour ceux qui m'emploieraient, puisqu'il leur permettrait de contrôler ma formation. A cette époque, les diplômes des écoles sociales étaient, en France, strictement privés; mais je puis vous assurer qu'ils étaient déjà instamment demandés par la grande majorité des employeurs, et qu'ils les guidaient dans le choix des personnes appelées à exercer chez eux un travail social donné.

— Le diplôme officiel, que ce soit pour le travail d'infirmière, ou pour celui d'auxiliaire sociale, ne fait donc que consacrer un état

IV de fait, déjà bien établi par la coutume.

— Nous ne pensons certes pas, ni les uns ni les autres, qu'un diplôme peut devenir, automatiquement, l'équivalent de la compétence et du dévouement ; mais j'avoue, Mon Père, ne pas concevoir non plus (tout au moins avec la même acuité) les craintes que vous émettez ; et je ne puis croire que le fait de posséder un diplôme officiel, donnant droit à ~~un facilitant~~, l'accès d'une carrière sociale, ou le facilitant, puisse détruire cette compétence et ce dévouement là où ils existent. Car c'est bien de cela qu'il s'agit. Il est tout à fait certain qu'un diplôme, en lui-même, n'assure pas d'une vocation sociale ; mais si cette vocation existe, pourquoi l'officialisation d'un diplôme, et son exigence, la détruirait-elle ?

— Vous craignez, Mon Père, que l'appât d'un gain et d'une situation assurée ne précipitent vers le service social des femmes qui n'y verront plus que le côté ~~professionnel~~ "profession". — Trêve encore permettez-moi de vous parler par expérience. J'ai ~~connu~~ connu et je connais beaucoup de travailleuses

V

Sociales, de toutes croyances, de toutes mentalités ; je puis vous assurer que celles qui ne sentent pas l'attirance de leur tâche sont rares, et que celles dont l'idéal correspond à ce que nous avons exposé à propos de la profession sont nombreuses..

— Le travail d'auxiliaire sociale demande un tel don de soi et de tels sacrifices constamment réitérés, que je ne puis ~~concevoir~~ comprendre comment une femme ne s'y étant pas donnée par un choix réel et profond peut résister à son exercice journalier.

— La situation d'~~une assistante~~ auxiliaire sociale, sauf quelques exceptions, n'est pas supérieure, matériellement, à celle de nombreuses carrières féminines, et se trouve même inférieure à beaucoup.

— Pourquoi donc une femme aborderait-elle sans goût le travail social, le supporterait-elle dans toute sa dureté, si elle se trouvait libre de s'orienter différemment et plus avantageusement?

— Enfin la fréquentation d'une école sociale dure deux à trois ans ; là encore je

VI puis être affirmative et vous communiquer ma propre efficience. C'est un fait que dans l'école dont je m'occupe, dès la première année, dite préparatoire, la moitié des candidates, bien que déjà très triées, abandonnent les études sociales; elles reconnaissent spontanément qu'elles ne sont pas dans leur voie, et qu'une persistance de leur part n'aboutirait qu'à de la souffrance inutile, ~~[illegible]~~ et à une erreur. Je crois que ceci doit se produire dans les autres écoles sociales?

— C'est là, Mon Père, que se trouve, à mon sens, le point d'interrogation de l'avenir. Il n'est pas dans le désir de posséder un diplôme exigible, il est dans le fait celui d'une mauvaise orientation de la candidate au travail social.

— Si les écoles se montrent, en toute justice, difficiles dans leur choix d'élèves, et inculquent à celles-ci la notion très juste, à la fois idéaliste et réaliste de leur futur travail; si elles exigent des futures auxiliaires les aptitudes et l'attitude morale nécessaires, l'élimination des inconscientes, des arrivistes et des indésirables se fera

VII

d'elle-même, presque forcément, et l'avenir du travail social ne sera pas en danger.

— Permettez-moi aussi, Mon Père, de ne pas être de votre avis quand vous ~~écrivez~~ dites que le diplôme accordé aux infirmières vous semble ~~détestable~~ applicable parce qu'elles ont en moins la responsabilité de vies humaines, ce qui ne se produit pas pour les assistantes sociales. — Cependant, une bonne infirmière ne doit faire, sauf cas graves, que ce qui lui est ordonné par le médecin ; la responsabilité est donc, officiellement, et dans la majorité des cas, couverte par celle de son directeur de service. Je puis, par contre, vous rappeler que bien des assistantes sociales ont eu, et auront, une responsabilité au moins égale à celle des infirmières dans un certain sens ; la santé de ceux dont elles s'occupent dépend souvent des conseils demandés parfois, et de l'opportunité avec laquelle ils sont enseignés par l'auxiliaire, et orientés par elle vers tel spécialiste, tel centre médico-social. Enfin il me paraît difficile d'oublier que par la confiance qu'elle inspire et les

VIII conseils qu'elle est amenée à donner, l'assistante sociale joue un rôle qui comporte, moralement, des responsabilités très étendues. Ce serait le moment de se souvenir du sens des paroles évangéliques " Ne craignez pas ceux qui tuent les corps, mais craignez ceux qui tuent les esprits " - Et ceci me paraît justifier, davantage encore, un contrôle, même imparfaitement représenté par un diplôme, pour la formation reçue par toute assistante sociale.

— En ce qui concerne la vocation religieuse que vous semblez désirer voir unie au travail social pour en sauvegarder tout l'idéal, elle simplifierait en effet la vie matérielle des auxiliaires et faciliterait leur don total dans l'action. -

— Mais, puisque vous êtes prêtre, mon Père, vous savez, mieux que tout autre, que " l'Esprit souffle où il veut ", et qu'une vocation religieuse est chose extrêmement personnelle, dont nous n'avons pas à juger ici. —

— On peut avoir une vocation sociale et n'avoir pas de vocation religieuse, et

et vice-versa. On peut fort bien, aussi, allier les deux ; mais elles ne vont pas fatalement de pair.

— Il n'y a d'ailleurs nul inconvénient dans la dissociation apparente des deux vocations, puisque tout état peut être, pour nous catholiques, sanctifié et sanctifiant.

— Eloigner du travail social les catholiques sans vocation religieuse, serait-ce risquer perdre bien des forces fermes qui ne demandent qu'à s'employer utilement et généreusement. Ce serait de fleur, me semble-t-il, aller contre les directives mêmes du Saint-Père, qui désire voir les laïques mêlés intimement à l'action sociale et catholiques dans le monde.

— Enfin, puisque nous discutons au cours de Journées internationales, auxquelles nous avons convié tous ceux que le travail social intéresse, nous ne devons pas oublier que le Service social et ses auxiliaires existent dans des parties du monde et des pays bien différents, où la foi catholique n'est pas toujours et uniquement, comme elle est observée ; et que nous ne pouvons donc émettre ici, sur le plan religieux et social, que des directives adoptables par le plus grand nombre, et selon les possibilités...

Anexo AG

Estatutos da Associação das Assistentes Sociais e Educadoras Familiares do Instituto de Serviço Social, 1943

In Candeia, n.º 7, Novembro de 1943, pp. 6-8.
L.d.: Espólio pessoal de Maria Leonor Corrêa Botelho (Escalos de Cima),
sem tratamento arquivístico

A NOSSA ASSOCIAÇÃO

Gostosamente damos a notícia de que Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca se digno aprovar os estatutos da Associação das Assistentes Sociais e Educadoras Familiares do Instituto de Serviço Social, com as alterações que nas reüniões do passado ano lectivo de comum acôrdo estabelecemos.

Transcrevêmo-los para conhecimento de todas, e pedimos que até ao dia 10 de Novembro impreterivelmente nos digam se podemos contar com a vossa adesão. Para isso enviamos o boletim junto.

A necessidade de termos uma organização profissional afirma-se dia a dia e só a união e o querer firme de todas poderá torná-la uma realidade.

Como sabem a nossa associação terá entre outros fins a defeza dos interesses profissionais, e especialmente:

a defeza dos títulos de Assistente Social e de Educadora Familiar;
a fixação dum ordenado mínimo superior ao actual;
a organização da previdência.

Para a consecução dêstes fins trabalha-se já na organização do Sindicato.

ASSOCIAÇÃO DAS ASSISTENTES SOCIAIS E EDUCADORAS FAMILIARES DO INSTITUTO DE SERVIÇO SOCIAL

- Estatutos -

I - Natureza e fins:

Artº 1º - É criada, com sede em Lisboa, uma associação de cultura e formação social e moral denominada: "Associação das Assistentes Sociais e Educadoras Familiares do Instituto de Serviço Social" que se rege pelo presente estatuto.

Artº 2º - A associação tem por fim:

a) aperfeiçoar moral e profissionalmente as associadas;
b) defender os seus interesses profissionais, morais e materiais;
c) cuidar, em colaboração com a Direcção do Instituto de Serviço Social da colocação das associadas;
d) auxiliar a organização de novas actividades de caracter técnico, colaborando com o Instituto de Serviço Social na elaboração de planos de Acção Social que ao Instituto ou à Associação, venham a ser pedidos.
e) Organizar conferências, reüniões de estudo, viagens e bolsas de estudo, bibliotecas, e o intercambio com outras associações semelhantes nacionais e estrangeiras;
f) fomentar o espírito de união e de auxílio mútuo entre as associadas, procurando que todas se ajudem no seu trabalho e fora dêle;
g) criar uma publicação destinada a servir de elemento de ligação entre as associadas;
h) cuidar do futuro das associadas tomando as medidas de previdência compatíveis com as possibilidades da Associação, e destinadas a protegê-las na doença, na invalidez e na velhice;

§ único - A associação, no que respeita ao aperfeiçoamento moral e profissional, pode estender a sua acção cultural às Assistentes Sociais e Educadoras Familiares de qualquer outra escola, assim como às actuais alunas do I.S.S., e antigas alunas não diplomadas.

II - Das Associadas:

Artº 3º - Podem fazer parte da Associação todas as antigas alunas do I.S.S.- Assistentes Sociais e Educadoras Familiares - que apresentem o seu diploma do Instituto.

Artº 4º - As Associadas serão admitidas pela Direcção da Associação depois desta se certificar do seu bom comportamento moral, civil e profissional.

Artº 5º - As Associadas devem:
a) cumprir os estatutos e regulamentos e acatar as disposições dos corpos gerentes;
b) desempenhar com fidelidade e rigor os seus deveres profissionais e todos os cargos que lhe forem confiados;
c) pagar uma joia mínima de 50$00 de entrada, e, cotas mensais de 10$00 para o cofre da Associação.

Artº 6º - Só tem direito de voto as Associadas que façam parte da Associação há mais de um ano e tenham as suas cotas em dia.

Artº 7º - As faltas de cumprimento dos deveres associativos serão oportunamente corrigidas pela Direcção com aviso feito particularmente, e, havendo reincidência, com redução ou perda dos benefícios, suspensão temporária de entrada nas reüniões, multas, e exclusão da Associação, conforme os casos.

Artº 8º - Podem ser motivos de penalidade:
a) mau procedimento moral ou profissional devidamente comprovado;
b) abuso do título de Assistente Social e de Educadora Familiar ou de membro da Associação;
c) falta grave contra os estatutos ou Regulamentos da Associação;
d) falta de pagamento de 5 cotas sucessivas;
e) não comparência sistemática às reüniões da Associação sem causa justificada.

§ único - A Direcção pode isentar de penalidade as associadas que no praso de 10 dias justifiquem não poderem satisfazer as suas cotas.

Artº 9º - A Associação pode conferir o título de socios bemfeitores às pessoas que o mereçam por contribuirem para os fins da Associação com cota mensal de 30$00 ou anual de 300$00, oferecerem para o mesmo fim um donativo importante, ou prestarem quaisquer outros serviços notáveis.

§ único - Os sócios bemfeitores podem assistir às conferências organizadas pela Associação.

Artº 10º - A Direcção da Associação pode convidar para Sócios Honorários as pessoas que pelos seus excepcionais serviços o mereçam.

III - Dos Fundos da Associação:

Artº 11º - São fundos da Associação a importância das cotas das associadas, as joias de entrada, as multas, legados, donativos, e outras receitas.

IV - Da Direcção:

Artº 12º - A Associação será gerida por uma Direcção composta de 7 membros: Presidente, 2 Vice-Presidentes, Secretária, Tesoureira e 2 Vogais.

Artº 13º - O mandato da Direcção dura 2 anos e pode ser renovado duas vezes.

Artº 14º - A Direcção nunca poderá ser constituida só por Assistentes Sociais ou só por Educadoras Familiares.

Artº 15º - A Presidente e as Vice-Presidentes são eleitas pelas associadas com direito de voto, reünidas em Conselho Geral, de entre 6 nomes

propostos pela Direcção cessante. A Presidente escolhe a Secretária e a Tesoureira da Direcção.

2º As duas Vogais são eleitas pelas Associadas reünidas em Conselho Geral.

3º A Direcção não pode tomar posse sem confirmação da Autoridade Eclesiastica.

4º Quando houver empate a Presidente tem voto de qualidade.

Artº 16º - A Direcção compete:

a) gerir os fundos da Associação;
b) executar e fazer cumprir as disposições dos estatutos e regulamentos;
c) admitir e demitir associadas;
d) convocar, quando julgar necessário, as Associadas para Conselho Geral;
e) elaborar estatísticas do seu ramo de actividade e da situação das associadas;
f) promover conferências, reüniões de estudo, bibliotecas, etc.

Artº 17º - A Direcção apresentará às Associadas reünidas em Conselho Geral, no fim de cada ano, um balanço dos fundos da Associação e um relatório e contas da sua gerência que serão submetidos à aprovação.

V - Do Conselho Geral:

Artº 18º - O conselho Geral é constituido pelas associadas que estejam no gozo dos seus direitos.

Artº 19º - O Conselho reünirá duas vezes por ano: na primeira quinzena de Janeiro, em dia oportunamente fixado pela Direcção, e durante os "Dias de Estudo" promovidos pelo I.S.S.

Artº 20º - As reüniões do Conselho Geral serão presididas pela associada mais antiga que esteja presente, a qual escolherá uma secretária.

Artº 21º - Compete ao Conselho Geral:

1º Apreciar e dar aprovação ao relatório e ao orçamento anuais e às contas apresentadas pela Direcção.
2º Eleger a Presidente, Vice Presidentes, e as duas Vogais da Direcção.
3º Dar parecer sôbre os pedidos de alteração dos estatutos e regulamentos, e sôbre quaisquer consultas que lhe sejam feitas pela Direcção acerca da vida da Associação.

\- - -

Artº 22º - Estes estatutos serão submetidos à aprovação da Autoridade Eclesiastica, e não poderão ser revogados nem alterados sem o seu consentimento.

-:-:-:-:-:-:-:-:-

Uma alma justa dá tudo o que deve: já é belo.
Uma alma generosa dá mais do que deve; pode assim suprir o que falta aos outros.

Anexo AH

"Eminentíssimo Senhor, cumpre-me comunicar […]. Lisboa, 19 de Janeiro 1944" (texto de Eugénia de Moura Borges Magalhães ao cardeal patriarca de Lisboa).
Documento dactilografado com uma página.
L.d.: Arquivo Histórico e Biblioteca do Patriarcado de Lisboa,
Fundo Arquivístico de D. Manuel Gonçalves Cerejeira, PT/AHPL/PAT14-SP/S-04/01/011

Instituto Serviço Social

S-04/01/011

Aprovamos.

Eminentissimo Senhor

Cumpre-me comunicar a Vossa Eminência que no I Conselho Geral da Associação das Assistentes Sociais e Educadoras Familiares do Instituto de Serviço Social, realizado no dia 8 do corrente, foi eleita a seguinte Direcção para a qual solicitamos a aprovação de Vossa Eminência:

Presidente
Maria Leonor Corrêa Botelho

Vice-Presidente
Adriana de Paiva Rodrigues

Vice-Presidente
Eugénia de Moura B. Magalhães

Secretária
MericianFernanda da Glória Nunes

Tesoureira
Maria Guilhermina de Mendonça

Vogal
Maria Onélia de Aguiar Levy

Vogal
Maria Luisa M. Ressano García

PATRIARCADO DE LISBOA PORTUGAL ARQUIVO

Com os mais repeitosos cumprimentos, beija o Sagrado Anel de Vossa Eminência

A Presidente do I Conselho Geral

Lisboa 19 de Janeiro-1944

Eugénia de Moura Borges